

## INTRODUÇÃO

O século passado marcou um período que oscilou entre uma visão negativa e positiva da adolescência. Por um lado, vários profissionais de saúde consideraram-na um período de “stress e turbulência”, enquanto outros assumiram uma abordagem centrada nas oportunidades de crescimento e de desenvolvimento saudável que caracterizam esta fase (e.g., Feldman & Elliott, *cit. in* Compas, Hinden, & Gerhardt, 1995).

A presente dissertação adopta uma perspectiva desenvolvimentista, positiva e sistémica da adolescência, considerando-a uma fase com dificuldades, mais-valias e desafios, mas, acima de tudo, como um período de crescimento e evolução crucial para a formação do futuro adulto. Apesar de reconhecermos que existem múltiplos âmbitos de estudos e factores que influenciam as vivências do jovem, destacámos o desenvolvimento interpessoal como uma peça vital para compreender o modo como os adolescentes se adaptam ao mundo que os rodeia.

Após seleccionarmos o tema e termos a “lente” estivesse focada, várias questões se nos colocaram de imediato, quando desejámos aprofundar e explorar melhor o tema: “*Por onde começar?*”, “*Quais as relações mais significativas para o adolescente?*”, “*Qual o papel das figuras mais próximas no ajustamento do jovem?*”, “*Como compreender se o adolescente se liga a elas de modo semelhante ou distinto?*”

Em primeiro lugar, pareceu-nos importante delinear o tipo de relação que nos interessava estudar, tendo em conta que o jovem se insere em múltiplos contextos relacionais com características diferenciais e específicas. Optámos, assim, por nos centrar na importância das figuras parentais (como representantes fulcrais do sistema familiar), dos amigos mais próximos (enquanto parte integrante das dinâmicas sociais ocorridas nesta fase) e dos pares amorosos (onde o jovem vai beber as primeiras experiências de uma intimidade partilhada) nas vivências “em relação” dos adolescentes.

Sabe-se que a natureza e a qualidade das experiências precoces ocorridas no contexto familiar assumem-se como peças-chave para o bem-estar sócio-emocional do ser humano ao longo da vida. Nos últimos 50 anos, muito se tem escrito, pensado e investigado sobre a associação entre as relações pais-filhos e a qualidade das relações

estabelecidas com os pares, nomeadamente com os parceiros amorosos (Collins, Cooper, Albino, & Allard, 2002; Conger, Cui, Bryant, & Elder, 2000), e a ligação entre relações pais-filhos e ajustamento e bem-estar adolescente, quer a curto, quer a longo-prazo (Overbeek, Vollebergh, Engels, & Meeus; Steinberg, Lamborn, Darling, Mounts, & Dornbusch, *cit. in* Overbeek, Stattin, Vermulst, Ha, & Engels, 2007).

Os estudos realizados neste âmbito têm-se baseado em diferentes perspectivas teóricas (e.g., perspectivas sócio-cognitivas, desenvolvimentistas, sistémicas). Porém, a nossa revisão bibliográfica mostrou que, em geral, todas partilham da ideia que as experiências negativas no contexto familiar predizem o desenvolvimento de dificuldades emocionais e sociais a vários níveis (ver Schaffer, 2000), como, por exemplo, a incapacidade de estabelecer e manter relações amorosas satisfatórias (Ainsworth, 1989). A literatura tem igualmente prestado particular atenção à satisfação com as relações com os pais e com os amigos, uma vez que a qualidade das mesmas está associada a consequências positivas para o adolescente (Hansell & Mechanic; Noom, Dekovic, & Meeus; Bina, Cattelino, & Bonino, *cit. in* Overbeek, Stattin, Vermulst, Ha, & Engels, 2007). Por sua vez, os pares desempenham um contributo de grande relevância para a adaptação psicossocial nesta fase de vida, nomeadamente enquanto contexto protector contra comportamentos desviantes, depressão e sentimentos de alienação (Schneider, Wiener, & Murphy, 1994; Bukowski, Newcomb, & Hartup, 1996). Os pares românticos começam a ganhar também maior importância enquanto promotores de companheirismo, intimidade (Furman & Buhrmester, 1992), interdependência e proximidade (Laursen & Williams, *cit. in* Laursen & Jensen-Campbell, 1999) durante esta fase. As relações de namoro proporcionam ao jovem um contexto adequado para que este possa adquirir experiências e aprendizagem acerca da intimidade e sexualidade. No entanto, se estes relacionamentos não forem satisfatórios poderão reduzir o ajustamento psicológico do indivíduo, através, por exemplo, de sentimentos de isolamento e inadequação (Erikson, 1963).

Com base neste referencial e em diferentes perspectivas teóricas e estudos empíricos, delineámos o estudo, baseando-nos numa conceptualização teórica que procurasse compreender o papel das relações de proximidade no final da adolescência, assim como a forma como se associam entre si.

O presente trabalho divide-se globalmente em duas partes. A primeira contém a revisão da literatura, nomeadamente dos quadros teóricos e dos estudos anteriores, realizados em torno das variáveis em análise, de modo a permitir a consequente formulação de hipóteses e compreensão dos resultados à luz dos mesmos, dividindo-se em dois capítulos. O *Capítulo I* apresenta uma descrição das principais características da adolescência, nomeadamente algumas das principais tarefas de desenvolvimento desta fase: o desenvolvimento físico (onde é focado o papel da estima corporal), o desenvolvimento cognitivo e a construção da representação de si mesmo (onde é salientado o papel da auto-estima). O *Capítulo II* centra-se na compreensão do desenvolvimento social na adolescência, nomeadamente o papel das relações com os pais (e.g., práticas parentais, vinculação), dos amigos e dos pares amorosos.

A segunda parte é consagrada ao trabalho empírico realizado e divide-se em três capítulos. O *Capítulo III* apresenta o problema central do estudo e respectivas questões de investigação, baseadas na revisão da literatura da primeira parte desta dissertação, e a metodologia que guiou a formulação da investigação empírica. A investigação utiliza uma metodologia de observação transversal, compreendendo a passagem dos instrumentos a uma amostra de adolescentes e jovens adultos. Neste ponto, descrevemos e analisámos também as qualidades psicométricas dos instrumentos.

O *Capítulo IV* analisa os resultados obtidos na administração do protocolo de investigação. Inicialmente, procedeu-se à caracterização da amostra, posteriormente, analisou-se o impacto de variáveis sócio-demográficas nos resultados das escalas e, por fim, foram apresentadas as respostas às questões de investigação que guiaram o estudo, através da descrição dos dados decorrentes das associações entre as variáveis principais em destaque.

O *Capítulo V* é dedicado à discussão dos resultados obtidos à luz da revisão bibliográfica efectuada e de eventuais explicações para aqueles que não foram alvo de estudos prévios. Esta dissertação termina com uma conclusão geral, em que se salientam os principais resultados obtidos nesta investigação, as limitações da mesma e as questões que ficam em aberto e que poderão ser alvo de estudo no futuro de modo a poder clarificá-las.

No final, são apresentadas as referências bibliográficas mencionadas ao longo do trabalho e os anexos com os critérios de caracterização do nível sócio-económico e com o protocolo de investigação.

# **1ª PARTE**

## **ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

# *CAPÍTULO I*

---

## **ADOLESCÊNCIA:**

### **CONCEPTUALIZAÇÃO, TAREFAS DE DESENVOLVIMENTO E PRINCIPAIS TRANSFORMAÇÕES**

# **ADOLESCÊNCIA: CONCEPTUALIZAÇÃO, TAREFAS DE DESENVOLVIMENTO E PRINCIPAIS TRANSFORMAÇÕES**

### **1. Adolescência: Um conceito recente**

A adolescência é um período marcado por aspectos comportamentais e fisiológicos particulares, transversais a todos os jovens e quadrantes históricos e geográficos. No entanto, ela nem sempre foi reconhecida como uma fase específica do ciclo de vida do indivíduo. Tal como aconteceu com a infância, no século XIX, a sociedade ocidental apenas distinguiu este estágio de desenvolvimento no início do século passado. Até então, cedo os jovens adquiriam as responsabilidades e os papéis próprios das pessoas adultas. A adolescência, anteriormente apelidada de “juventude”, passa, assim, a ser um tema literário dominante e preocupação de moralistas e políticos (Lerner & Spanier, *cit. in* Lerner, 2000).

Na última metade do século, esta compreensão traduziu-se numa mudança de comportamentos e atitudes face aos jovens (e.g., alargando-se a idade escolar). Na actualidade, a investigação tem permitido uma melhor compreensão do significado e características essenciais da adolescência. Ainda que, em muitas sociedades, este reconhecimento e interesse não se tenha efectuado (visível no planeamento dos casamentos, por exemplo), parece haver uma tendência nítida e transversal para reconhecer este período distinto, entre a infância e a idade adulta. Para este facto, têm contribuído factores como a industrialização e a globalização, a necessidade de mão-de-obra especializada ou o investimento na educação para obtenção de estabilidade e desenvolvimento (Sprinthall & Collins, 2003).

Por sua vez, a investigação sobre a adolescência tem vindo a expandir-se consideravelmente nas últimas duas décadas. Este crescimento está patente em revisões principais de literatura realizadas até à actualidade (*Annual Review of Psychology*; 1988, 1995, 1998, 2001, 2006), em novas revistas científicas (e.g. o *Journal of Research on*

*Adolescence*), e em literatura na área da psicologia, em geral (e.g. o *American Psychologist*, *Psychological Bulletin*) e do desenvolvimento, em particular (e.g. o *Child Development*, *Developmental Psychology*) (Smetana, Campione-Barr, & Metzger, 2006).

O aumento do interesse por esta fase do ciclo de vida deve-se a vários factores, dos quais salientaremos os mais relevantes. Por um lado, a influência crescente da “*perspectiva ecológica do desenvolvimento humano*” (Bronfenbrenner, 1979) na psicologia do desenvolvimento, focou-se nos períodos do ciclo de vida caracterizados por mudanças significativas no contexto (e não apenas no conteúdo) do desenvolvimento, suscitando um interesse crescente na adolescência enquanto fase sujeita a variações contextuais e suas consequências. Por outro lado, os *avanços metodológicos* ao nível do estudo da puberdade conduziram a que os “modelos biosociais” do desenvolvimento procurassem testar as famosas mudanças biológicas e contextuais da adolescência (contextos diversos como a família, escola e os vizinhos (Cook, Herman, Phillips, & Setersten, 2002). Outras correntes têm também apresentado avanços consideráveis nesta área. *A teoria dos sistemas familiares* (Minuchin, 1974, entre outros), por exemplo, tem tornado patente as inúmeras influências entre os subsistemas familiares que podem afectar a família durante este período. O alargamento do interesse pela *teoria da vinculação* para além da infância tem, igualmente, incitado a investigação a centrar-se nas representações que os adolescentes têm das relações estabelecidas com os pais, pares e pares românticos. Alguns estudos longitudinais têm mostrado que as relações estabelecidas na infância predizem e influenciam o curso das relações interpessoais na adolescência e na idade adulta. Simultaneamente, têm surgido *áreas de estudo aplicadas* à adolescência que revelam importantes contributos para o conhecimento sobre esta fase do ciclo de vida, tal como o comportamento antisocial, o consumo de drogas, a gravidez indesejada ou a depressão. Os avanços técnicos e metodológicos (e.g., o recurso a técnicas imagiológicas) e o desenvolvimento das *neurociências* têm, da mesma forma, conduzido a um maior interesse na compreensão das mudanças estruturais e funcionais do cérebro na adolescência (e.g. mudanças no córtex pré-frontal) e do sistema límbico (Smetana, Campione-Barr, & Metzger, 2006).

Numa revisão da literatura, Steinberg e Morris (2001) verificaram que os temas mais estudados até àquela data baseavam-se, essencialmente, na forma como os adolescentes se relacionam com os pais, os problemas surgidos na adolescência e os aspectos relacionados com alterações hormonais. A tendência, porém, passa por alargar

estes temas à associação entre a relação com os pais e outros tipos de relação (e.g., com os pares, vizinhos), ou à influência de aspectos biológicos e hereditários na vivência da adolescência (ver Collins, Maccoby, Steinberg, Hetherington, & Bornstein, 2000). Na actualidade, numerosos estudos têm-se debruçado sobre o desenvolvimento social adolescente, nomeadamente ao nível das relações familiares, extra-familiares (pares e pares românticos) e com a comunidade (e.g., o investimento em actividades cívicas). O presente trabalho pressupõe esta tendência, incidindo também na *vertente relacional* da vida dos adolescentes. Apesar da maioria dos estudos se centrar, maioritariamente, nas problemáticas da adolescência, é cada vez mais notória a valorização do desenvolvimento positivo dos jovens (Larson, 2000; Lerner, 2000). Neste sentido, também a nós nos interessa conhecer o modo como as relações contribuem para o bem-estar e qualidade de vida dos adolescentes.

Apesar da importância deste período de vida e do crescente aumento de investigação nesta área, parece claro que muito falta compreender e analisar acerca da mesma, espelhada, entre outros, no reduzido número de instrumentos direccionados para esta faixa etária e na persistência em focar os problemas que caracterizam a adolescência (Smetana, Campione-Barr, & Metzger, 2006) e não tanto os aspectos positivos, como o ajustamento psicossocial, por exemplo. Assim, as intervenções com jovens têm vindo a incluir, progressivamente, a prevenção, com enfoque nos factores de protecção e promoção da saúde e bem-estar psicológico, em contraste com as habituais linhas de aplicação ao nível das problemáticas próprias da adolescência.

## **2. Definição de Adolescência: Fronteiras e Limites**

A adolescência é um período de transição entre a infância e a idade adulta (Durkin, 1995). Mesmo não sendo útil vislumbrar a adolescência de modo fragmentado e sabendo que qualquer definição que se faça, conterà elementos arbitrários, parece evidente que esta fase compreende várias idades diferentes com características, experiências e processos igualmente distintos ao longo do desenvolvimento (Smetana, Campione-Barr, & Metzger, 2006).

Apesar das definições clássicas de adolescência se centrarem na delimitação cronológica, é fundamental enquadrá-la em âmbitos abrangentes como as características biológicas, psicológicas e sociais. Estes aspectos salientam todo o processo de mudanças notórias nas diferentes áreas de vida dos jovens (física, social, emocional,

cognitiva) que determinam, quer as funções que terão de desempenhar, quer a alteração da sua própria estrutura até esta fase (Bizarro, 2001).

Relativamente à idade, as fronteiras são flexíveis. Embora não existam períodos rígidos, é útil compreender as três fases da adolescência (início, meio e final), devido às variações que acarretam. Para tornar as suas fases mais definidas e orientar a investigação desenvolvimental, a SRA (*Society for Research on Adolescence*) delimitou a adolescência entre os 10 e os 22 anos de idade, subdividindo-a em três fases: a adolescência inicial (10 aos 15 anos), a fase intermédia da adolescência (entre os 15 e os 18 anos) e a fase final da adolescência (dos 18 aos 22 anos)<sup>1</sup> (Elliott & Feldman, *cit. in* Compas, Hinden, & Gerhardt, 1995).

O seu início é marcado por mudanças biológicas na puberdade e o seu final coincide com o ganho de estatuto de adulto. Porém, o marco biológico pode não constituir um bom indicador do início da adolescência devido: à tendência das primeiras fases do desenvolvimento pubertário se manifestarem cada vez mais precocemente, pelo que não é possível afirmar que o desenvolvimento físico é acompanhado de outro tipo de processos maturacionais (e.g., desenvolvimento psicológico); ao facto de não haver uma idade cronológica necessariamente associada ao início da puberdade; ao facto das idades possuírem significações que variam consoante a cultura e o contexto histórico e haver diferenças individuais e de género relativamente a esta questão Alsaker & Krueger, 2006).

É lugar-comum dizer-se que esta fase começa com a biologia e acaba com a cultura, uma vez que o início deste período é marcado pelas mudanças biológicas da puberdade, enquanto a transição para a idade adulta é claramente menos visível (Lerner & Spanier, *cit. in* Lerner & Steinberg, 2004). No que concerne à delimitação do período final da adolescência, existe uma grande dificuldade em identificar o início da idade adulta, devido à inexistência de factores objectivos. Os autores defendem que são os factores sociais e temporais que marcam essa entrada na vida adulta pois, na nossa cultura, não existe um critério único, e os encontrados podem variar ao longo da história (Claes, *cit. in* Claes, 1992). Socialmente, esta “*passagem*” para a idade adulta tem sido associada a experiências de vida como o casamento/união de facto e constituição de família, o término da escolaridade, e a entrada no mercado de trabalho (Dias &

---

<sup>1</sup> O início da adolescência demonstra, essencialmente, alterações a nível físico (puberdade), o período médio é marcado em grande parte pelo de desenvolvimento de esforços de autonomia e independência e o final da adolescência assume-se como a fase da tomada de responsabilidade e papéis de adulto (Bizarro, 1999; Sampaio, 1996).

Fontaine, 2001). No entanto, sabe-se que, na actualidade, os jovens se mantêm dependentes, financeiramente, dos pais até mais tarde, o que retarda o início da idade adulta (Sampaio, 1994). Por sua vez, existe uma grande variabilidade e instabilidade em termos de condições de habitação e estatuto relacional. Por exemplo, enquanto alguns jovens entre os 18 e os 25 vivem com os pais, outros vivem num estado de semi-autonomia durante o período universitário, embora possam voltar a casa depois dos estudos (Arnett, 2000). Existem, também, aqueles que, nesta fase, coabitam com um par romântico, enquanto outros vivem sozinhos. Nos países do sul da Europa, os jovens tendem a permanecer mais tempo no agregado familiar do que nos países nórdicos (Cherlin, Scabini, & Rossi, 1997).

Esta tendência sócio-cultural tem levado vários autores (e.g. Arnett, 2000) a identificar a última fase da adolescência como uma fase intermediária diferenciada a que chamam “*início da idade adulta*” ou “*juventude*” (Keniston, *cit. in* Smetana, Campione-Barr, Metzger, 2006), correspondente ao intervalo de idades entre os 18 e os 25-30 anos. Assim, a adolescência parece prolongar-se cada vez mais (ao longo da segunda década de vida) se considerarmos apenas critérios sociológicos e profissionais (Sampaio, 1994). O início da idade adulta deixou de ser centrado no casamento, por exemplo, para ser marcado pela aquisição de qualidades individuais (e.g. a responsabilidade por si próprio; a tomada de decisões próprias ou tornar-se financeiramente independente) (Arnett & Taber, *cit. in* Arnett, 2000). Por seu turno, a investigação mostra que a maturação cerebral e o aumento da estabilidade e responsabilidade no processo de tomada de decisões parecem estar associados aos primeiros anos da segunda década de vida (Cauffman & Steinberg, 2000), o que poderá levar a uma reflexão acerca da definição e transições da adolescência em vigor até ao momento.

Em resumo, mais importante do que delimitar as fronteiras da adolescência com base na faixa etária ou em acontecimentos de vida, importa caracterizá-la com base num todo que integra a idade, as suas modificações inerentes e os contextos onde a interacção entre estas variáveis ocorre. Dada a extensão deste período, podemos somente defini-lo como uma fase heterogénea e vagamente delimitada, devido, principalmente, à dificuldade em identificar critérios para o seu final (Bizarro, 1999), podendo apenas afirmar-se que entrar no mundo de adulto é um processo progressivo e não definitivo.

### 3. Tarefas Desenvolvimentais

Por norma, a adolescência tem sido encarada como um período perturbado e turbulento, o que é considerado um sinal de desenvolvimento normal e obrigatório para atingir a idade adulta (e.g., perspectivas psicanalíticas). Deste modo, sempre que o adolescente apresenta problemáticas diversas, as mesmas são atribuídas às características inerentes à idade (oscilações de humor, rebeldia, etc.), indo ao encontro do que a maioria da literatura que se têm focado, essencialmente, nos seus aspectos negativos.

Alguns autores (e.g., Arnett, 2000) sugerem o abandono de uma visão da “*idade do armário*” e “*do contra*”. Com base na perspectiva de “*desdramatização*” da adolescência, vários estudos têm referido que esta fase não consiste, necessariamente, num período de “*perturbação normativa*” e que a maior parte dos adolescentes enfrenta os desafios inerentes a este período sem desenvolverem dificuldades sociais, emocionais e comportamentais significativas (Steinberg, 2001). Mesmo sabendo que apenas uma pequena percentagem de jovens apresenta perturbação psicológica, muitas vezes com necessidade de intervenção (Sampaio, 1994), o seu bem-estar psicológico pode apresentar alterações consideráveis. Estas modificações serão ultrapassadas na medida em que os adolescentes mobilizem recursos, competências, motivação e suporte por parte dos outros. No fundo, esta experiência poderá converter-se numa oportunidade de aprendizagem. Deste modo, podemos encarar a adolescência, não só como um factor de risco para alterações no bem-estar, como também um desafio à capacidade de adaptação e de promoção do bem-estar (Bizarro, 1999).

Uma forma alternativa de compreender as mudanças da adolescência é encarando-a como uma fase com *tarefas desenvolvimentais* a cumprir. As tarefas desenvolvimentais da adolescência são acções reorganizativas internas e externas que o adolescente deve executar se desejar atingir a idade adulta. Havigurst (*cit. in* Dias & Fontaine, 2001) definiu o conceito de tarefa desenvolvimentista como um conjunto de situações ou objectivos, cujo domínio tende a estruturar as mudanças e, por conseguinte,

a transição<sup>2</sup>. Laufer (1972) salientou as seguintes tarefas de desenvolvimento mais importantes da adolescência:

- *A modificação na relação com os pais:* Abandono da dependência em relação aos pais, com a negociação de novas regras de funcionamento familiar e com a autonomia. Os pais terão de abandonar a relação infantil que tinham com os filhos, serem capazes de deixar o filho partir e encontrarem razões para continuar juntos, o que demarca a necessidade de encontrar um novo equilíbrio no sistema familiar. O processo de autonomia do adolescente diz respeito, não só à progressiva separação dos pais, mas também à capacidade de tomar decisões autónomas.
- *A modificação na relação com os companheiros:* Está intimamente relacionada com a progressiva autonomia do jovem face à família. O grupo de pares/amigos assume uma nova importância como catalisador do crescimento individual e protectora face às ameaças externas.
- *A construção de identidade e superação dos problemas associados ao corpo:* Decorre na fase final da adolescência, o que implica a resolução dos problemas relacionados com o corpo e com a sexualidade, a construção de uma identidade estável, a formação do carácter e de um sistema de valores que marca o fim da adolescência (por volta dos 21 anos). Nesta fase, dá-se também o abandono da relação de dependência, a evolução do grupo e sucessivas experiências de envolvimento afectivo/sexual. Relativamente à formação da identidade, a transição para a idade adulta requer tentativas de exploração para a procura de auto-definição em termos relacionais, de trabalho ou de visão do mundo em geral<sup>3</sup>. A visão do mundo, ainda muito influenciada pelos pais durante o início da adolescência, começa a ser reexaminada e enquadrada num sistema de crenças pessoais (Arnett, 2000).

Todas estas tarefas desenvolvimentistas exigem uma *adaptação* por parte do sujeito que as vivencia. Este deve aprender ou modificar comportamentos, atitudes, cognições e emoções, como resposta às exigências desenvolvimentistas e ambientais a

---

<sup>2</sup> Estas tarefas são muitas e variadas e tanto podem incluir situações aparentemente banais (por exemplo, conseguir ir sozinho para a escola), como outro tipo de situações mais complexas, tal como realizar uma escolha vocacional, serem pontuais (e.g., entrar numa nova escola) ou duradouras (e.g., o envolvimento numa relação íntima).

<sup>3</sup> As relações amorosas começam por ter uma componente recreativa, incorporando, progressivamente, maior intimidade e explorações a longo prazo. O trabalho, muitas vezes, passa de temporário (e.g. restauração) para procurar ajustar-se, gradualmente, ao seu perfil e objectivos.

que estas tarefas estão associadas, que requerem competências ou recursos pessoais da parte do jovem (Elliott & Feldman, *cit. in* Compas, Hinden, & Gerhardt, 1995). Os aspectos físicos, sociais, psicológicos e comportamentais do seu desenvolvimento actual, devem ser integrados com experiências anteriores<sup>4</sup>, expectativas, significativos subjectivos, emoções e motivações pessoais. Sendo a adolescência um período longo e repleto de inúmeras tarefas desenvolvimentistas, o jovem pode ter dificuldade em lidar com todo este processo, o que poderá interferir com o seu desenvolvimento normal<sup>5</sup> (Snow, *cit. in* Bizarro, 1999).

Ao longo da adolescência e da juventude, vão-se integrando as características e habilidades adquiridas (e.g., a nível biológico, intelectual, emocional) em interacção com as tarefas desenvolvimentais próprias deste período (Arnstein, *cit. in* Bizarro, 1999). No final da adolescência, o jovem deve estar capacitado para emancipar-se da tutela parental, estabelecer relações de intimidade amorosa, comprometer-se num conjunto de objectivos de vida que fomentem a autonomia, a responsabilidade, a capacidade de decisão e assunção de um código de valores pessoais. No período que corresponde à entrada no ensino superior, o jovem tem já adquiridas habilidades de abstracção e reflexão que lhe permitem combater conflitos associados às anteriores fases da adolescência e experimenta novos desafios interpessoais e intelectuais. (Dias & Fontaine, 2001). Esta é uma etapa de procura da individualidade que implica o desenvolvimento da autonomia (necessária à redefinição de si próprio), a identificação com pessoas fora do contexto familiar, a experimentação de papéis, a perspectivação do futuro, a tomada de iniciativas, o assumir de responsabilidades e a aquisição de um sistema de valores.

#### **4. “Adolescer”: Um todo em mudança**

O conceito de adolescência deriva da palavra latina “*adolescere*” que significa “*crescer*”, “*desenvolver-se*”, “*tornar-se jovem*”. A adolescência teve, durante a evolução das ciências biológicas, psicológicas e sociais, muitos de seus aspectos

---

<sup>4</sup> Segundo alguns autores (e.g. Sampaio, 1994), a tensão da adolescência pode ser melhor equacionada e resolvida se a tensão infantil tiver sido organizada de modo mais satisfatória. A pessoa que, na infância, foi capaz de aceitar melhor a perda de certas gratificações está em condições de, na adolescência, lidar melhor com as necessidades internas e com todas as vicissitudes externas que possa encontrar no seu trajecto para a idade adulta.

<sup>5</sup> O comprometimento do bem-estar psicológico poderá traduzir-se em problemas ou perturbações psicológicas com características muito variadas, desde problemas comportamentais, insucesso escolar, consumos de substâncias, entre outros (Dryfoos, *cit. in* Lehalle, 2006).

estudados. Diversos autores, em função de bases teóricas diversas, têm estudado e analisado a adolescência à luz de diferentes prismas. No entanto, as variadas conceptualizações fundamentam-se nas transformações que decorrem na adolescência, onde todos são unânimes ao concluir que "*adolescere*" é mudar e, como em toda mudança, exige novas adaptações.

As modificações que caracterizam todo este período ocorrem em variadas áreas do desenvolvimento (físico, social, emocional, cognitivo) em simultâneo, são rápidas e interdependentes, isto é, as alterações num domínio afectam e são afectadas pelas restantes áreas do desenvolvimento adolescente. Por esta razão, alguns autores associam o termo adolescência directamente à noção de mudança (Power, *cit. in* Bizarro, 1999).

Neste sentido, a adolescência é uma fase do ciclo de vida marcada pelo conceito de desenvolvimento com transformações que marcam, sucessivamente, quatro esferas do desenvolvimento: o corpo, o pensamento, a vida social e a representação de si. A nível biológico, o corpo modifica-se profundamente com a puberdade; a nível mental, o pensamento torna-se objecto de transformações quantitativas e qualitativas; a nível social, a vida evolui pelo duplo movimento de emancipações da tutela parental e da adopção de novas relações com os pares. Deste modo, a representação de si mesmo modifica-se, possibilitando a construção de uma identidade estável (Claes, 1992).

Para compreendermos melhor o modo como se processam estas mudanças, analisaremos mais em pormenor a fora como os diferentes domínios alteram a vida do adolescente e representam todo um novo desafio a que ele terá de se adaptar. A esfera social será analisada no próximo capítulo devido à relevância que assume no âmbito da actual dissertação.

## **5. O CORPO**

### **5.1. Desenvolvimento Físico**

As transformações pubertárias estão na base do desenvolvimento na adolescência. As principais modificações morfológicas surgem no início da adolescência, na fase a que chamamos puberdade. Durante este período, surgem as características sexuais secundárias e mudanças corporais gerais, especialmente por volta dos 11 aos 13 anos (Brooks-Gunn & Reiter, 1990).

Quando falamos de maturação pubertária, estamos a referir-nos principalmente às transformações hormonais, biológicas e corporais que ocorrem no início da adolescência. A maturação pubertária é o resultado do desenvolvimento fisiológico no sistema reprodutivo do indivíduo (e.g., mudanças hormonais, fisiológicas e morfológicas). As mudanças mais visíveis são denominadas características sexuais secundárias, existindo outras menos perceptíveis conhecidas como características primárias (por exemplo, as alterações hormonais).

As mudanças ocorridas no sistema hormonal são responsáveis por alterações marcadas ao nível da forma e aparência corporais durante a puberdade. Em contraste, com a relativa semelhança corporal entre géneros até este período, a puberdade evidencia aspectos diferenciais marcantes. Por um lado, os *rapazes* apresentam crescimento do pénis, dos testículos e do escroto, bem como o aparecimento de pilosidade, barba, alterações da voz, primeira ejaculação e musculatura. O odor corporal tende a acentuar-se e a pele adquire mais células sebáceas e, conseqüentemente, acne. Enquanto as mudanças genitais tendem a surgir simultaneamente nas raparigas e nos rapazes, estes apresentam um crescimento mais abrupto e tardio no que concerne à estatura, assim como outros indicadores pubertários visíveis (por exemplo, a barba e a voz).

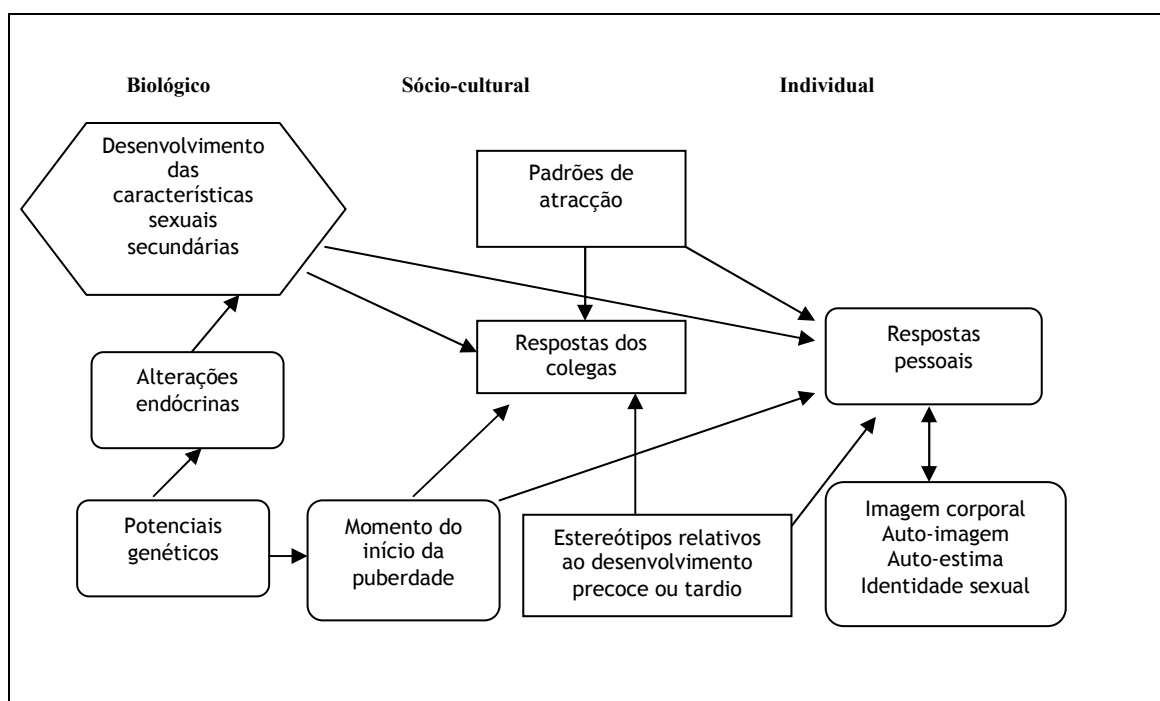
Por sua vez, nas *raparigas*, as características sexuais parecem surgir gradualmente. De início, surge uma elevação mamária, seguida do crescimento de pêlos púbicos<sup>6</sup>. Nesta primeira fase, inicia-se o processo de distribuição de gordura pelo corpo, denotando o início da silhueta feminina. Posteriormente, os órgãos genitais sofrem igualmente alterações, nomeadamente ao nível do aumento do útero, vagina, clitóris e lábios vaginais. A estatura desenvolve-se nesta fase e vai progredindo ao longo da puberdade, diminuindo a partir da primeira menstruação, que ocorre numa fase avançada da puberdade (Goossens, 2006).

Segundo as alterações biológicas só fazem sentido se compreendidas em interação com outros factores, uma vez que nenhum consegue prever todo o comportamento do adolescente por si só. Neste âmbito, os aspectos psicológicos e sócio-culturais associados à puberdade devem ser enquadrados numa determinada cultura, numa época particular (Flammer, 1996).

---

<sup>6</sup> Esta ordem pode surgir de forma invertida.

As alterações biológicas parecem influenciar o desenvolvimento psicológico devido ao significado que lhes é conferido pelos adolescentes, pelos adultos e pelos pares. Segundo o modelo de Peterson & Taylor (1980), as mudanças físicas primárias são socialmente mediadas pelas reacções do próprio adolescente e das outras pessoas e determinadas pelos padrões sócio-culturais, pelas normas e pelas expectativas relativas às características físicas. O conjunto desta interacção espelha-se na auto-estima e auto-imagem que o adolescente integra com base nestas experiências (ver Fig. 1)



**Figura 1.** Ligações entre as transformações pubertárias e as respostas psicológicas (Peterson & Taylor, cit. in Adelson & Doehrmen, 1980).

Muitos autores sugerem que são as raparigas as mais afectadas negativamente pelas alterações físicas na adolescência. A menarca<sup>7</sup>, por exemplo, pode ser vivenciada de modo contraditório, sendo um sinal de maturidade, por um lado, e de desconforto, por outro (Brooks-Gunn, 1991). Um estudo demonstrou que as raparigas que menstruavam mais cedo (até aos 12 anos), apresentavam mais sintomas psicossomáticos de *stress* durante a adolescência, tendiam a namorar mais cedo e a beber e a fumar mais em comparação com as que maturavam mais tarde (Aro & Taiple, 1987). O próprio aparecimento da menarca pode ser afectado por aspectos do macro e microsistemas, entre os quais se encontra a pertença a uma sociedade mais desenvolvida (com melhor

<sup>7</sup> Correspondente à ocorrência do primeiro ciclo menstrual.

nutrição) ou a prática de exercício físico<sup>8</sup>. Por sua vez, a hipótese de associação entre estas variáveis também poderá ser inversa. Por exemplo, Belsky e colaboradores (1991) propõem que as raparigas que cresceram num ambiente familiar stressante (e.g., com conflito parental e divórcio) podem apresentar problemas comportamentais e psicológicos, devido à influência destes acontecimentos perturbadores a nível somático na saúde mental nas jovens (e.g., o *stress* poderia associar-se a metabolismo baixo, aumento de peso e, conseqüentemente, ao surgimento da menarca).

A insatisfação com o corpo durante o período de maturação pubertária parece estar associado à forma corporal e ao peso, nas raparigas. A insatisfação feminina durante esta fase de desenvolvimento é visível, principalmente, na primeira fase da puberdade. Em geral, estas raparigas auto-percepcionam-se como menos atractivas em comparação com as suas amigas da mesma idade. Deste modo, parece haver uma relação entre maturidade precoce (e não tanto a maturidade pubertária em si mesma) e insatisfação corporal, embora o contexto social exerça um papel fundamental neste processo. Por seu turno, os rapazes com sinais precoces de maturidade pubertária sentem-se mais atraentes e satisfeitos com o seu corpo, aparência e desenvolvimento muscular, quando se comparam com rapazes da mesma idade (e.g. Simmons & Blyth, 1987). Os rapazes menos desenvolvidos sentem maior desagrado em relação ao seu corpo (Alsakar, 1992)<sup>9</sup>.

Em resumo, as fases de maturação pubertária são influenciadas por certos factores ambientais, como a alimentação, por exemplo. Porém, no seu conjunto, decorrem de forma semelhante nas diversas sociedades humanas. O adolescente tem consciência das transformações que o corpo lhe impõe. Quer se trate da sua estrutura ou do seu peso, da sua pele ou dos órgãos reprodutores, tendo de integrar uma imagem corporal em constante metamorfose. Este desequilíbrio momentâneo pode realizar-se com tranquilidade em alguns casos ou constituir como uma fonte de stress e confusão, noutros. As mudanças físicas na adolescência afectam não só os comportamentos, como também o desenvolvimento social e emocional. Os jovens experienciam desenvolvimentos físicos críticos que se associam a mudanças na sua auto-percepção,

---

<sup>8</sup> Nas sociedades mais desenvolvidas, a menarca tende a surgir mais cedo (Bullogh, 1981). As raparigas que praticam desporto de modo intensivo apresentam uma tendência para ter a menarca mais tardiamente (Frisch, 1983; Warren, 1983).

<sup>9</sup> Esta evidência poderá estar a sofrer alterações na actualidade devido à influência das imagens de homens sem pilosidade apresentados nos *media* (Künzli-Hämmerli, 1995; Speltini, 1996).

comportamento e expectativas face aos outros (Durkin, 1995) ou mesmo no seu humor (Sprinthal & Collins, 2003).

Em seguida, abordaremos algumas questões relacionadas com o estudo da imagem corporal, focando-nos, sobretudo, na adolescência. Primeiro, procuraremos descrever e compreender este conceito e, de modo sucinto, a sua fenomenologia. Posteriormente, iremos identificar o modo como a imagem corporal se relaciona com variáveis individuais (e.g., género, idade, auto-estima) e sócio-culturais (e.g., nível sócio-económico, diferenças interculturais, importância dos *media*). Por último, analisaremos o papel das relações interpessoais na imagem corporal, onde daremos especial enfoque à associação entre insatisfação com o corpo e variáveis familiares e sociais. Neste âmbito, apesar da escassez de estudos na área, procuraremos rever a literatura que se centra na perspectiva da vinculação como marco explicativo do desenvolvimento da imagem corporal que consiste num dos objectivos principais desta investigação.

## **5.2. Imagem Corporal**

As características da adolescência mostram o quanto as mudanças físicas anteriormente abordadas podem ser marcantes na vida diária dos adolescentes, em particular no caso das raparigas, que tendem a conceptualizar as transformações ao nível da forma e peso corporais de forma negativa. O valor pessoal e a percepção das relações sociais parecem também estar intimamente relacionados com a vivência do próprio corpo (Davidson & McCabe, 2006). No início da adolescência, a relação com os pares desempenha um papel de relevo, à medida que as amizades se tornam mais íntimas e complexas (Berndt, 1998), o que se traduz numa maior preocupação com a avaliação dos outros e com a integração na rede social, patente em elevados níveis de conformismo neste período (Dacey & Kenny, 1994). Consequentemente, o desenvolvimento de uma auto-imagem negativa pode impedir e/ ou condicionar o desenvolvimento de aptidões interpessoais e de relações positivas com outros rapazes e raparigas durante esta fase.

### 5.2.1. Definição do Conceito

A avaliação da imagem corporal assume particular relevância na adolescência. É habitual verificarmos que os jovens, em diversos contextos, se preocupam excessiva e negativamente com as auto e hetero-percepções que rodeiam o seu corpo. Mas a que nos referimos exactamente quando falamos de imagem corporal?

Apesar das inúmeras definições vigentes na literatura e oriundas do senso comum, Grogan define e sintetiza o conceito de uma forma que nos parece mais adequada, referindo que a *imagem corporal* corresponde “às percepções, pensamentos e sentimentos que se tem acerca do próprio corpo” (1999, p. 1). Esta representação mental de nós mesmos influencia os nossos comportamentos, a nossa auto-estima, a natureza das nossas relações e o desenvolvimento de psicopatologia (Pruzinski & Cash, 1990, & Garner, 1997).

O conceito de imagem corporal é bastante genérico e complexo, não podendo, assim, reduzir-se à beleza ou aparência, uma vez que comporta toda uma avaliação subjectiva do tamanho, forma, peso ou aspecto físico geral. Deste modo, estamos na presença de um constructo que inclui a identidade, a estima, a sexualidade, as normas culturais e os aspectos relacionados com a saúde (Asher & Asher, *cit. in* Barbosa, 2001).

Não é possível afirmar que existe uma imagem corporal neutra ou objectiva, devido ao facto de ser uma experiência personalizada que nem sempre corresponde à compatibilidade entre a experiência subjectiva e a realidade objectiva (Cash & Pruzinsky, 1990). A imagem corporal não é, pois, um processo estático. Elabora-se e estrutura-se, progressivamente, desde que o indivíduo começa a ter consciência de si mesmo enquanto ser único, num processo que envolve a pessoa, a família e a sociedade (Barbosa, 2001). Inserido num determinado contexto social e cultural, cada indivíduo faz a avaliação dos seus próprios atributos, comparando-a com os ideais standardizados da cultura onde vive, sendo esta discrepância que influencia a imagem corporal e, conseqüentemente, o auto-conceito. As emoções e avaliações relativas à imagem corporal derivam, em parte, destas discrepâncias entre o ideal físico internalizado e o corpo percebido (Cash & Szymanski, *cit. in* Cash, Therialut, & Annis, 2004), determinando o grau de pensamentos e sentimentos negativos que se tem em relação ao próprio corpo, isto é, de *insatisfação corporal*. Vários autores têm sugerido conceptualizar a imagem corporal negativa como uma variável contínua, com níveis de mal-estar e interferência que vão de nulo ao extremo (e.g., no caso das perturbações

alimentares). A maior parte da população encontra-se, assim, em valores intermédios, isto é, com preocupações e satisfação moderadas relativamente à sua aparência corporal (Thompson, Heinberg, Altabe, & Tantleff-Dunn, 1999).

### **5.2.2. Adolescência: Um corpo amado ou odiado?**

Como temos verificado ao longo do presente capítulo, as alterações físicas da puberdade estão entre as mudanças mais visíveis que ocorrem durante a adolescência, o que pode revelar-se uma fonte de apreensão, comprometendo o bem-estar psicológico dos adolescentes (Bizarro, 1999). O corpo participa com um papel imprescindível nesta fase da vida, uma vez que é através dele que se espelham mais claramente as rápidas transformações inerentes ao crescimento (Barbosa, 2001). Por conseguinte, parece-nos evidente que o modo como o jovem percebe, avalia e se sente em relação ao seu corpo, representa um indicador importante de adaptação à própria adolescência, patente na sua auto-estima, estima corporal e mesmo na vivência das relações interpessoais.

A aceitação do seu próprio corpo e do aspecto recém-adquirido representa um desafio para o adolescente (Lerner & Hultsch, 1983, cit. por Lerner, 2000). Porém, o modo como estes aspectos afectam o bem-estar dos adolescentes varia de jovem para jovem. A rapidez das modificações corporais, o seu desenvolvimento precoce ou tardio, a imagem ideal e a avaliação social parecem ser variáveis fundamentais neste processo, determinando o modo como as alterações corporais são aceites e bem estruturadas.

Sabendo que adolescência e imagem corporal são conceitos interdependentes, revela-se importante compreender o modo como se relacionam entre si e de que forma a imagem corporal interfere no ajustamento adolescente. Na verdade, existem várias inconsistências na literatura sobre imagem corporal e *funcionamento psicossocial* nos adolescentes de ambos os géneros. Uma possível explicação para estes resultados poderá dever-se ao recurso a metodologias de avaliação dispersas (Davidson & McCabe, 2006). A maior parte dos instrumentos de medida da imagem corporal foca-se, essencialmente, na avaliação que os indivíduos fazem da sua aparência e na sua (in)satisfação com o corpo, em geral, ou com partes dele, em particular. Por conseguinte, estas variáveis têm sido avaliadas através de diversas medidas, diferentes entre si.

Alguns investigadores têm-se mostrado interessados em conhecer o nível de investimento na aparência como um aspecto da imagem corporal (Cash, 1994), o que

inclui (a) o grau de importância da aparência para o indivíduo ou (b) os comportamentos associados (e.g., a quantidade de tempo e esforço que o indivíduo investe na manutenção e melhoramento do seu corpo). Não obstante, na literatura, raramente os autores discutem os aspectos sociais da imagem corporal através da valorização do contexto social em que o indivíduo se insere, o que nos revela que estamos na presença de um conceito com muitas áreas e implicações ainda por estudar e explorar.

### **5.2.3. Imagem Corporal Negativa: Indivíduo, cultura e relações interpessoais**

Os estudos que incidem sobre as temáticas associadas ao contributo da imagem corporal no bem-estar apontam para uma multidimensionalidade de factores que contribuem para o aumento preocupante da insatisfação corporal e consequentes comportamentos desajustados, salientando os factores familiares e sociológicos em interacção com factores individuais (e.g. depressão, auto-estima, personalidade, preocupação com o corpo). Começemos por abordar a associação entre imagem corporal e variáveis relacionadas com o indivíduo.

Grande parte dos investigadores que estuda esta área tem demonstrado o impacto da insatisfação corporal no surgimento e manutenção de perturbações do comportamento alimentar (Cash & Lavallee, *cit. in* Cash, Thierialut, & Annis (2004), depressão, ansiedade social, dificuldades sexuais, entre outros aspectos (Cash, 1990). A maior parte destas investigações recorreu a amostras de raparigas adolescentes e mulheres jovens (e.g., Stice, 2001). No entanto, várias limitações têm sido apontadas ao estudo de outro tipo de implicações da insatisfação corporal no bem-estar psicológico (Davidson & McCabe; 2006). Aqueles que analisaram as associações entre a imagem corporal e o funcionamento psicológico, principalmente ao nível da *auto-estima* e do papel dos pares (Ricciardelli & McCabe, 2001), que abordaremos mais adiante, revelam de modo consensual que, particularmente no caso das raparigas, as construções da imagem corporal constituem um elemento fundamental para a auto-estima global (e.g., Fox, 1988). Deste modo, a percepção da própria aparência física tem sido identificada como uma variável preditora da auto-estima geral (Harter, 1999), assim como da vivência da puberdade e do desenvolvimento na adolescência (Fabian & Thompson, 1989). Não obstante, a natureza da relação entre imagem corporal e auto-estima parece menos clara nos rapazes, patente em resultados contraditórios de estudos que, ora

mostram associações fortes entre estas variáveis (e.g. Lerner, 2000; Koff & Reirdan, 1991), ora as negam (e.g., Furham & Calnan, 1998).

Os estudos revelam, igualmente, uma associação marcada entre imagem corporal e *afecto negativo*. Porém, enquanto alguns revelam uma associação entre preocupações com a imagem corporal e sintomas de depressão ou ansiedade entre jovens de ambos os géneros (e.g., Kostanski & Gullone, 1998), outros mostram que são as raparigas com insatisfação corporal que se encontram em risco de experienciar sintomas de afecto negativo (e.g., McCabe, Ricciardelli, & Banfield, 2001).

A auto-percepção física também detém um papel importante no *funcionamento diário* dos indivíduos, particularmente na primeira fase da adolescência. Dacey e Kenny (1994) defendem que as características físicas são fundamentais para a noção de *self* nos adolescentes, o que vai sendo alterado com o passar da idade de modo a integrar a importância de características internas. A psicologia desenvolvimentista tem mostrado que, na primeira adolescência, existe uma auto-consciência aumentada e uma preocupação marcada com a visão que os outros têm do seu corpo, devido à tendência para estarem auto-vigilantes e sensíveis aos julgamentos que imaginam que eles possam fazer (Dacey & Kenny, 1994). Numa abordagem social, Festinger e Jones (*cit. in* Davidson & McCabe; 2006) formularam a teoria da *comparação social* que sugere que as avaliações que as raparigas fazem dos seus corpos são afectadas adversamente pelas comparações que fazem entre a sua aparência e a dos pares. Esta tendência também parece estar presente nos rapazes, embora o façam com menos frequência e com menos sentimentos negativos associados ao corpo (Ricciardelli, McCabe, & Banfield, 2000). A perspectiva clássica do *egocentrismo adolescente* explica este fenómeno com base na preocupação que os jovens têm acerca de si próprios e do modo como os outros o vêem. Nesta perspectiva, os jovens assumem que os outros avaliam constante e ferozmente a sua aparência (“*imaginary audience*”) (Elkind, 1967). Erikson (1968) defende também que, no processo de formação da identidade, o jovem desenvolve uma visão sobre si próprio com base, em parte, na pertença a um *grupo social*. A auto-estima durante a adolescência reflectiria, assim, as percepções do modo como os adolescentes são avaliados pelos membros deste(s) grupo(s), especialmente no que concerne à aparência física. Vários estudos têm mostrado o impacto das hetero-percepções das pessoas mais próximas na auto-estima dos adolescentes (Harter, *cit. in* Harter 1999).

Os resultados dos estudos com estas medidas são consistentes com a ideia de que existem diferenças demográficas na imagem corporal e satisfação corporal. A literatura

demonstra, assim, que, relativamente às *diferenças de gênero*, as mulheres, em geral, estão menos satisfeitas com o seu corpo do que os homens (e.g. Berscheid, Walster, & Bohrnstedt; Cash & Brown; Thompson, *cit. in* Grogan, 1999) e desejam quase sempre ser mais magras do que realmente são (e.g., 85% no estudo de Drewnowski & Yee, 1987). Os grupos de risco parecem ser principalmente as raparigas, com baixa auto-estima, preocupadas com a aparência e com a pouca percepção de auto-controle ou, ainda, associadas a contextos ocupacionais ou profissionais que valorizam a magreza (e.g. modelos, ginastas, bailarinas) (Garfinkel & Garner, 1982). Muitas adolescentes agem como se as suas vidas dependessem da forma dos seus corpos. Esta característica assume especial evidência na fase da adolescência, altura em que ocorrem mais problemas relacionados com a imagem corporal (Feingold & Mazzella, 1998). As mudanças a nível físico, vividas pelas raparigas durante a puberdade, especialmente no que diz respeito ao aumento de gordura corporal, geram alterações corporais contrárias ao ideal cultural de beleza baseado na magreza (Cohn, Adler, Irwin, Millstein, Kegeles, & Stone, 1987). Embora rapazes e raparigas sofram grandes transformações corporais, este fenómeno parece ser vivido de forma negativa particularmente pelas raparigas que, vendo a gordura corporal e o peso aumentarem, se sentem mais insatisfeitas com a sua aparência.

Os estudos mostram, também, que existe uma tendência para que a insatisfação corporal se associe frequentemente a *partes específicas do corpo* associadas habitualmente à acumulação de massa gorda (e.g. abdómen, coxas, nádegas, pernas), o que, em muitos casos, ocasiona um vasto conjunto de consequências, entre as quais o aumento da frequência e intensidade do controle de peso (e.g. Attie & Stubbs; Lamb, *cit. in* Conner, Charlotte, & Grogan, 2004). Muitos autores sugerem que o imaginário dos *media* enfatiza a importância da magreza nas mulheres e acentua a consciência corporal das mesmas. Groesz, Levine e Murnen (2002) defendem que os *media* promulgam o ideal de beleza baseado na magreza, incitando a insatisfação corporal das raparigas. Fallon & Rozin (*cit. in* Conner, Charlotte, & Grogan, 2004) atribuíram a procura de magreza nas mulheres como uma forma de atrair o sexo oposto.

Em contrapartida, Leon, Carroll, Chernyk e Finn (*cit. in* Conner, Charlotte, & Grogan, 2004), por exemplo, descreveram os *homens* como relativamente satisfeitos com a sua forma corporal. Apesar de alguns ideais físicos masculinos terem tendência a vincar-se, os homens têm demonstrado resistência às pressões associadas à insatisfação corporal (Cohane & Pope, 2001). Koff, Rierdan, e Stubbs (1990) argumentam que o

aumento da forma e peso corporais vai mais de encontro ao ideal cultural de beleza masculina focada na musculatura, resultando, assim, numa experiência mais positiva. Por sua vez, enquanto as auto-avaliações das raparigas se centram na beleza, peso e aparência, o auto-conceito dos rapazes parece basear-se mais na eficiência, desempenho e aptidões físicas.

Alguns estudos, porém, têm obtido resultados diferentes, não encontrando diferenças de género a este nível (Abell & Richards; Silberstein, Striegel-Moore, Timko & Rodin, *cit. in* Barbosa, 2001). Nos últimos anos, os investigadores têm desafiado a ideia de que os rapazes estão imunes às preocupações com o corpo. Vários estudos procuraram utilizar instrumentos adaptados ao tipo de insatisfação corporal masculina (e.g. desejo de ganhar peso e massa muscular). Os resultados mostram que os rapazes, em particular os mais magros, apresentam preocupações relevantes com a sua imagem corporal (Cohane & Pope, 2001). Segundo alguns autores, a “objectificação” corporal por parte dos meios de comunicação social, arte, etc., começa a ter repercussões negativas no sexo masculino (Kimmel, & Johnson, 1999). Na verdade, apesar do ideal masculino não sofrer alterações significativas desde há várias décadas, o discurso cultural acentua cada vez mais a importância das actividades de *fitness* (Petrie, Austin, Crowley, Helcamp, Johnson, Lester, Rogers, Turner, & Walbrick, 1996) e do corpo em forma de “V” e medianamente musculado (Koff & Rieradn, 1990), desvalorizando ou ignorando aqueles cuja imagem corporal não equivale a esses ideais (Jovanic, Lerner & Lerner, 1980). Mishkind e colegas (*cit. in* Barbosa, 2001) verificaram que 95% dos estudantes americanos mostraram-se insatisfeitos com algumas partes do seu corpo, enfatizando os ombros, braços e pescoço musculados (Furham & Greaves, 1994; Franzoi & Shields, 1984).

Apesar da falta de consenso relativamente às implicações da insatisfação corporal nos homens, em geral, reconhece-se que a imagem corporal representa um factor importante tanto para os rapazes como para as raparigas adolescentes que, por sua vez, parecem partilhar os mesmos ideais e discursos relativamente às questões do corpo com os adultos do mesmo sexo.

Neste sentido, quando avaliamos a variável *idade*, rapidamente encontramos uma forte prevalência de problemas associados à imagem corporal negativa na população adolescente, o que está associado, como já referimos, às transformações fisiológicas e cognitivas que caracterizam a puberdade. Porém, esta característica tem vindo a ser

identificada também em populações mais novas<sup>10</sup>, o que nos permite dizer que este é um fenómeno generalizado a praticamente todas as faixas etárias (e.g., Gardner, Friedman & Jackson, 1999; Grogan & Wainwright, 1996). Neste sentido, os autores sugerem que, tanto as raparigas como os rapazes, começam a internalizar e a adoptar as visões dominantes de uma “*boa aparência*” e a desenvolverem cognições e comportamentos disfuncionais cada vez mais precocemente (Barbosa, 2001).

De um modo geral, os adolescentes parecem demonstrar sentimentos mais negativos acerca do seu corpo do que os jovens adultos (e.g., Simmons & Blyth, 1987; Cash, Winstead, & Janda, 1986; Richards & Larson, 1993). Com a entrada e consolidação da idade adulta, a insatisfação corporal de ambos os géneros, parece diminuir progressivamente (Demarest & Allen, 2000). Alguns investigadores têm atribuído esta evidência à maior interiorização das mudanças ocorridas no seu corpo na última fase da adolescência (Wright, 1989). Contudo, numa revisão da literatura realizada por Barbosa (2001), a autora verificou que a insatisfação corporal nos adultos parece manter-se no sexo feminino, havendo pouco consenso quanto ao sexo masculino, sugerindo a necessidade de mais estudos que se focalizem nos processos de mudança da imagem corporal ao longo do ciclo vital.

A investigação que relaciona *nível socio-económico* e imagem corporal sugere que a classe social não está relacionada com os ideais de beleza física, uma vez que todas as classes apresentam ideais semelhantes (Grogan, 1999). Já no que se refere a diferentes culturas, parece existir uma influência singularizada na forma como o corpo é vivenciado. A *cultura ocidental* parece, em geral, revelar uma insatisfação corporal superior a outras culturas (e.g., asiática, hispânica, africo-americana) (Harris, Walters & Washull, 1991), o que nos remete para a importância dos factores culturais na vivência do corpo (Lovejoy, 2001). Segundo os padrões de beleza da sociedade ocidental actual, o corpo ideal feminino deve ser magro e pouco curvilíneo (Silverstein, Brett, Perdue, Peterson, & Kelly, 1986), valorizando-se, assim, corpos lisos, dietas restritivas e exercício físico.

Tendo identificado alguns factores individuais e socio-culturais, procuremos, então, compreender o modo como as *relações interpessoais* se associam à imagem corporal na adolescência. À medida que a literatura acerca de prevalência de problemas

---

<sup>10</sup> A literatura indica que muitas raparigas iniciam as preocupações com o corpo na infância (8 ou 9 anos), manifestando elevados níveis de insatisfação corporal (Koff & Reirdan; Rolland, Farnhill, & Griffiths, *cit. in* Steese, Dollette, Phillips, Hossfeld, Matthews, & Taormina, 2006).

associados à imagem corporal aumenta, os investigadores interessam-se também por analisar outros aspectos da vida dos jovens, nomeadamente ao nível do funcionamento emocional e interpessoal (Davidson & McCabe, 2006). Algumas correntes de investigação têm-se centrado no estudo do papel das experiências interpessoais no desenvolvimento das atitudes relativas à imagem corporal. No contexto das normas e valores sócio-culturais acerca da aparência, o *feedback* social em relação à aparência durante a infância e adolescência pode ter um impacto importante na formação da imagem corporal. Por exemplo, as críticas e situações de humilhação recorrentes, as comparações sociais e o modelamento de outros pares (Tantleff-Dunn & Gokee, *cit. in* Fletcher & Latner, 2007) e de membros da família (McKinley, 1999; Rieves & Cash, 1996), podem ter uma influência profunda na construção da imagem corporal, uma vez que a estas mensagens subjazem crenças como: “*o meu aspecto afecta o meu valor no mundo*” ou “*a minha aparência é inaceitável*” (Cash, Theriault, & Annis, 2004).

A psicologia social tem evidenciado o impacto da aparência física no modo como os outros percebem e interagem com o indivíduo, salientando que as pessoas menos atraentes são avaliadas mais negativamente pelos pares e apresentam menos interações sociais (Berscheid, Dion, Walster, & Walster, 1971; Langlois & Stephan, 1981). O impacto da imagem corporal pode ser acentuado pelas mudanças que ocorrem no comportamento das figuras mais próximas à medida que o jovem adquire novas características físicas, visto ser este um período de grande ênfase na sociabilidade, em que as normas vigentes no grupo de pares e as expectativas sociais têm uma importância acrescida de desenvolvimento do auto-conceito global do adolescente (Pritchard, King, & Narins, 1997). Num estudo que recorreu a registos diários, Nezelek (*cit. in* Davidson & McCabe, 2006) verificou que as raparigas e rapazes com imagem corporal mais positiva, referiam ter interações com maior intimidade com as pessoas mais próximas.

A imagem corporal pode também afectar de modo diferente as relações com pares do mesmo género e do género oposto, devido à diferença qualitativa na natureza das relações durante a adolescência (Davidson & McCabe, 2006). Os contactos de maior intimidade com pares do *sexo oposto* determinam uma maior proximidade física e, por conseguinte, a exposição do corpo à avaliação dos outros (Caufman & Steinberg, 1996), parecendo ser um factor de atracção e satisfação nas relações românticas (O’Dea & Abraham, *cit. in* O’Dea, 2008). McKinley (1999), por exemplo, verificou que a estima corporal de mulheres jovens e adultas estava relacionada positivamente com a sua percepção da apreciação que os seus companheiros amorosos tinham da aparência deles.

Neste sentido, quanto maior a assunção de que os parceiros avaliam positivamente o seu corpo, maior a satisfação das mulheres com a sua relação romântica (Rieves & Cash, 1999).

Sendo a aparência um importante estímulo para a auto-avaliação ou avaliação social (Franzoi & Herzog, 1987), alguns autores explicam a maior interferência da imagem corporal nas raparigas, assim como o seu maior investimento na mesma (e.g., Cash & Brown, 1989), com base no facto das raparigas estarem mais orientadas para as relações interpessoais na adolescência do que os rapazes, o que pode indicar que a sua noção de valor pessoal poderá ser mais afectada pelas hetero-avaliações negativas acerca do seu corpo levadas a cabo por membros do seu grupo de pares (e.g. Meeus *cit. in* Davidson & McCabe, 2006). Outros autores salientam o papel das visões tradicionais das relações heterossexuais que apresentam a aparência feminina como um meio para atrair a atenção e atracção masculinas (patente, por exemplo, em contos infantis, publicidade, televisão, cinema, música popular, literatura) (Cash, Ancis & Strachan, *cit. in* Barbosa, 2001), sendo um factor mais importante nos encontros amorosos com o sexo oposto do que para os homens. Por sua vez, a auto-estima dos rapazes pode ser afectada por níveis baixos de satisfação corporal. Deste modo, a valorização de si mesmo pode ser mais influenciada pela percepção que os mesmos têm da sua aparência em geral (e.g. a beleza facial e a forma global), do que por atributos físicos específicos ou pelas hetero-avaliações. Num estudo recente, Davidson e McCabe (2006) verificaram evidências neste sentido, mostrando que as raparigas estão mais insatisfeitas com o seu corpo e mais atentas às avaliações negativas dos outros, o que afectava significativamente a sua auto-estima e o modo como se relacionam com outras raparigas. Os rapazes mostram maior preocupação com a sua própria avaliação corporal em geral, com impacto na sua auto-estima e na forma como se relacionam com pares do sexo oposto.

Na última década, vários estudos têm salientado o contributo da *orientação sexual* dos indivíduos enquanto variável moderadora da imagem corporal e das relações românticas. Os resultados nesta área mostram que os homens homossexuais se sentem significativamente mais insatisfeitos com a sua imagem corporal, ao contrário das mulheres homossexuais que se sentem melhor com o seu corpo em comparação com as heterossexuais (French, Story, Remafedi, Resnick, & Blum; Lakkis, Ricciardelli, & Williams; Schneider, O'Leary, & Jenkins; Wagenbach, *cit. in* Conner, Charlotte, & Grogan, 2004). Porém, esta relação é refutada por outros estudos que encontraram graus

semelhantes de insatisfação com o corpo em ambos os tipos de orientação sexual (e.g. Brand, Rothblum & Solomon, *cit.in* McCabe & Ricciardelli, 2003).

Em suma, o contributo da imagem corporal nas interações sociais dos adolescentes parece ser, assim, relevante. Por exemplo, Whitehead e Hoover (2000) sugerem que os rapazes e as raparigas mencionam o excesso de peso como um motivo para se ser vítima de *bullying*. McCabe & Ricciardelli (2003) examinaram a influência percebida dos pares, pais e *media* na imagem corporal e perda de peso em adolescentes de ambos os géneros. Os resultados revelam que há uma consistência entre as mensagens recebidas da mãe, pais, melhor amigo e amiga relativamente à imagem corporal e estratégias para modelar o corpo nos adolescentes.

A beleza física também tem impacto nas relações com os pares durante a infância, com as raparigas atraentes a receberem mais avaliações positivas pelos outros e a envolverem-se em interações sociais mais positivas quando comparadas com as menos atraentes (Langlois & Stephan, 1981). No que concerne aos rapazes, Langlois e Stephan concluíram que a investigação sobre a associação entre a beleza e a avaliação social mostra resultados inconsistentes.

Sendo as relações interpessoais consideradas como uma ferramenta primordial através da qual a pessoa constrói a sua identidade e auto-imagem corporal positiva ao longo do ciclo de vida (Youniss, 1980; O'Donnell, *cit. in* O'Koon, 1997), alguns autores tomaram-nas com base nas teorias da *vinculação* (Bowlby, 1982; Greenberg, Siegel, & Leitch, 1983). Nos seus trabalhos, Bowlby (1977, 1982) descreveu o sistema de vinculação como “*uma propensão dos seres humanos para se ligarem afectivamente aos entes mais próximos*” (1977, p. 201). Enquanto os primeiros estudos nesta área se centraram essencialmente na vinculação entre a criança e o cuidador (e.g., Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978), nas últimas décadas têm-se assistido a um aumento do interesse pela compreensão dos processos de vinculação nas relações adultas, quer com pares, quer com parceiros românticos, tal como iremos abordar mais adiante neste trabalho. Apesar das referências das perspectivas dinâmicas do desenvolvimento da imagem corporal (e.g. Goldberg, Mair, & Kerr; Krueger, *cit. in* Alsaker & Kruger, 2006), poucos estudos abordaram a associação entre os estilos/dimensões de vinculação e a imagem corporal. Porém, a reduzida literatura neste âmbito revela uma associação positiva entre a vinculação e a imagem corporal em amostras do sexo feminino (Field,

*cit. in* Alsaker & Kruger, 2006), uma vez que as relações seguras<sup>11</sup> fomentam uma visão positiva de si e dos outros em vários contextos de funcionamento (imagem corporal, orientação profissional, relações sociais) (Offer, Ostrov, Howard, & Dolan, 1992). Os indivíduos com sistemas de vinculação interpessoal inseguros apresentam, não só uma maior auto-percepção de inadequação social ou expectativas de rejeição social, mas também maior insegurança relativamente à sua aparência física e aceitabilidade por parte dos outros.

Por sua vez, à medida que as investigações salientam a associação entre problemas relacionados com a imagem corporal e as perturbações do comportamento alimentar, maior é a importância dada ao papel dos processos de vinculação na vivência da imagem corporal (Ward, Ramsay, & Treasure, 2000), uma vez as raparigas avaliadas com este tipo de quadro clínico apresentam, maioritariamente, estilos de vinculação inseguros (e.g., Mallinckrodt, & McCreary, & Robertson, 1995). Becker, Bell, e Billington (*cit. in* Barbosa, 2001), verificaram também que as raparigas com bulimia nervosa apresentam um estilo de vinculação maioritariamente inseguro. Neste âmbito, Sharpe e colaboradores (*cit. in* Barbosa, 2001) compararam as preocupações com o peso, de raparigas adolescentes e pré-adolescentes com vinculações seguras e inseguras. Os resultados mostram que, embora a avaliação do peso corporal fosse semelhante, as inseguras estavam mais preocupadas com a magreza e forma do corpo. Os autores sugeriram, assim, que este tipo de vinculação pode representar um factor de risco para o desenvolvimento de perturbações alimentares. Suldo e Sandberg (2000) verificaram também que o estilo de vinculação preocupado entre as raparigas se associa a estratégias para perda de peso e sintomas bulímicos. Também Brennan e Shaver (1995) mostraram que todas as escalas do *Eating Disorder Inventory* (EDI) se correlacionavam positivamente com o estilo de vinculação preocupado<sup>12</sup> de mulheres aos respectivos pares românticos. Evans e Wertheim (*cit. in* Suldo & Sandberg, 2000) observaram que a vinculação insegura nas relações amorosas e a preocupação com a intimidade se relacionam com sintomas bulímicos de jovens mulheres, incluindo o desejo de perder peso e a insatisfação corporal. Os primeiros nesta área têm revelado que as raparigas

---

<sup>11</sup> Segundo as teorias da vinculação, os indivíduos seguros são aqueles que se valorizam a si próprios e se acham dignos de ser amados e apreciados pelos outros, sentindo-se confortáveis quer com a intimidade quer com a autonomia (Bartholomew & Horowitz (1991).

<sup>12</sup> Como especificaremos no próximo capítulo da presente dissertação, segundo a tipologia de Bartholomew & Horowitz (1991), as pessoas com um estilo de vinculação preocupado caracterizam-se pela falta de valor pessoal, contrastante com uma visão positiva que têm dos outros, dos quais esperam atenção e aceitação.

com vinculações ansiosas têm mais preocupações com o peso e forma corporais, desejam e esforçam-se mais para corresponder ao ideal cultural de magreza e apresentam maior sintomatologia bulímica (Suldo & Sandberg, 2000). Estes estudos têm, assim, recorrido a amostras femininas, não contemplando o modo como a vinculação e a imagem corporal se associam na população masculina. Num estudo recente, Reindl e Lindsey (2007)<sup>13</sup> procuraram contrariar esta tendência, verificando que no seu estudo feito com rapazes, aqueles que apresentavam vinculações seguras aos pares, tinham uma imagem corporal mais positiva e maior satisfação corporal quando comparados com os que mantinham uma vinculação insegura.

Alguns estudos têm procurado, igualmente, comparar vinculações em diferentes figuras no que concerne à imagem corporal. O’Koon (1997), por exemplo, estudou a vinculação aos pais e aos pares em relação à auto-imagem com adolescentes (16 aos 18 anos), verificando que a vinculação aos pais está associada à melhor utilização de recursos para lidar com aspectos da imagem corporal e que a vinculação aos pares tem um efeito visível na imagem corporal, especialmente em áreas que se vão tornando mais importantes com tempo (e.g., imagem corporal, objectivos profissionais, atitudes sexuais).

No presente trabalho, incidiremos em vários tipos de vinculação, com especial destaque para a mantida com pares amorosos. A este respeito, a investigação começa agora a dar os primeiros passos. A vinculação romântica na adolescência e na idade adulta funciona como representação mental interna que orienta o comportamento de procura de conforto e mantém a segurança das relações românticas (Hazan & Shaver, 1987). Os resultados dos escassos estudos realizados até à actualidade revelam, a este propósito, que os indivíduos com vinculação ansiosa tendem a funcionar segundo uma noção negativa de si próprios (Bartholomew & Horowitz, 1991), têm uma auto-imagem mais negativa e sentem-se frequentemente ansiosos nos seus relacionamentos (Cheng, 2005). Numa tentativa de comparar ambos os géneros numa só amostra de jovens adultos, Cash, Theriault e Annis (2004) verificaram que a avaliação, o afecto e o investimento centrado na imagem corporal se relacionam significativamente com a ansiedade social em ambos os sexos e com ansiedade na intimidade amorosa nas mulheres, em particular, no caso das mulheres. Os problemas associados à insatisfação corporal estão associados ao estabelecimento de sistemas de vinculação inseguros,

---

<sup>13</sup> Esta investigação utilizou o *Inventory of Parent and Peer Attachment* (IPPA, Arnsden & Greenberg, 1989) e nove figuras de silhuetas masculinas (1999).

especificamente quando o estilo de vinculação geral é de tipo preocupado, o que se salienta nas relações românticas.

Cash, Theriault, & Annis (2004) avaliaram, com base nas revisões da literatura existentes, que esta área de investigação possui várias limitações, entre as quais destacamos: (a) a utilização de medidas de vinculação pouco fiáveis; (b) o interesse centrado na vinculação aos pais por parte de crianças e não tanto à vinculação dos adultos com pares amorosos, por exemplo; (c) a abordagem classificatória e não dimensional sobre a vinculação; (d) a comparação de grupos clínicos (com perturbações alimentares) com grupos de controlo com base em sintomas específicos (e.g., a insatisfação com a imagem corporal).

Outros investigadores, relativamente ao estudo da imagem corporal em geral, defendem também que as teorias desenvolvimentistas e sociais não têm sido bem aplicadas à investigação no âmbito da imagem corporal (e.g., Davidson & McCabe, 2006) que tende a focar-se nos factores sócio-culturais mais importantes, tal como o impacto dos media na percepção do próprio corpo. Numa tentativa de sistematizar os múltiplos factores etiológicos que poderão estar relacionados com a insatisfação da imagem corporal, Barbosa (2001) identificou os seguintes, na revisão da literatura que realizou: a) *factores desenvolvimentais* (e.g. mudanças associadas à puberdade, formação do grupo de pares, as relações de namoro e desenvolvimento da identidade e autonomia própria da adolescência); (b) *características de personalidade*<sup>14</sup>; (c) a *influência de padrões familiares* (e.g. aglutinação, superproteção parental, modelagem, vinculação ou dificuldades de separação); (d) a influência *de outros significativos*, tal como os pares ou os irmãos; (e) a existência de *acontecimentos traumáticos* (e.g. abuso sexual); (f) os *factores biológicos*; (g) as *bases genéticas*; (h) o *exercício físico* em excesso; e (i) a *religião*.

Apesar de se tratar de um conceito multideterminado, o presente trabalho procurará focar-se no modo como a satisfação com a imagem corporal e os padrões relacionais e educacionais se associam (e.g. influência das práticas parentais e do relacionamento com as figuras próximas na estima corporal dos jovens).

---

<sup>14</sup> Por exemplo, a auto-avaliação negativa, a baixa auto-estima, perfeccionismo (Bastiani, Rao, Weltzin, & Kaye, (1995), o temperamento, o sentido de auto-eficácia (e.g. Beren & Chrisler; Guidano & Liotti, *cit. in* Lehalle, 2006).

## 6. O PENSAMENTO

Apesar de o nosso estudo não pretender avaliar variáveis associadas ao desenvolvimento intelectual e moral dos adolescentes, consideramos que não é possível analisar as mudanças que ocorrem nesta população sem referir uma das áreas que mais transformações sofre durante este período e que maiores repercussões tem no modo de funcionamento individual e interpessoal do adolescente. Na verdade, se desejamos compreender o desenvolvimento de indicadores de bem-estar e a capacidade de estabelecer relações interpessoais, nomeadamente de amor, durante a adolescência, não podemos negligenciar o papel que o desenvolvimento cognitivo e moral detêm neste processo. Em consequência, procuraremos sintetizar as principais características que marcam o pensamento, onde incidiremos o funcionamento cognitivo e moral.

### 6.1. Desenvolvimento Cognitivo

Por desenvolvimento cognitivo entende-se o “conjunto de competências construídas de modo progressivo com recurso a procedimentos e processamento intelectuais que o indivíduo utiliza em situações específicas do dia-a-dia” (Lehalle, 2006, p. 118).

A adolescência é um período de transições e, como tal, de procura de informação acerca do que está prestes a acontecer e da compreensão dos acontecimentos que ocorrem nesta fase. Para os adolescentes, a procura de informação acerca do *self* e do futuro está associada a desenvolvimentos significativos ao nível da capacidade de raciocínio (Durkin, 1995).

A adaptação intelectual ocorre desde o nascimento até à idade adulta e tem como pensadores de base Inhelder e Piaget. Os autores perspectivaram a adolescência sob um ponto de vista maioritariamente cognitivo, enquadrando-a no estágio final da sua conceptualização por fases do desenvolvimento intelectual humano<sup>15</sup> (Piaget, 1972; Piaget & Inhelder, *cit. in* Lehalle, 2006). Antes de entrar na puberdade, a criança tem um pensamento de tipo concreto, isto é, organiza a informação à volta de conceitos e

---

<sup>15</sup> Piaget identificou quatro estádios, cada um caracterizado pela formação de uma faceta da realidade: (a) *sensório-motor* (construção do mundo de objectos permanentes, dos 0 aos 2 anos); (b) *pré-operatório* (manipulação de símbolos, dos 2 aos 7 anos); *operatório concreto* (formação de regras e quantidades, dos 7 aos 12 anos); e (c) *operatório formal*, que abordamos neste ponto (construção do mundo por meio de pensamentos abstractos, ideais, possibilidades hipotéticas, a partir dos 12 anos).

categorias que são visíveis e identificáveis. A criança necessita de contactar directamente com as situações, acontecimentos e pessoas para que possam ser representadas na sua mente. (Inhelder & Piaget, *cit. in* Lehalle, 2006). Com a entrada na adolescência, o jovem adquire a capacidade para desempenhar *operações formais*, o que se traduz na capacidade de pensar de modo abstracto e, por conseguinte, formular hipóteses e ideias sem depender de representações concretas imediatamente ao seu dispor (Inhelder & Piaget, *cit. in* Lehalle, 2006). Tal como um cientista, o jovem consegue imaginar possibilidades alternativas para um determinado problema e testá-las de modo sistemático (Durkin, 1995), permitindo uma experimentação de possibilidades em pensamento, a formulação de hipóteses, o raciocínio hipotético-dedutivo, o pensar sobre o pensamento das outras pessoas, a reflexão sobre o passado, presente e futuro (Piaget & Inhelder, *cit. in* Lehalle, 2006). O pensamento torna-se mais relativo, menos absoluto e mais auto-reflexivo, o que se traduz no aumento da capacidade de reflectir sobre os seus próprios pensamentos e sentimentos, existindo uma centração excessiva em si próprio.

No domínio social, o adolescente começa a ser mais capaz de pensar sobre aquilo que os outros sentem e pensam acerca de si e dos seus comportamentos. Desenvolve-se a capacidade de assumir a perspectiva do outro e coordená-la com a sua própria perspectiva. Os outros começam a ser vistos de modo mais complexo e abstracto, assim como os seus comportamentos são interpretados como tendo motivos subjacentes, o que permite ao jovem adquirir uma percepção mais clara da complexidade que subjaz às relações sociais (Higgins, Ruble & Hartup, *cit. in* Bizarro, 2001).

Um contributo importante da abordagem piagetiana consiste na importância dada ao *egocentrismo* típico desta fase, que afecta sobretudo o modo como os adolescentes se relacionam com os outros, para o qual contribui a aquisição do pensamento formal (Dias & Fontaine, 2001). Em consequência, ao focar-se de mais nas suas próprias teorias e preocupações, os jovens têm dificuldade em conceptualizar que também as outras pessoas têm as suas e que elas podem ser divergentes (Elkind, 1967). A auto-consciência e o egocentrismo característicos desta fase, têm associadas ideias típicas identificadas por Elkind: a *fábula pessoal* e a *audiência imaginária* (Elkind, 1967, 1985; Elkind & Bowen, 1979). A *fábula pessoal* refere-se à ideia que o adolescente tem de que é único, que ninguém passou pelas mesmas situações e teve os mesmos pensamentos ou emoções. Este tipo de funcionamento tem uma relação com crenças de superioridade face às exigências e riscos do mundo (e.g., “*sou diferente*”, “*nada me vai*

*acontecer*”, *não me vou deixar influenciar pela sociedade*”), o que pode conduzir à adopção de comportamentos de risco, uma vez que muitos adolescentes poderão pensar que estas situações apenas afectam os outros (Dryfoos, *cit. in* Lehalle, 2006). A *audiência imaginária* refere-se à ideia de que o adolescente se sente o centro das atenções das pessoas que o rodeiam e que estas conhecem os seus pensamentos, sentimentos e comportamentos. Para os adolescentes, os outros estão preocupados com a sua aparência (e.g., com as suas borbulhas, estatura ou vestuário), comportamentos e atitudes, o que espelha a tendência para assumir uma postura de auto-consciência e atenção excessiva dada à opinião dos outros nesta fase<sup>16</sup>.

Em geral, as novas capacidades intelectuais adquiridas podem também acarretar dificuldades, entre as quais: um maior isolamento social; preocupação marcada com a avaliação dos outros; dificuldade em agir segundo a sua própria volição e sobre-estimação dos outros (e.g., Compas, Connor, & Wadsworth, 1997); e distorções cognitivas que alteram ou ignoram a visão concreta e as evidências fornecidas pela realidade empírica (Elkind, 1974).

Apesar das teorias piagetianas conterem muitas limitações (ver McKinney & Vogel, 1987), são incontornáveis as conclusões dos estudos dos autores que mostraram que o desenvolvimento de novas competências intelectuais na adolescência permite e conduz os jovens a reflectir acerca dos fenómenos do mundo material e social, nomeadamente sobre si próprios. De acordo com Lourenço (1992), nem sempre as críticas feitas a estas conceptualizações são justas pelo facto de não terem em conta que Piaget, na revisão dos seus trabalhos, ajustou a idade de surgimento do pensamento formal ao intervalo 15-20 anos, sublinhou o contexto de desenvolvimento e, portanto, a influência social; admitiu que o pensamento formal pode ocorrer nalguns domínios e não noutros; e vislumbrou a construção do conhecimento como um todo, para o qual contribui, entre outros aspectos, o desenvolvimento cognitivo.

Meia década após os contributos clássicos de Piaget, tem sido dada relevância aos estudos e teorias nesta área. Vários autores têm procedido a várias revisões centradas nas operações formais (Bond, Demetriou & Efklides; Gray; Lehalle, Neimark, *cit. in*

---

<sup>16</sup> A fábula pessoal e a audiência imaginária permitem compreender melhor as estratégias de interacção no início da adolescência, tendo como objectivo defender, manter e melhorar a auto-estima pessoal (Dias & Fontaine, 2001). Por exemplo, o jovem pode passar muitas horas ao telefone para que os pares percebam o quanto é popular (Elkind, 1967). A automatização e adaptação destas estratégias nem sempre ocorre, o que pode acarretar sofrimento e problemas de socialização quando se mostram inadequadas perante a complexidade das situações reais com que o jovem se depara (e.g. a sensação de não saber comportar-se perante uma situação amorosa).

Lehalle, 2006), assim como têm procurado melhorar e aprofundar a teoria piagetiana (Graber & Petersen, 1991; Keating, 2004; Smith, 1993) que corresponde ao “*grupo neo-piagetiano*” (Demetriou, 1988). O seu principal objectivo tem sido explicar as variabilidades contextuais e individuais que norteiam a teoria de Piaget e que este não tomou em linha de conta na sua proposta, de onde se destacam os trabalhos de Pascual-Leone (Ripaupierre & Pascual-Leone, 1979) e Fischer (1980). Este autor, por exemplo, explica que os adolescentes desenvolvem aquilo a que chama “*novas competências*”. Estes processos cognitivos recém-adquiridos são construídos num contexto específico. Segundo esta concepção, nenhum processo cognitivo pode ser aplicado sem esforço numa determinada situação, embora alguns aspectos comuns possam ser observados em diversos domínios funcionais. Deste modo, Fischer, Kenny e Pipp (1990) concluíram que “*cada indivíduo deve construir activamente as suas competências*”, o que significa que o adolescente pode falhar numa certa tarefa cognitiva sem que isso signifique que não tenha alcançado um determinado nível cognitivo. A esta ideia optimista do desenvolvimento, os autores chamaram humoristicamente “*princípio calvinista*” (p. 166)<sup>17</sup>.

## **6.2. Desenvolvimento Moral**

Na adolescência, verifica-se um desenvolvimento da moralidade, patente na aquisição de valores e ideais (e.g., justiça, liberdade, equidade). Os estudos sobre o desenvolvimento moral têm incidido sobre a construção de modelos teóricos destinados a conceptualizar os processos que norteiam a formação de valores individuais em diferentes âmbitos da vida (Sousa, 2006) à luz de diferentes áreas da psicologia (e.g., teorias da aprendizagem, social, psicanálise, behaviorismo, cognitivismo).

Em sequência, relativamente ao ponto anterior, parece-nos claro que a conduta moral e a competência ética são questões decorrentes do próprio desenvolvimento sócio-cognitivo do ser humano no seu meio e na sua cultura. Não admira, portanto, que um dos principais contributos nesta área tenha sido de Jean Piaget (1973, cit. Por Lehalle, 2006). O autor definiu um modelo teórico explicativo do desenvolvimento moral. Até aos 8/9 anos, a criança teria uma moralidade essencialmente heterónima, isto, é, dominada pelas noções de lealdade e obediência às regras, normas e ordens do

---

<sup>17</sup> Esta perspectiva coloca em causa a análise das fases de desenvolvimento tão amplamente defendidas até à actualidade (Lehalle & Mellier, *cit. in* Lehalle, 2006).

adulto. Por volta dos 10/11 anos, o jovem parece começar a incorporar noções mais complexas baseadas no respeito mútuo, igualdade, reciprocidade e acordo (Lourenço, 1992). Segundo Piaget, o adolescente, ao encontrar-se no estágio das operações formais, adquire assim uma moralidade mais autónoma no sentido em que constrói juízos independentes e pessoais sem depender de valores interiorizados formulados pelos adultos ou de interesses pessoais (Dias & Fontaine, 2001).

A concepção do desenvolvimento moral de Piaget teve um valor inegável, principalmente pelas suas ideias pioneiras e inovadoras e pelo suporte empírico em que radicou, porém, também foi alvo de várias críticas, de onde se destaca o facto de não ter tido em conta a corrente social em que o desenvolvimento ocorre. Com base nas teorias deste autor, Kohlberg (1981) elaborou uma teoria geral do desenvolvimento moral, onde distingue três níveis. No *nível pré-convencional ou pré-moral*, característico da infância: o indivíduo está orientado para a punição e obediência à autoridade, encontrando progressivamente uma motivação hedónica e instrumental na moralidade com vista a alcançar o que deseja. Segue-se o *nível convencional*, típico da adolescência, em que o jovem já é motivado por motivos interpessoais e de aprovação pelos outros e apresenta paulatinamente uma moral da lei e da autoridade, através da resolução de dilemas morais e concordância com as regras sociais. Por último, surge o *nível pós-convencional ou autónomo*, no início da idade adulta. Embora os estudos não tenham provado a universalidade da aquisição deste último (Muuss, 1988), o jovem adulto parece demonstrar uma maior capacidade de se reger por princípios morais formulados por si próprio e não por motivações externas ou pela gratificação pessoal. Coexiste, a partir desta fase, uma moralidade do contrato social e princípios éticos universais. Concomitantemente, o jovem toma consciência das tragédias humanas, descobre a inconsistência e a hipocrisia nos modelos à sua volta, sofre desilusões com as instituições, tais como, relações familiares, sistema escolar, religião, política. Desenvolve-se a capacidade de se colocar na perspectiva do outro. A moral baseada na conformidade ao grupo dá progressivamente lugar a um raciocínio moral baseado em leis ou códigos societários. Constroem-se juízos de valor sobre a sociedade, adopta-se um distanciamento crítico em relação a ela, assumindo-se as obrigações e responsabilidades (Dias & Fontaine, 2001).

As principais críticas à teoria de Kohlberg baseiam-se no foco que dá à racionalidade (e não tanto à emotividade e subjectividade) (Lourenço, 1992), assim como os seus procedimentos metodológicos (Alves, *cit. in* Sousa, 2006). Porém, o seu

contributo para a compreensão do desenvolvimento moral parece-nos único e fundamental, abrindo inúmeras possibilidades de estudos empíricos posteriores

## 7. REPRESENTAÇÃO DE SI

*A construção de uma identidade pessoal* é uma das tarefas mais importantes da adolescência. Uma vez que a sua imagem pessoal se constrói a cada momento, fruto das transformações em diversas áreas (como a físico-sexual, cognitiva, moral e social), é importante que o jovem desenvolva um sentimento de continuidade interior, por forma a perceber uma certa estabilidade em si próprio. Fixar ideais irrealistas face a si próprio, dar-se conta de fortes desencontros entre a sua personalidade real e a ideal, sentir-se insatisfeito face aos seus sucessos e fracassos poderão desenvolver sentimentos de inferioridade, incompetência, ansiedade e um mal-estar geral que contribuirão para a difusão dessa mesma identidade. A atitude que o adolescente desenvolver face a si próprio determinará em grande medida a forma como se sentirá adaptado e feliz aquando da sua integração no mundo adulto (Sprinthall & Collins, 2003).

Quanto à formação da identidade, a transição para a idade adulta caracteriza-se pela passagem de tentativas de exploração para a procura de auto-definição em termos relacionais, de trabalho ou de visão do mundo em geral. As relações amorosas começam por ter uma componente recreativa, começando a incorporar maior intimidade e explorações a longo prazo. A visão do mundo, ainda muito influenciada pelos pais durante a adolescência, começa a ser reexaminada durante esta fase e enquadrada num sistema de crenças pessoais (Arnett, 2000).

Relativamente à investigação nesta área, vários autores têm criticado a falta de referentes empíricos (Wylie, *cit. in* Alsaker & Kroger, 2006) e a tendência da maior parte das conceptualizações se referirem a variáveis generalistas (como de *self*) em vez de remeterem para conceitos mais específicos (como de representações de si). A revisão da literatura mostra-nos que a maior parte dos estudos neste âmbito têm-se centrado essencialmente nos conceitos de auto-conceito, de auto-estima e de identidade que abordaremos em seguida.

## 7.1. Auto-conceito e Auto-estima

O *auto-conceito* refere-se, em termos gerais, “às crenças, atitudes e sentimentos que o indivíduo desenvolve acerca e em relação a si mesmo” (componente descritiva dos atributos pessoais) (Alsaker & Kruger, 2006, p. 91). Por exemplo, um adolescente pode pensar que é demasiado gordo em comparação com os colegas mas também considerar-se sociável e bom aluno. Rosenberg (1979), autor que mais se dedicou a estes temas, salienta que, apesar de, muitas vezes ser confundido com a auto-estima, o auto-conceito inclui “a totalidade dos pensamentos e sentimentos que o indivíduo deposita em si mesmo” (p. 7) e se divide em diferentes conteúdos (e.g., identidade social, disposições, características físicas), estrutura (relações entre diferentes componentes do auto-conceito<sup>18</sup>), e dimensões do auto-conceito (intensidade, estabilidade, etc.). Neste âmbito, o autor referiu que existe um *self* desejado ou ideal e o *self* real que se refere ao modo como o indivíduo se apresenta aos outros.

Os autores têm concordado de forma unânime com Shavelson (Shavelson, Hubner, & Stanton, 1976) e Harter (1983, cit por Harter 1999) que descrevem o auto-conceito como um *constructo multidimensional*. Segundo estes, o indivíduo pode avaliar diversas facetas do seu comportamento e das suas experiências, nomeadamente ao nível das competências académicas e sociais, aparência, aptidões atléticas, ou a globalidade dos seus atributos. Esta última faceta refere-se essencialmente à auto-estima do indivíduo. Como podemos verificar, o conceito que o indivíduo estabelece de si mesmo está intimamente relacionado com a sua *auto-estima* que consiste na forma como o próprio avalia os seus atributos pessoais, podendo conter o grau de auto-valorização pessoal e atitudes perante o *self* (componente avaliativa) (Burns; Harter, *cit. in* Harter, 1999). Neste sentido, se o adolescente tiver baixa auto-estima pode achar que os outros não gostam dele por ser uma pessoa aborrecida, por exemplo.

Durante muitos anos, os investigadores avaliaram a auto-estima como uma medida global, sem atenderem às diferentes percepções do *self* que compõem este constructo<sup>19</sup> (Mutrie & Biddle, 1995). A avaliação destes estudos revelou que as

---

<sup>18</sup> Apesar do autor não se ter debruçado exaustivamente sobre os elementos do auto-conceito, identificou alguns tais como: inteligência, atractividade, moralidade ou atitudes relativas à classe social, à etnia, etc.

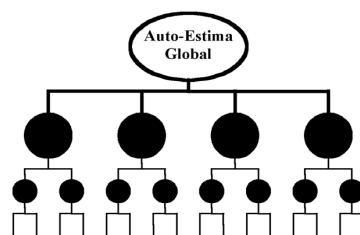
<sup>19</sup> Rosenberg (1979) salienta que a auto-estima não se resume à soma das auto-avaliações do sujeito em termos de diferentes componentes, uma vez que a auto-avaliação global resulta de uma síntese complexa de elementos. Deste modo, a pessoa pode ter uma boa auto-estima global (i.e., sentimentos positivos em relação ao seu valor e competência pessoais), mesmo que se avalie negativamente em diferentes domínios.

conclusões reflectiam problemas de mensuração e de análise estatística que não suportavam a unidimensionalidade do auto-conceito e da auto-estima (Marsh & Hattie, 1996). A evidência científica suportada por inúmeros estudos veio alterar esta visão global ou unidimensional como factor explicativo dos aspectos do *self*, parecendo não haver qualquer suporte para a perspectiva unidimensional do auto-conceito e da auto-estima. A crença de que os indivíduos podem ter um elevado número de diferentes auto-percepções em aspectos separados das suas vidas levou à aceitação do *self* como uma realidade multidimensional.

Os modelos hierárquicos multidimensionais da auto-estima sugerem que as auto-avaliações em domínios específicos estão de algum modo agregadas para formar a auto-estima global. Um dos domínios que mais contribui para a definição do auto-conceito da criança e do adolescente é o domínio físico (*estima corporal*) e, muito particularmente, o da aparência física, fundamental também para a sua auto-estima global (Faria, 2005). Como verificámos no ponto dedicado à imagem corporal, o domínio físico tem um papel importante, desde a infância, no ajustamento psicossocial do indivíduo ao longo de todo o ciclo de vida, pois as reacções dos outros significativos, bem como as comparações que o indivíduo faz entre os seus atributos e a sua competência física e os dos seus pares contribuem para a formação do seu auto-conceito físico (Bracken, *cit. in* Faria, 2005)<sup>20</sup>. Neste sentido, o *self* físico tem ocupado uma posição única no sistema do *self global*, porque o corpo, através da sua aparência, atributos e capacidades, providencia um substantivo interface entre o indivíduo e o mundo que o rodeia (Fox, 2000). Fox (2000) e Fox e Corbin (1989) sugerem um modelo hierárquico multidimensional da auto-estima que sustenta que existe um nível global de auto-estima relativamente estável e alto no cume, que é o resultado de percepções avaliativas em vários domínios da vida, como sejam o académico, o social, o emocional ou o físico (Figura 2). Cada domínio da auto-estima geral considerado, representa os efeitos combinados de percepções de um nível inferior de hierarquia, pelo que, à medida que se desce na hierarquia, a estabilidade diminui e as facetas tornam-se cada vez mais fraccionadas e específicas de uma dada situação.

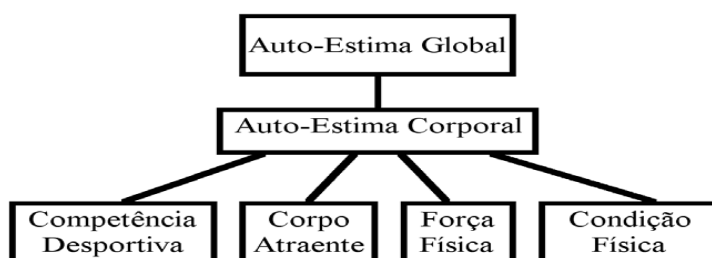
---

<sup>20</sup> Em Portugal, foram realizados estudos que evidenciam o contributo da dimensão física para a melhoria do relacionamento social com os pares, bem como para o incremento da auto-estima global em adolescentes e jovens adultos (Faria & Fontaine, 1992), reflectindo, também, a importância que a sociedade actual confere aos aspectos físicos, à boa forma física e ao sentir-se bem com o corpo, como motores de aceitação interpessoal e de construção da intimidade.



**Figura 2.** Modelo hierárquico da estrutura da auto-estima (adaptado de Fox, 1988, p. 233).

No modelo apresentado pelos autores, no caso da auto-estima física (Figura 3), considera-se que esta depende de quatro dimensões: competência desportiva, corpo atraente, força física e condição física. Este modelo é particularmente atractivo, uma vez que sugere um mecanismo testável, no qual os constructos globais, ainda que mais estáveis e duradouros, estão abertos a modificações eventuais através de mudanças das auto-percepções em níveis inferiores.



**Figura 3.** Hipótese dos três níveis de organização hierárquica da auto-estima (adaptado de Fox, 1988, p. 237; Fox & Corbin, 1989, p. 414).

O foco em dimensões distintas do auto-conceito e auto-estima tem, porém, mostrado resultados empíricos contraditórios. Por exemplo, se as competências escolares estão moderadamente relacionadas com a auto-estima dos adolescentes, também existem correlatos elevados em certas facetas académicas da auto-estima (Alsaker; Harter, *cit. in* Alsaker & Kruger, 2006).

Uma conceptualização recente levada a cabo por Harter (1999) centrou-se num aspecto inovador: a auto-valorização relacional. Segundo a autora, o indivíduo avalia-se de modo diferente consoante as relações em que se envolve, o que está patente no facto de três quartos dos adolescentes alterarem aspectos da sua auto-estima, à medida que se envolvem em diferentes contextos relacionais. Por exemplo, um jovem pode apresentar baixa auto-estima quando enquadrada na relação com os pares mais próximos e a situação contrária quando se perspectiva na relação com os pais). A mesma autora

utiliza também a concepção de múltiplos “eus”, de acordo com os diferentes papéis que são adoptados pelos indivíduos em variados contextos (Harter, 1999).

## **7.2. Representação de Si na Adolescência**

O auto-conceito e a auto-estima evoluem desde a infância até à idade adulta, sofrendo variações em função das interações e da percepção da competência social (Byrne & Shavelson, *cit. in* Alsaker & Flamer, 2006). Harter (*cit. in* Harter, 1999) sugere que as crianças não se sentem igualmente capazes em todos os domínios de competência e que as crianças com 8 anos ou mais velhas não fazem apenas julgamentos claros acerca da sua competência em diferentes domínios, mas também constroem nestas idades uma imagem do seu valor global como pessoas, num nível superior aos julgamentos de competência específica. À medida que as crianças maturam e se tornam adolescentes, a sua auto-estima torna-se diferenciada, ou seja, os vários domínios tornam-se menos relacionados entre si.

A adolescência é um período de mudança e transição. As transformações da puberdade constituem um desafio devido às novas experiências a nível físico e emocional que acarretam (Alsaker & Flamer, 2006). É habitual os jovens adquirirem uma nova auto-imagem e que isso gere reacções de exigência por parte dos adultos, sem que exista um proporcional amadurecimento a nível psicológico. Como verificámos anteriormente, a aceitação das mudanças corporais constitui, igualmente, um desafio para os adolescentes, assim como lidar com o facto de se sentirem atraídos e serem alvo de atracção física pelos pares. O início da adolescência, mais especificamente, comporta alterações a nível escolar, com mudanças estruturais na entrada para o ensino preparatório e secundário.

A definição do auto-conceito sofre influências de várias fontes, entre as quais se destaca o papel da interacção com os outros e das atitudes adoptadas pelos mesmos (e.g., criticismo, inconsistência); as experiências e oportunidades ocorridas ao longo deste processo (Harter, *cit. in* Harter, 1999); o acesso a modelos, a orientação e o apoio por parte dos adultos. Na sua revisão da literatura, Bizarro (2001) verificou que a formação do auto-conceito e o bem-estar dos adolescentes pode ser afectado por variáveis como a restrição de oportunidades para explorar papéis alternativos, se os

adultos estão ausentes ou detêm uma participação inadequada (e.g. Harter; Wexler, *cit. in* Harter, 1999).

Na adolescência, os domínios que mais afectam o auto-conceito e a auto-estima parecem ser a imagem corporal (como já mencionámos anteriormente), a aceitação dos pares (que abordaremos no próximo capítulo), a competência escolar, a habilidade atlética e a conduta. A auto-estima deriva, então, dos sucessos ou da percepção de competência nos domínios considerados relevantes para o jovem de modo autónomo (Bizarro, 2001). O desenvolvimento da *auto-estima* é influenciado por múltiplos factores. Por exemplo, as situações de superprotecção parental podem acarretar consequências negativas que comprometem o auto-conceito e auto-estima (Harter, *cit. in* Harter 1999). A auto-estima envolve que o adolescente consiga resolver os seus problemas a nível pessoal e interpessoal e lide construtivamente com o desapontamento e com o fracasso. Os outros, especialmente os adultos, assumem um papel relevante neste processo, uma vez que lhes cabe orientar, apoiar, desafiar, direccionar e encorajar os jovens (e.g., Harter; Simmons & Blyth, *cit. in* Harter 1999). É fundamental que o apoio dos outros seja adequado e construtivo, uma vez que a sua inexistência pode ter um forte impacto na auto-estima do adolescente e no seu bem-estar psicológico (Bizarro, 2001)

Quando analisamos as *diferenças de género* relativamente a esta questão, constatamos que os resultados são consistentes no que diz respeito quer às diferenças, quer às similaridades entre sexos. As diferenças de género consistentes com os estereótipos sexuais parecem ocorrer em facetas específicas do *self* (Fontaine, 1991a, Lintunen, 1999). Os dados dos estudos feitos com diferentes metodologias revelam que as raparigas apresentam mais percepções desfavoráveis da sua aparência e da sua competência desportiva, duas das dimensões que definem o *self* físico (Harter, 1999). Em geral, as raparigas parecem ser mais vulneráveis do que os rapazes a auto-avaliações globais negativas (e.g., Alsaker & Olweus, 1993; Simmons & Blyth, 1987). Segundo Alsaker & Kruger (2006), este dado prende-se com as diferenças de género relativamente à sintomatologia depressiva que começa a emergir com alguma frequência nos primeiros anos da adolescência, mas também ao facto delas tenderem a ruminar mais sobre o humor depressivo e a ampliá-lo. No entanto, os estudos que avaliam o afecto depressivo com amostras universitárias parecem revelar que nesta fase não existem grandes diferenças entre sexos (e.g. O'Neil & Marziali, 1977). Os estudos também demonstram que as raparigas se percebem como menos estáveis na forma

como descrevem o seu auto-conceito comparativamente aos rapazes, o que se torna mais visível com o avanço da idade (Alsaker & Olweus, 1993; Rosenberg, 1979). A nível mais específico, alguns estudos têm revelado diferenças entre géneros na área académica, com os rapazes a sentirem-se mais confiantes nas suas competências escolares e a valorizarem mais o desempenho académico (e.g. Simmons & Rosenberg, 1975).

Relativamente à relação entre a *idade cronológica* e a auto-estima, os estudos têm revelado resultados contraditórios<sup>21</sup>. Por sua vez, alguns autores salientam ainda a importância das mudanças provocadas por acontecimentos de vida em certas idades, tal como a transição escolar, negligenciando o papel da idade (e.g., Rosenberg, 1979; Simmons & Blyth, 1987; Simmons, Rosenberg, & Rosenberg, 1973). No entanto, Alsaker e Olweus (1993) realizaram um estudo longitudinal que mostrou a inexistência de relação entre idade ou acontecimentos de vida e auto-avaliações de adolescentes, ainda que houvesse uma tendência no sentido da melhoria da auto-estima nos rapazes com a idade e alguma instabilidade na auto-estima dos jovens mais velhos de ambos os sexos. Nos estudos realizados no nosso país, verifica-se que os adolescentes até ao 9º ano apresentam níveis mais baixos de auto-estima, situação que vai sendo alterada com o avanço da idade (Fontaine, 1991). Várias têm sido as razões apontadas pelos autores para explicarem a melhoria da auto-estima, principalmente no final da adolescência, entre as quais Dias e Fontaine (2001) destacam: um maior realismo na análise das características pessoais e dos outros; o crescimento físico, o acesso a papéis adultos; o aumento da responsabilidade e de privilégios; a diminuição da valorização do ambiente exterior (e.g., da competência académica).

O conteúdo das auto-representações tem também sido alvo de atenção por parte dos investigadores<sup>22</sup>. Na última fase da adolescência, em particular, o jovem alcança um auto-conceito mais consistente e global devido à sua maior capacidade para integrar e unificar conceitos (Tashakkori, Thompson, Wade, & Valente, 1990). O jovem torna-se

---

<sup>21</sup> Algumas investigações negam esta relação (e.g. Harter; Wylie, *cit. in* Harter 2000) ou descontinuidades nas auto-avaliações ao longo da adolescência, outros mostram o contrário.

<sup>22</sup> Na passagem da infância para a adolescência, verifica-se a substituição de auto-descrições concretas por avaliações mais complexas e diferenciadas. No início da adolescência, o jovem adquire a capacidade para integrar auto-conceitos em formas mais abstractas (e.g. ser esperto e criativo poderá incluir-se na noção de inteligência) (Harter, *cit. in* Alsaker & Kruger, 2006), embora tenha dificuldade em enquadrar conceitos contraditórios numa visão global do *self*. Na fase intermédia da adolescência, os jovens adquirem esta competência cognitiva, e vêem igualmente aumentadas as suas capacidades de introspecção e de consciência de que o comportamento e as representações de si mesmos podem sofrer alterações consoante o contexto e papéis que assumem (Alsaker & Kruger, 2006).

capaz de integrar diferentes facetas do *self* na construção de abstracções mais complexas (e.g., ser flexível ou inconstante)<sup>23</sup>.

Relativamente às áreas que mais afectam a auto-estima, Harter (1999) concluiu, nas suas pesquisas, que as percepções de competência e a aceitação por parte dos outros constituem fontes importantes e interdependentes que permitem compreender melhor as diferenças que os adolescentes apresentam entre si ao nível da auto-estima. Entre os múltiplos factores que podem ter impacto na forma como os jovens se avaliam, a autora salientou as três principais áreas de interferência na auto-estima adolescente: (a) a escola (e.g., transição escolar, competência percebida, características e estilos comunicacionais dos professores); (b) o desenvolvimento pubertário (e.g., imagem corporal e maturação física); e (c) as experiências negativas com os pares (e.g., a vitimação, falta de suporte, humilhação). Outros factores, como o tipo de relação com os pares e com a família são, também, cruciais, tal como veremos nos capítulos seguintes.

### 7.3. Construção da Identidade

O auto-conceito e a identidade são áreas interrelacionadas, porém, não significam o mesmo. Burmeister (*cit. in* Alsaker & Kruger, 2006) referiu que a identidade é a definição de quem se é, tendo em conta as características biológicas e psicológicas pessoais em relação ao contexto social em que o indivíduo se insere (e.g., “*Em geral, sou uma pessoa responsável e comprometo-me com as tarefas que tenho de cumprir*”). Assim, por *identidade*, entende-se a forma como a pessoa utiliza o conhecimento sobre si próprio, de modo a adquirir papéis sexuais, ideológicos ou vocacionais na sociedade envolvente (componente contextual) (Alsaker & Kruger, 2006) O adolescente pode considerar que já se conhece e o que quer ser (e.g., uma pessoa com forte sentido de justiça que quer apoiar os desfavorecidos da sociedade).

Erik Erikson (1963) desenhou um quadro de referência na compreensão do processo de construção da identidade na adolescência. Na sua teoria psicossocial do

---

<sup>23</sup> A revisão da literatura mostra, igualmente, que a auto-estima tende a ser estável ao longo do tempo (e.g. Block & Robbins, *cit. in* Dias & Fontaine, 2001), o que tem sido atribuído à associação deste conceito com variáveis relativamente imutáveis, tais como a capacidade intelectual, a imagem corporal ou o estatuto socioeconómico e ao facto da auto-estima se formar desde a infância e se desenvolver ao longo do ciclo de vida (Kohut, *cit. in* Dias & Fontaine, 2001).

desenvolvimento normal da personalidade<sup>24</sup>, o autor defende que a identidade consiste numa combinação única de interesses, motivações, necessidades e defesas psicológicas em interacção com características, género, forças e limitações biológicas individuais, o que ocorre num determinado contexto cultural e social mais amplo. Para que a identidade se desenvolva, o jovem deve ser capaz de ultrapassar determinadas tarefas que, em geral, envolvem a orientação vocacional, um código de valores e a expressão adequada e satisfatória de papéis sexuais e de género (Erikson, 1968). O autor identificou oito estádios de desenvolvimento. Cada uma das fases consiste no surgimento e na resolução de uma crise (com vulnerabilidades e desafios) definida por dois pólos opostos (Dias & Fontaine, 2001). No desenvolvimento normativo correspondente ao período da adolescência e início da idade adulta, o jovem teria de se confrontar com a crise de identidade<sup>25</sup>, patente no dilema “*Identidade versus Confusão*” (Erikson, 1968). Esta tarefa envolve a capacidade do adolescente encontrar um equilíbrio entre a identidade e a difusão de papéis, através da experimentação, exploração e análise de diferentes possibilidades de ser, com vista a comprometer-se com a expressão de identidade que mais se lhe adequa. Segundo Erikson (1968), esta tarefa ficaria resolvida através de novas identificações com pessoas fora da órbita familiar e exprime-se através de um sentimento de bem-estar psicossocial geral num todo coerente e específico, capaz de assumir compromisso com um conjunto de valores e prioridades (Sprinthall & Collins, 2003). No entanto, no caso de ocorrerem determinadas circunstâncias pessoais ou externas limitadoras desta resolução (e.g., intimidade física, definição vocacional, competição), o jovem experiencia um sentimento de confusão da identidade. Surge, assim, um estado de paralisia e inibição quando o indivíduo se confrontar com experiências que exigem opção e investimento em aspectos profissionais e de intimidade (Dias & Fontaine, 2001).

Erikson (1968) salienta a importância de as sociedades permitirem aos jovens um período de *moratória psicossocial*, isto é, um período de exploração e experimentação de diferentes valores vocacionais, ideológicos e sexuais sem que implique, ainda, um compromisso definitivo com os mesmos. Durante a moratória, o adolescente tem, pois,

---

<sup>24</sup> Erikson baseia-se na concepção de Freud acerca das etapas de desenvolvimento da sexualidade infantil (oral, anal, fálica), mas assume uma perspectiva mais global e integrativa ao centrar-se na interacção entre o biológico, o psicológico e o social, e ao valorizar todo o ciclo de vida humano.

<sup>25</sup> Embora Erikson tenha designado o desafio da adolescência por crise identitária, as investigações sobre a identidade, o auto-conceito e a auto-estima, durante o ensino básico, secundário e universitário mostram que o desenvolvimento é mais gradual, em direcção a uma estável e funcional consciência do *Eu* (Sprinthall & Collins, 2003).

uma oportunidade para separar e avaliar diversas possibilidades de papéis típicos dos adultos de modo a poder integrar estas experiências num compromisso reflectido com o qual mais se identifique. Só assim estará preparado para enfrentar o desafio que Erikson atribuiu aos anos iniciais da idade adulta, isto é, ao estabelecimento da intimidade ou capacidade de abertura e partilha mútua no relacionamento com os outros.

Os últimos 40 anos de investigação têm mostrado que os indivíduos que constroem a sua identidade de modo satisfatório em comparação com aqueles que não superam esta fase de modo adequado são menos reactivos a situações de stress, utilizam estratégias adequadas de tomada de decisão (e.g. Blustein & Philips; Klaczynski, Fauth, & Swanger; Marcia, *cit. in* Dias & Fontaine, 2001), monitorizam menos o seu comportamento perante situações de exposição social, utilizam mecanismos de defesa mais adaptativos, apresentam melhor auto-estima e abertura a novas experiências (Tesch & Cameron, 1987), são mais auto-suficientes para resolver problemas, apresentam melhores níveis de raciocínio e juízos morais, demonstram maiores níveis de autonomia, de intimidade relacional e de padrões seguros de vinculação (Kroger, *cit. in* Kroger, 2007; Zimmermann & Becker-Stoll, 2002<sup>26</sup>).

## 8. SÍNTESE DO CAPÍTULO

A adolescência é um período do ciclo de vida caracterizado por transformações na maioria dos processos (biológicos, psicológicos, sociais) que ocorrem entre a fase convencionalmente descrita como infância e idade adulta. Existem numerosas definições de adolescência que apenas se focam em alguns processos de mudança e omitem outros. Cada concepção tem limitações mas pode fornecer um contributo importante para a compreensão deste período (Lerner & Spanier, *cit. in* Lerner, 2000). As definições baseadas nas idades são consideradas arbitrárias por se focarem somente no critério temporal, porém ajudam-nos a explicar melhor os acontecimentos que vão surgindo ao longo da adolescência. As definições centradas nos aspectos biológicos não têm em conta as diferenças inter-individuais e as que se centram nos principais acontecimentos de vida (e.g. votar, beber álcool) são afectadas por alterações históricas e culturais.

---

<sup>26</sup> Nestes estudos, os padrões desligados estão associados a modos mais difusos de identidade.

A adolescência teve, durante a evolução das ciências biológicas, psicológicas e sociais, muitos de seus aspectos estudados. Diversos autores, em função dos seus pressupostos teóricos diversos, chegaram às suas conclusões. Porém, uma reflexão que parece ser unânime em todas as concepções é que “*adolescere*” é mudar. E, como em toda mudança, existe a exigência de novas adaptações. Devido a estas alterações profundas, o jovem é pressionado para encontrar uma forma de as conciliar entre si. As mais visíveis são as mudanças que ocorrem no plano físico-sexual que vão surgindo ao longo da pré-puberdade, puberdade e pós-puberdade. Este tipo de mudanças é afetado pelo desenvolvimento psicológico e social (e.g., fenómeno da comparação com o grupo). A transformação de um corpo infantil num corpo adulto está assim associada à maturação, à socialização sexual e à reconstrução da imagem corporal. O acesso à maturidade pubertária impõe um corpo manifestamente sexuado para si próprio e para os outros, e traz a exigência de reconstruir a imagem corporal. Neste período, estas preocupações inscrevem-se num sistema coercivo de conformidade com as normas de aparência sexual adequada, normas estas veiculadas pelo conjunto da sociedade e, em particular, pelo grupo de companheiros da mesma idade. Os desfasamentos deste desenvolvimento relativamente ao grupo colocam desafios diferentes ao adolescente em função do momento em que surgem. A maturidade precoce e tardia vai fazer sentir-se de uma forma diferente e exigir adaptações em conformidade. Deste modo, a manutenção de uma boa auto-imagem corporal parece constituir um indicador de adaptação, ajustamento psicológico e bem-estar durante a adolescência.

Para além do corpo, toda a conceptualização do mundo e suas regras se alteram. A nível intelectual, segundo Piaget, o adolescente entra no estágio das Operações Formais, quando se torna capaz de realizar o raciocínio hipotético-dedutivo. Uma vez desenvolvida uma hipótese, ele é capaz de construir uma experiência científica a fim de testá-la e deduzir se é ou não verdadeira. Ao procurar a sua identidade, eles, naturalmente, desafiam a figura dos pais e outros adultos. O egocentrismo está também patente no funcionamento psicológico do adolescente que investe grande parte de sua energia em preocupações consigo mesmo. Os seus pensamentos focam-se em si próprio e acredita que os outros estão preocupados com sua aparência ou comportamento. Em estreita relação com a cognição, está a formação de noção de moralidade. O adolescente sente necessidade de questionar certos ideais à medida que cresce, o que muitas vezes se traduz num conflito com o mundo real.

As mudanças abordadas e toda uma nova estruturação social que caracterizam esta época, concorrem para a formação da identidade. Uma vez que a sua imagem pessoal se modifica de momento a momento, fruto das transformações em diversas áreas como a físico-sexual, cognitiva, moral e social, é importante que o jovem desenvolva um sentimento de continuidade interior, de forma a perceber uma certa estabilidade em si próprio. Fixar ideais irrealistas face a si próprio, dar-se conta de fortes desencontros entre a sua personalidade real e a ideal, sentir-se insatisfeito face aos seus sucessos e fracassos, poderão desenvolver sentimentos de inferioridade, incompetência, ansiedade e um mal-estar geral que contribuirão para a difusão dessa mesma identidade. A atitude que o adolescente desenvolver face a si próprio determinará, em grande medida, a forma como se sentirá adaptado e feliz aquando da sua integração no mundo adulto.

As mudanças físicas afectam o auto-conceito e a personalidade. As mudanças hormonais afectam o humor, levando às variações tão comuns nesta fase. A busca da identidade ocorre de diversas maneiras: pelo desenvolvimento dos próprios valores, pelo orgulho em realizações, pelos relacionamentos íntimos com amigos, pelos relacionamentos com o sexo oposto. Aproximemo-nos mais dos objectivos do presente estudo e conheçamos, no próximo capítulo, as principais mudanças, identificadas na literatura, que caracterizam a vida social no período da adolescência, nomeadamente no que concerne à relação com os pais e com os pares.

## *CAPÍTULO II*

---

# **DESENVOLVIMENTO SOCIAL NA ADOLESCÊNCIA: PAPEL DAS RELAÇÕES PRÓXIMAS NO AJUSTAMENTO DOS JOVENS ADOLESCENTES**

## ***CAPÍTULO II***

---

### **DESENVOLVIMENTO SOCIAL NA ADOLESCÊNCIA:**

#### **PAPEL DAS RELAÇÕES PRÓXIMAS NO AJUSTAMENTO DOS JOVENS ADOLESCENTES**

Na adolescência, as modificações que se operam nos processos de socialização envolvem novas tarefas, pois a maioria dos padrões de comportamento social aprendidos durante a infância não se adapta ao tipo de relações e comportamentos sociais agora em questão: relações interpessoais mais autônomas e menos dependentes dos pais ou de outros adultos, desenvolvimento de atitudes e comportamentos socialmente mais responsáveis e adaptados, e estabelecimento de relações mais maduras com os pares de ambos os sexos. Neste capítulo, abordaremos o papel das relações com os pais durante este período vital, assim como a importância do desenvolvimento das relações com os pares, particularmente com os melhores amigos e namorados.

Os modelos ecológicos de desenvolvimento defendem que a criança e o jovem se inserem em múltiplos contextos que se intersectam e influenciam mutuamente (pares, família, escola, comunidade). Estes diferentes sistemas moldam a evolução do desenvolvimento adolescente (Bronfenbrenner, 1979; Cicchetti & Toth, 1997). Desta forma, a criança/adolescente não pode ser analisada isoladamente mas integrada numa rede de sistemas interactivos. Esta estrutura sugere que as percepções que os adolescentes desenvolvem das suas relações de amizade (e de namoro) são influenciadas por sistemas dinâmicos de natureza individual (e.g. a auto-estima) e contextual (e.g. família e escola).

Nas últimas décadas, assistimos a um aumento da literatura dedicada à compreensão do modo como estes diferentes contextos influenciam o desenvolvimento (Brooks-Gunn, Duncan, Klebanov, & Sealand; Burton, Allison, & Obeidallah, *cit. in* Smetana, Campione-Barr, & Metzger, 2006). Todavia, a revisão bibliográfica revela que os estudos raramente recorrem a perspectivas sistémicas para compreender a influência de variáveis de nível individual e contextual no bem-estar dos adolescentes e jovens adultos. Porém, aqueles que, excepcionalmente, abordaram perspectivas multi-

contextuais revelam resultados interessantes e promissores. Num estudo recente realizado com crianças portuguesas em idade escolar, Pereira (2007) evidenciou que a qualidade das experiências com os progenitores é preditora do apoio social percebido em diferentes contextos (pais, irmãos, amigos, familiares, professores).

Neste trabalho, procurámos compreender o desenvolvimento adolescente, centrando-nos em três níveis: individual (já mencionado no capítulo anterior), familiar e social (relações de amizade e de namoro). Nas últimas décadas, a investigação relacionada com a adolescência tem vindo a focar-se menos em aspectos individuais (físicos, cognitivos e emocionais) e mais na análise do desenvolvimento dentro de determinados contextos sociais (Gecas & Seff, 1990), incluindo o familiar. A temática das relações dos adolescentes com os pais continua, assim, a ser a área que maior interesse desperta aos investigadores.

## **1. O ADOLESCENTE COM OS PAIS**

Apesar da persistência da percepção na sociedade (e em algumas perspectivas teóricas) de que a adolescência é um período conturbado, marcado por alterações de humor, rebeldia, desobediência e situações geradoras de *stress* (Smetana, Campione-Barr, & Metzger, 2006), os estudos realizados nos últimos 30 anos revelam que o afastamento excessivo em relação aos pais, a rejeição completa dos valores dos adultos ou da autoridade e a rebeldia representam excepções (5 a 15 % dos casos) e não a norma vigente (Collins & Laursen, 2004). Independentemente das perspectivas tomadas, parece unânime que a adolescência é, acima de tudo, caracterizada por transformações importantes ao nível da relação pais-filhos, patente no facto dos pais a considerarem a fase mais desafiante e difícil com que têm de lidar (Steinberg, 2002, Buchanan, Eccles, Flanagan, Feldlaufer & Harold, 1990). Em consequência, iniciámos este capítulo com o objectivo de compreender o papel que a família e a relação com os pais, em particular, detêm neste período do ciclo de vida.

Na adolescência, o jovem começa, progressivamente, a despender mais tempo com os pares e menos com a família. Apesar desta tendência, o adolescente continua a recorrer às figuras parentais na procura de valores e de uma “base segura” a partir da qual possa partir para novos rumos no seu desenvolvimento (Laursen, *cit. in* Laursen & Jensen-Campbell, 1999). Deste modo, à medida que o jovem entra na adolescência, a importância da família não diminui, desempenhando mesmo um papel fundamental em

aspectos desenvolvimentais como a formação da identidade (Harter, *cit. in* Harter, 1999), a aquisição de autonomia (Noack, Kerr, & Olah, 1999; Steinberg, 2001) e o ajustamento psicológico (e.g., afecta a negociação de tarefas, associa-se a problemas comportamentais e à capacidade de estabelecer relações próximas).

Embora os adolescentes possam desafiar a autoridade dos pais com alguma regularidade, as emoções que acompanham essa transição geralmente não levam a conflitos familiares de elevadas proporções ou a um drástico rompimento com os padrões familiares e sociais (Arnett, 2000). Na verdade, a maior parte dos jovens percebe-se como próxima dos pais, por quem tem sentimentos positivos e com quem partilha opiniões relativamente a temas importantes de vida (Offer, Ostrov, Howard, & Donan, 1989).

### **1.1. A TEORIA DA VINCULAÇÃO COMO “LENTE”**

Situando-se o presente trabalho no âmbito das relações pais-adolescentes, considerámos que a teoria da vinculação, explicativa da formação e desenvolvimento da personalidade no contexto de relações significativas, constituiria um quadro conceptual adequado para a compreensão do modo como aquele tipo de relação influencia e é influenciado e pelo modo como o jovem se sente em relação a si próprio e como estabelece laços emocionais com as figuras mais importantes da sua vida.

A teoria da vinculação consiste num vasto campo de estudo e investigação. Como tal, devido à necessidade de simplificar e resumir os aspectos mais relevantes desta área, descreveremos os principais contributos do seu criador (John Bowlby), os avanços realizados por Ainsworth, o conceito de modelo interno dinâmico, a perspectiva de Hazan e Shaver, o modelo de Bartholomew e, por fim, as implicações do conceito noutras variáveis e áreas de estudo.

#### **1.1.1. Contributos teóricos de Bowlby: Teoria da Vinculação**

A teoria da Vinculação foi formulada por John Bowlby, conjuntamente com Mary Ainsworth, a partir do seu trabalho com crianças hospitalizadas ou institucionalizadas que haviam sido separadas dos pais. Nas suas pesquisas, foram identificadas três fases de resposta à separação nestas crianças: a) Protesto (relacionado com ansiedade de

separação), desespero (relacionada com luto e com dor) e desvinculação (relacionada com processos defensivos) (Costa, *cit. in* Matos & Costa, 2006). Na construção da sua teoria, o autor inspirou-se em várias fontes de conhecimento, como a Psicanálise, a Etologia, a Cibernética e a Psicologia Cognitiva. A partir das suas observações, Bowlby teorizou que as experiências interpessoais da criança são fundamentais para o seu desenvolvimento psicológico posterior, ideia em que se baseou para escrever a trilogia *Attachment and Loss* (1969).

Os autores da teoria da vinculação descrevem o conceito de *vinculação* como um laço de natureza afectiva que une duas pessoas e que perdura no tempo (Ainsworth, 1989). Bowlby postulou que certos *comportamentos de vinculação*, como chorar e procurar, representam respostas adaptativas à separação de uma figura de vinculação primária, isto é, alguém que fornece suporte, protecção e cuidado, habitualmente a mãe. Tal como os restantes mamíferos, os bebés humanos não conseguem alimentar-se ou proteger-se sozinhos, dependendo de alguém mais velho e mais capaz. Consequentemente, ao longo da história evolutiva, as crianças que mantinham proximidade à figura de vinculação (i.e., expressando comportamentos de vinculação) teriam maiores probabilidades de sobreviver até à idade reprodutiva.

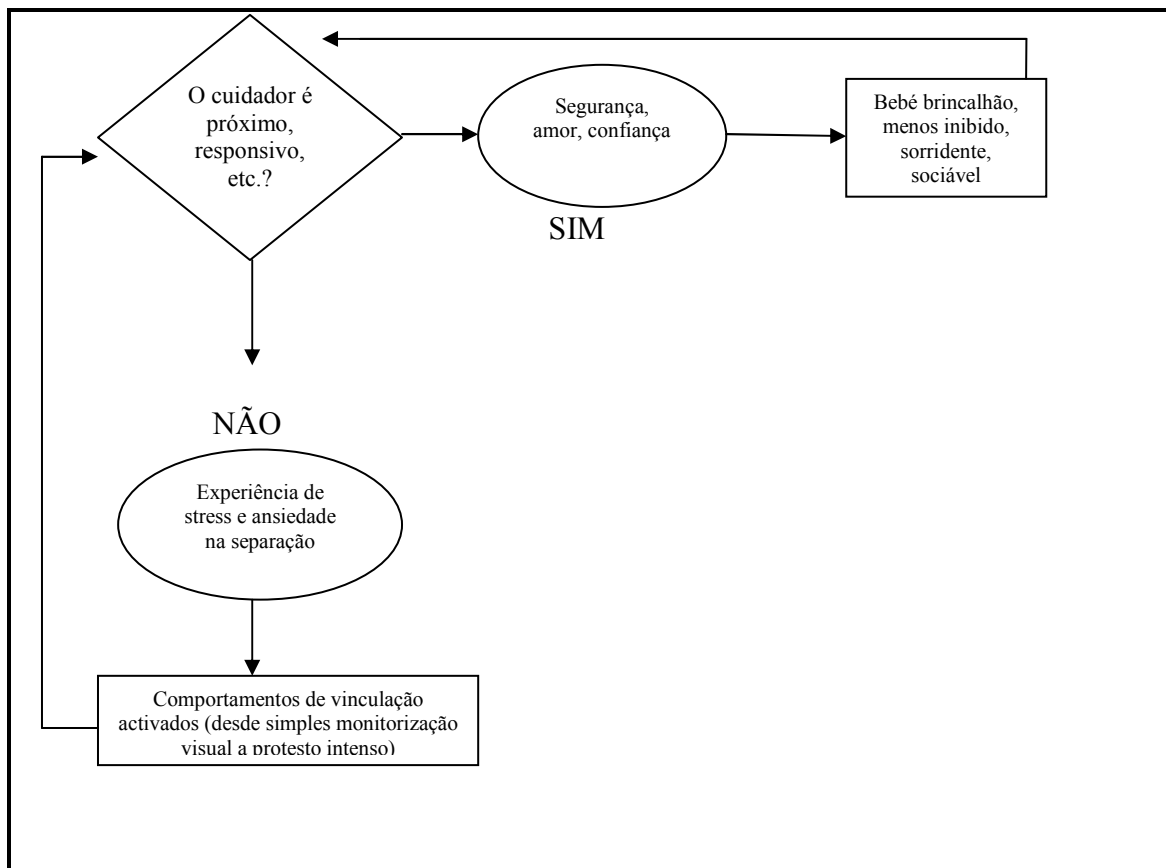
Segundo Bowlby, a percepção de responsividade e disponibilidade emocional no cuidador, consistentes com as necessidades da criança, permitiriam a construção de laços de vinculação e a adopção de comportamentos de exploração e de competência social. O protesto de separação e a procura de proximidade revelariam, assim, a qualidade da vinculação desde que ajustados ao contexto (Stroufe & Waters, 1977). Como defende Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978), a vinculação seria então uma construção organizacional que integra comportamentos geneticamente determinados (e.g. chorar, sorrir, agarrar) que promovem a proximidade e o contacto com as figuras mais próximas e significativas. Deste modo, a criança procuraria manter e garantir a proximidade, o conforto, a protecção e os sentimentos de segurança por parte destas figuras, particularmente em situações de *stress* (i.e., situações de natureza física ou subjectiva que provocam desorganização cognitiva ou psicológica).

Assim, dizemos que temos uma *figura de vinculação* quando existe uma relação com uma pessoa específica e discriminada, percebida como fonte de segurança que permite ao indivíduo explorar o mundo ao seu redor (Ainsworth, 1994). Este aspecto

permite distinguir as relações de vinculação das relações afectivas onde esta noção pode não estar presente. Os sentimentos desenvolvidos pela figura de vinculação permanecem mesmo que estas não estejam presentes ou que ajam de modo negativo perante a criança (Weiss & Swarz, 1996). Segundo Bowlby (1988), a criança estabelece um laço afectivo e preferencial com a figura de vinculação (na maior parte dos casos a mãe), o que não significa que não reconheça outras pessoas como figuras de vinculação (e.g. pai). Esta configuração definiria uma hierarquia de figuras de vinculação (Feeney & Noller, 1996).

Como já mencionámos, um dos aspectos basilares desta teoria consiste na ideia de que os sujeitos possuem um *sistema comportamental de vinculação*. Este sistema funciona como mecanismo motivacional e de controlo que se auto-regula, organiza e orienta os comportamentos para atingir objectivos estabelecidos com valor de sobrevivência e de adaptação em termos evolutivos, focalizados e dirigidos a uma figura de vinculação primária (Bowlby, 1982). Este sistema “desenhado” pela selecção natural, procuraria assim regular a proximidade à figura de vinculação.

O sistema de comportamentos de vinculação promove uma ligação conceptual entre os modelos etológicos do desenvolvimento humano e as teorias modernas da regulação de emoção e da personalidade. De acordo com Bowlby (1980), o sistema de vinculação fomenta a percepção de que se é amado e se está seguro, confiante e preparado comportamentalmente para explorar o ambiente e socializar com as pessoas à nossa volta. Porém, se a criança não sente que as suas necessidades são satisfeitas, experiencia ansiedade e expressa comportamentos de vinculação de procura (ver Figura 4). Estes comportamentos continuam até que a criança seja capaz de restabelecer um nível desejável de proximidade física e psicológica à figura de vinculação, ou até que a criança “desista”, como acontece em muitos contextos de separação prolongada ou perda. Nalguns casos, Bowlby acreditava que a criança experienciava desespero e depressão (Fraley, 2004).



**Figura 4:** Sistema de vinculação no bebé (adaptado de Fraley & Shaver, cit. in Fraley, 2004)

As crianças aprendem cedo quais que acções e apelos que permitem obter uma resposta. Estas interacções e aprendizagens interpessoais de procura e resposta desenvolvem-se ao longo da vida, guiando as respostas dos indivíduos nas situações emocionalmente stressantes e funcionando como uma regulação de afectos (Kobak & Sceery, 1988). Quando a criança procura a figura de vinculação e esta é sensível e responsiva, a criança sente-se segura e desenvolve estratégias primárias para lidar com a manutenção da sua insegurança. Porém, se a criança experiencia inconsistência ou mesmo rejeição na disponibilidade e responsividade prestadas, poderá tornar-se ansiosa e preocupada com as relações (e.g. com medo de ser abandonada) ou até tentar evitar esse tipo de relações (Main, 1990).

### 1.1.2. Contributos empíricos de Ainsworth

Ainsworth mostrou que a necessidade de vinculação interage com o contexto e com os prestadores de cuidados, influenciando a personalidade dos indivíduos (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978). O estudo de Mary Ainsworth (cit. in

Barbosa, 2001) sobre a vinculação investigou factores determinantes da proximidade-intimidade expressa no comportamento de interacção de crianças com suas mães. Após a publicação do seu estudo, realizado no Uganda, houve uma grande colaboração intelectual entre Ainsworth e Bowlby. Assim, os trabalhos de Ainsworth (1978; 1985) sobre o desenvolvimento sócio-emocional durante os primeiros anos de vida evidenciaram que o modelo de vinculação que um indivíduo desenvolve durante a primeira infância é profundamente influenciado não só pela forma como os cuidadores primários (pais ou pessoas substitutas) o tratam, como também por factores temperamentais e genéticos.

Apesar dos princípios defendidos já mencionados por Bowlby, o autor teve consciência que existem diferenças individuais na forma como as crianças percepcionavam a disponibilidade das figuras de vinculação e como regulavam os seus comportamentos de vinculação em resposta a ameaças. Porém, foi Ainsworth que iniciou o estudo sistemático da separação mãe-criança de modo a alcançar uma compreensão formal da forma como estas diferenças se articulavam com o comportamento parental.

Ainsworth e os seus alunos começaram por estudar 26 pares de mãe e filhos através de observação nas suas casas durante o primeiro ano de vida dos bebés e, posteriormente, desenvolveram uma técnica que denominaram de *Situação Estranha* – um paradigma laboratorial para o estudo da vinculação criança-cuidador. Na situação estranha, as crianças de 12 meses e os seus pais são sistematicamente separadas e reunidas no laboratório. Esta abordagem experimental, permitiu não só analisar as estratégias da criança para regular a proximidade com a figura de vinculação, como também, a sensibilidade desta no desenvolvimento de padrões de vinculação (Jongenelen, 2003). Como referem Cicchetti, Toth e Lynch (1995), a maior parte das crianças (i.e., cerca de 70%) comportava-se de acordo com o defendido por Bowlby na sua teoria. Verificou-se que tais crianças procuravam explorar o ambiente, sentindo-se seguras por o cuidador estar presente e ficavam irrequietas e aborrecidas quando este saía da sala. Quando ele voltava, procuravam activamente o seu cuidador e sentiam-se facilmente confortadas por ele, iniciando facilmente a interacção. As crianças que exibiam este padrão de comportamentos foram codificadas com o padrão *Seguro*. Este padrão caracteriza-se, então, por apresentar valores mais baixos de ansiedade e

evitamento à separação, sendo acalmadas quando o cuidador regressa (Ainsworth, 1982).

Um segundo padrão encontrado, correspondente a 10% das crianças avaliadas, denomina-se *Ansioso-Ambivalente* e caracteriza-se pela presença de níveis elevados de ansiedade e baixos de evitamento. Nestes casos, as crianças exploram inicialmente o ambiente de modo dependente e com dificuldade em afastar-se do cuidador. Após a separação, demonstram mal-estar extremo e mostram dificuldade em restabelecer a interação quando reunida novamente com o cuidador (por vezes, apresentam comportamentos conflituosos, manifestando vontade de estar com ele mas igualmente desejo de os punir por se terem afastado).

O terceiro padrão encontrado foi denominado *Inseguro-Evitante* e corresponde a 20% dos casos em análise pela investigadora e sua equipa. Este padrão caracteriza-se por reduzidos níveis de ansiedade, isto é, as crianças aparentam autonomia e não se mostram perturbadas quando separadas do cuidador e níveis elevados de evitamento nos momentos de reunião, voltando muitas vezes a brincar com os objectos espalhados pelo chão do laboratório (Ainsworth, 1982).

Desta investigação, salientamos a noção de “base segura” que caracteriza a figura que faz a ligação entre o sistema de vinculação e o de exploração (Ainsworth *et al.*, 1978). Dada a necessidade natural da criança explorar o seu meio circundante e a sua curiosidade pela novidade e na ausência de situações de perigo, a criança vai passando menos tempo junto da mãe a nível físico. Porém, se identificar uma situação de alarme volta imediatamente para junto dela. Esta resposta também aparece documentada na literatura sobre primatas (e.g. chimpanzés e gorilas) que também se vão afastando da mãe mas acabam sempre por retornar para junto desta (Barbosa, 2001). Assim, apesar de crianças quererem aprender e observar o mundo que as rodeia, procuram ter a certeza que a sua “base” está segura e próxima física ou psicologicamente, enquanto se afastam para explorar o ambiente. Percepcionar a presença da base segura faz com que os indivíduos se sintam confiantes, sejam mais sociáveis e tenham menos medo de figuras estranhas (Feeney & Collins, 2003).

O trabalho de Ainsworth revelou-se de crucial importância por várias razões. Primeiro, demonstrou empiricamente o modo como o comportamento de vinculação é

ativado por contextos quer seguros quer de *stress*. Por outro lado, promoveu a primeira taxonomia de diferenças individuais formulando os padrões de vinculação das crianças. Por último, a investigadora demonstrou que estas diferenças individuais estavam correlacionadas com as interações entre pais e crianças no primeiro ano de vida. As crianças que aparentavam ser seguras na situação estranha, por exemplo, tendiam a ter pais responsivos às suas necessidades. As crianças inseguras (ou seja, ansiosas-ambivalentes ou evitantes) têm pais habitualmente insensivos às suas necessidades ou inconsistentes ou ainda rejeitantes no cuidado prestado.

Paralela e complementarmente aos trabalhos de Ainsworth, Main e Solomon (1986, 1990) procuraram ainda categorizar os padrões atípicos de comportamento desorganizados a que deram o nome de padrão *Desorganizado*. Como constatado, estas crianças apresentam índices elevados de ansiedade e evitamento, sendo considerado o mais disfuncional dos padrões. Segundo Crittenden (1985), estas crianças provinham de famílias que maltratavam os filhos psicologicamente. Um outro contributo central, desta feita com a colaboração de Kaplan, Main e George (1985), consistiu no desenvolvimento da *Adult Attachment Interview* – um método retrospectivo de identificação dos padrões de organização mental da vinculação em adultos paralelos à situação estranha apresentada a crianças que avalia experiências de vinculação descritas da infância e do seu funcionamento adulto e, eventualmente, enquanto pai (Canavarro, 1999).

### **1.1.3. Modelos internos dinâmicos**

O conceito de modelos internos dinâmicos constitui um dos princípios basilares da teoria da vinculação de Bowlby, embora tenha levantado muitas questões nomeadamente no que concerne à sua estabilidade e mudança. A partir dos anos 80, o autor começa a focar-se progressivamente na importância da representação e comunicação na vinculação (Bretherton, *cit. in* Bretherton & Munholland, 1999) com base nos trabalhos de natureza mais cognitivista de Craig (*cit. in* Bretherton e Munholland, 1999) de Young (1964) sobre as estruturas mentais que conservam os fenómenos do mundo real.

O autor salientou a importância da influência da qualidade da comunicação emocional entre mãe e filho e como esta influência o resto da vida do indivíduo. Esta

consciência ao longo do primeiro ano de vida toma a forma de uma representação interna da proximidade, isto é, de estruturas mentais da visão do seu *self* como competente e passível de ser amado e expectativas de disponibilidade e confiança das pessoas significativas que constituem o mundo social da criança (Bowlby, 1973). Deste modo, Bowlby (1973) descreveu o conceito de *modelo interno dinâmico* como uma representação mental consciente e não consciente do mundo, dos outros e de si próprios, com vista a compreender a realidade que nos rodeia, planificar e prever o futuro. O autor distinguiu dois componentes do conceito: modelos internos sobre o próprio (*self* – alvo da responsividade dos outros) e sobre os outros (a figura que está mais ou menos disponível para prestar apoio e protecção).

De acordo com Main, Kaplan & Cassidy (1985), estes modelos desenvolver-se-iam a partir de experiências do seu mundo interpessoal, formando assim uma estrutura interna do *self*, constituída por esquemas mentais de natureza cognitiva, afectiva e motivacional (Berman & Sperling, 1994; Collins, 1996; Kobak & Sceery, 1988). A formação destas representações advém não só do tipo de relação estabelecida com as figuras primárias de vinculação, mas também com todas as pessoas com quem se vai cruzando ao longo do desenvolvimento, ainda que em menor grau (Hazan & Shaver, 1994). A qualidade das interacções da criança com estas figuras resulta em modelos internos de representação que irão, deste modo, organizar as cognições (e.g. crenças, expectativas, regras de conduta, atenção, interpretação da informação, organização na memória), os afectos e os comportamentos em situações de interacção subsequentes (Collins, 1996).

Uma característica fundamental destes modelos é a sua estabilidade e tendência para se perpetuarem no tempo quer através do processamento de informação auto-confirmatória, quer da integração dos indivíduos em ciclos interpessoais que reforçam e mantêm as representações sobre si e sobre os outros (Collins & Read, 1990) com a devida integração na história e transformações ocorridas ao longo do ciclo de vida (daí dizerem-se dinâmicos) (Fogel, 2000). Isto significa que as mudanças ambientais poderão fornecer experiências interpessoais quer confirmatórias quer desconfirmatórias em relação às representações formadas a partir das relações afectivas primárias. A complexificação dos modelos internos dinâmicos (“*working models*”) acontece ao longo do desenvolvimento e numa variedade de relações dentro e fora da família

proporcionando novas oportunidades para aprender mais acerca de si próprio e da natureza das relações íntimas (Collins & Read, 1990).

#### **1.1.4. A abordagem de Hazan e Shaver**

Embora Bowlby se tenha focado primariamente na compreensão da natureza da relação pais-filhos, ele acreditava que a vinculação caracterizava a experiência humana durante todo o ciclo de vida ("*from the cradle to the grave*"). Porém, foi a meio da década de 80 que alguns investigadores começaram a investir no estudo dos processos de vinculação implicados na idade adulta. Uma linha de investigação paralela à de Ainsworth, inspirada na psicologia social, foi desenvolvida por Hazan e Shaver (1987) e tem-se dedicado às *relações amorosas*, conceptualizando-as como relações de vinculação entre adultos. Segundo os autores, o laço emocional que se desenvolve entre dois parceiros românticos é, em parte, uma função do mesmo sistema motivacional – o *sistema comportamental de vinculação* – que dá origem à ligação emocional entre as crianças e os seus cuidadores. Hazan e Shaver (1987) notaram que os parceiros românticos também se sentiam seguros quando o outro estava próximo e era responsivo; tinham contacto corporal, íntimo e próximo; se sentiam desconfortáveis quando o outro estava inacessível; partilhavam descobertas um com o outro; brincavam com as expressões faciais e exibiam fascinação mútua; preocupavam-se um com o outro; comunicavam muitas vezes “à bebé”; entre outros aspectos. Com base nestes paralelismos, argumentaram que as relações amorosas na idade adulta, tal como as estabelecidas na infância com o cuidador, são relações de vinculação e que o amor romântico constitui um componente do sistema comportamental de vinculação, tal como um sistema motivacional que leva à partilha de carinho, apoio e sexualidade (Fraley, 2004).

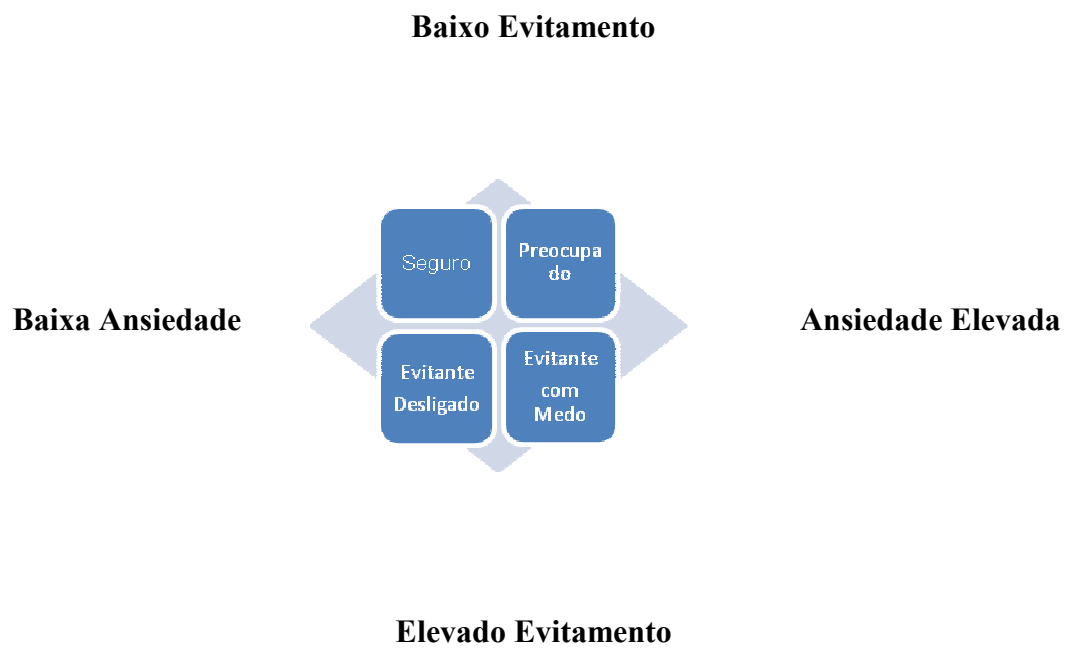
Os primeiros estudos sobre vinculação nos adultos envolviam estudar a associação entre diferenças individuais na vinculação e a forma como as pessoas pensam acerca das suas relações e as suas memórias com os seus pais. Hazan e Shaver (1987) desenvolveram um *questionário* para medir estas diferenças individuais, frequentemente denominadas de *estilos de vinculação*, padrões de vinculação ou diferenças na organização do sistema de vinculação. Os autores formularam três itens baseados na

tipologia da vinculação de Ainsworth e pediam aos indivíduos para assinalar com quais se identificavam mais (padrão seguro, ansioso-ambivalente e inseguro-evitante). Com base nesta medida de três categorias, Hazan e Shaver perceberam que a distribuição das categorias era semelhante à observada em crianças. Cerca de 60% classificaram-se como seguros, 20% como ansiosos e 20% como evitantes. A análise factorial dos resultados revelou a existência de três dimensões principais: 1. Conforto com a proximidade, 2. Preocupação com falta de proximidade, e 3. Desconforto com a proximidade.

Collins e Read (1990) apontaram críticas a este modelo baseados no argumento de que se tratava de um instrumento categorial, no qual o indivíduo teria de escolher uma das três descrições existentes sem que fosse avaliado o grau de identificação com a mesma, nem o facto de poder seleccionar aspectos contidos nas outras opções, o que o obrigava a cingir-se a um só padrão.

Embora esta medida sirva como um modo útil de estudar a associação entre estilos de vinculação e funcionamento interpessoal, também não permite testar a hipótese da continuidade das diferenças individuais da criança e do adulto. Investigações posteriores confirmaram esta hipótese de várias formas. Por exemplo, Kelly Brennan e colaboradores recolheram um conjunto de declarações (e.g. "*Eu acredito que os outros estarão a meu lado quando necessitar*") e analisaram a forma como se relacionavam estatisticamente (Brennan, Clark, & Shaver, 1998).

Os resultados de Brennan sugerem que existem duas *dimensões* fundamentais relativamente aos padrões de vinculação no adulto (Figura 5). As pessoas que cotavam alto na vinculação ansiosa tendem a preocupar-se com a disponibilidade, responsividade, atenção, etc. As pessoas que cotavam baixo nesta variável eram mais seguras ao nível da percepção de responsividade dos parceiros. As pessoas com elevados resultados nesta dimensão preferem não confiar nos outros ou abrir-se com eles, caracterizando-se por possuírem um padrão de evitamento. As pessoas que se encontram no outro extremo desta dimensão sentem-se mais confortáveis com a intimidade com os outros e são mais seguros quando têm de depender de outros ou alguém depende deles. Um adulto prototipicamente seguro apresenta resultados baixos em ambas as dimensões.



**Figura 5.** Modelo bidimensional da vinculação ao adulto (Brennan, Clark, & Shaver, 1998)

### 1.1.5. O modelo alternativo de Bartholomew

Com base nos modelos internos do *self* e dos outros descritos por Bowlby (1973) e seguindo a linha de investigação de Hazan e Shaver (1987), Bartholomew (1990) cruzou estes modelos e propôs um quarto estilo. Deste modo, formulou uma *estrutura bidimensional* com base nos modelos do *self* e do outro, constituída por quatro estilos de vinculação: seguro, preocupado, desinvestido/evitante desligado e amedrontado/evitante com medo (Figura 6). Tendo notado a falta de consenso dos autores em relação ao padrão evitante e sua caracterização, a autora propôs assim a diferenciação do padrão evitante em dois estilos (amedrontado e desinvestido).

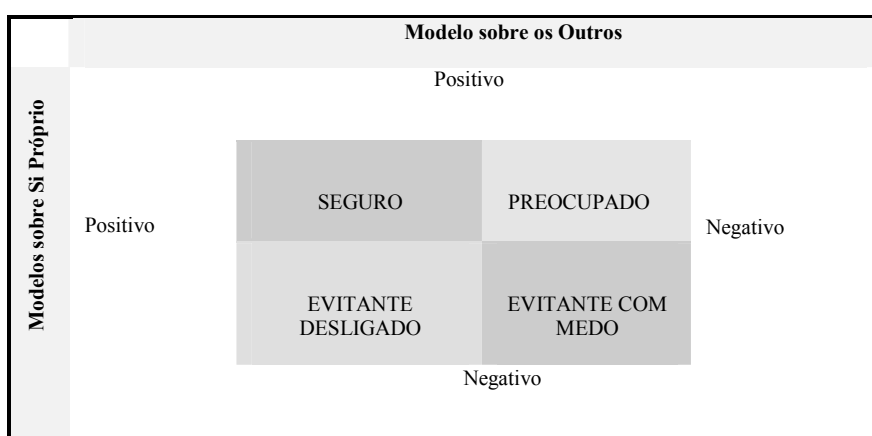


Figura 6: Modelo de vinculação ao adulto de Bartholomew (1990).

Bartholomew (1990) descreveu estes padrões de regulação emocional e interpessoal da seguinte forma: (a) *Seguro* – O indivíduo tem uma percepção de si próprio como merecedor de cuidados por parte dos outros, valoriza as relações íntimas e é capaz de manter proximidade sem que perca autonomia, percebendo os outros como disponíveis e confiáveis; (b) *Preocupado* – O indivíduo envolve-se excessivamente nas relações, insegurança pessoal, percepção de que não é merecedor do cuidado dos outros, idealizando-os; (c) *Evitante com medo* – O indivíduo percebe-se como não merecedor de cuidados pelos outros, sente-se desconfortável com a proximidade por medo de ser rejeitado, é inseguro e receia confiar nos outros ou ter de depender deles; e (d) *Evitante desligado* – O indivíduo desligado considera-se merecedor de cuidados pelos outros, desvaloriza a importância das relações íntimas, é capaz de manter relações de proximidade mantendo a sua autonomia, sente que os outros não são completamente confiáveis.

Para avaliar esta taxonomia, Bartholomew e Horowitz (1991) criaram uma medida (*Experiences in Close Relationships*) com duas escalas (Evitamento e Preocupação). Os resultados mostram uma elevada correlação com a tipologia de Hazan e Shaver (1987). Porém, este instrumento e modelo subjacente possuem algumas limitações. Por um lado, há falta de estudos que comprovem haver correspondência entre estes padrões e as suas origens na infância (Canavarro, 1999). Por outro lado, Lopez (2000) salienta o facto de esta tipologia não permitir identificar as distorções cognitivas que compõem estas crenças sobre si e sobre os outros (e.g. a magnificação ou minimização do valor de si ou dos outros).

#### **1.1.6. Implicações do estilo de vinculação para outras variáveis e áreas de estudo**

Um pouco por todo o mundo, a teoria da vinculação é tida como uma das teorias mais viáveis e promissoras do desenvolvimento social e da personalidade, servindo de base a observações directas e a análises científicas de dados recolhidos, formando uma dinâmica entre a teoria e a investigação (Collins, 1996).

A teoria da vinculação integra “*insights*” e pressupostos de vários domínios científicos (psicanalítico, etológico, sistémico, da aprendizagem social, cognitivo ou do desenvolvimento), formando uma unidade consistente que explica, directa e significativamente, as relações de intimidade que se estabelecem desde a infância até à idade adulta (Bowlby, 1989; Bretherton, 1992). Bowlby procurou alternativas às teorias vigentes que pudessem ser confirmadas cientificamente, para se defender dos reducionismos teóricos, dando ênfase aos mecanismos de adaptação ao mundo real, assim como às competências humanas e à acção do indivíduo em seu ambiente (Waters, Hamilton & Weinfield, 2000).

Cortina e Marrone (2003) consideram que a teoria da vinculação organiza o comportamento em termos de um sistema motivacional e que as ideias de Bowlby representaram o ponto de partida para o desenvolvimento de uma nova teoria da motivação humana, que integra aspectos da biologia moderna e inclui afecto, cognição, sistemas de controlo e de memória, além dos aspectos envolvidos no desenvolvimento, sustentação e provimento dos laços de apego. Essa consideração baseia-se no facto de

esta perspectiva teórica organizar o comportamento em termos de um sistema motivacional. Além disso, o movimento individual de uma pessoa em direção a múltiplas outras converge para que a teoria também seja considerada uma teoria relacional sócio-psicológica das interações.

Cortina e Marrone (2003) salientam, ainda, que a teoria da vinculação contempla os processos normais de desenvolvimento e a psicopatologia humana, além de abordar os processos de informação para a compreensão dos mecanismos psicológicos utilizados na vivência de um trauma ou uma perda, ou, ainda, na experiência de negligência ou rejeição pelas figuras de apego. Assim, essa abordagem teórica oferece uma base para estudos sobre os afectos e as emoções dos seres humanos, proporcionando um suporte empírico coerente para a compreensão dos processos de desenvolvimento normal e patológico, ao integrar aspectos da biologia moderna como base dos seus estudos.

Para Crowell e Treboux (1995), as pesquisas sobre a teoria da vinculação têm vindo a expandir-se, incidindo, por exemplo, sobre: a relação entre as experiências de vinculação da infância e o comportamento parental; a transmissão inter-generacional dos padrões de vinculação; o impacto destas experiências da infância nos relacionamentos de adolescentes e adultos; o papel da vinculação entre adultos, tanto na parentalidade, como nas relações românticas e nos seus pensamentos, percepções e comportamentos; as relações de vinculação da infância e a sua continuidade na adolescência; a vinculação entre o bebé e seu cuidador; e analogias com as patologias e suas evoluções. Recentemente, investigações baseadas na teoria da vinculação estão a ser desenvolvidas com o intuito de identificar as experiências ocorridas durante o ciclo de vida que podem mudar o estilo de vinculação do indivíduo (Davila, Burge & Hamen, 1997).

Tendo o presente trabalho o propósito de abordar as relações de proximidade estabelecidas por parte de adolescentes e jovens adultos com os pais e pares significativos, a teoria da vinculação pareceu ser muito pertinente para explicar a possível influência que estas experiências relacionais têm na forma como os filhos se sentem com eles próprios e com os pares, uma vez que a perspectiva da vinculação procura compreender a formação e o desenvolvimento da personalidade, do *self* no contexto das relações significativas e afectivas.

### 1.1.7. Vinculação aos Pais na Adolescência

Como já mencionámos, vasto é o campo de estudo da vinculação. Não obstante, procurámos focar a revisão da literatura na nossa população-alvo: os adolescentes e jovens adultos. Como tal, procuraremos focar-nos na vinculação num contexto familiar e extra-familiar de relevo na vida dos jovens.

Embora a importância das relações de vinculação possa ser idêntica desde a infância até à velhice, a organização dos comportamentos de vinculação e a natureza das relações de vinculação mudam com a idade. A procura de protecção e segurança constitui um aspecto básico em todas as relações de vinculação ao longo da vida, mas as condições que activam o sistema de vinculação, os comportamentos usados e o nível de proximidade requerida sofrem modificações com a idade (Barbosa, 2001). A vinculação na infância tem sido tema de centenas de estudos, mas investigações mais recentes têm-se debruçado na vinculação na adolescência e no adulto. Na verdade, ao longo da trilogia de Bowlby são encontradas inúmeras referências à concepção da vinculação como um fenómeno presente em todo o desenvolvimento humano “*desde o berço até à sepultura*” (Bowlby, 1973, p. 256).

As relações interpessoais desempenham um papel fundamental no bem-estar (Youniss; Youniss & Smollar; O’Donnell; Blyth; Cauce, Felner, & Primavera; Raja, McGee, & Stanton, *cit. in* O’Koon, 1997). Segundo Youniss, as relações e interacções com os outros representam a forma como as pessoas desenvolvem as suas próprias opiniões e valores. As relações de vinculação, baseadas numa ligação intensa e duradoura, estão relacionadas com uma boa auto-estima (Cassidy, *cit. in* Cassidy & Vargas-Trujillo, 1999) e ajustamento emocional (Sroufe, Fox, & Pancake, 1983).

O contributo da vinculação para o ajustamento, inicialmente estudada por Bowlby (1982), tem sido aplicado à vinculação aos pais e aos pares durante a adolescência (Kahn & Antonucci, 1980). Greenberg e colaboradores (1983) examinaram o modo como a vinculação se associa ao bem-estar durante a adolescência, o que ficou patente no caso da relação com os pais e com os pares. Segundo os autores, a vinculação aos pais depende da proximidade e dos laços emocionais. Armsden e Greenberg (1987), através do desenvolvimento do *Inventory of Parent and Peer Attachment*, determinaram que relações fortes entre pais e adolescentes permitem a autonomia e independentização

dos jovens perante novas situações. Walker e Greene (1986) verificaram que a importância da vinculação aos pais para a auto-estima dos adolescentes se mantinha ao longo das diferentes fases da adolescência.

Uma das principais tarefas desenvolvimentais da adolescência consiste no aumento progressivo da autonomia, o que leva o jovem a depender cada vez menos do suporte parental e a estabelecer novas relações de vinculação com outros significativos (e.g. pares, companheiros amorosos) (Allen & Land, 1999; Collins, 1996; Gnoulati & Heine, 2001; Weiss, 1991). Apesar desta abertura da sua rede social, os estudos mostram que a importância da relação com os pais não diminui com a idade (Fralely & Davis, 1997), o que se manifesta, por exemplo, no facto de muitos lhes revelarem assuntos relativos aos seus novos relacionamentos (Bretherton & Munholland, 1999). De acordo com van Wel (1994), a qualidade da relação pais-adolescentes segue uma relação curvilínea com o aumento da distância nas primeiras fases deste período e o retorno da intimidade e proximidade à medida que a idade adulta se aproxima. No entanto, é importante perceber de que modo a vinculação na infância se associa à vinculação estabelecida nas fases seguintes do ciclo de vida.

As representações que o indivíduo desenvolve das suas figuras de vinculação são de natureza dinâmica, alterando-se perante novas situações e relações. Na adolescência, os estudos realizados neste âmbito parecem ser contraditórios. Enquanto alguns defendem a concordância e continuidade dos processos de vinculação nestas diferentes etapas (Benoit & Parker, 1994; van Ijzendoorn & Sagi, 1999; Mikulincer & Florian, 1995), outros não encontraram equivalências significativas a este nível (Weinfeld, 1996; Zimmermann & Dickerson, 1994). Bowlby e seus seguidores salientam que a vinculação contribui para a autonomia dos jovens de modo complementar e interdependente (Gnoulati & Heine, 2001; Youniss & Smollar, 1985) através de uma reestruturação das relações familiares e não de desvinculação dos filhos aos pais (Bowlby, 1982). Segundo Matos e Costa (*cit. in* Barbosa, 2001), este é um processo de redefinição de papéis.

Na adolescência, o jovem procura transferir as suas vinculações primárias para as relações amorosas, buscando um outro nível de autonomia que assente no suporte emocional (Allen & Land, 1999, Gnoulati & Heine, 2001; Weiss, 1991). Este facto não invalida que, à medida que a idade avança, os pais continuem a ser nomeados como

figuras importantes de vinculação (Bretherton & Munholland, 1999). Isabel Soares (1996) estudou os modelos internos em adolescentes portugueses de 16 e 17 anos e suas mães, confirmando parcialmente a continuidade intergeracional da vinculação.

A organização de vinculação do adolescente pode ser influenciada não só por aspectos desenvolvimentais, como também pelas circunstâncias ambientais ou demográficas (e.g. o estilo de vinculação ao par amoroso) (Le Poire, Haynes, & Dubes, 1994). O adolescente está centrado no seu processo de individuação, o que implica uma construção contínua entre separação e vinculação (Youniss & Smollar, 1985), baseada na continuidade e não numa ruptura (Allen & Land, 1999). Os estudos são unânimes ao demonstrar que uma relação emocional de suporte mantida com os pais, facilita este processo e permite uma base segura a partir da qual o jovem vai desenvolver sentimentos positivos acerca dele próprio e da capacidade de ser responsivo e independente (Lapsey, Rice, & Fitzgerald; Matos, Barbosa, Almeida, & Costa; Soares & Campos, *cit. in* Barbosa, 2001), podendo mesmo impulsionar e fomentar relações saudáveis com os pares e parceiros amorosas (Bretherton & Munholland, 1999).

A revisão da literatura nesta área evidencia, igualmente, que existem diferenças entre os adolescentes com padrão de vinculação segura mantida na relação com os pais e os que manifestam um padrão inseguro no que concerne a diversas variáveis individuais e interpessoais que influenciam as tarefas desenvolvimentais desta fase de vida (e.g. Allen & Land, 1999; Canavarro, 1999; Collins & Read, 1990).

Tendo por base o Modelo Circumplexo de Olson e colaboradores (Lapsey & Edgerton, 1998; Mikulincer & Florian, 1999; Pfaller, Kiselica & Gerstein, 1998), tem surgido também uma linha de investigação que evidencia a associação entre os estilos de vinculação seguros e indicadores de coesão, adaptabilidade e satisfação familiar. Os sujeitos inseguros (ansiosos-ambivalentes e evitantes) percebem a família como menos próxima emocionalmente, menos satisfatória e menos capaz de se adaptar às mudanças.

Em relação aos jovens inseguros, os seguros apresentam uma melhor auto-estima global (Collins & Read, 1990; Armsden & Greenberg, 1987; Franco & Levitt, 1998; Kenny & Hart, 1992), baixo neuroticismo e elevada extroversão (Shaver & Brennan, *cit. in* Collins & Steinberg, 2006), atribuições positivas e adequadas (Mikulincer, 1998), expectativas positivas em relação aos outros (Collins, *cit. in* Collins & Steinberg, 2006), confiança nos outros (Miller & Noiro, 1999), maior tolerância à ambiguidade e à incerteza (Mikulincer, 1997), flexibilidade de pensamento (Lopez & Brennan, 2000),

menores problemas de funcionamento psicossocial, nomeadamente a integração saudável das experiências passadas, aceitação social pelos pares e menores níveis de sintomas de internalização e delinquência (Allen, Moore, Kuperminc, & Bell, 1998), menor vulnerabilidade à crítica e depressão (Kobak, Sudler & gamble, 1991), bem-estar psicológico (Armsden & Greenberg, 1987; Canavarro, 1999; Kenny & Donalson, 1991), menor consumo de álcool, de comida e de recurso ao sexo para lidar com emoções negativas (Brennan & Shaver, 1995), maior abertura à comunicação emocional (Cassidy, *cit. in* Cassidy, Barrera, & Vargas-Trujillo, 1999), melhor adaptação na entrada no ensino superior (Armsden & Greenberg, 1987; Ozer, Barnett, Brennan, & Sperling, 1998; Kobak & Sceery, 1988), menores sentimentos de solidão, maior satisfação com a vida e capacidade de regulação emocional, maior capacidade de resolver conflitos familiares, Allen & Hauser, 1996; Kobak & Sceery, 1988), melhor avaliação da família de origem e sociabilidade (Bartholomew & Horowitz, 1991), coesão e adaptabilidade familiares (Kobak & Sceery, 1988; Pfaller, Gerstein & Kiselica, 1998), menores níveis de conflito e comunicação adaptativa (Mikulincer & Florian, 1999), níveis elevados de intimidade, emoções positivas e esforços de promoção da qualidade das interações sociais (Tidwell, Reis, & Shaver, 1996) e maior satisfação e investimento vocacionais (Gonçalves, *cit. in* Barbosa, 2001).

Os estudos têm também evidenciado a diferenciação na representação em função do género dos pais, o que remete para a necessidade de avaliar a relação com cada figura parental separadamente. Neste âmbito, parece também importante salientar que os estudos têm evidenciado uma concordância na forma como os jovens percebem a vinculação a ambos os pais. Num estudo de meta-análise (14 estudos), van Ijzendoorn e De Wolff (1997) examinaram a concordância entre as classificações da vinculação na infância aos pais e às mães. Os resultados mostraram que há um reduzido ajustamento na forma como as crianças classificavam a relação de segura ou insegura com os pais e as mães. Este dado parece reflectir a existência de diferenças nas suas representações de base sobre as relações com os cuidadores. Em consequência, são formuladas expectativas distintas ou regras relativamente à vinculação com o pai e com a mãe ou modelos internos dinâmicos (Main, Kaplan, & Cassidy, 1985) ou, mais recentemente, de *states of mind* (Main, 1999). Por sua vez, acredita-se que, à medida que a idade adulta se aproxima, estas representações distintas tendem a constituir uma visão única e global da vinculação (Bretherton, 1992; Main, 1999). Com a aquisição do pensamento formal, os adolescentes vão sendo capazes de reflectir e reenquadrar sobre as relações

que contribuem para a integração das representações sobre a vinculação. Este processo desenvolvimental de consolidação consiste um período crítico pois a “segurança” deixa de ser uma característica relacional para passar a existir como uma “estado da mente” internalizado (Furman & Simon, 2004). No caso de ter ocorrido este ajustamento, espera-se haver uma concordância nos estados da mente relativos ao pai e à mãe. Porém, não existem muitos estudos que aprofundem esta questão.

Por último, parece-nos importante sublinhar que, para além de uma vinculação segura e o fomento da autonomia na relação com os pais, outras variáveis desempenham um papel crucial no ajustamento psico-social do adolescente nesta fase do ciclo de vida. São exemplos: o desenvolvimento e a adaptação psicossocial do adolescente (Leondari & Kiosseoglou, 2000), o bem-estar psicológico (Kenny & Donaldson, 1991), a saúde mental (Canavarro, 1999), as competências sociais (Belsky & Fearon, 2004), a adaptação escolar e ao ensino superior, a relação com os pares (Dekovic & Meeus, 1997), o auto-conceito (Fontaine, Campos, & Musitu, 1992), a regulação de afectos (Kobak & Sceery, 1988), as opções profissionais (Gonçalves, *cit. in* Barbosa, 2001) e as estratégias de *coping* (Greenberger & McLaughlin, 1998).

## **1.2. PARENTALIDADE E ESTILOS EDUCATIVOS**

### **1.2.1. Conflitualidade: Será a adolescência semelhante a um ringue de boxe?**

A adolescência é um período de transformação e reorganização das relações familiares (Steinberg, 2001). Uma das alterações principais ocorridas no contexto familiar consiste na transição de uma autoridade unilateral, característica da infância, para uma autoridade mútua em que as adolescentes partilham com os pais processos de tomada de decisão e se esforçam para adquirir maior autonomia na determinação do seu próprio comportamento (Youniss & Smollar, 1985). Esta mudança e renegociação da autoridade e do controle, em simultâneo com as transformações biológicas, sociais, cognitivas e identitárias desta fase, contribuem para a alteração dos padrões de relação familiar e para o aumento da escalada de conflitualidade entre adolescentes e progenitores (Montemayor; Paikoff & Brooks-Gunn, *cit. in* Steinberg, 2001).

Grande parte dos conflitos nesta fase do ciclo de vida dá-se em torno do ritmo de desenvolvimento dos adolescentes, rumo à independência (Arnett, 2000). As discussões entre os adolescentes e os seus pais costumam concentrar-se em “*quanto*” e “*quando*”: o grau de liberdade que os adolescentes e os jovens devem ter para planear as suas próprias actividades ou quando irão ter determinados direitos (e.g., tirar a carta). A maior parte das questões foca *temas quotidianos* como as tarefas domésticas, os trabalhos de casa, o vestuário, o dinheiro, a hora de voltar para casa, os namoros e os amigos – mais do que de valores fundamentais (Barber, 1994). Porém, apesar da tão aclamada fase de “turbulência e stress” não ser universal ou inevitável, é importante reconhecer que esta tende a ser uma época com dificuldades associadas (Papalia, Olds, & Feldman, 2006) que não devem ser entendidas necessariamente como algo normal e necessário, uma vez que podemos estar erroneamente a acreditar que os jovens irão superá-las e a não conseguir reconhecer que precisam de ajuda ou de apoio especializado (Sampaio, 2004). Na verdade, alguns comportamentos ocorridos no contexto familiar e extra-familiar devem ser alvo de atenção, tais como: conflitos familiares recorrentes, oscilações bruscas de humor, comportamentos de risco (e.g., consumo de drogas, sexo sem protecção, condução perigosa) ou depressão (Larson & Lampman-Petratis, 1989).

Os conflitos familiares são mais frequentes no início da adolescência, mais intensos na fase intermédia da adolescência e, progressivamente, menos relevantes no período final da mesma (Laursen, Coy, & Collins, *cit. in* Laursen & Jensen-Campbell, 1999). A frequência de discussões na adolescência poderá ser atribuída, principalmente, às tensões da puberdade e à necessidade de afirmação da sua autonomia. A diminuição gradativa deste tipo de discussões na fase tardia da adolescência pode reflectir a capacidade de adaptação do jovem às mudanças que este período acarreta e uma renegociação do equilíbrio de poder entre os pais e filhos (Papalia, Olds, & Feldman, 2006). Alguns autores (e.g. Molina & Chassin, 1996) são menos optimistas e atribuem esta redução da conflituosidade ao facto dos jovens simplesmente passarem menos tempo junto dos pais.

Relativamente ao *género dos progenitores*, a literatura revela que, em diversas culturas, o maior número de conflitos surge com a figura materna (e.g. Greenberg & Chen, 1996; Steinberg, 2001), o que poderá dever-se ao maior envolvimento que tendem a ter com os filhos, assim como a uma maior dificuldade em aceitar o processo de autonomia (Papalia, Olds, & Feldman, 2006).

A quantidade de conflitos e problemas intergeracionais parece estar associada, sobretudo, à personalidade dos adolescentes e ao modo como os pais lidam com eles. Por exemplo, enquanto numa família as discórdias tendem a ser esquecidas, noutras elas transformam-se em confrontos mais acentuados. As desavenças são mais prováveis se os pais identificarem aspectos negativos na personalidade dos filhos (e.g. irritação fácil, maldade, ansiedade), se os filhos apresentarem problemas de comportamento antecedentes e se os pais recorrem a práticas de disciplina baseadas na coerção, hostilidade ou crítica (Barber, 1994; Rueter & Conger, 1995).

No que concerne à *estrutura familiar*, a literatura mostra que os motivos de conflitos são semelhantes em famílias de pais casados e divorciados (Smetana, Yau, Restrepo & Braeges, *cit. in Smetana et al.*, 2006) de diversos grupos étnicos. No entanto, parecem existir *diferenças culturais e étnicas* a este nível. Os pais dos adolescentes caucasianos referem maior conflitualidade com os filhos em comparação aos pais hispânicos, negros ou asiáticos<sup>27</sup> (Yau & Smetana, *cit. in Smetana et al.*, 2006), o que tem sido atribuído, por exemplo, ao papel das elevadas expectativas dos primeiros relativamente ao comportamento dos filhos (Barber, 1994). Por sua vez, estudos americanos sobre a influência da religião/espiritualidade no contexto familiar mostram que quanto maior o *grau de religiosidade* das famílias, menor o número de conflitos e maior coesão familiar (e.g., Brody, Stoneman, & Flor, 1996 *cit. por Brody & Flor*, 1998).

### **1.2.2. Estilos e Práticas Parentais: Educar um adolescente em mudança**

As mudanças que caracterizam a adolescência provocam alterações nas relações familiares e na identidade pessoal, exigindo que a estrutura familiar se adapte às mesmas (Collins, Maccoby, Steinberg, Hetherington, & Bornstein, 2000). Actualmente, a investigação mostra claramente que a família é essencial na vida dos adolescentes, podendo conter em si mesma, quer factores de protecção (e.g. envolvimento, afecto, regras claras, responsividade), quer de risco (e.g., punição física, negligência, regras inconsistentes ou ausência de regras) para o ajustamento dos educandos.

Desde há várias décadas que os investigadores e a própria comunidade se têm debruçado sobre questões como: "*Qual a melhor forma de educar os filhos?*" ou "*Quais*

---

<sup>27</sup> Os jovens asiáticos revelam mais conflitos a partir da fase tardia da adolescência, o que tem sido explicado pelas implicações da filosofia oriental na educação dos filhos, baseada no controle das emoções e numa árdua necessidade de respeito e obediência (Greenberg & Chen, 1996).

são as implicações que diferentes modelos educativos podem ter no desenvolvimento das crianças e dos jovens?" (Darling & Steinberg, 1993). Na verdade, cada estilo parental contribui para determinar o desenvolvimento e socialização de crianças e adolescentes que formarão um repertório comportamental que os acompanhará para o resto da vida (Weber, 2005). Além de os estilos parentais influenciarem diversos aspectos no desenvolvimento dos filhos, podem determinar o estilo parental que os filhos adoptarão no futuro, havendo uma transmissão intergeracional de estilos parentais<sup>28</sup>.

### **Definição do Conceito**

A parentalidade é uma actividade complexa caracterizada por comportamentos específicos capazes de influenciar o desenvolvimento de crianças e jovens. Porém, embora algumas acções isoladas possam ter consequências a esse nível (e.g. bater ou criticar), os estudos revelam que são os padrões de práticas e atitudes parentais que melhor predizem o bem-estar dos filhos (Darling & Steinberg, 1993). Neste contexto, surge assim o conceito de *estilo parental* que corresponde a um conjunto de comportamentos parentais que caracterizam uma determinada atmosfera psicológico-emocional de interacções pais-filhos ao longo de diversas situações (Mize & Pettit, 1997). Estas atitudes dos pais para com a criança/adolescente são comportamentos socializadores, que se manifestam na disciplina, no apoio e nos comportamentos interactivos com os filhos (Darling & Steinberg, 1993).

Este conceito foi desenvolvido e aprofundado pela psicóloga Diana Baumrind. Para o compreender, é necessário considerar que o estilo parental descreve variações normais na parentalidade, isto é, a investigadora não inclui, neste processo, casos de parentalidade desviante (e.g. abuso ou negligência). Por outro lado, Baumrind (1991b) desenvolveu uma tipologia de estilos parentais associados ao tema do controlo. Embora os pais possam diferir no modo como exercem controlo e socializam os seus filhos, é assumido que a principal função parental consiste em influenciar, ensinar e controlar o comportamento dos seus descendentes.

O modelo teórico de Baumrind (*cit. in* Baumrind, 1991b) sobre os tipos de controlo parental desempenhou um marco nos estudos que vêm sendo feitos acerca da educação pais-filhos, servindo como base para um novo conceito de estilos parentais

---

<sup>28</sup> Uma pesquisa recente encontrou uma correlação positiva entre o autoritarismo de avós e mães, ou seja, as filhas educadas por mães autoritárias tendem a adoptar este mesmo estilo parental com seus próprios filhos (Oliveira, Marim, Pires, Frizzo, Ravanello e Rossato, 2002).

que integra aspectos emocionais e comportamentais. A tipologia de Baumrind (1971) representa uma das conceptualizações dos estilos parentais mais estudadas, embora tenha sido alvo de críticas (e.g., Lewis, *cit. in* Mayless, Scharf & Sholt, 2003) e algumas revisões (Baumrind, 1991a, 1991b; Maccoby & Martin, 1983).

Darling e Steinberg (1993) realizaram uma revisão histórica do conceito de estilo parental, incluindo as críticas e as mudanças à sua conceptualização. Os autores descrevem os estilos parentais como um conjunto de atitudes dos pais que cria um clima emocional em que se expressam os comportamentos dos pais. Os estilos parentais incluem não só práticas parentais (elogios, gritos, punições etc.)<sup>29</sup>, como outros aspectos da interacção pais-filhos, tais como: o tom de voz, a linguagem corporal, o cuidado e a atenção prestados, ou as mudanças de humor (Darling & Steinberg, 1993, p.488).

### **Dimensões do Conceito**

Segundo a perspectiva da maior parte dos autores, o estilo parental contém dois elementos importantes: o suporte e o controlo parentais (Arrindell & Van der Ende, *cit. in* Castro, Toro, Van der Ende, & Arrindell, 1993; Barber, 2002; Darling & Steinberg, 1993; Maccoby & Martin, 1983). O **suporte** refere-se ao “*grau em que os pais fomentam a individualidade, a auto-regulação e auto-afirmação, através do fornecimento de suporte, atenção e preenchimento das necessidades dos filhos*” (Baumrind, 1991, p. 62). O grau de **controlo** refere-se “*às imposições que os pais fazem aos filhos para que estes se integram no sistema familiar através de exigências de maturidade, supervisão, disciplina e confronto com a desobediência*” (Baumrind, 1991, pp. 61-62). Apesar das críticas de ordem metodológica, muitos estudos revelam tratarem-se de duas dimensões independentes (Chen, Liv e Li; Muris, Mesters, Merckelbach & Hulskenbeck; Perris, Jacobson, Lidstrom, von Knorring & Perris, 1980; Wolfrad, Hempel & Miles, *cit. in* Pereira, 2007).

Os estudos mostram também que existem *diferenças de género* na percepção de suporte entre rapazes e raparigas. Especificamente, as raparigas tendem a descrever os pais como mais apoiantes a nível relacional e emocional do que os rapazes. O suporte emocional também parece ser mais importante para as raparigas (van Wel et al., 2000) e

---

<sup>29</sup> Note-se a importância de se manter clara a diferença entre "estilo" parental e "práticas" parentais (Darling & Steinberg, 1993). As práticas parentais correspondem a comportamentos definidos por conteúdos específicos e por objectivos de socialização; diferentes práticas parentais podem ser equivalentes para um mesmo efeito no filho. As práticas são estratégias com o objectivo de suprimir comportamentos considerados inadequados ou de incentivar a ocorrência de comportamentos adequados. Os pais podem utilizar-se da combinação de várias destas estratégias, variando de acordo com as situações (Reppold, Pacheco, Bardagi & Hutz, 2002).

para a sua percepção de bem-estar do que para os rapazes. As adolescentes que se consideram menos apoiadas pelas famílias e amigos tendem a ter relações interpessoais mais problemáticas do que os rapazes (Prinstein, Mitchell, Borelelli, Cheah, & Simon, Aikins, 2005). Este facto pode ser parcialmente explicado pela socialização em termos de práticas parentais a que o sexo feminino está exposto, sendo mais “orientadas para a relação” e para a afiliação do que o sexo oposto.

Recentemente, tendo por base os trabalhos de Schaefer (*cit. in* Pereira, 2007), vários autores defendem a existência de três dimensões em vez de duas: o suporte/aceitação, o controlo psicológico e o controlo comportamental. Na verdade, os estudos têm mostrado que estas duas formas de controlo são distintas, embora estejam relacionadas entre si (Barber, 1996).

O **controlo comportamental** refere-se a um conjunto de comportamentos que visa controlar as acções da criança/jovem no sentido de obedecerem a determinadas regras de conduta. Os pais podem fazê-lo através da comunicação e imposição directa de regras, da disciplina, da indução, da monitorização e da supervisão dos comportamentos dos educandos (Cummings, DeArth-Pendley, Du Roche, Schudlich & Smith, 2000). Embora existam práticas positivas associadas a esta dimensão, quando levadas ao extremo, poderão conduzir a situações de coerção e de pressão para a obediência, como punição física ou a privação de objectos materiais ou privilégios altamente valorizados pelo educando (Arrindel & van der Ende, 1984). Os potenciais efeitos deste tipo de controlo parental podem ser variados. Porém, os estudos revelam pouca concordância e consenso a este nível. Em geral, as práticas de controlo de tipo não-punitivo estão associadas a menos manifestações de problemas de externalização (Barber et al., 1994; Pettit, Laird, Dodge, Bates & Criss, 2001; Pereira, 2007), estratégias de *coping* mais adequadas (Meesters & Muris, 2003); assertividade social e competência cognitiva (Baumrind, *cit. in* Baumrind, 1990a); auto-estima (Baumrind, 1991a), e maior adaptação às diferentes etapas do desenvolvimento (Baumrind, *cit. in* Baumrind, 1990a).

Por sua vez, o **controlo psicológico** baseia-se na utilização da manipulação da relação através da coerção e intrusividade (Barber, 2002; Cummings et al., 2000). Práticas frequentes de controlo psicológico são: o impedimento da expressão verbal e individual (controlo das cognições); a indução de culpa/ansiedade/vergonha e de retirada de amor (controlo das emoções); e a exclusão da criança/adolescente da influência e de oportunidades externas, pela manutenção da dependência da mesma

(controlo dos comportamentos) (Pereira, 2007). O recurso frequente a esta prática educativa pode repercutir-se numa reduzida percepção de autonomia psicológica, de valor pessoal e de identidade nas crianças e nos jovens.

Em suma, os estudos têm mostrado que as principais dimensões subjacentes à qualidade reduzida na relação pais-filhos (e.g. falta de apoio ou suporte, práticas parentais pouco responsivas e afectuosas, rejeição e práticas educativas hostis ou falta de controlo ou monitorização) (ver O'Connor, 2002) associam-se a maiores níveis de ansiedade (ver o estudo de meta-análise de Gerlsmá, Emmelkamp, & Arrindell, 1990), depressão (ver Burbach & Bourduin, 1986), pouco ajustamento emocional e insatisfação com a vida, poucas competências sociais nas relações dos pares e companheiros amorosos (Engels, Finkenauer, Meeus, & Deković, *cit. in* Overbeek & Stattin, Vermulst & Engels, 2006), e relações insatisfatórias com os pares românticos (Seiffge-Krenke, 2003).

### **Principais Tipologias de Estilos Parentais**

Com base no trabalho de Baumrind (1967; 1978; 1995) e daqueles que deram desenvolvimento ao seu trabalho (e.g., Maccoby & Martin, 1983), foram identificadas diferentes tipologias de estilos parentais (i.e., autoritativo, autoritário, permissivo e negligente). Estes estilos diferem consoante a posição que ocupam as dimensões de: (a) suporte dado aos filhos com base numa ligação emocional com eles, (b) controlo comportamental com vista a fomentar atitudes maduras nos filhos, e (c) garantia de autonomia para desenvolverem a sua independência (ver Hart, Newell, & Olsen, 2003). Analisemos melhor as características preponderantes destes estilos e qual o seu impacto ao nível do bem-estar das crianças e jovens.

#### **Estilo Parental Autoritativo**

Os pais autoritativos (participativos ou democráticos) caracterizam-se fundamentalmente por serem não só exigentes, mas também responsivos. Portanto, são pais centrados quer na relação, quer na socialização e desenvolvimento dos filhos. Segundo Baumrind (1991a), os pais autoritativos têm as seguintes características: tentam direccionar as actividades dos descendentes de maneira racional e orientada; incentivam o diálogo; compartilham com a criança o raciocínio por detrás da forma como ela age; solicitam as suas objecções quando ela se recusa a concordar; exercem firme controle nos pontos de divergência; apresentam muitas regras e limites;

manifestam igualmente muito afecto e envolvimento; dão apoio e suporte emocional; têm expectativas claras; aplicam uma disciplina de forma consistente; fomentam a responsabilidade e o auto-controlo; aplicam consequências perante comportamentos problemáticos mas utilizando mais reforços positivos (e.g. elogios) do que punições (e.g. castigos); fomentam uma comunicação clara acerca das expectativas da criança; reforçam a independência e a individualidade (Baumrind & Black, *cit. in* Baumrind, 1990a,b). Em suma, os pais autoritativos estabelecem exigências razoáveis e depositam expectativas ajustadas e realistas nos seus filhos, dando-lhes suporte, responsividade, amor e um ambiente estimulante onde se possam desenvolver.

Relativamente às implicações deste estilo parental nos filhos, Baumrind (1990) salientou-o como o que mais *efeitos positivos* comporta. Baseando-se nas suas pesquisas de observação de crianças em idade pré-escolar (Baumrind; Baumrind & Black, *cit. in* Baumrind, 1990a), a autora demonstrou que os comportamentos de tipo autoritativo dos pais estavam associados a competências interpessoais nos filhos, tais como: assertividade e maturidade conduta independente e empreendedora, e responsabilidade social (Baumrind, 1971; Isley, O'Neil, & Parke, 1996). Estas crianças tendem a demonstrar, precocemente, níveis superiores de regulação emocional (Black & Baumrind, *cit. in* Baumrind, 1990a), optimismo, independência, criatividade, persistência, sociabilidade, melhores resultados académicos, capacidades de liderança, empatia e auto-controlo. Por sua vez, quando comparados com filhos de pais não-autoritativos, estes adolescentes manifestam: melhor auto-estima, confiança e competência em contextos sociais (Baumrind, 1990); grau de autonomia; respeito pelos pais (Baumrind, 1991a); elevado desempenho académico e orientação para o sucesso e para o bem-estar (Dornbusch, Ritter, Leiderman, Roberts, & Fraleigh, 1987; Weiss & Schwarz, 1996; Wintre & Yaffe, 2000); melhor ajustamento geral (i.e., menor mal-estar psicológico) e relacionamentos mais positivos com os pares (Brown, Mounts, Lamborn, & Steinberg, 1993; Fuligni & Eccles, 1993; Slicker, 1998); menor envolvimento em actividades de risco, como o consumo de substâncias (Avenevoli Sessa, & Steinberg, 1999); e maior número de comportamentos pró-sociais (Baumrind, 1991a; Avenevoli Sessa, & Steinberg, 1999).

### **Estilo Parental Autoritário**

Os pais autoritários combinam características de elevado controlo e baixo níveis de afectividade. Estes pais exercem comando sobre os seus filhos, minimizando a

expressão de opiniões e as possibilidades de decisões destes últimos (Baumrind, 1991a). Sendo a comunicação essencialmente unidireccional, pouco espaço existe para que os filhos expressem as suas perspectivas e preferências (Baumrind, 1971). Estes pais recorrem frequentemente a medidas de controlo coercivo e punitivo (e.g., castigos físicos e emocionais) com vista a disciplinar os filhos. São pais orientados para “*a obediência e estatuto e esperam que as suas ordens sejam acatadas sem necessidade de explicação*” (Baumrind, 1991a, p. 62). Em suma, são pais muito exigentes, rígidos, hostis, pouco responsivos, apresentam muitas regras e limites, são pouco afectuosos e estão centrados em si próprios (Black & Baumrind, 1967, *cit. in* Baumrind, 1991b).

O controlo é a característica mais marcante deste estilo parental, principalmente aquele que é exercido a nível psicológico, uma vez que é mais frequente que a punição física. O *controlo psicológico*<sup>30</sup> refere-se à interferência parental no sentido de dominar e manipular o bem-estar dos filhos, nomeadamente, através da recusa dar amor quando a criança não obedece às ordens parentais, infligindo culpa e vergonha (Barber, 1996). Os efeitos deste tipo de estilos parental nos filhos são habitualmente problemas de internalização como a timidez, ansiedade e solidão (Gresham & Elliott, 1990), dependência (Baumrind, 1971), baixa auto-estima (Hart, Olsen, Robinson, & Mandlco, 1997), isolamento (Baumrind; Baumrind & Black, *cit. in* Baumrind, 1991b), e depressão (Allen, Hauser, Eickholt, Bell & O’Conner; Barber, Olsen, & Shagle, *cit. in* Barber, 2002).

Outras consequências associadas à vigência deste estilo parental em crianças em idade pré-escolar são tristeza, apreensão, medo, inibição, agressividade e maior dificuldade em regular-se emocionalmente (Baumrind; Baumrind & Black; Hart, Nelson, Robinson, Olsen, & McNeily-Choque; Hart, Newell, & Olsen; Nix, Pinderhughes, Dodge, Bates, Pettit, McFadyen, & Steven, *cit. in* Maysel, Scharf & Scholte, 2003). Nos anos seguintes, outras aptidões parecem ser afectadas, nomeadamente ao nível das competências de cariz cognitivo e social (Baumrind, 1983). Estas crianças manifestam uma excessiva dependência de uma figura adulta de autoridade, evitam errar, apresentam problemas relacionais, têm baixa capacidade de afirmação e pouco auto-controlo (Fischer & Crawford, 1992). Na adolescência, os jovens de pais autoritários revelam mais baixa auto-estima, menor sociabilidade,

---

<sup>30</sup> O controlo também pode ser exercido a nível comportamental (e.g., monitorização). Segundo, Barber (2002) este tipo de controlo pode ter efeitos negativos se não for administrado de modo equilibrado.

desobediência, humor instável e apreensão quando comparados com jovens educados por pais autoritativos (Darling & Steinberg, 1993). Os estudos sugerem também haver uma correlação positiva entre estilo parental autoritário e delinquência adolescente (Fergusson, Horwood, & Lynsky, 1994; Huesmann, Eron, Lefkowitz & Walder, 1984), percepção de *stress* e abuso de substâncias (Avenevoli, Sessa, & Steinberg, 1999). Os filhos de mães autoritárias, em particular, tendem a apresentar quer comportamentos de externalização (agressão verbal ou física, destruição de objectos, mentira), quer de internalização (retracção social, depressão, ansiedade) (Oliveira et al., 2002). Noutros estudos, os filhos de pais autoritários foram descritos como tendo um desempenho escolar moderado e ausência de problemas de comportamento. Contudo, apresentam reduzidas competências sociais, baixa auto-estima e maior vulnerabilidade para sofrer de depressão (Cohen & Rice, 1997; Darling, 1999).

### **Estilo Parental Permissivo**

Os pais permissivos, segundo Baumrind (*cit. in* Baumrind, 1991a), tentam comportar-se de forma não-punitiva e receptiva diante dos desejos e acções da criança e dos jovens. Estes pais vislumbram-se como um recurso para a realização dos desejos da criança e não como um modelo, nem como um agente responsável por direccionar o seu comportamento. São pais mais responsivos do que exigentes; manifestam muito afecto e envolvimento e poucas regras e limites (Baumrind & Black, *cit. in* Baumrind, 1991b); centram-se nos filhos; dão muito apoio e atenção; têm uma disciplina inconsistente; depositam poucas exigências nos filhos, nomeadamente em termos de maturidade e responsabilidade, em conjunto com um elevado suporte parental que visa estabelecer relações de proximidade com os filhos (Baumrind, 1991a; Peterson & Hann, 1999).

Mas quais os efeitos deste tipo de estilo educativo no ajustamento psicossocial dos filhos? Segundo Baumrind (1983), as crianças e jovens educados por pais permissivos tendem a apresentar pouco controlo interno, baixa auto-estima, sentimentos de insegurança, baixa orientação para a acção, maior propensão para problemas de comportamento e pior desempenho escolar.

Crianças em idade pré-escolar educadas por pais permissivos, manifestam maior dificuldade na regulação das suas emoções, baixo auto-controlo e imaturidade (Baumrind, 1973). Apesar de alguns estudos revelarem alguns aspectos positivos associados a este estilo parental (e.g., relação de proximidade pais-filhos, maior autonomia; Herz & Gullone, 1999), ele parece acarretar problemas sérios,

principalmente durante a adolescência, nomeadamente abuso de substâncias e comportamento desviante (Baumrind, 1991a; Cohen & Rice, 1997; Maccoby & Martin, 1983); postura desadequada na escola (McCord, 1988); e baixo rendimento académico (Dornbusch, Ritter, Leiderman, Roberts & Fraleigh, 1987); controlo verbal e comportamento diminuído (Patoock-Peckham, Cheong, Balhorn, Nagoshi, 2001); agressividade; reduzida aptidão de gestão e reacção a conflitos (Miller, Dilorio & Dudley, 2002); e dificuldade em cumprir regras no contexto escolar (Dornbusch, Ritter, Leiderman, Roberts, & Fraleigh, 1987; Lamborn, Mounts, Dornbusch & Steinberg, 1991).

### **Estilo Parental Negligente**

Maccoby e Martin (1983) procuram reorganizar os estilos definidos por Baumrind segundo as dimensões de exigência (*demandingness*) e responsividade (*responsiveness*), o que emergiu na subdivisão do estilo permissivo em dois: o estilo indulgente/permissivo (abordado anteriormente) e o estilo negligente<sup>31</sup>.

Os pais negligentes são pouco exigentes e pouco responsivos. Tendem a orientar-se para o evitamento de inconvenientes associados aos pedidos imediatos da criança (Maccoby & Martin, 1983) e apresentam pouco afecto e envolvimento. Uma característica habitual na sua escassez de regras e limites. Muitos são pais ausentes e formam famílias instáveis (separações e conciliações frequentes). São igualmente pouco tolerantes e aborrecem-se facilmente (e.g. com o choro natural de um bebé); estimulam pouco os filhos intelectualmente; e, por vezes, podem adoptar estratégias de controlo excessivas e punições injustificadas.

Os filhos de pais negligentes apresentam habitualmente baixas competências sociais e de assertividade, assim como problemas comportamentais. Quando comparados com os educandos de pais com outros estilos parentais, estes jovens apresentam pior desempenho em todas as áreas: desenvolvimento mais tardio, problemas afectivos e comportamentais (Quintin, 2001), abuso de drogas e álcool, doenças sexualmente transmissíveis, início precoce da vida sexual, baixa auto-estima e

---

<sup>31</sup> É importante diferenciar o que é um estilo parental negligente do que é a negligência abusiva, considerada uma forma de violência contra criança pela literatura na área dos maus-tratos. A negligência abusiva ocorre quando os pais não cumprem a função de satisfazer necessidades básicas (físicas, sociais, psicológicas e intelectuais) dos filhos (Roig & Ochotorena, 1993). Já o estilo parental negligente refere-se aos pais que não se envolvem com seus papéis de pais e a longo prazo, os componentes do papel parental tendem a diminuir cada vez mais, às vezes a desaparecer, até restar uma mínima relação funcional entre pais e filhos (Maccoby & Martin, 1983).

reduzido sentido de auto-eficácia (Darling, 1999; Radziszewska, Richardson, Dent & Flay, 1996), maior probabilidade para sofrer de depressão, *stress*, pessimismo, baixo desempenho escolar, fracas aptidões sociais e comportamentos anti-sociais (e.g., mentir, roubar, agredir, magoar, gozar) (Weber, Biscaia, Pavei & Galvão, 2002).

### **Estilos parentais e Jovens adultos**

A transição para a idade adulta nas sociedades ocidentais, onde Portugal se insere, tem-se caracterizado por um alargamento do tempo que os pais passam com os filhos (e.g. Arnett, 2000). Muitos pais podem sentir necessidade de continuar a ajudar os seus filhos a enfrentar este período de experimentação e exploração, ao mesmo tempo que incentivam a independência que desejam e necessitam. Nesta transição do ciclo de vida, os pais podem ter um papel importante (e.g. no caso dos jovens que não saem ou que retornam a casa dos pais, devido a dificuldades financeiras ou desemprego) (Goldscheider & Goldscheider, 1999).

Silverberg e Gondoli (1996) discutiram a importância de manter uma conexão emocional com os pais durante a adolescência, à medida que procuram alcançar maior independência. Sabendo que a autonomia, a ligação emocional e o controlo parecem ser aspectos fundamentais da relação pais-filhos nesta fase de vida (e.g., Fingerman, 2000; Aquilino, 1997), considerámos importante avaliar a forma como os estilos parentais são percebidos pela nossa amostra de jovens adultos.

Ao contrário das investigações com crianças (Baumrind, 1991a; Isley, O'Neil, & Parke, 1996; Hart, Nelson, Robinson, Olsen, & McNeily-Choque, 1998; Hart, Newell, & Olsen, 2003) e fases iniciais da adolescência (Dornbusch, Ritter, Leiderman, Roberts, & Fraleigh, 1987, Baumrind, 1991a; Avenevoli Sessa, & Steinberg, 1999, Fischer & Crawford, 1992, Darling & Steinburg, 1993), poucos estudos se têm debruçado sobre o início da idade adulta no que concerne aos estilos parentais. Esta escassez de estudos revela-se, por exemplo, na ausência quase total de instrumentos validados dirigidos a esta população. A necessidade de medir esta relação parece evidente, uma vez que as práticas parentais podem assumir contornos específicos neste período em que o jovem se encontra numa fase do desenvolvimento com características particulares (e.g., busca de independência). Neste sentido, parece evidente pensar que os estilos identificados para a infância e início da adolescência, podem não se revelar adequados para analisar os estilos parentais nesta fase.

Com base na revisão da literatura realizada, parece evidente que os efeitos positivos e negativos das práticas parentais podem continuar a verificar-se ao longo do desenvolvimento. Os investigadores têm demonstrado efeitos diversos no desenvolvimento mais tardio. Por exemplo, os jovens adultos educados por pais autoritativos mostraram níveis mais elevados de competência e resiliência do que os jovens filhos de pais autoritários e permissivos (Masten, Burt, Roisman, Obradovic, Long, & Tellegen, 2004). Um estudo longitudinal de Aquilino e Supple (2001) mostrou que a relação pais-filhos na adolescência influencia os níveis de bem-estar (i.e. satisfação com a vida, eficácia pessoal, e auto-estima) na idade adulta. Outros estudos sugerem que a auto-estima nesta fase de vida está positivamente correlacionada com o estilo autoritativo de parentalidade na infância e início da adolescência (Buri, Louiselle, Misukanis, & Mueller, *cit. in* Buri, 1991).

Vários estudos retrospectivos têm procurado estudar a percepção que os jovens adultos e adultos possuem dos estilos parentais dos pais ao longo do seu desenvolvimento (Aquilino, 1997). Buri (*cit. in* Buri, 1991) mostrou que os indivíduos que percepcionavam os pais como fontes de aceitação, aprovação e suporte apresentam maiores níveis de auto-estima do que aqueles que descreveram as figuras parentais como não-autoritativas.

Por seu turno, o estilo parental autoritativo está também associado com o desenvolvimento da autonomia na última fase da adolescência (Dominguez & Carton, 1997). Gonzalez, Greenwood e WenHsu (2001) mostraram que os filhos de pais autoritários se sentem mais pressionados para provarem as suas competências, ao passo que os filhos de pais autoritativos mostram maior interesse na aprendizagem de novas aptidões e no incremento das suas capacidades.

A maior parte dos estudos sobre estilos parentais na última fase da adolescência tem-se debruçado em aspectos como o suporte emocional (e.g., Buri, 1987), a auto-actualização (Dominguez & Carton, 1997) ou a supervisão parental (e.g., Aquilino, 1997). Apesar disso, parece haver uma marcada escassez de literatura neste âmbito. Por exemplo, não existem estudos sobre a implicação dos estilos parentais de Baumrind no final da adolescência. Por outro lado, os estudos transversais e longitudinais que procuraram analisar as práticas parentais nesta fase apresentam limitações, uma vez que não consideram a eventual forma de percepcionar as práticas parentais, inseridas num período de desenvolvimento com tarefas normativas específicas (e.g., tornar-se um

adulto independente). Por exemplo, os pais que fornecem suporte, reforços e afecto na infância e início da adolescência, poderão estar particularmente centrados em fomentar a autonomia dos filhos na fase em que se preparam para a vida adulta, encorajando-os a explorar aspectos ligados ao trabalho, ao amor, à visão do adequado do mundo que os rodeia.

A maior parte dos estudos nesta área tem sido realizada no seio da população americana, onde coabitam diferentes subculturas e etnias. Os resultados mostram que o estilo autoritativo é mais frequente entre famílias brancas do que em famílias afro-americanas, asio-americanas ou hispano-americanas, onde o estilo autoritário parece ser mais prevalente. Os investigadores crêem que estes diferentes estilos estão associados a diferentes sistemas de crenças parentais e culturais (Maysel, 2003) que deverão ser tidos em consideração no momento de abordar e estudar este tema.

Adicionalmente, outros factores e circunstâncias devem ser tidos em linha de conta no que concerne à compreensão e avaliação dos estilos parentais no ajustamento de crianças e jovens. Embora o estilo parental autoritativo esteja associado a consequências desenvolvimentais mais positivas, muitos pais recorrem a uma *conjunção de diferentes estilos parentais* na educação de adolescentes. Por exemplo, um pai pode ser permissivo na extensão da mesada mas mais autoritário ao não autorizar o filho a andar no carro de amigos à noite. Assim, o estilo parental poderá ajustar-se às circunstâncias e o contexto em que as situações educativas ocorrem. Por sua vez, os estilos parentais também podem diferir entre os pais (e.g., o pai ser permissivo enquanto a mãe ser autoritária), funcionando em regime de *complementaridade*. O *comportamento do adolescente* e jovem adulto também pode influenciar o estilo parental adoptado. Enquanto um jovem cooperante, motivado e responsável pode tender a ter pais mais autoritativos, um adolescente mais imaturo, irresponsável e desobediente pode condicionar a adopção de estilos de cariz autoritário.

### **1.3. VINCULAÇÃO E ESTILOS PARENTAIS**

Até à actualidade, poucos estudos têm procurado compreender a relação entre estilos parentais e vinculação (Karavasilis, Doyle & Markiewicz, 2003), tornando-se esta uma tarefa desafiante e de procura de pontos comuns entre os estudos em ambas as áreas.

Como já mencionámos, à medida que os jovens vão desenvolvendo competências físicas, cognitivas e sociais, diminui a dependência face aos pais e surge a necessidade de renegociação dos papéis e fronteiras na relação pais-filhos (Grotevant, 1998). Porém, a disponibilidade parental permanece uma variável fundamental para garantir a segurança do vínculo entre ambos (Lieberman, Doyle, & Markiewicz, 1999).

Apesar da escassez de estudos que comprovem a ligação entre estilos/práticas parentais e padrões de vinculação, algumas investigações parecem indiciar e comprovar que ela existe, baseando-se nos resultados que demonstram a associação entre estilos/práticas parentais e ajustamento em crianças e adolescentes. Os estudos têm mostrado que os estilos parentais autoritativos (com níveis elevados de envolvimento próximo, autonomia psicológica, controlo comportamental) promovem o bem-estar psico-social, académico e o ajustamento comportamental (Baumrind, 1971, 1991; Lamborn, Mounts, Steinberg, & Dornbusch, 1991; Maccoby & Martin, 1983; Steinberg et al., 1995). A literatura salienta a importância de três dimensões parentais como factores protectores do ajustamento e bem-estar na adolescência: o envolvimento responsivo e próximo, o encorajamento da autonomia psicológica e a individualização através de uma disciplina não-coerciva, e o estabelecimento de exigências adequadas à idade, estabelecimento de limites e monitorização (e.g. Baumrind, 1971, 1991). Como podemos verificar, a mesma associação é feita com os padrões seguros nas crianças (ver Rice, 1990), o que nos revela uma justaposição e confluência entre as suas variáveis e à expectativa que esta relação se possa encontrar igualmente em amostras de adolescentes e jovens adultos.

Por sua vez, existem alguns estudos realizados até à data que parecem evidenciar esta relação. Um deles revela que a responsividade parental tem uma relação positiva significativa com a vinculação segura de crianças em idade escolar e negativa com a evitante, não se verificando resultados consistentes ao nível do padrão preocupado (Kerns, Tomich, Aspelmeier, & Contreras, 2000). A vinculação segura em adolescentes está positivamente associada à prestação de cuidados e ao suporte parental e negativamente à superprotecção e controlo, práticas salientes nos padrões inseguros de vinculações nos adolescentes (Strayer & Preece, *cit. in* Karavasilis *et al.*, 2003). Com efeito, os pais que promovem a autonomia, monitorizando e estabelecendo limites ajustados à idade, estão a adoptar um estilo parental mais sensitivo e responsivo, característica crucial para estabelecer uma base segura a partir da qual o adolescente vai

negociando a sua independência. A inexistência deste contexto poderá aumentar a vulnerabilidade individual, devido à construção de modelos internos dinâmicos que comprometem o equilíbrio entre autonomia e vinculação primária com os pais (Karavasilis et al. 2003). Por sua vez, os adolescentes que possuem modelos internos seguros tendem a perceber as suas famílias como mais apoiantes do que os adolescentes evitantes (desinvestidos e amedrontados) que têm uma percepção dos pais como mais rejeitantes e menos capazes de dar suporte e amor. Os adolescentes preocupados, por seu turno, consideram os seus pais apoiantes mas com papéis pouco claros ao nível da estrutura familiar (Kobak & Sceery, 1988).

Estas investigações fornecem-nos, assim, resultados preliminares que confirmam a ideia que o suporte e proximidade parentais continuam a ser importantes para manter uma vinculação segura na adolescência. A responsividade e disponibilidade parentais associada ao encorajamento da exploração característica desta idade poderão contribuir positivamente e, até mesmo, facilitar o processo de independência que ocorre na transição da infância para a adolescência (Ainsworth; Allen & Hauser; Laursen, Hartup, & Koplas; Ryan & Lynch, *cit. in* Laursen & Jensen-Campbell, 1999).

Passando o sistema de vinculação a estar menos centrado na procura de contacto físico para dar lugar a ligações psicologicamente mais complexas (Bowlby, 1969), este estilo parental potencia o equilíbrio entre necessidade de autonomia e dependência, considerada uma competência associada aos modelos internos de vinculação segura. Um outro aspecto da parentalidade que poderá ter consequências nas relações primárias de vinculação e que têm sido alvo de pouca investigação envolve factores como o grau de exigência, o estabelecimento de limites e a disciplina (e.g., Wolff & van Ijzendoorn, 1997), podendo ter implicações importantes no contexto extra-familiar onde cada vez mais o jovem vai penetrando.

Apesar destas evidências e reflexões, parece claro que a associação entre estilos/práticas parentais e vinculação aos pais continua a ser um campo de investigação com muito por analisar (e.g. o papel do controlo e do suporte nas vinculações estabelecidas nesta fase da vida).

## **2. O ADOLESCENTE E OS PARES**

As novas mudanças vividas pelo jovem nos diversos domínios da sua existência - corporal, cognitivo, social, emocional, vocacional – implicam, necessariamente, enfrentar experiências e acontecimentos que são um verdadeiro desafio à auto-estima, à autonomia e à aquisição de uma identidade pessoal. Neste processo existencial, aqueles que estão a viver ou que viveram recentemente experiências semelhantes, adquirem um valor especial. A “novidade” destas transformações significa também experimentação de papéis e de aprendizagem de novos comportamentos. Esta moratória pode ser facilitada e até enriquecida, quando integrada ou “protegida” num espaço relacional, que é em si também um estímulo, uma passagem para o futuro. Por tudo isto, os pares oferecem oportunidades genuínas de crescimento, contribuem para o processo de autonomia e para o desenvolvimento da identidade (Soares, 1996).

Na adolescência, as relações de pares desenvolvem-se a três níveis (Brown, 2004): diádico, romântico e de grupo. Nesta secção do trabalho, centrar-nos-emos essencialmente na primeira e abordaremos as relações românticas mais adiante. Apesar de reconhecermos a importância do papel do grupo na adolescência, procurámos não dispersar a revisão da literatura em temas menos relacionados com os objectivos desta tese.

### **2.1. AS RELAÇÕES DE AMIZADE NA ADOLESCÊNCIA**

Entre os diferentes tipos de relações de pares, salientamos as relações de amizade que representam uma forma particular de relacionamento interpessoal baseado na reciprocidade e no compromisso (Newcomb & Bagwell, 1995) entre indivíduos que se consideram semelhantes a vários níveis.

A formação da amizade pode ser entendida como um processo de atracção interpessoal através do qual os indivíduos se sentem inclinados a associar-se com outros, nos quais antecipam maior aceitação, apoio emocional, ou identidade de características de personalidade, capacidade, interesses e valores. Existem algumas dimensões interpessoais que estão associadas ao desenvolvimento da amizade na adolescência, nomeadamente a intimidade, a semelhança, a complementaridade e a estabilidade, proporcionadas pelas relações de amizade (Cordeiro, 2006).

O desenvolvimento da intimidade no contexto de uma relação de amizade envolve experiências de partilha únicas acerca dos pensamentos e valores de cada indivíduo e proporciona um espaço adequado à auto-revelação, ao crescimento e ao bem-estar. Segundo alguns estudos (e.g., Sharabany, 2000), o conceito de intimidade/amizade íntima, na adolescência e pré-adolescência, pode ser estruturado em oito dimensões: Sinceridade e Espontaneidade; Sensibilidade e Conhecimento; Vinculação; Exclusividade; Dádiva e Partilha; Imposição; Actividades Comuns; Confiança e Lealdade.

Durante a adolescência, o desenvolvimento da amizade íntima envolve vários aspectos como o incremento da necessidade de intimidade, as mudanças na capacidade para experienciar relações mais íntimas e as mudanças na forma de expressar a sua própria individualidade e intimidade perante os outros. É nesta fase que as relações de intimidade se tornam mais comuns, talvez porque os adolescentes se sintam mais seguros, revelando-se, mais aos seus pares do que aos adultos e construindo assim o seu próprio percurso de auto-estima e de socialização com o papel de adultos e de construção da sua identidade (Cordeiro, 2006).

Os pares, que não têm necessariamente de ter a mesma idade, costumam partilhar aspectos comuns com o jovem, tal como o nível de desenvolvimento cognitivo, emocional e social em que se encontra (Scholte e Aken, 2006). A sua relação baseia-se numa maior horizontalidade e igualdade em termos de conhecimento e nível de sociabilidade quando comparada com a relação com os pais. Nesta fase, enquanto a intimidade com os pais promove a subsistência e a vinculação, as relações com os pares satisfazem necessidades de afiliação e preparam os jovens para lidar com relações significativas com adolescentes e adultos (Meeus, Oosterwegel, & Vollebergh, 2002).

Ao contrário das relações familiares, as relações de amizade habitualmente são mais fluidas, sendo transformadas e dissolvidas com maior frequência. No entanto, muitas amizades iniciadas na adolescência são relativamente estáveis ao longo do tempo, o que parece distingui-las das relações mantidas na infância. Mais de 70% dos adolescentes têm amizades que durarão pelo menos um ano (Hartup, 1991). As relações de amizade de qualidade, baseadas em trocas de recursos sociais e emocionais (e.g. intimidade, proximidade e suporte) e com baixos níveis de desacordo, competição e conflito, tendem a durar mais tempo do que as que não cumprem estas necessidades e requisitos. Manter este tipo de relação, permite adquirir competências diversas, tais

como a aprendizagem de atitudes e valores (Hartup, 1999), a tomada de perspectiva (Mead, *cit. in* Scholte & Van Aken, 2006) e a formação de identidade (Erikson, 1968).

Os trabalhos teóricos e empíricos nesta área têm salientado que existem diferentes tipos de amizade (Adler & Adler, 1998). Nas entrevistas com os adolescentes, estes distinguem habitualmente os amigos “em geral” (com quem mantêm várias formas de relação) dos *melhores amigos*, pessoas com quem mantêm um relacionamento mais próximo (Way, 1998).

As diferentes variáveis estudadas em relação à amizade mostram correlações diferentes consoante o tipo de relação estabelecida (Harter, 1998, *cit. por* Harter, 1999). Por exemplo, enquanto a auto-estima parece fortemente associada às percepções de suporte dos pares e colegas, ela parece menos associada ao suporte dos amigos mais próximos. Segundo Harter (1999), estes amigos têm como “obrigação” de fornecer suporte, como tal, os adolescentes sentem que têm que se esforçar menos para mostrar uma boa imagem de si mesmos e ser aceites, o que não acontece com os pares de grupos mais recentes e menos próximos.

Segundo Smetana, Campione-Barr & Metzger (2006), é por volta dos 15 anos de escolaridade que a conformidade ao grupo de pares parece ser maior. Brown (2004) defende que a influência dos pares começa por ser directa para assumir progressivamente contornos mais discretos e indirectos. Um inquérito realizado pelo Instituto de Ciências Sociais (*cit. in* Soares, 1996) aos jovens portugueses, evidenciou de uma forma inequívoca a importância do conjunto de relações com os pares, como as que de modo mais intenso, ocupam a vida relacional, seja no que respeita à frequência e intensidade dos contactos, seja em termos da própria comunicação. No âmbito destas relações com os pares, os jovens destacam os amigos como aqueles com quem mais se divertem, mais conversam, mais opiniões partilham e mais à vontade se sentem.

### **2.1.1. Diferenças de Género**

As teorias desenvolvimentistas sugerem que existe uma variabilidade nas trajetórias ao nível da qualidade das relações com base no contexto cultural. Os investigadores sugerem que as raparigas, por exemplo, são socializadas para serem mais “orientadas para a relação” do que os rapazes (Gilligan, 1982; Belenky, Clinchy, Goldberger & Tarule, 1986). O estudo clássico de Douven e Adelson (1966) salientou esta evidência, mostrando a necessidade das adolescentes valorizarem mais a intimidade, as relações interpessoais, a empatia e calor humano, em contraste com o

outro sexo que é mais orientado para a assertividade. Esta tendência está patente nos resultados de vários estudos que mostram que as raparigas referem mais vezes ter conversas íntimas com amigas e exprimem maior preocupação com a lealdade do amigo e mais ansiedade em relação à rejeição pelos pares (Bigelow & LaGaipa, 1980). Quando lhes perguntam como reagiriam face a um problema de um amigo íntimo, as raparigas dizem que ajudariam e partilhariam mais com um amigo do que com colegas, enquanto no sexo masculino essa distinção é menos notória. As adolescentes também parecem menos dispostas a incluir um sujeito, não considerado como amigo, numa conversa e, se já têm uma amizade bem estabelecida com alguém, são menos abertas ao estabelecimento de novas amizades (Berndt, 1981). Isto parece sugerir que as amizades nas adolescentes são mais íntimas e exclusivas do que nos rapazes.

No entanto, a revisão da literatura aponta para a existência de inconsistências nestes resultados (e.g., Sharabany et al., 1981), o que pode ser atribuído simplesmente a diferenças entre instrumentos na avaliação do grau de intimidade. Berndt (1981) aponta dois aspectos que podem contribuir para essas discrepâncias nos resultados: por um lado, a maior fluência verbal nas raparigas pode ter um efeito mais positivo nas respostas às questões abertas do que nas questões específicas sobre características da amizade; por outro lado, os dois sexos podem diferir no tipo de intimidade que caracteriza as suas amizades (e.g., os rapazes podem passar menos tempo em conversas sobre temas de esfera psicológica mas podem adquirir uma compreensão mais profunda do outro por passarem mais tempo juntos).

Paralelamente, os estudos transversais nesta área mostram que as diferenças de género sucedem essencialmente no início da adolescência, uma vez que os níveis de intimidade entre géneros parecem assemelhar-se ao longo da adolescência (ver Azmitia, 1998). O sexo feminino pode até parecer mais orientado para a relação no começo desta fase do ciclo de vida, todavia, os rapazes tendem a aumentar significativamente a sua necessidade e capacidade para manter relações íntimas e de suporte com amigos do mesmo género. Deste modo, a capacidade de viver relações a este nível entre géneros equilibra-se já perto da idade adulta (Savin-Williams & Berndt, 1990), quando há acordo sobre os ingredientes essenciais a uma relação securizante ao nível da intimidade (e.g., comunicação aberta, compromisso e suporte emocional). Ainda assim, parece-nos importante a realização de estudos longitudinais que explorem melhor esta diferenciação entre géneros.

### 2.1.2. Teorias explicativas das relações de amizade

Ao longo dos últimos 20 anos, assiste-se a um interesse empírico crescente acerca das características e funções da amizade e na sua importância no desenvolvimento. No entanto, poucas teorias procuraram compreender e explicar o seu contributo e relevância na infância e adolescência.

A abordagem teórica mais citada pela literatura é, sem dúvida, a *teoria interpessoal do desenvolvimento de Sullivan* (1953), segundo a qual o indivíduo manifesta necessidades sociais distintas ao longo do seu desenvolvimento. Na pré-adolescência, a criança adquire a necessidade de intimidade interpessoal, aceitação e interação entre grupos de pares. Para que um adolescente consiga estabelecer uma verdadeira relação de amizade mais tarde e até mesmo lidar com sentimentos de solidão e ser psicologicamente saudável (Buhrmester, 1990), deve ter conseguido alcançar relacionamentos baseados na intimidade e satisfação de necessidade mútuas com os seus companheiros nesta fase de vida. Segundo o autor, a amizade poderia assim ser perspectivada como uma oportunidade para satisfazer as cinco primeiras necessidades sociais básicas do ser humano: (a) carinho, (b) companheirismo, (c) aceitação, (d) intimidade, e (e) sexualidade. Buhrmester (1996) defende também que a amizade permite satisfazer não só necessidades sociais mas também individuais (e.g. poder, divertimento), o que demonstrou na análise factorial que realizou a partir de 20 necessidades interpessoais descritas pela maior parte das teorias da personalidade, do desenvolvimento e da psicologia social.

Uma segunda teoria dedicada à compreensão deste tema é a *teoria da tomada de perspectiva de Selman* (1980). Enquanto Sullivan se centrou nas necessidades sociais emergentes na adolescência, Selman descreveu as competências sócio-cognitivas que se desenvolvem ao longo do crescimento como factores fundamentais para estabelecer relações interpessoais saudáveis e ajustadas. Ao contrário das crianças, os adolescentes estão mais aptos a estabelecer e manter relações de intimidade, uma vez que são capazes de pensar de modo mais complexo acerca de si e dos outros, e acerca da relação entre ele e os outros. De acordo com esta teoria, os adolescentes adquiririam, assim, a capacidade de reconhecer a sua visão pessoal ao mesmo tempo que perspectivam a visão dos outros com quem estão envolvidos.

Uma outra linha teórica e empírica tem-se centrado a sua atenção na importância do *apoio social* no ajustamento na adolescência (Parker, Rubin, Erath, Wojslawowicz & Buskirk, 2006). Os estudos empíricos revelam a existência de duas conceptualizações

do suporte, encarando-o ora como um constructo *unidimensional*, ora multidimensional. No primeiro caso, o suporte consistiria num conceito único, medindo uma só dimensão. As evidências empíricas mostram, todavia, que existem correlações entre várias dimensões e, como tal, deve utilizar-se medidas que contenham a combinação das mesmas para que o conceito possa ser devidamente analisado (Cohen, Sherrod & Clark, 1986). Furman e Buhrmester (1992) avaliaram a percepção de suporte relativamente aos pais, amigos e namorados em indivíduos do 9 aos 19 anos e perceberam que as seis formas de suporte que avaliava o instrumento estavam altamente correlacionadas, formando uma estrutura unidimensional. Neste estudo, os pais eram entendidos como principais figuras de suporte até aos 15 anos, passando os amigos e namorados a desempenhar essa necessidade social na vida dos jovens. Scholte e van Aken (cit. por Scolte & Van Aken, 2006) reproduziram este estudo com uma amostra norueguesa e mostraram que, apesar da importância da percepção de suporte por parte dos pares ao longo da adolescência, o suporte parental não perdia o seu papel de primazia para os adolescentes.

A perspectiva que encara o apoio social como um constructo *multidimensional*, considera que o conceito se divide em subcategorias (e.g. suporte emocional, apoio instrumental e informativo, companheirismo; Berndt, 1988). As investigações evidenciam que existem diferentes formas de apoio social (e.g. grau de intimidade e companheirismo) que, por vezes, igualam ou ultrapassam as mesmas dimensões presentes nas relações com os pais (Furman & Buhrmester, 1985; Hunter & Youniss, 1982). Porém, o elo emocional mantido com os pais, através do afecto, aliança emocional, promoção do valor pessoal e suporte instrumental, permanece inalterado ao longo do tempo. Os autores que seguem esta linha de pensamento têm salientado o papel do apoio social em várias variáveis relacionadas com a amizade na adolescência, donde destacamos: a promoção da auto-estima, a segurança emocional, a intimidade e o afecto, o apoio informativo ou instrumental, e o companheirismo (Pereira, 2007). Deste modo, a percepção de apoio recebido por parte dos amigos poderia ser uma peça importante para que a criança e o adolescente se sintam competentes, atraentes, com valor pessoal, confiantes na exploração do meio ambiente. A partilha de experiências, conselhos, críticas e afectos com os amigos promove a aceitação, o conhecimento de si e dos outros, o sentimento de ser compreendido, a capacidade de resolução de problemas, a diminuição de sentimentos de isolamento social, entre efeitos positivos (Mason, Cauce, & Gonzales, 1997). Liu (cit. in Liu, Zhao, Cunxian, & Buysse, 2008)

realizou um estudo com adolescentes taiwaneses e mostrou que o suporte social dos pares modera a relação entre atitudes disfuncionais e depressão. A literatura mostra que a percepção de falta de suporte por parte dos pares e o *stress* interpessoal aumentam os factores de risco para a ocorrência de problemas de comportamento e sintomas depressivos na adolescência (Pereira, 2007).

### **2.1.3. Implicações Positivas e Negativas das Relações de Pares**

Diversas teorias e respectivo suporte empírico demonstram que as relações de amizade desempenham um papel importante em diferentes domínios do desenvolvimento social, cognitivo e emocional do adolescente. Procuremos, agora, saber mais em detalhe como e em que medida essa influência ocorre.

Numa revisão de 80 artigos dedicados às consequências e implicações das relações de amizade na adolescência que comparou amostras de jovens com e sem amizades significativas, Newcomb e Bagwell (1995) descobriram uma vasta rede de efeitos positivos e negativos presentes em ambos os grupos. Destaquemos aqueles que surgem como mais relevantes.

A comparação destes grupos mostrou que os jovens com uma boa rede social em termos de amizades manifestam mais sentimentos de *proximidade, fidelidade e reciprocidade*. A amizade, mais do que qualquer outro tipo de relação com pares, serve de contexto para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo, tal como a validação do valor pessoal e preenche necessidades específicas de *segurança e suporte emocional*. A *auto-estima* parece ser uma variável altamente associada às percepções que os adolescentes têm das suas relações de pares (Paterson, Pryor, & Field, *cit. in* Harter, 1999). De acordo com a teoria do desenvolvimento, o suporte dos pares ou uma vinculação forte aos mesmos potencia o sentimento de valor pessoal global na fase da adolescência (Harter, *cit. in* Harter, 1999). Se os jovens se sentem apoiados e seguros nas suas relações com os amigos, colegas e namorados sentir-se-ão mais dignos de receber esse suporte, o que contribui de modo significativo para uma auto-estima positiva (Armsden & Greenberg, 1987; Hirsch & Rapkin, 1987; Keefe & Berndt, 1996). Este efeito não se encontrou, porém, nas mudanças ao nível da auto-estima a longo-prazo avaliadas por estudos longitudinais (Greene & Way, 2005; Hirsch & Dubois, 1991; Keefe & Berndt, 1996).

A *aquisição de competências sociais*, tal como resolução de conflitos e regulação da agressividade, são, igualmente, vantagens das relações de amizade para o adolescente

que, assim, estará melhor munido para ter sucesso a nível social ao longo do seu ciclo de vida (Berndt, 1996).

No que concerne à *importância de ter amigos*, vários estudos analisaram as amostras de crianças e adolescentes com e sem amizades significativas e notaram que os que tinham este tipo de relacionamento era mais confiantes, sociáveis, cooperantes, apresentavam menos dificuldade interpessoais, maior auto-estima e maior ajustamento psicológico em geral, quando comparados com aqueles que não mantinham este tipo de relação (Newcomb & Bagwell, 1995). Porém, como a maior parte destes estudos obedece a um desenho correlacional, não permitindo inferir relações de causalidade, alguns investigadores têm procurado recorrer a estudos longitudinais que comprovem estes resultados. Uma outra limitação destes estudos é assumir que as relações de amizade dos jovens se baseiam num bom suporte e qualidade da relação afiliativa, o que pode não ser uma realidade em muitos casos.

Relativamente às *características dos amigos*, os estudos demonstram claramente que os jovens procuram amigos com quem se identificam e com quem partilham afinidades e interesses comuns (e.g. atitudes face à escola, aspirações, nível intelectual) (Kandel, *cit. in* Kandel, 1990) e comportamentos normativos (e.g. fumar e beber álcool) (e.g., Dishion, Andrews, & Crosby, 1995). Este tipo de comportamento é habitualmente mais frequente quando o jovem se relaciona com amigos mais velhos do que com amigos mais novos do que ele (Stattin & Magnusson, *cit. in* Stattin, & Kerr, 2000). Apesar de não haver estudos que comprovem a semelhança em termos de personalidade, os adolescentes tendem a relacionar-se com amigos com níveis cognitivos e de auto-estima congruentes com os seus (Aboud & Mendelson, 1996). Os estudos mostram, igualmente, que existem efeitos positivos, como comportamentos pró-sociais e sucesso escolar (Mounts & Steinberg, 1995; Wentzel & Caldwell, 1997) na socialização com os amigos mas também efeitos negativos, nomeadamente no consumo de substâncias e álcool, delinquência (Urberg, Degirmencioglu, & Pilgrim, 1997) e comportamentos anti-sociais (Dishion, Patterson & Griesler, 1994). Os jovens que são reforçados socialmente pelo seu comportamento desviante, por exemplo, tendem a repetir estes comportamentos e, até, a acentuá-los.

As características dos adolescentes “populares” e “não populares” também estão associadas a esta linha de investigação (Steinberg & Morris, 2001). Estudos

sociométricos mostram que existem subcategorias de jovens que são rejeitados pelos pares (e.g. aqueles que são desprezados tendem a ser mais solitários, com baixa autoestima e problemas de internalização; Rubin, Bukowski, & Parker, 1998). Os adolescentes mais “populares” tendem a ser mais atraentes, atléticos e aceites pelos pares (Adler & Adler, 1998). Porém, esta popularidade pode estar associada a comportamentos pró-sociais mas também anti-sociais (LaFontana & Cillessen, 2002).

Outra dimensão importante na análise e compreensão das relações de pares na adolescência é a *qualidade da amizade*. Enquanto a similitude é um factor importante na selecção das amizades, a qualidade da relação é fundamental para explicar a sua manutenção. Esta área de estudo evoluiu consideravelmente nos últimos anos (Brown & Klute, 2003) e tem mostrado que, à medida que a adolescência avança, a amizade entre os adolescentes começa a adquirir mais características de proximidade, intimidade, investimento e suporte (Furman & Buhrmester, 1992). Existem evidências empíricas de que quanto maior a qualidade da amizade entre os jovens, maior o seu ajustamento e uma oportunidade de promoverem as suas competências e aptidões sociais (Collins & Steinberg, 2006). Burk e Laursen (2005) mostraram que amizades com maior negatividade se associam a problemas de internalização ou externalização e menor rendimento escolar. Wenz-Gross e colaboradores (*cit. in* Garcia, 2005) evidenciaram, também, a associação entre stress nas relações entre pares e sintomas de depressão, o que sugere a importância do sentimento de pertença a um grupo de pares nesta fase da vida para o ajustamento sócio-emocional do jovem.

Uma crítica apontada aos estudos que recorrem a instrumentos de auto-relato que avaliam a percepção da qualidade da amizade é o facto de se basearem em respostas idiossincráticas e subjectivas que podem não corresponder à visão de ambos os membros da relação de amizade (Berndt, 1996), por exemplo, em termos de suporte recebido (Scholte, *cit. in* Scholte; van Lieshout; & van Aken, 2001). Deste modo, alguns autores têm procurado contornar esta limitação, recorrendo ao relato de ambas as partes envolvidas, mostrando que existe uma relação forte não da percepção em si mas da discrepância entre a percepção de ambos os amigos com dificuldades de ajustamento (East, 1991). Muitos autores defendem, também, que é necessário estudar mais aprofundadamente os efeitos conjuntos e interactivos das qualidades positivas das amizades (e.g. intimidade e comportamento pró-social) e negativas (conflito, rivalidade) no ajustamento das acrianças e adolescentes (Pereira, 2007).

## **2.2. RELAÇÕES AMOROSAS NA ADOLESCÊNCIA**

Os adolescentes passam muito do seu tempo a pensar, a falar e a envolver-se em experiências amorosas (Furman, 2002), apesar de os adultos considerarem este tipo de relacionamento superficial e passageiro. Ao analisarmos a literatura neste âmbito, depressa percebemos que os jovens não encaram as suas relações românticas da mesma forma que os adultos. Num recente estudo americano, metade dos adolescentes avaliados referiram já se ter envolvido numa relação de namoro e cerca de um terço descreveram-na como um episódio “sério” (Teenage Research Unlimited, 2006). Embora muitas relações nesta fase possam durar apenas algumas semanas ou meses, estas experiências parecem cruciais na vida dos adolescentes, contribuindo para o desenvolvimento da capacidade de se envolverem em relações de compromisso a longo-prazo na idade adulta.

Por esta razão, procurámos dar particular relevo à importância das relações de namoro durante a adolescência e início da idade adulta, tentando compreender como se formam, como se repercutem em diversas áreas de vida do jovem e seu contexto social e de como as experiências amorosas emergentes se associam às relações com os progenitores.

### **2.2.1. Formação das Relações Amorosas: O amor emergente**

Apesar de importante, este tópico apenas começou a ser alvo de maior investigação e interesse teórico a partir da década de 90 (Furman & Wehner, 1997). A revisão da literatura revela-nos também que a maior parte dos estudos tem sido realizado nos Estados Unidos, centrando-se maioritariamente em padrões demográficos e na sexualidade dos adolescentes e jovens adultos (ver Furman, Brown, & Feiring, 1999; Miller & Moore, 1990), negligenciando diversos outros temas igualmente importantes para a compreensão das relações românticas na adolescência (e.g., papel das práticas parentais, das relações familiares, da satisfação com o valor pessoal e com o corpo).

Paralelamente, a proximidade com amigos do mesmo género diminuiu à medida que o jovem consolida a sua relação de namoro, sugerindo uma alteração nas dinâmicas sociais do adolescente nesta fase de vida.

Uma marcada escassez empírica tem sido atribuída à falta de enquadramentos teóricos que guiem a investigação nesta área (Shulman & Collins, *cit. in* Collins,

Maccoby, Steinberg, Hetherington, & Bornstein, 2000) e à persistência de diversos mitos que a têm envolvido ao longo do tempo (e.g., que as relações amorosas dos adolescentes são transitórias e triviais).

As **relações românticas** podem ser definidas como interações voluntárias com um determinado grau de intensidade, mutuamente consentidas, partilhadas e marcadas por expressões de afecto (nomeadamente a nível físico) e expectativas ou existência de contactos sexuais (Collins, Maccoby, Steinberg, Hetherington, & Bornstein, 2000). Esta definição não faz referência a géneros, uma vez que pode ser aplicada a relações do mesmo género ou com o oposto (Diamond & Savin-Williams, 2003). Porém, saliente-se que a revisão bibliográfica levada a cabo centrou-se nos estudos levados a cabo em amostras de orientação heterossexual, visto corresponder às características da nossa amostra.

Um dos temas abordados em diversas investigações prende-se com o início das experiências amorosas. Os resultados revelam que cerca de 90% das crianças entre os 9 e os 11 anos afirmam ter um “amigo/a especial” do género oposto (Broderick, 1972). Hatfield, Schmitz, Cornelius e Rapson (1988) demonstraram que crianças de diversas idades referiam ter sentimentos de afecto por alguém, que descreviam como “amor”. Estudos recentes evidenciam a mesma tendência durante a adolescência (Carver, Joyner & Udry, 2003). As relações românticas tornam-se progressivamente mais importantes a partir da primeira fase da adolescência. Embora nesta fase (entre 10 e 14 anos) não seja tão habitual haver namoros, os jovens já revelam preocupações com aspectos relacionados com o romance (Connolly, Craig, Goldberg, & Pepler, 2004). Estas ligações afectivas são habitualmente não recíprocas e mantidas em segredo, com pelo menos metade dos adolescentes a considerar que estar apaixonado como uma experiência fantasiada e sinónima de incerteza. Porém, as concepções prototípicas do que é “estar apaixonado” parecem alterar-se com a idade, tornando-se mais específicas (e.g., incluem noções particulares de afecto, prestação de cuidados e atracção sexual).

As relações amorosas costumam ser muito importantes na vida social durante a fase intermédia da adolescência (entre os 15 e 19 anos). Nesta fase, é habitual os jovens referirem que passam mais tempo com os pares românticos do que com os amigos e a família (Furman & Schaffer, 2003). Na última fase da adolescência, 86% dos jovens referem já ter estado apaixonados (Hendrick & Hendrick, 1986).

Com vista a organizar as etapas do processo de namoro, Brown (1999) distinguiu quatro fases de orientação básica para as relações românticas. Estas fases normativas

podem variar de acordo com o contexto cultural em que os jovens se inserem, sofrendo, por exemplo, a influência dos pais, amigos ou *media* (Zani & Cicognani, 2006). São elas:

(a) *Iniciação* – O desenvolvimento pubertário e os impulsos sexuais despertam o interesse pela expressão e relações sexuais. Esta é uma fase centrada nas características do *self* e não tanto na qualidade das relações românticas. Os objectivos desta fase consistem no ajustamento do auto-conceito de modo a poder integrar uma figura amorosa e ganhar confiança para se relacionar com parceiros românticos. Estas relações podem ser superficiais ou curtas mas satisfatórias;

(b) *Estatuto* – Os adolescentes ganham confiança para interagir com os parceiros amorosos, confrontando-se com o desafio de interagir de modo correcto com as pessoas adequadas, iniciando e terminando relações influenciadas pelo contexto social. Estas relações são vistas como uma forma de estabelecer, manter ou melhorar o seu estatuto no grupo de pares;

(c) *Afecto* – Verifica-se uma descentração do contexto para a relação amorosa propriamente dita. Os adolescentes ganham maior confiança para arriscar mais na relação amorosa e envolvem-se mais emocional e sexualmente, o que se traduz num aumento de paixão e de preocupação com a relação. Nesta fase, o poder de grupo tende a atenuar-se à medida que o jovem se sente mais seguro com o seu estatuto e auto-confiança e as relações;

(d) *Ligação* – Para alcançar relações maduras os indivíduos terão de ultrapassar a fase de paixão e concentrar-se em aspectos mais pragmáticos e pessoais, nomeadamente no compromisso a longo-prazo com o parceiro romântico.

Apesar de haver várias formas de abordar as relações amorosas na adolescência, devido às suas características e diversidade de experiências (e.g., curtir, andar com alguém, ter uma “amizade colorida”), neste trabalho procurámos centrar-nos nas relações de namoro em particular.

O namoro pode ser definido como um compromisso social entre duas pessoas que se espera que seja agradável para ambas as partes (Dornbush et al., 1981). Apesar de nos parecer uma descrição vasta e inespecífica, sabe-se que o namoro parece ser um fenómeno surgido no século passado (Roche, 1986) que não procura um final propriamente definido e que nem sempre envolve actividade sexual.

Os estudos revelam que, na primeira fase da adolescência, os jovens passam mais tempo a pensar do que a interagir com as figuras românticas (Richards, Crowe, Larson,

& Swarr, 1998). As primeiras relações de namoro (habitualmente definidas como “andar com”) costumam ser intensas e envolvem experiências significativas para os adolescentes, mesmo que tenham uma curta duração (em média 3 a 8 meses) (Zani & Cicognani, 2006). Apesar do papel das mudanças pubertárias no surgimento do interesse pelas relações amorosas, elas são amplamente influenciadas por aspectos sociais, nomeadamente pela pressão dos pares (Seiffge-Krenke, 1998). Não admira, portanto, que estas primeiras experiências ocorram normalmente num contexto de grupo (Dunphy, 1963) e a partir dele (Montgomery & Sorell, 1998), facilitando o envolvimento dos adolescentes em relações amorosas (Connolly, Craig, Golberg & Pepler, *cit. in* Connolly, McIsaac, Goldberg, Pepler & Craig, 2007).

Segundo alguns autores, o namoro surge como o resultado natural das mudanças na qualidade e estrutura das relações de grupo ocorridas ao longo da adolescência (McCabe, *cit. in* McCabe, Ricciardelli, & Banfield, 2001). Dunphy (1963) desenvolveu o modelo desenvolvimental das interações de grupo na adolescência, baseado em cinco estádios integrados: 1º) Formação de pequenos grupos de pares do mesmo género, 2º) Alargamento do grupo a membros do género oposto, 3º) Estabelecimento de contactos com o outro sexo por parte dos membros mais populares e com maior estatuto dentro do grupo, 4º) Consituição definitiva de pequenos grupos heterossexuais que se associam a grupos mais alargados, 5º) Desintegração do grupo e formação de díades ou “casais”, os quais tendem para uma crescente consolidação e estabilização ao nível das suas experiências heterossexuais, e para uma menor necessidade de interacção em grande grupo.

Apesar de se tratar de um modelo antigo, estudos recentes revelam a sua utilidade na actual compreensão da evolução da vida social na adolescência. Saliente-se apenas a tendência para o alargamento da duração de cada uma destas fases, à medida que a adolescência se vai tornando uma fase do ciclo de vida mais longa no tempo (Smetana, Campione-Barr & Metzger, 2006).

Assim, a evolução da constituição do grupo mostra bem como os “grupinhos” unissexuais entram em contacto uns com os outros através da sua inserção no grande grupo, permitindo, assim, aos seus membros praticar novos papéis num espaço relacional mais amplo mas de cariz afiliativo. Poder-se-á, então, considerar que o pequeno grupo facilitará a passagem do grupo familiar para o grupo de pares, enquanto o grande grupo constituirá, em si mesmo, uma oportunidade para o envolvimento numa relação heterossexual (Newman & Newman, 1986). Neste processo, parecem ocorrer

diferenças de género com os rapazes a manter a sua participação em actividades de grupo quando iniciam uma relação amorosa, enquanto as raparigas reduzem o seu contacto com o grupo, passando a ter pequenas redes de amigas ou até mesmo a interagir quase exclusivamente com o namorado (Coleman & Hendry, 1990). Os rapazes também manifestam mais cedo o interesse pela partilha de intimidade e experiências de cariz sexual, enquanto as raparigas parecem percepcionar a sexualidade como um aumento de intimidade e compromisso. Esta diferença parece esbater-se com o avanço da idade (Roche, 1986).

Os estudos também mostram que as principais motivações dos adolescentes ao iniciarem uma relação de namoro são a necessidade de suporte emocional que facilitará o processo de autonomização face aos pais e a necessidade de evolução e obtenção de maturidade, sendo o parceiro percepcionado como alguém que pode ajudar o jovem a alcançar auto-realização e aumentar a sua auto-estima (Zani, *cit. in* Zani & Cocigliani, 2006). Os jovens que já finalizaram o ensino secundário parecem valorizar mais a relação de namoro quando comparados com aqueles que ainda permanecem naquele nível de escolaridade. Assim, as motivações para o namoro parecem igualmente variar de acordo com o nível de desenvolvimento dos adolescentes com os mais novos a salientar aspectos como a gratificação imediata e intimidade, ao passo que os mais velhos realçam o companheirismo e a partilha de experiências (Roscoe, Diana, & Brooks, 1987).

### **2.2.2. Implicações das Relações Amorosas na Adolescência**

À medida que o adolescente ou jovem adulto se vai tornando independente dos padrões relacionais que o ligavam aos pais e amigos, maior importância atribui às relações amorosas (Laursen & Williams, *cit. in* Laursen & Jensen-Campbell, 1999). Vejamos, então, quais os principais efeitos que a literatura tem revelado no que concerne ao envolvimento dos adolescentes em relações amorosas.

Os namorados são habitualmente descritos como *fontes de suporte* preferenciais, particularmente nos jovens adultos. À medida que o jovem se emancipa da tutela parental, os pares amorosos podem funcionar como fontes cruciais de suporte emocional. Num estudo americano com adolescentes a frequentar o 10º ano de escolaridade, Furman (2002) verificou que apenas os melhores amigos estavam habilitados para fornecer mais suporte emocional do que os namorados.

Muitos autores defendem também que o namoro desempenha um papel importante na formação da *identidade e individuação* dos jovens em relação aos pais, aumentando o seu sentimento de “ter uma identidade autónoma” (Steinberg, 2001). Segundo Dowdy e Kliever (1998), o namoro contém um papel de transição social que se torna normativo ao longo da adolescência intermédia através do desempenho de um papel diferente de ser filho, estudante ou amigo. Consequentemente, os seus padrões comportamentais e prioridades até então poderão sofrer alterações (e.g., passar menos tempo com os amigos ou a estudar).

Em associação com estes resultados, a literatura evidencia uma ligação entre as relações amorosas e a percepção de *auto-estima* e de identidade de género (Zani & Cicognani, 2006). Em comparação com os que não namoram, estes adolescentes consideram-se e são percebidos pelos outros como tendo maior sentido de valor pessoal e ajustamento em termos de identidade de género (ver Samet & Kelly, 1987). Paralelamente, as relações amorosas poderão ser promotoras de satisfação de diversas necessidades sociais (e.g. a aprovação dos pais e amigos ou o respeito e estatuto por parte dos pares), o que contribuirá igualmente para a consolidação do auto-respeito e auto-avaliação positiva. A qualidade das relações amorosas pode, portanto, ter efeitos a longo-prazo ao fomentar uma melhor auto-avaliação e ao promover valores acerca das relações íntimas e da sexualidade (Barber & Eccles, 2003).

Relações amorosas saudáveis na adolescência parecem estar associadas a *comunicação aberta*, elevados níveis de confiança e estabelecimento de relações com jovens com idade semelhante. Consequentemente, os adolescentes poderão potenciar o seu sentido de identidade e desenvolver competências sociais e suporte emocional. As relações de namoro podem assim funcionar como contexto adequado para o treino de aptidões sociais, como capacidade de negociação, empatia e aprendizagem de como manter uma relação. Os terminos e reinícios das relações poderão, também, predispor os jovens para sofrer sintomas depressivos, mas também promover o desenvolvimento de resiliência emocional e estratégias de *coping* importantes para lidarem com problemas futuros (Barber & Eccles, 2003).

Os estudos evidenciam, também, *diferenças de género* no que concerne às implicações e vivências amorosas na adolescência e início da idade adulta. As raparigas descrevem as suas relações quer com os pares em geral, quer com os pais como mais íntimas e afectuosas do que os rapazes (Berndt & Perry, 1986; Shulman & Scharf, 2000). Os estudos também mostram que as raparigas procuram maior compromisso e

suporte emocional dos seus parceiros amorosos do que o contrário (Gallagher, Rostosky, Welsh, & Kawaguchi, 1999). Neste âmbito, as visões tradicionais defendem que os rapazes estão mais orientados para o sexo e as raparigas para o compromisso. As raparigas, mais do que os rapazes, parecem partilhar maiores níveis de auto-revelação, suporte, e compromisso nas suas relações de proximidade. As necessidades emocionais das raparigas, habitualmente satisfeitas pelos pais, começam a ser mais importantes nas relações com os pares com o avanço da adolescência (Buhrmester, 1990), especialmente nas relações de namoro (Leaper & Anderson, 1997; Shulman & Scharf, 2000). Esta razão poderá dever-se ao facto das raparigas procurarem as mesmas características nas relações que mantêm com os pais e com os pares, o que não sucede com os rapazes que parecem “compartimentalizar” os diferentes tipos de relação, visível numa menor funcionalidade entre eles (Freeman & Newland, 2002). Parece, todavia, que estas diferenças de género não têm recebido confirmação empírica nas últimas década (ver Feiring, 2000). Vários estudos têm revelado que os rapazes valorizam mais o compromisso emocional nas relações amorosas do que se pensava anteriormente (Levesque, 1993), principalmente na fase em que se encontram no ensino superior (Connolly, Craig, Goldberg, & Pepler, 1999; Rostosky, Welsh, Kawaguchi & Gallagher, 1999). Os estudos com adultos revelam ainda menos distinções a este nível (Davis & Strube, 1993; Hendrick, Hendrick & Adler, 1988). Estas inconsistências revelam a escassez de estudos nesta área, principalmente de cariz longitudinal.

O início precoce das relações de namoro tem sido associado a *efeitos negativos* em termos de saúde mental, embora os resultados dos jovens com namoros sejam ligeiramente superiores aos dos que não namoram em termos de bem-estar. Deste modo, apesar de não estar clara esta relação, é sabido que a intimidade contribui positivamente para o bem-estar dos adolescentes e que, por sua vez, os jovens com melhor saúde mental tendem a relacionar-se mais positiva e proximamente com os outros, revelando que se tratam de conceitos independentes (Steinberg, 2001).

Por sua vez, enquanto as relações saudáveis poderão acarretar repercussões positivas para os adolescentes, as relações problemáticas estão relacionadas com factores de risco que poderão afectar a sua vida a longo-prazo. Os jovens são particularmente vulneráveis a relações amorosas que incluam violência e comportamentos sexuais de risco (National Center for Injury Prevention and Control, 2006). Por outro lado, estas relações são mais susceptíveis a diferentes formas de abuso

(e.g., verbal, emocional, físico, sexual). Num estudo americano, 61% dos adolescentes refere que o seu par amoroso já o fez sentir envergonhado e mal consigo próprio. Mais de um quarto (27%) dos jovens envolvidos num namoro diz ter um parceiro que lhe chama nomes ou o faz sentir mal. Cerca de um terço confessa já ter tido receio de ser maltratado fisicamente pelo namorado/a, e 15% sofreu maus-tratos físicos por parte do parceiro (Teenage Research Unlimited, 2006). A violência ocorre também com relativa frequência em relações homossexuais (Massachusetts Department of Education, 2003).

O envolvimento em relações de abuso pode ter consequências duradouras. Os estudos mostram que os adolescentes que sofreram abusos físicos por parte do par amoroso estão mais aptos a envolver-se em relações semelhantes na idade adulta (National Center for Injury Prevention and Control, 2006).

Relativamente à sexualidade de risco, as relações amorosas podem colocar os adolescentes em situações de vulnerabilidade em termos de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez (Furman, 2002). As actividades sexuais dos adolescentes em idade escolar ocorrem maioritariamente num contexto de namoro (Bouchey & Furman, 2003). Muitos jovens sentem-se também pressionados para terem relações sexuais. Uma em quatro adolescentes considera que é suposto haver envolvimento sexual quando se namora e quase um terço das raparigas que namoram confessa ter sido pressionado para terem experiências sexuais sem que tenha sido de acordo com a sua vontade (Teenage Research Unlimited, 2006). Uma das consequências mais citadas na literatura é a gravidez na adolescência. Um terço das raparigas americanas sexualmente activas refere que esteve grávida (Suellentrop & Flanigan, 2006) e uma em cada duas consideram a hipótese de ser infectadas por doenças sexualmente transmissíveis até aos 25 anos (Center for Health and Healthcare in Schools, 2004).

Recentemente, um dos temas que começa a surgir nesta área prende-se com a tendência que parece emergir para a aceitação, entre os adolescentes que namoram, de relações desajustadas e problemáticas. Segundo os estudos, um em cada quatro adolescentes considera que é aceitável que as pessoas mais próximas tenham manifestações exageradas de ciúme de vez em quando (Teenage Research Unlimited, 2006). Noutro estudo, os jovens (entre os 12 e os 14 anos) são tolerantes em relação a atitudes de coerção sexual, com 34% dos rapazes a referir que é aceitável pressionar uma rapariga para ter relações sexuais se já houve actividade sexual anterior (Albert, Brown, & Flanigan, 2003).

### **3.O ADOLESCENTE, OS PAIS E OS PARES**

#### **3.1. Pares e Pais: Que relação?**

Durante a adolescência, os pares aumentam significativamente a sua influência na vida do jovem (Brown, 2004; Shulman, 1993). Os adolescentes começam a passar cada vez mais tempo sozinhos ou com os amigos do que com os pais (Larson & Richards, 1991). Porém, ao contrário da visão tradicional que defende a ideia de que a cultura dos pares promove uma influência negativa e divergente face à dos pais (Coleman, *cit. in* Coleman & Hendry, 1991), defende-se, actualmente, que existe uma complementaridade dos seus papéis e importância na vida dos jovens. Enquanto os pais permanecem fontes de influência em temas de importância a longo-prazo (e.g. escolha da profissão ou assuntos relacionados com valores morais), os pares influenciam em assuntos ligados à cultura adolescente (e.g., estilo, tendências, preferências, aparência).

As *relações familiares* também parecem ser afectadas e influenciadas pelo início das experiências amorosas dos filhos. Em geral, verifica-se uma tendência para que os pais não valorizem a relevância e significado das relações amorosas na adolescência, esperando por futuras oportunidades significativas em termos de compromisso (Zani, *cit. por* Zani & Cocgnani, 2006). Porém, a resposta parental a estas experiências parece variar com o género da figura parental e dos filhos. Em geral, as mães mostram maior interesse pelas relações amorosas das filhas do que dos filhos, de quem muitas vezes se distanciam ligeiramente a nível emocional. As mães destas poderão ter sentimentos contraditórios que vão da alegria, ao ciúme ou à culpabilidade por não terem satisfeito alguma necessidade parental que conduziu à procura de suporte fora do núcleo familiar. No caso dos rapazes, verifica-se uma tendência para que as mães descrevam as suas relações de namoro como algo natural, esperado e positivo. Os pais, por sua vez, parecem variar as suas reacções em função, por exemplo, do seu nível sócio-cultural. Os pais de estatuto médio-alto encaram estas relações nas filhas como algo saudável e normal em termos do seu processo de desenvolvimento. Os de nível médio-baixo revelam maior preocupação com a possibilidade das filhas poderem tomar decisões que vão contra a sua vontade, devido às suas limitações culturais e financeiras. As atitudes dos pais em geral relativamente às relações dos filhos parecem ser mais superficiais e desprovidas de um contexto emocional (Zani & Cicognani, 2006).

Os jovens podem também transpor para a sua relação com os pares várias qualidades desenvolvidas a partir da socialização com os pais ao longo do seu percurso de vida até esta fase. A literatura mostra, ainda, que os adolescentes sem amigos próximos são mais influenciados pelas famílias do que pelos pares e que os adolescentes com famílias menos coesas e menos adaptativas são mais influenciados pelos pares do que pelos pais (Gauze et al., 1996). Na verdade, os estudos mostram que os pais têm habitualmente influência na selecção e mudanças que os filhos fazem das suas amizades (Mounts, 2004) e que a relação que os adolescentes mantêm com os seus pais afecta as interacções com os pares (Larson & Richards, 1991).

Numa revisão levada a cabo por Pereira (2007), foram encontrados dois tipos de teorias: (a) as que consideram que existe uma influência directa da relação com os pais na relação com os pares, segundo as quais os pais exercem um poder directo na selecção do ambiente em que educam os seus filhos, na supervisão e apoio prestado e na mediação das relações de amizade dos filhos (Ladd, 1992); e (b) as teorias que defendem a influência indirecta da relação entre pais e filhos na qualidade das relações de amizade, uma vez que a primeira exerce a sua influência sobre variáveis mediadoras (e.g. estratégias de resolução de problemas, regulação de emoções) que, por seu turno, afectam a vivência que a criança ou jovem estabelece com os pares. Neste grupo de teorias, encontra-se a *teoria da vinculação*, a partir da qual o nosso estudo se inspirou e que defende a influência dos modelos internos dinâmicos e estilos de regulação de humor adquiridos na relação com os pais no comportamento exploratório e social da criança e adolescente (Hartup, 1991; Ladd & Hart, 1992)

Com base numa perspectiva sistémica, consideramos que as funções das relações entre pares e família não são independentes. Como tal, existem influências mútuas na forma como ambos os sistemas se associam entre si (Brown, Mounts, Lamborn, & Steinberg, 1993). Neste campo de estudo, existem também teorias que defendem que pais e pares desempenham funções diferentes no desenvolvimento adolescente e outras que defendem a convergência entre ambos os tipos de relação. De acordo com a primeira perspectiva, onde se encontra a *teoria de Sullivan* (1953), os adolescentes enquadram-se em vários contextos relacionais que preenchem diferentes necessidades (e.g. de intimidade e companheirismo). Por outro lado, uma das tarefas desta fase é a busca de autonomia (Steinberg, 1988, cit por Steinberg, Lamborn, Dornbush, & Darling, 1992) e formação da identidade (Erikson, 1968) que pode resultar num distanciamento e desapego em relação aos pais (ver Blos, 1968). Como tal, é natural que a relação entre

pais e filhos se altere que se torna menos vertical e de menos dependência face ao sistema parental (à medida que se fortalece o elo emocional e instrumental com os amigos). Segundo Sullivan (1953), ambos os tipos de relação desempenham contributos únicos mas distintos para o desenvolvimento adolescente. No caso das relações de pares, o adolescente tem oportunidade de adquirir competências interpessoais fundamentais para os seus relacionamentos subsequentes, nomeadamente íntimos e amorosos (Erikson, 1968). A razão para este contributo prende-se com a horizontalidade e igualdade presente neste tipo de relação, o que também ocorrerá nas relações românticas futuras. Algumas investigações evidenciaram a importância das relações de amizade como contexto crucial para o ajustamento e desenvolvimento do adolescente (Furman & Buhrmester, 1992; Hunter & Youniss, 1982), porém, estes resultados parecem relativos uma vez que ambos os contextos parecem partilhar características importantes com os pais e com os pares (e.g. grau de intimidade e confiança).

A linha teórica que perspectiva os papéis de pais e amigos como convergentes é a **teoria da vinculação** e abordagens com ela associadas, segundo a qual as competências adquiridas nas experiências precoces entre pais e filhos se manifestam e influenciam as relações estabelecidas mais tarde com os pares (ver Cassidy & Shaver, 1999). Deste modo, a relação com os pais serve de base para a criança compreender e participar nas relações extra-familiares, onde se inclui a amizade. Estas percepções e expectativas são incorporadas no modelo interno de funcionamento (Bowlby, 1988) que guiará a forma como a criança/jovem se comporta em novas relações (Bretherton & Munholland, 1999). De acordo com a teoria da vinculação, o padrão seguro de vinculação resultará na formação de modelos internos dinâmicos que, através de interações com os pares e desenvolvimento de competências sociais, será preditor de relações mais positivas com os pares na adolescência. Os padrões de vinculação inseguros, pelo contrário, fomentam a formação de modelos dinâmicos internos baseados na ideia de que as relações interpessoais são danosas ou negligentes (Bretherton, *cit. in* Bretherton & Manholland, 1999). Assim, existe uma continuidade na importância das relações ao longo do desenvolvimento e respectivos contextos.

Vários estudos empíricos têm mostrado a existência de uma relação entre a qualidade da vinculação precoce estabelecida com os progenitores e as relações interpessoais na idade adulta, particularmente no que concerne às relações amorosas (Hazan & Shaver, 1987). Porém, o foco tem incidido primordialmente na forma como os estilos de vinculação predizem relações de amizade (Grabill & Kerns, 2000; Kerns &

Stevens, 1996). Lieberman e colaboradores salientam a importância de analisar as relações entre pares, dada a crescente relevância do seu papel ao longo da adolescência. Markiewicz, Doyle, e Brendgen (2001) demonstraram que existe uma relação relevante entre o estilo de vinculação e a qualidade da relação com os melhores amigos. De acordo com as teorias da vinculação e do suporte social, as crianças e adolescentes que têm suporte emocional terão relações semelhantes com os seus amigos (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1969, 1982; Cauce et al., 1997; Prociano & Heller, 1983). A investigação tem confirmado este pressuposto, mostrando que a qualidade da relação com os pais está positivamente associada com a qualidade da relação com os pares em geral (Prociano & Smith, 1997; Youngblade, Park, & Belsky, 1993). Jocelyn, Saferstein, Neymeier e Hagans (2005) analisaram a associação entre o estilo de vinculação e várias qualidades interpessoais numa amostra de jovens adultos (companheirismo, apoio, protecção, elo afectivo, proximidade, segurança, resolução de problemas e conflito). Os resultados revelam que os indivíduos com um padrão de vinculação seguro resolvem os seus problemas e manifestam menos conflitos do que os evitantes que manifestam maior conflituosidade e menos companheirismo.

A relação entre vinculação e qualidade da amizade também parece variar de acordo com o *género do indivíduo e do par*. Por exemplo, Tucker e Anders (1999) encontraram diferenças a este nível. As mulheres evitantes manifestaram maiores níveis de insatisfação com a relação do que os homens evitantes, ao passo que os homens preocupados manifestaram menos acuidade na percepção de amor, confiança e dependência relativamente aos pares do que as mulheres preocupadas (ver também, Matos, Barbosa, Milheiro De Almeida, & Costa, *cit. in* Barbosa, 2001). No entanto, nenhum estudo mostrou explicitamente o impacto do género do amigo/a (sexo semelhante ou oposto) na associação entre vinculação e qualidades das relações de pares, não sendo possível prever a interacção entre estas variáveis. Na verdade, consideramos que existe uma visível escassez de estudos na área da vinculação na adolescência, nomeadamente no que concerne à vinculação aos amigos íntimos e à sua associação a variáveis importantes, particularmente nesta fase de vida, como a auto-estima e a estima corporal.

Apesar desta diferenciação teórica entre independência versus convergência dos sistemas parental e afiliativo na vida do adolescente, faz-nos sentido considerar a influência recíproca destes dois contextos no seu ajustamento. Vários estudos têm, de

facto, evidenciado que se tratam de dois sistemas relacionados significativamente entre si, ainda que de forma moderada (Franco & Levitt, 1998; Malecki & Demaray, 2002; Pierce, Sarason & Sarason, 1991).

Recentemente, algumas perspectivas teóricas têm vindo a defender que as relações com os pais e com os pares desempenham funções diferentes na vida do adolescente, mas continuam a convergir num mesmo sentido. Krappman (1996), por exemplo, considera que as competências sociais adquiridas no contexto das amizades são fundamentais para o desenvolvimento social do adolescente, mas que estas são influenciadas e, eventualmente, potenciadas pela relação com os pais. Furman e Buhrmester (1985; Buhrmester, 1996; Furman & Buhrmester, 1992) introduziram também alterações ao modelo de Sullivan ao defenderem que as necessidades sociais provêm tendencialmente de diferentes relações e em graus diferentes. Por exemplo, os adolescentes podem procurar e valorizar mais a intimidade na relação com amigos, o que não significa que esta variável não esteja também presente na relação com os pais.

Neste campo, existem, ainda, autores que defendem a compensação e o equilíbrio entre sistemas parental e afiliativo, em que, perante a falha e não cumprimento das necessidades da criança/adolescente (e.g. em termos de apoio percebido), ela investiria e procuraria nas relações com os pares o suporte e experiências relevantes para o seu bem-estar (Cooper & Cooper, 1992).

Uma área de estudo que tem vindo a ser explorada, neste âmbito, diz respeito ao papel dos estilos e práticas parentais ao nível das relações de pares. Os resultados de algumas investigações mostram que, enquanto o controlo parental parece ter um efeito negativo no rendimento escolar (Noack, *cit. in* Noack, Kerr, & Olah, 1999). Por seu turno, o bem-estar dos adolescentes era mesmo afectado por interações negativas com os pares nos casos em que a família era apoiante e responsiva às necessidades do jovem (Gauze, Bukowski, Aquan-Assee & Sippola, 1996). No entanto, vários estudos mostram haver uma tendência para que os adolescentes que experienciaram suporte e afecto no contexto familiar, sejam socialmente mais competentes e descrevam as suas relações afiliativas como mais positivas (e.g. Berndt, 1988; Lieberman et al., 1999). Também existem evidências de que o estilo parental autoritativo reduz os efeitos negativos da influência dos pares (Bogenschneider et al., 1998; Mounts & Steinberg, 1995), por exemplo, ao nível do consumo de substâncias (Wills & Cleary, 1996), delinquência (Windle, 1992), problemas emocionais e baixa auto-estima (van Aken & Asendorpf, *cit. in* van Aken, van Lieshout, Scholte, & Haselager, 2002). Por sua vez, práticas parentais

inadequadas, inconsistentes ou maltratantes poderão promover atitudes e comportamentos anti-sociais a curto e longo-prazo (Farrington, *cit. in* Scholte & van Aken, 2006). Práticas parentais coercivas poderão também ser transpostas para a relação que os filhos têm com os pares, através do fomento de comportamentos de supremacia face aos outros (Dishion, Patterson & Kavanagh, 1992). A falta de controlo e monitorização parentais poderão também influenciar a selecção de pares delinquentes, o contrário também sucedendo (Bukowski, 2000).

### **3.2. Papel da Relação com os Pais no Namoro**

A maior parte dos estudos realizados com adolescentes centrou-se na influência dos pares na formação do curso e natureza dos romances vividos nesta fase de vida (Brown, 1999; Shulman, Levy-Shiff, Kedem, & Alon, 1997). A parca investigação focada no papel dos pais tende a defender a ideia que pais e mães detêm uma influência mínima no desenvolvimento relacional e sexual dos filhos, nomeadamente em termos de eficácia das suas intervenções para moldá-lo e orientá-lo (Brooks-Gunn & Reiter, 1990; Furman, 2001). Porém, parece-nos que os pais poderão ter um papel mais relevante do que aquele que tem vindo a ser descrito e, na verdade, parecem existir evidências neste sentido.

Grande parte das investigações, tal como já referimos anteriormente no caso das relações de amizade, tem procurado analisar a influência da relação com os pais nas relações dos filhos com os pares em termos das estratégias directas ou abertas para gerir, supervisionar e monitorizar os comportamentos dos seus filhos (Baumrind, 1991; Ladd, 1992; Ladd & Hart, 1992). Como já vimos, teorias recentes nesta área têm defendido que o contexto familiar pode moldar indirectamente as experiências relacionais de amizade e de namoro dos filhos, nomeadamente em termos de proximidade, estilos ou práticas parentais e vinculação aos pais (Allen & Land, 2000; Collins & Sroufe, 1999; Gray & Steinberg, 1999; Miller, 1993). Esta perspectiva centrada em factores de influência indirecta tem vantagens quando comparada com abordagens mais directas, uma vez que se enquadra na visão de que, se durante a adolescência, os pais têm um papel menos próximo das relações com os pares dos seus filhos, por outro lado, as amigadas, nesta fase, partilham funções características das relações com os pais, como intimidade, compromisso e padrões de vinculação, o que

revela aspectos comuns entre este tipo de relações (Hazan, Hutt, Sturgeon, & Bricker, 1991; Freeman & Brown, 2001; Furman & Buhrmester, 1985).

A *teoria da socialização* tem salientado a importância das práticas parentais em termos de influência no ajustamento dos adolescentes e na forma como estabelecem relações com os outros (Maccoby & Martin, 1983). A literatura mostra que práticas parentais que incluem aceitação, suporte emocional, supervisão e comunicação adequada entre pais e filhos parecem estar associadas a auto-confiança, vinculação segura, competências cognitivas e capacidade de resolver e enfrentar problemas quotidianos (Strage & Brandt, 1999). Consequentemente, estes jovens tendem a ser valorizadas socialmente (Darling & Steinberg, 1993). De acordo com esta perspectiva, os pais, ao manterem uma relação com os filhos baseada no afecto, proximidade e aceitação, ao mesmo tempo que promovem a autonomia do adolescente (Allen & Hauser, 1996), transmitem aos filhos atitudes associadas a independência e a vinculação segura. Deste modo, estes tendem a sentir-se mais capazes para transmitir estas características e expectativas para as suas relações amorosas subsequentes (Connolly & Goldberg, 1999).

Como sugere Cassidy (2000), o equilíbrio entre vinculação segura e fomento de autonomia por parte dos pais, poderá marcar positivamente as relações futuras do adolescente. De acordo com esta perspectiva, as experiências amorosas precoces funcionam como contexto para que os adolescentes aprendam expectativas, representações, comportamentos e sentimentos que lhe poderão favorecer em relações românticas na idade adulta. Este modelo defende, assim, a transmissão das experiências vivenciadas em família às novas relações com os amigos e pares românticos. Por outro lado, à luz da teoria social-cognitiva, as representações amorosas podem ser aprendidas a partir da observação e convivência com outros casais (e.g. pais, amigos). A sua manutenção dependeria da intensidade das crenças que os jovens têm acerca da sua capacidade para estabelecer relações românticas saudáveis (Bandura, 2000).

Tal como existem diferentes formas de entender a relação entre os pais e os parceiros amorosos compreendidas habitualmente de três formas: independentes, contínuas e compensatórias/competitivas. Começamos por compreender o que defende esta última abordagem.

### 3.2.1. Perspectivas de compensação e de competição inter-relacional

Uma das perspectivas que tenta compreender a relação entre pais e pares (namorados), considera que existe uma associação negativa ou descontínua entre estes dois tipos de relação. Segundo esta visão, os namoros representam o primeiro grande desafio à primazia emocional das relações familiares (Freeman & Newland, 2002). Levesque (1993) analisou a satisfação com as relações amorosas em 300 estudantes universitários e verificou que os jovens atribuíam o mesmo valor a factores como compromisso, companheirismo e paixão. Enquanto os adultos procuram relações que satisfaçam as suas necessidades sociais a longo-prazo, as necessidades dos adolescentes podem estar comprometidas ou poderão competir com as adquiridas nas relações familiares, visto tratar-se, em regra, de relações menos duradouras. De acordo com Freeman e Brown (2001), ao contrário dos adultos, as relações de namoro na adolescência não substituem os pais enquanto figuras de vinculação primárias. Desta forma, os pares românticos e os pais poderão disputar o seu papel na satisfação de necessidades emocionais do adolescente. Assim, ao envolver-se numa relação amorosa, o jovem está a aumentar o grau de compromisso, proximidade e comportamentos de vinculação para com o parceiro romântico, fazendo diminuir a frequência destes comportamentos em relação aos progenitores. Portanto, podemos dizer que, segundo esta perspectiva, existe uma associação negativa e bidireccional entre estes dois sistemas sociais.

Esta associação negativa também existe se perspectivarmos estes dois subsistemas como desempenhando uma *função compensatória* entre si. Neste sentido, os namorados não diminuem o grau de proximidade aos pais, mas preenchem funções de suporte emocional que, de outra maneira, faltariam na vida dos adolescentes. Mais do que retirar proximidade aos pais, esta abordagem defende que o envolvimento emocional com os namorados seria mais saliente nos adolescentes com pouca proximidade emocional com as suas mães e com os seus pais. Esta lógica baseia-se, assim, na ideia de que os adolescentes que mantivessem uma ligação emocionalmente mais próxima e comprometida com uma ou ambas as figuras parentais, investiriam menos nas relações amorosas (Freeman & Newland, 2002). Esta perspectiva permite compreender a actividade sexual na adolescência. Tal como acontece na idade adulta, existe uma tendência para que o envolvimento sexual se vá intensificando à medida que a relação progride (Levesque, 1993). Porém, pouco se sabe da forma como se processa esta evolução emocional e relacional.

### 3.2.2. Teorias da independência inter-relacional

A *conceptualização de Piaget-Sullivan* (Furman & Simon, 1999; Youniss, 1980) apoia-se na primeira perspectiva ao argumentar que as relações com os pares românticos se constroem na partilha de compreensão e em reciprocidade, mantendo uma validação consensual e mútua. As relações com os pais, por seu turno, têm papéis inerentemente distintos, tendo as figuras parentais a função de regular as mudanças interpessoais com e dos filhos e estes o papel de assimilar, activa ou passivamente, essa informação (Youniss, 1980). Para Youniss, “*a diferenciação entre estes dois tipos de socialização, sugere a existência de dois mundos sociais com formas de interacção distintas e separadas*” (1980, p. 8). Vários estudos evidenciaram esta perspectiva ao mostrar que os adolescentes preferem a intimidade e compreensão mútua fornecida pela relações amorosas ou com os melhores amigos do que pelos pais (Connolly & Johnson, 1996; Buhrmester, 1996; Buhrmester & Furman, 1987; Furman, 2001; Hunter & Youniss, 1982).

### 3.2.3. Teorias da continuidade inter-relacional

Por contraponto, a perspectiva de continuidade entre relações com pais e relações amorosas tem sido defendida pela *teoria da vinculação* (Hazan & Shaver, 1987; Hazan & Zeifman, 2000; Rothbard & Shaver, 1991). O estilo de vinculação romântico nos adultos relaciona-se com a avaliação retrospectiva da relação com os pais (Collins & Reed, 1990; Feeney & Noller, 1990; Hazan & Shaver, 1987). Como tal, as entrevistas utilizadas na análise das representações de vinculação dos adultos ao par amorosa estão associadas e podem ser comparadas com as medidas que avaliam os modelos internos das relações com os pais (Owens, Crowell, Pan, Treboux, O’Connor, & Waters, 1995). A literatura nesta área tem procurado cada vez mais utilizar amostras de adolescentes e jovens adultos, recorrendo a diferentes medidas de vinculação. A maior parte dos estudos utiliza instrumentos de auto-relato e tem por objectivo avaliar retrospectivamente as recordações das figuras parentais com vista a conhecer a correspondência de resultados entre estes e a vinculação aos pares românticos dos jovens. Esta congruência parte, assim, do pressuposto que as representações dos pais são distintas da dos namorados.

Segundo esta abordagem, as experiências precoces de suporte da relação com os pais são internalizadas sob a forma de representações cognitivas das relações, isto é, de modelos internos dinâmicos<sup>32</sup> (Bretherton, *cit. in* Bretherton & Munholland, 1999). Os modelos internos da relação com os pais são activados em relações futuras de proximidade, especialmente naquelas em que existe um sistema de vinculação formado e estabelecido. Nas relações de vinculação podem ser identificadas três características cognitivas e comportamentais primárias: procura de proximidade em situações de stress, efeito positivo da “base segura” neste tipo de situação e sinais de “protesto” após a separação com a figura de vinculação (Morgan & Shaver, 1999). De acordo com Hazan e Zeifman (1999), a ligação amorosa/sexual nos adultos activa estes três requisitos tal como acontece com as crianças em relação às figuras cuidadoras. Esta evidência demonstraria a continuidade entre ambos os sistemas e respectivos modelos internos dinâmicos. Esta visão tem sido encarada como uma hipótese protótipo (Collins & Sroufe, 1999; Hazan & Zeifman, 1999; Miller, 1993; Owens, Crowell, Pan, Treboux, O’Connor, Waters, 1995), sugerindo que o elo aos pais poderá constituir a base das relações subsequentes de proximidade, em particular as de vinculação. Deste modo, sujeitos seguros nas suas relações amorosas tendem a recordar-se dos seus pais como tendo sido carinhosos, respeitadores, benevolentes, aceitantes e não rejeitantes, menos punitivos e com uma melhor relação de casal (Collins & Read; Diehl, Elnick, Bourbeau & Labouvie-Vief; Feeney & Noller; Greenberg & MCLAughlin; Hazan & Shaver; Levy, Blatt & Shaver; Mikuliner & Nachshon; Rothbard & Shaver; *cit. in* Matos & Costa, 2006). Os indivíduos com padrões evitantes de vinculação aos pais sentir-se-iam relutantes em depender do parceiro amoroso, descrevem a mãe como mais rejeitante e fria e o pai como pouco flexível e razoável, impaciente, emocionalmente instável e indisponível física e afectivamente, fazendo com que os jovens se sintam alienados face à figura paterna (Rothbard & Shaver, 1994). Os preocupados, por seu turno, sentir-se-iam inseguros acerca da disponibilidade do par amoroso e dificuldade em estar satisfeito com o seu suporte e relatam sentimentos de injustiça, de controle e de intrusividade comparativamente aos restantes padrões (Hazan & Shaver, 1987; Lopez & Brennan, 2000; Rothbard & Shaver, 1994).

Segundo Collins e Read (1990), os indivíduos com estilo de vinculação seguro são mais confiantes nos outros, sentem-se confortáveis com a proximidade emocional,

---

<sup>32</sup> As representações referentes aos modelos internos também são conhecidas na literatura como esquemas, *scripts*, protótipos, estados mentais ou visões.

têm uma visão mais positiva acerca do mundo e do amor. De modo mais específico, a ansiedade das mulheres está associada a uma representação negativa da relação e insatisfação do companheiro. Simpson (1990) mostrou que os indivíduos seguros, quando comparados com os inseguros, estão mais satisfeitos com as suas relações, revelando níveis mais elevados de interdependência, confiança e investimento, e vivenciam mais experiências emocionais positivas e menor de negativas. Por sua vez, os homens evitantes mostram os menores níveis de tensão emocional e os homens de mulheres ansiosas percebem maior negatividade nas suas relações.

Estudos com adolescentes portugueses (Matos & Costa, 2006) mostram que os jovens com vinculações seguras às figuras parentais relacionam-se de modo mais seguro do ponto de vista romântico, apresentando representações mais favoráveis acerca de si próprio e dos outros. Porém, o contexto amoroso também é encarado como uma oportunidade relacional importante para a revisão e transformação dos modelos construídos em relações anteriores. Nestes estudos, evidencia-se a relevância da vinculação ao pai para a compreensão da vinculação ao pai para compreender a qualidade da relação com o par amoroso. A vinculação à mãe tende a ser mais preocupada, enquanto com o pai tende a ser desinvestida.

Relativamente à *sexualidade* e padrões de vinculação na adolescência, os estudos mostram que os indivíduos seguros se envolvem em experiências sexuais com o principal objectivo de expressar afecto ao parceiro e apresentam-se como mais orientados para a sexualidade/intimidade. Estes sujeitos vivenciam menos emoções negativas, assim com mais afecto durante as actividades sexuais do que os sujeitos inseguros (Tracy, Shaver, Albino, & Cooper, 2003). Na idade adulta, os indivíduos seguros têm auto-esquemas sexuais mais positivos (Cyranski & Andersen, *cit. in* Birnbaum, 2007) e maior satisfação com actividades de exploração sexual com os parceiros a longo-prazo (Hazan, Zeifman, & Middleton, 1994). Sobretudo, estes e outros resultados tornaram patentes os efeitos positivos da vinculação positiva em relações amorosas de longa duração. Algumas investigações também evidenciam que os sujeitos evitantes procuram desactivar os seus sistemas de vinculação através do envolvimento em relações instáveis, caracterizadas pelo receio de intimidade e reduzido grau de envolvimento, confiança, coesão e satisfação (e.g., Collins & Read, 1990; Hazan & Shaver, 1987; Kirkpatrick & Davis, 1994; Mikulincer & Florian, 1999), podendo inclusive optar pela abstinência sexual (Kalichman et al., 1993; Tracy et al., 2003) ou por uma sexualidade desprovida de afecto (e.g., Brennan & Shaver, 1995;

Gentzler & Kerns, 2004; Schachner & Shaver, 2002). Estes jovens são relativamente erotofóbicos, apresentam pouca motivação sexual e satisfação associada (Tracy et al. (2003). Na idade adulta, os indivíduos tendem a evitar a proximidade emocional e a salientar aspectos negativos do parceiro, tais como manipulação e controlo, procurando manter-se afastados de manifestações de afecto negativo do companheiro (Cooper et al., 2006; Davis, Shaver, & Vernon, 2004; Schachner & Shaver, 2004). Assim, estes indivíduos envolvem-se menos em manifestações de carinho (e.g., abraçar, beijar), têm menos preferência por posições sexuais que envolvam maior proximidade (Brennan, Wu, & Loev, 1998; Hazan et al., 1994), sentem mais emoções negativas (Birnbaum & Gillath, *cit. in* Birnbaum, 2007), maior desvinculação da actividade sexual (Birnbaum & Reis; Birnbaum, Reis, Mikulincer, Gillath, & Orpaz, *cit. in* Birnbaum, 2007) e recurso à sexualidade para, paradoxalmente, evitar a proximidade e maximizar o controlo da relação.

A activação crónica do sistema de vinculação, contrariamente, conduz a que os indivíduos preocupados se tornem obcecados com o parceiro romântico, necessitem de uma proximidade quase intrusiva e padrões de controlo relativamente aos comportamentos relacionais (e.g., Collins & Read, 1990; Hazan & Shaver, 1987) que poderão causar conflitos na relação (Downey, Freitas, Michaelis, & Khouri; Mikulincer & Shaver; Shaver & Mikulincer, *cit. in* Birnbaum, 2007). As estratégias de hiperactivação também afectam a intimidade sexual. Os sujeitos mais preocupados procuram satisfazer as necessidades de segurança e amor através, por exemplo, da sexualidade. Na adolescência, estes jovens tendem a envolver-se em actividades sexuais como forma de evitar o abandono (Tracy et al., 2003), o que pode levar a envolverem-se em actos sexuais que não desejam (e.g., Feeney, Peterson, Gallois, & Terry, 2000) e que interferem com as suas emoções durante a actividade sexual (Tracy et al., 2003). Estes jovens apresentam um grau relativamente elevado de erotofilia (Bogaert & Sadava, 2002), percebendo a sexualidade como uma forma para obter intimidade emocional, aprovação e segurança, procurando que o parceiro demonstre comportamentos de afecto e disperse eventuais emoções negativas do parceiro (Cooper et al., 2006; Davis et al., 2004; Schachner & Shaver, 2004). Ironicamente, o não alcançar as expectativas relacionais ou a sua canalização inapropriada para o campo sexual quando preocupado com reacções do parceiro, faz com que as pessoas com padrões preocupados de vinculação estejam mais vulneráveis à desilusão e insatisfação sexual (Birnbaum & Gillath; Birnbaum & Reis; Brennan, Wu, & Loev, *cit. in* Birnbaum, 2007). A frustração

sexual poderá fomentar situações de conflito (e.g. Hassebrauck & Fehr, 2002) e alimentar um ciclo interpessoal que se auto-perpetua e poderá, inclusive, culminar no término da relação.

#### **4. O Adolescente em Inter-Relações: A Teoria de Sistemas Comportamentais**

##### **4.1. Perspectivas Alternativas: A conceptualização de Sistemas Comportamentais**

Ainda que a abordagem da continuidade entre relações com pais e pares românticos possa ser particularmente interessante e relevante nas relações de adultos, tem sido criticada por não se ajustar adequadamente à adolescência. A maior parte da literatura acerca das representações das relações amorosas tem utilizado amostras de jovens adultos e adultos casados. No entanto, as relações com os pais podem desempenhar um papel particularmente importante nas expectativas e experiências amorosas (Furman, Simon, Schaffer & Bouchey, 2002). As ligações mantidas nesta fase poderão não ser tão aparentes quando as relações amorosas se encontram em formação e nem sempre são de natureza tão íntima. Existem evidências de que as representações das relações com as mães e com os pais são inconsistentes com as representações das relações românticas (Furman, 1999; Furman & Wehner, 1994).

Numa tentativa de integrar os resultados da literatura sobre vinculação e as teorias associadas ao modelo de Sullivan, Furman e Wehner (1994) desenvolveram a conceptualização dos sistemas comportamentais<sup>33</sup> (Furman & Wehner, 1994). Segundo os autores, os jovens desenvolvem imagens ou representações das relações românticas, do self nessa relação e do parceiro. Estas representações são conceptualizadas como expectativas relativamente à intimidade e proximidades amorosas (Furman & Simon, 1999). Estas representações influenciam e guiam o comportamento do indivíduo no contexto romântico e servem de base para predizer e interpretar o comportamento do parceiro. O conceito de representação (ou imagens) baseia-se nos modelos internos dinâmicos ou estilos de vinculação da teoria da vinculação (Bowlby, 1973; Main,

---

<sup>33</sup> O Questionário de Sistemas Comportamentais utilizado no nosso estudo foi desenvolvido pelos autores a partir da conceptualização teórica com o mesmo nome.

Kaplan, & Cassidy, 1985). Estas representações ou esquemas relacionais também se categorizam de acordo com a taxonomia descrita por esta teoria, descrevendo os padrões relacionais como seguro, evitante e preocupado. Porém, existe uma diferença importante entre estas abordagens pois, enquanto a perspectiva da vinculação se centra nas representação das figuras de vinculação parentais, esta nova abordagem procura abarcar outro tipo de relações (e.g., com os pares). Deste modo, as representações poderiam existir em relações de vinculação, mas também de amizade e de namoro, caracterizadas por proximidade e intimidade (Furman & Simon, 2006).

Outra diferença teórica entre estas abordagens prende-se com o *nível de organização* das representações. A teoria da vinculação defende que os indivíduos têm representações do sistema de vinculação transversais às diferentes relações. Segundo a teoria dos sistemas comportamentais, as pessoas têm representações de intimidade e proximidade dentro de cada tipo de relação, referindo-se a representações de intimidade e proximidade nas relações românticas em vez de representações de vinculação gerais. Consistentemente com esta ideia, os estudos evidenciam que os modelos internos dinâmicos dos pais e dos parceiros românticos se relacionam mas apenas moderadamente (Dickstein, Seifer, St Andre, Schiller, 2001; Furman, Simon, Schaffer, & Bouchey, 2002; Owens, Crowell, Pan, Treboux, O'Connor, & Waters, 1995). Neste sentido, existem dois níveis em termos de representações românticas: os estilos amorosos e os modelos internos amorosos. Estes últimos, também chamados estados mentais<sup>34</sup>, são representações internalizadas das relações românticas e podem ser medidos através de entrevistas como a *Romantic Interview* (RI; Furman, 2001) e a pela *Adult Attachment Interview* (AAI). Por sua vez, os estilos amorosos podem ser medidos por instrumentos de auto-relato semelhantes às entrevistas de vinculação, mas com o factor adicional de poderem avaliar aspectos ligados à intimidade e proximidade que dizem respeito ao suporte emocional e ao investimento/afiliação, para além do sistema de vinculação.

## **4.2. Representações e Padrões Relacionais**

Vários estudos têm mostrado que os modelos internos de vinculação estão relacionados com padrões de relacionais nas relações amorosas na idade adulta (e.g.,

---

<sup>34</sup> Tradução literal do inglês “*states of mind*”.

Cohn, Silver, & Cowan, 1992; Crowell, Frazer & Shaver, 1999). Porém, poucos autores se debruçaram sobre a associação entre modelos internos dinâmicos das relações amorosas e padrões relacionais (Alexandrov, Cowan, & Cowan, 2005; Roisman, Collins, Sroufe, & Egeland, 2005; Treboux, Crowell, & Waters, 2004, *cit. in* Furman, 2006). Em geral, os modelos românticos seguros estão associados a relações amorosas com maior qualidade, patente em comportamentos de vinculação de base segura, afecto positivo, resolução adequada de conflitos e menos interações negativas. Num estudo de Simpson, Rholes, e Nelligan (1992), várias mulheres foram avisadas que iriam enfrentar uma situação de ansiedade, tendo-lhes sido pedido que aguardassem junto dos parceiros. As mulheres mais seguras procuraram maior suporte e os homens seguros forneceram maior apoio à medida que as suas companheiras ficavam mais ansiosas. Os homens e mulheres evitantes manifestavam mais ira (Rholes, Simpson & Oriña, 1999) e comportavam-se mais negativamente quando os parceiros eram evitantes (Campbell, Simpson, Kashy, & Rholes, 2001).

Estas investigações mostram que as representações relacionais estão associadas a padrões relacionais. Porém, esta continua a ser uma área com limitações metodológicas, centrada, principalmente, na comparação de padrões seguros e inseguros genéricos e centrada na população adulta e não na adolescente. Estes aspectos revelam-nos que muito trabalho empírico parece estar ainda por realizar neste âmbito.

### **4.3. Sistemas Comportamentais e Adolescência**

Durante o período adolescente, o par romântico pode tornar-se a figura mais saliente nos sistemas de comportamento, associados a vinculação, suporte emocional, afiliação/investimento e sexualidade. Deste modo, o parceiro pode corresponder a uma figura de vinculação que o adolescente procura em situações geradoras de desconforto. Concomitantemente, o jovem pode fornecer suporte emocional, conforto e afecto ao par amoroso. O adolescente pode recorrer ao parceiro para satisfazer necessidades de companheirismo e amizade, à medida que as relações românticas começam a ser perspectivadas como oportunidades de cooperação, mutualidade, altruísmo recíproco, realização sexual e co-construção da relação (Furman *et al.*, 2002).

Como é de esperar, nem todas as funções acima descritas são necessariamente obtidas a partir das relações amorosas. Os adolescentes possuem outros indivíduos na sua rede social que podem funcionar como figuras de vinculação, companheiros e

peças a quem dão e de quem recebem apoio. Estes indivíduos estão organizados de acordo com uma ordem hierárquica, aumentando a sua relevância à medida que a relação se desenvolve. Por exemplo, no início de uma relação, o jovem pode procurar menos o parceiro em situações geradoras de mal-estar, passando a confiar e a recorrer mais ao mesmo quando sente que a relação se encontra mais estável (Furman & Simon, 2006).

Portanto, à medida que os indivíduos crescem e adquirem mais experiência em diversas relações românticas, tenderão a encarar mais o companheiro/a como alguém apto a satisfazer as suas necessidades do que em idades mais precoces e, portanto, tendo menos experiências relacionais. Isto ocorre porque o indivíduo aprende a usar os pares amorosos como figuras promotoras de necessidades de vinculação, de afecto/suporte emocional, de afiliação e investimento e de satisfação sexual. Espera-se que estas aprendizagens sejam transferidas para as relações subsequentes.

Por último, importa saber de que modo surgem os sistemas comportamentais.

No início da adolescência, os jovens não estão interessados em satisfazer necessidades de vinculação ou afiliação, mas mais na sua aparência, na forma como devem agir e nas percepções do grupo (Brown, *cit. in* Furman, 2006). Só após terem adquirido competências básicas para lidar com o sexo oposto é que surgem as necessidades de afiliação e sexuais como funções fulcrais da relação amorosa. Ao longo da fase intermédia da adolescência, a maior parte dos adolescentes tem, pelo menos, uma relação exclusiva que dura de alguns meses até um ano, em média (Feiring, 1996; Thorton, 1990), tornando-se também menos preocupados com o estatuto perante os pares (Brown, Eicher, & Petrie, 1986; Dunphy, 1963; Gavin & Furman, 1989).

A procura de proximidade, que os autores descrevem como comportamento de afiliação, emerge relativamente cedo nas relações, o que não acontece com o comportamento de vinculação seguro (Hazan & Zeifman, 1994). Os sistemas de vinculação e suporte emocional vão-se tornando mais significativos na última fase da adolescência e início da idade adulta, à medida que ocorrem transformações na relação com a família que levam a que o adolescente procure uma nova figura de vinculação primária. Esta figura começa por servir necessidades sexuais e de afiliação, para mais tarde ter também funções de vinculação e suporte emocional. Assim, o parceiro romântico só passa a desempenhar um papel importante ao nível dos quatro sistemas após o desenvolvimento duradouro da relação, o que habitualmente sucede no final da adolescência e início da idade adulta.

## 5. SÍNTESE DO CAPÍTULO

Na adolescência, as modificações que se operam nos processos de socialização envolvem novas tarefas, pois a maioria dos padrões de comportamento social, aprendidos durante a infância, não se adapta ao tipo de relações e comportamentos sociais agora em questão: relações interpessoais mais autónomas e menos dependentes dos pais ou de outros adultos, desenvolvimento de atitudes e comportamentos socialmente mais responsáveis e adaptados, e estabelecimento de relações mais maduras com os pares de ambos os sexos.

O foco do vasto campo teórico e empírico dedicado à adolescência tem variado ao longo do tempo e ao longo das diferentes fases deste período vital. A análise teórico-prática evidencia que, à medida que a adolescência avança, os jovens vão-se tornando menos dependentes dos pais, mais desenvolvidos e complexos a nível cognitivo e com maior necessidade de estabelecer relações de colaboração e proximidade (Ainsworth, 1989; Sullivan, 1953; Youniss & Smollar, 1985), patente num crescente investimento, suporte emocional e sentimentos de intimidade ao nível das suas relações de amizade (Furman & Buhrmester, 1992; Hunter & Youniss, 1982; Sharabany, Gershoni, & Hofman, 1981). As teorias do suporte social (Cauce, Mason, Gonzales, Hiraga, & Liu, 1996; 1994), vinculação (Bowlby, 1969/1982; Ainsworth, 1989), desenvolvimento da identidade (Erikson, 1968) e desenvolvimento interpessoal (Selman, 1980; Sullivan, 1954; Youniss & Smollar, 1985) sugerem igualmente que o aumento do suporte emocional e intimidade torna-se cada vez mais evidente à medida que a adolescência avança, em consonância com a procura de amizades que validem as suas necessidades sociais e de suporte e com a construção da sua própria identidade. O surgimento de interesses e envolvimento em relações românticas durante esta fase, como veremos mais adiante, também parece precipitar uma maior percepção de intimidade e suporte nas relações de amizade, proporcionando um contexto adequado para a partilha de todo um conjunto de experiências características da adolescência e início da idade adulta (Furman & Buhrmester, 1992; Azmitia, Kamprath, & Linnet, 1998).

Nos últimos anos, a investigação dedicada às relações de pares na adolescência tem evoluído em várias áreas, procurando compreender a importância de factores como o papel da co-ruminação nas relações diádicas (Rose, 2002), a influência dos ciúmes na primeira fase da adolescência (Roth & Parker, 2001), a exclusão do grupo de pares com

base no género e estereótipos (Killen et al., 2002) e em função da identificação com as características do grupo (Horn, 2003), *bullying*, vitimização e assédio (e.g., Juvonen & Graham, 2001; Nishina & Juvonen, 2005), a cultura adolescente (Brown, 1990), o papel do estatuto social na adolescência (ver Newcomb, Bukowski & Patte, 1993), entre muitos outros temas. Porém, parece fundamental salientar várias áreas que ainda permanecem por explorar nomeadamente no que concerne à influência de variáveis parentais (e.g., estilos parentais, vinculação, investimento, apoio emocional), pessoais e relacionais (e.g. vinculação aos melhores amigos e aos namorados, investimento e apoio emocional) na forma como os adolescentes percebem e vivenciam as relações de amizade. É nesse sentido que o presente trabalho procura fornecer o seu contributo.

Em suma, na adolescência, o jovem começa, progressivamente, a despender mais tempo com os pares e menos com a família. Apesar desta tendência, o adolescente continua a recorrer às figuras parentais na procura de valores e de uma “base segura” a partir da qual possa partir para novos rumos no seu desenvolvimento. Assim, com base na escassez de estudos nesta área e na importância que as práticas parentais e os modelos de representação das relações com os pais, amigos e pares amorosos indiciam ter no bem-estar psico-afectivo do adolescente, procurámos contribuir para um melhor conhecimento destes factores no estudo empírico que passaremos a descrever.

## **2ª PARTE**

# **ESTUDO EMPÍRICO**

## ***CAPÍTULO III***

---

### **METODOLOGIA:**

#### **Conceptualização do estudo empírico**

# **METODOLOGIA:**

## **CONCEPTUALIZAÇÃO DO ESTUDO EMPÍRICO**

### **1. Propósitos do estudo**

Esta investigação tem como *objectivo geral* estudar a percepção que os adolescentes têm dos estilos educativos parentais e os padrões de vinculação aos pais, e compreender a forma como estes poderão influenciar a relações com pares e alguns índices de bem-estar individual (auto-estima e estima corporal). É de salientar ainda que a quase totalidade dos estudos que relacionam estes conceitos dizem respeito a populações estrangeiras, nomeadamente norte-americanas, escasseando os estudos portugueses nesta área. Assim, com base numa avaliação transversal de uma amostra de adolescentes e jovens adultos portugueses, procurámos prestar um contributo para a compreensão de como a qualidade das relações e práticas parentais proporciona ou não uma base para o estabelecimento de outras relações e para o bem-estar individual nesta fase do ciclo de vida.

Tendo por base o *objectivo geral* supracitado, formulámos e procurámos obedecer aos seguintes *objectivos específicos*:

1. Analisar as qualidades psicométricas dos instrumentos utilizados;
2. Caracterizar a amostra segundo as variáveis sócio-demográficas em análise;
3. Compreender o modo como as práticas parentais e as representações estabelecidas na relação com os progenitores se associam a padrões interpessoais em domínios distintos, como no contexto das relações de amizade e de namoro na fase final da adolescência;
4. Investigar a associação entre variáveis relacionais familiares e sociais - práticas parentais, vinculação, apoio emocional e investimento aos pais, amigos e namorados -, e variáveis individuais – auto-estima e satisfação corporal;
5. Analisar a influência de variáveis sócio-demográficas nas variáveis em análise;

6. Compreender as semelhanças e as diferenças entre os estilos de relação estabelecidos entre os diferentes sistemas interpessoais.

Assumindo-se este estudo como essencialmente de cariz exploratório, foi nosso intuito responder às seguintes *questões de investigação*, enquanto guias orientadores dos nossos procedimentos metodológicos:

- 1) Existe uma associação entre os padrões relacionais com os pais e o modo como os jovens se relacionam com os pares?
- 2) As dimensões seguras de vinculação, apoio emocional e investimento apresentam uma associação positiva entre si?
- 3) Padrões seguros de relacionamento estão associados a melhores níveis de bem-estar individual, nomeadamente maior auto-estima e estima corporal?
- 4) Práticas parentais baseadas no suporte emocional relacionam-se positivamente com padrões de relacionamento seguros?
- 5) As práticas parentais estão associadas à auto-estima e estima corporal dos adolescentes e jovens adultos?
- 6) Os padrões relacionais com os amigos assemelham-se aos padrões relacionais com os namorados?
- 7) A vinculação segura aos amigos media a associação entre vinculação segura aos pais e aos namorados?

## **2. Desenho do Estudo**

A investigação revela-se, cada vez mais, como importante no crescimento de qualquer ciência enquanto geradora de conhecimento sistematizado e organizado, conferindo uma base sólida que a transporta para o estatuto de ciência. A investigação, enquanto impulsionadora de conhecimento, dá um grande contributo para que os diversos profissionais tornem a prática menos tradicional e a transformem numa prática mais científica.

Com base nas premissas anteriores, constituímos um desenho experimental que possui as seguintes características:

(1) Constitui um estudo *não experimental (pós-facto*, de observação passiva ou correlacional) uma vez que não existe manipulação de variáveis independentes (Canavarro, 1999);

(2) É uma investigação do tipo *observacional*, pois os investigadores não intervieram, desenvolvendo apenas os acontecimentos que ocorrem naturalmente (sem a sua intervenção) e os efeitos ocorrem apenas nos sujeitos em estudo;

(3) O desenho caracteriza-se igualmente por ser *descritivo*, fornecendo informação acerca da população em estudo; *comparativo entre grupos*, pois, para fazermos algumas análises, focámos sub-estudos comparativos (cada um deles apresenta uma característica de interesse para o estudo); e *transversal*, sendo que os dados são recolhidos num único momento);

(4) O método de investigação teve por base os *estudos correlacionais* realizados e é *multifactorial e multivariada* pelo facto de ter estudado mais de uma variável independente e dependente;

(5) A metodologia utilizada para avaliar as variáveis foi essencialmente *quantitativa*. As variáveis foram medidas e avaliadas através de questionários e inventários que serão descritos mais adiante;

(6) A *amostra* para o estudo foi constituída através de um método de amostragem não casual do tipo “por conveniência” (*não probabilístico* ou *intencional*), baseando-nos nos casos facilmente disponíveis. Neste caso, a probabilidade relativa de um qualquer elemento ser incluído na amostra é desconhecida. Para a constituição da amostra recolheu-se, ao acaso, uma amostra da população não clínica. No entanto, de acordo com as características e objectivos do estudo, verificou-se a necessidade de estabelecer critérios de inclusão na amostra. Os critérios foram: (a) Serem adolescentes entre os 17 e os 21 anos de ambos os sexos; (b) Serem estudantes; e (c) Aceitarem preencher dos questionários voluntariamente;

(7) O *procedimento metodológico* utilizado baseou-se na análise quantitativa dos dados recolhidos, recorrendo-se para o efeito à utilização de questionários de auto-relato. Os indivíduos que constituem a amostra foram avaliados através de uma bateria de questionários, maioritariamente, em sessões de administração colectiva, de acordo com os seguintes procedimentos:

a) Pedido de colaboração voluntária, explicação sobre a natureza do estudo e do tipo de tratamento de dados; garantia de estrita confidencialidade das respostas tal como indicado no consentimento informado.

b) Preenchimento dos questionários, com instruções padronizadas. O preenchimento do protocolo foi quase sempre feito na presença de um dos elementos da

equipa de investigação, possibilitando assim o esclarecimento de possíveis dúvidas surgidas no decurso do processo de resposta ao protocolo.

Alguns respondentes pertencem ao leque de conhecimentos das pessoas envolvidas neste trabalho, assim como a instituições previamente contactadas e receptivas para a colaboração neste estudo. Antes de se proceder à recolha da amostra fez-se o pedido de autorização aos responsáveis das instituições (caso das escolas secundárias) e aos professores universitários das turmas escolhidas.

A *administração dos instrumentos* foi realizada entre Outubro de 2007 e Março de 2008. Os participantes responderam aos questionários de forma autónoma e anónima, tendo assinado o Consentimento Informado como prova que receberam as informações necessárias e aceitaram livremente preencher os questionários. As sessões de administração tiveram uma duração média aproximada de 30 minutos, não tendo sido imposto qualquer limite temporal para a conclusão dos questionários.

### **3. Instrumentos utilizados**

Os instrumentos de auto-relato e as respectivas dimensões foram seleccionados de acordo com os objectivos deste trabalho e das hipóteses formuladas. Procedeu-se então ao contacto com os autores das escalas originais ou aos responsáveis pela adaptação/tradução das escalas em Portugal, para obtenção da autorização de aplicação dos instrumentos de interesse. Em função do quadro teórico e da operacionalização do estudo, considerámos importante a utilização de um questionário sócio-demográfico e de cinco instrumentos de auto-relato. A pesquisa bibliográfica revelou diversos instrumentos que permitem avaliar as variáveis mencionadas. Documentados sobre as suas características psicométricas e baseados na sua referência da literatura, optámos por utilizar os instrumentos de avaliação que passamos a descrever, com indicação das finalidades em vista. Seleccionaram-se os instrumentos de acordo com os seguintes critérios: a pertinência para a temática em estudo, o número equilibrado de itens, a possibilidade de ser utilizado em ambos os sexos, a autorização de utilização por parte dos autores contactados, e a qualidade psicométrica da maior parte dos instrumentos.

Antes de procedermos à recolha dos dados, optámos por realizar um estudo-piloto a uma amostra de sujeitos, com vista a testar a inteligibilidade dos itens, a compreensão da linguagem e a adequação a ambos os sexos do protocolo de investigação proposto

neste estudo. Em consequência, algumas alterações ao nível da linguagem foram levadas a cabo.

O protocolo de investigação encontra-se sintetizado no quadro adiante. Seguidamente descreveremos as características mais importantes dos mesmos.

### Protocolo de Investigação

Designação e autores	Variáveis avaliadas e objectivos
<i>Questionário Geral</i> (QG)	Avaliação de dados sócio-demográficos relativamente aos sujeitos, através de perguntas fechadas. Avaliação da percepção dos adolescentes relativamente às suas relações românticas. <i>Objectivos:</i> Caracterização da amostra; obtenção de informação para controlo estatístico à posteriori de algumas variáveis.
<i>Questionário de Auto-Estima Global</i> (Faria, 2000)	Avalia a auto-estima global e atitudes gerais em relação a si próprio. <i>Objectivo:</i> Avaliação da auto-estima.
<i>Escala de Estima Corporal</i> (Barbosa, 2001)	Avaliar a estima e satisfação corporais de rapazes e raparigas. <i>Objectivo:</i> Obtenção de uma medida global da satisfação com componentes específicos do corpo.
<i>Item de Satisfação Corporal Global</i>	Objectivo: Item único que procura avaliar a satisfação com a percepção global do próprio corpo.
<i>EMBU – A</i> (Lacerda, 2005)	Objectivo: medir a frequência de ocorrência de determinadas práticas educativas durante a infância e a adolescência, em relação ao pai e à mãe, separadamente.
<i>Questionário de Sistemas Comportamentais</i> (Tradução por Beato & Narciso, 2007)	Avalia o grau de interdependência, apoio emocional, investimento e intimidade sexual que os adolescentes depositam na relação com os seus pares amorosos e (à excepção do último aspecto) com os pais e amigos. <i>Objectivo:</i> Identificação de estilos de vinculação preponderantes aos pais, amigos e namorados (as).

#### 3.1. Questionário Geral

O QSD foi concebido como um instrumento de auto-resposta, constituído por 21 itens (Anexo 2). Este questionário foi construído pelos responsáveis do presente trabalho, tendo em conta vários objectivos: avaliar os aspectos sócio-demográficos e, eventualmente, controlar o seu efeito nos resultados (por exemplo, a idade); recolher informação acerca de alguns aspectos e dimensões importantes extraídos da revisão bibliográfica (por exemplo, o envolvimento numa relação); fazer o levantamento de alguns critérios de exclusão. O questionário procura, assim, identificar dados demográficos relativos aos sujeitos e respectivas famílias (tal como, o sexo, a idade, a escolaridade, o nível sócio-económico da família, a zona de residência, a coabitação) e obter informações relacionadas com os seus relacionamentos amorosos (e.g., padrão de envolvimento amorosos).

### **3.2. Escala de Auto-Estima Global** (Faria, 2000; *Rosenberg Self-Esteem Scale – RSES* de Rosenberg, 1965)

#### **Descrição da Escala**

Esta escala procura medir o nível de auto-estima apresentada pelo indivíduo. A auto-estima é aqui entendida como a percepção que o indivíduo tem do seu próprio valor e o grau de apreciação, aprovação e satisfação que possui de si mesmo (Blascovich & Tomaka, 1991). A escala de Auto-Estima Global criada por Rosenberg em 1965 é uma escala unidimensional que tem por base a teoria do mesmo autor sobre o auto-conceito enquanto um constructo constituído por diversos componentes independentes entre si e como a atitude favorável ou desfavorável que o sujeito tem de si (Rosenberg, *cit. in* Faria & Silva, 2000). Embora desenhada como uma escala de Guttman, a RSES é normalmente cotada como uma escala de Likert. Os dez itens que a compõem são respondidos numa escala de 6 pontos que varia entre “*concordo totalmente*” até “*discordo totalmente*” (Anexo 3). Os itens 1, 2, 4, 6 e 7 são cotados de 1 a 6 e os itens 3, 5, 8, 9, 10 (que estão formulados de forma inversa/ negativa) são cotados de 6 a 1, respectivamente. Os resultados situam-se entre 10-60, sendo o valor 60, o maior possível. O resultado global de auto-estima corresponde à soma ou média da pontuação obtida em todos os itens, sendo aqueles que remetem para atitudes negativas, invertidos. Quanto mais elevado o resultado maior o nível de auto-estima do indivíduo. A amostra inicial a partir da qual a escala foi desenvolvida nos anos 60 e consistia em 5024 estudantes universitários de dez escolas escolhidas aleatoriamente no estado de Nova Iorque. De uma forma geral, a escala tem fidedignidade alta: as correlações teste-reteste situam-se entre .82 e .88 e o alfa de Cronbach para várias amostras de jovens e adultos está entre .77 e .88 (Rosenberg, *cit. in* Rosenberg, 1991).

#### **Adaptação Portuguesa e Análise das Qualidades Psicométricas**

Esta escala, amplamente utilizada com adolescentes e adultos, foi validada para a população portuguesa por vários autores. Num estudo realizado por Faria, Pepi e Alesi (2004), com jovens portugueses, os valores de consistência interna (alfa de *Cronbach*) encontrados foram de 0.86, verificando-se também uma estrutura unifactorial consistente. Num estudo realizado por Azevedo e Faria (2004) com uma amostra de estudantes do 12º ano o valor de consistência interna foi ainda superior apresentando

um alfa de 0.89, revelando novamente uma estrutura unifactorial sendo que os itens saturam esse factor com coeficientes que variam entre 0.52 e 0.83. Para além disso, ao nível da validade este questionário revelou também resultados satisfatórios.

### **Análise Factorial**

A primeira análise factorial com Análise em Componentes Principais com *Ranks*<sup>35</sup> da escala para a amostra deste estudo revela a presença de um factor único que explica 50,68% da variância total. Tal como nos estudos originais, foram invertidos os itens 2, 5, 6, 8 e 9.

### **Consistência Interna**

A análise da consistência interna da escala revelou um bom valor de *alpha* de Cronbach (.89), encontrando-se dentro dos valores encontrados nos estudos de adaptação do instrumento para a população portuguesa. A correlação média inter-itens é de 0,44.

### **3.3. Escala de Estima Corporal** (EEC; Barbosa., 2001; *Body Esteem Scale* - BES; Franzoi & Shields, 1984)

A *Body Esteem Scale* (BES) é uma revisão da Body-Cathexis Scale, desenvolvida por Franzoi e Shields em 1984. A escala modificada por estes autores, é constituída por 35 itens, cada um avaliado por uma escala *de Likert* e pretende avaliar componentes específicos da estima corporal. Os participantes posicionam-se relativamente a cada item numa escala de 1 a 5, em que 1 indica uma forte insatisfação e 5 uma forte satisfação. O nível de satisfação corporal pode ser obtido somando-se todos os itens, ou seja, um resultado mais elevado equivale a uma maior satisfação corporal. Embora rapazes e raparigas completem os mesmos itens, os autores propõem a existência de 3 subescalas diferentes para rapazes e raparigas. Para os rapazes as escalas são: Atracção Física, Força Física e Condição Física. Para as raparigas as 3 subescalas são: Atracção Sexual, Preocupação com o Peso, e Condição Física.

---

<sup>35</sup> Como as escalas, ao nível dos itens, são ordinais, utilizou-se uma variante da análise em componentes principais, efectuando-a sobre as ordens (ranks) dos itens. Desta forma, aplicou-se a teoria subjacente à análise em componentes principais a uma matriz de correlações de Pearson. Esta análise designa-se por análise das ordens (Lebart, Morineau, & Piron, 1995).

Da revisão da literatura, constata-se que este instrumento tem sido bastante utilizado para avaliar a estima corporal de jovens e adolescentes, essencialmente, nos E.U.A, mas também noutros países a nível internacional (Adrian & Joanne; Davis & Katzman; Sheryl & Marita, *cit. in* Barbosa, 2001).

### **Adaptação Portuguesa e Análise das Qualidades Psicométricas**

Nos estudos para a população portuguesa, após a realização de uma análise factorial com rotação varimax, obteve-se uma escala composta por 23 itens, distribuídos por 3 factores que, contrariamente à proposta de Franzoi e Shields (1984), são comuns a rapazes e raparigas. Nesta versão, encontram-se as seguintes subescalas: (a) *Satisfação com o peso* (agrupa 12 itens relacionados com a aparência física, mas com as partes do corpo que podem ser fisicamente alteradas através do exercício físico ou do controle da alimentação); (b) *Atração física* (composto por 7 itens relativos a feições faciais e alguns aspectos físicos cuja aparência não pode ser, de um modo geral, modificada pelo exercício, mas através da cosmética); (c) *Satisfação com a Sexualidade* (formado por 4 itens que reflectem a percepção dos sujeitos acerca da sua sexualidade). Tal como verificado na versão original (Franzoi & Shields; Franzoi & Herzog; Thomas & Freeman; Franzoi, Cecil & Stanley, *cit. in* Barbosa, 2001), os estudos portugueses revelam a presença de uma boa consistência para os factores encontrados, com alfas que variam entre .78 e .92 e um bom poder discriminativo dos seus itens.

### **Análise Factorial**

Tal como no estudo de adaptação à população portuguesa, considerámos que a EEC, embora com as modificações introduzidas, revela ser um questionário válido para avaliar a estima e satisfação corporais de rapazes e raparigas indiferenciadamente, pelo que decidimos não dividir a amostra por géneros, de modo a podermos comparar as mesmas dimensões, entre homens e mulheres. Porém, optámos por não utilizar a versão mais reduzida, composta por 23 itens, resultante deste estudo mas os 35 itens da escala original, visto sentirmos necessidade de compreender de que modo esses itens poderiam ser fornecer dados importantes em relação à nossa amostra.

Dado que a Análise de Componentes Principais com *Ranks* revelou a existência apenas um factor geral, não permitindo uma diferenciação em factores mais específicos, optou-se por efectuar uma análise factorial com rotação Varimax (apesar de, em rigor estatístico, não ser recomendável, por se tratar de uma escala ordinal ao nível dos itens). Recorremos assim ao critério do “cascalho” ou “*scree plot*” que procura retirar os factores até ao momento em que a variância explicada deixa de ser relevante, isto é, quando as diferenças nos valores próprios (*eigenvalues*) de cada factor vão sendo demasiado pequenas. Como resultado, encontramos 4 factores que explicavam 50,68% da variância total.

Após analisarmos os índices de saturação de cada item, retirámos os itens 1, 20, 21 e 27, por apresentarem níveis de saturação inferiores a .30, critério utilizado para remoção de itens da escala.

Os 4 factores encontrados têm a seguinte configuração:

- a) O **Factor 1** explica 19,15% da variância total da escala e é constituído pelos itens 2, 4, 8, 10, 12, 14, 16, 19, 23, 24, 25, 29 e 35. A esta dimensão chamámos demos o nome de **Elegância** e é semelhante à subescala de Satisfação com o Peso dos estudo originais. Esta subescala avalia a atitude de rapazes e raparigas perante partes do corpo que podem ser alteradas pela alimentação e exercício físico e que caracterizam o padrão corporal culturalmente valorizado na nossa sociedade para cada género (por exemplo, satisfação com as coxas nas raparigas e com os bíceps no caso dos rapazes).
- b) O **Factor 2** explica 9,34% da variância e engloba os itens 7, 9, 15, 17, 30, 32 e 33. Esta dimensão foi designada de **Condição Atlético** e avalia a atitude dos jovens perante a força, agilidade e forma em geral.
- c) O **Factor 3** explica 7,82% da variância e inclui os itens 3, 6, 11, 13, 18, 22 e 34. A esta dimensão chamámos **Beleza** por medir atitudes perante as feições faciais e parte visível do corpo.
- d) O **Factor 4** explica 6,19% da variância e contém os itens 5, 26, 28 e 31. A esta dimensão demos o nome de **Sexualidade** por se referirem à percepção que os jovens têm quer dos órgãos quer das suas funções e actividades sexuais.

O item 18 e o item 5 parecem estar, em termos de conteúdo, pouco relacionados com os restantes itens dos seus respectivos factores – Beleza e Sexualidade. Pensamos que a inclusão dos itens nesses factores se deve ao facto da análise factorial ter sido

realizada sobre uma amostra que inclui rapazes e raparigas. Um estudo factorial em amostras separadas, eventualmente, poderia revelar uma diferente organização dos itens pelos factores. Pensamos, também, que a mesma explicação pode ser dada para a baixa saturação de alguns dos itens excluídos, em particular do item 20 (Peito ou Mamas).

**Quadro 1:** *Correlações entre sub-escalas da E.E.C.*

	<b>Elegância</b>	<b>Condição Atlética</b>	<b>Beleza</b>	<b>Sexualidade</b>
<b>Condição Atlética</b>	.713**	-		
<b>Beleza</b>	.644*	.603**	-	
<b>Sexualidade</b>	.507**	.541**	.520**	-

\*\*  $p < 0,01$

No sentido esperado, verificam-se associações significativas e positivas entre as sub-escalas deste questionário (ver quadro 1).

### **Consistência Interna**

A análise da consistência interna da escala total revela um valor muito bom: .94. Por seu turno, as 3 subescalas possuem boa consistência interna ( $\alpha > .70$ ). A dimensão **Elegância** tem um *alpha* de Cronbach igual a .93; a **Condição Atlética** possui um *alpha* de .83; a **Beleza** corresponde a um valor de .79 e a **Sexualidade** tem um *alpha* associado igual a .83.

Apesar de termos encontrado mais um factor em relação aos estudos de adaptação portuguesa, a estrutura das subescalas tem semelhanças com as reveladas naqueles estudos, havendo igualmente paridade no que concerne aos valores de consistência interna, situados entre .78 e .92 (ver Barbosa, 2001).

**Quadro 2:** *Consistência interna do EEC – Alfa de Cronbach ( $\alpha$ ) e correlação média inter-itens (CMII)*

	<b>Elegância</b>	<b>Condição Atlética</b>	<b>Beleza</b>	<b>Sexualidade</b>
<b><math>\alpha</math></b>	0,93	0,83	0,79	0,83
<b>CMII</b>	0,49	0,41	0,32	0,42

### 3.4. *Avaliação da Satisfação Corporal Global*

Este item único formulado pelas autoras do estudo procura analisar em que medida os jovens se sentem satisfeitos com o seu corpo em geral. Para isso, respondem a esta questão numa escala de *Likert* de 5 pontos que vão de “*Completamente insatisfeito/a*” a “*Completamente satisfeito/a*”.

### 3.5. *EMBU-A* (Lacerda, 2005)

O nome deste questionário provem das iniciais da autora sueca Egnä Minnen av Beträffande Uppfostran “*My Memories of Upbringing*” (Perris, Jacobson, Linsdtrom, Von Knorring & Perris, *cit. in* Pereira, 2007). O *objectivo* deste instrumento consiste em medir a frequência de ocorrência de determinadas práticas educativas durante a infância e a adolescência do indivíduo, em relação ao pai e à mãe, separadamente.

A primeira versão do EMBU (*Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behaviour*) foi dirigida aos adultos (Perris, Jacobson, Linsdtrom, Von Knorring & Perris, *cit. in* Pereira, 2007), continha 81 itens e 14 dimensões de práticas educativas (e.g., abuso, Privação, Punição ou Vergonha). Na adaptação à população alemã, os factores encontrados reduziram-se apenas a 4 (Rejeição, Suporte Emocional, Sobreprotecção e Preferência em relação aos irmãos), o que resultou da diminuição do número de itens (64) (Arrindell, Emmelkamp, Brilman & Monsma, 1983). Os estudos levados a cabo em diversos países contribuíram para que também o quarto factor viesse a cair. Em 1994, Arrindell e colaboradores desenvolveram uma escala reduzida de 23 itens, adaptado para a população portuguesa por Canavarro (Memórias de Infância, 1996) com 3 dimensões: Rejeição, Suporte Emocional e Sobreprotecção.

Entretanto, o questionário foi adaptado a adolescentes (dos 11 aos 16 anos), surgindo o EMBU-A (*A Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents*; Gerlsma, Arrindell, Van der Veen & Emmelkamp, 1991). Esta versão recorre a uma escala de 4 pontos (de “*não, nunca*” a “*sim, a maior parte do tempo*”), contém 54 itens a respeito do pai e para a mãe, separadamente, e contempla 4 dimensões (Suporte Emocional, Rejeição, Sobreprotecção e Sujeito Favorito). A análise estatística levada a cabo pelos autores mostraram consistência interna elevada para as duas primeiras dimensões e mais baixo para a sobreprotecção (mãe  $\alpha$  - .60, pai .62) e Sujeito Favorito (pai .57, mãe .58). Estes últimos foram atribuídos ao reduzido número de itens da subsescala SF.

## Adaptação Portuguesa

A adaptação à população portuguesa (com adolescentes entre os 12 e os 17 anos) também revelou esta tendência. Tal como no estudo original para adultos, encontraram-se 3 factores: (a) *Suporte Emocional* – Comportamentos dos pais perante os filhos que confirmam a ideia de que é aprovado como pessoa pelos pais; (b) *Sobreprotecção* – Comportamentos parentais reveladores de protecção excessiva em relação a experiência indutoras de stress e adversidade, elevados padrões de realização e imposição de regras rígidas; (c) *Rejeição* – Comportamentos parentais que tendem a procurar modificar a vontade do filho e que são sentidos como rejeição por este (e.g., castigos físicos, privação de objectos ou privilégios, falta de consideração pelo ponto de vista do filho) (Lacerda, 2005). Assim, a versão portuguesa é mais reduzida pois não possui a dimensão Sujeito Favorito, vendo o seu número total de itens diminuído a 48. As qualidades psicométricas revelaram-se superiores às da versão original (os valores de  $\alpha$  variam entre 0.73 e 0.94). É ainda de salientar que os itens que compõem cada factor não são exactamente os mesmos para o pai e para a mãe.

## Análise das Qualidades Psicométricas

Tendo por base a versão portuguesa, decidimos utilizar a mesma a estrutura decorrente da adaptação ao nosso país, constituída por 48 itens<sup>36</sup>. O nosso objectivo consistiu em replicar as análises psicométricas realizadas por aquele estudo, de modo a verificar se a sua estrutura se mantinha ou se teríamos de proceder a alterações ao nível da exclusão e inversão de itens, assim como alterações nas dimensões previamente encontradas.

Num primeiro momento, foi analisado o conteúdo teórico da escala e optámos por remover os itens 10 e 11 por se referirem a irmãos (e.g. “*Acha que os seus pais gostam mais dos seus irmãos ou irmãs do que de si?*”), uma vez que poderiam inviabilizar as respostas dos sujeitos sem fratria.

Seguidamente procedemos à análise das versões relativas ao Pai e à Mãe, separadamente. Na **versão PAI**, o valor do *alpha* de Cronbach da escala total, sem estes itens 10 e 11, é de .80. Nesta versão, procedeu-se igualmente à remoção dos itens 3, 7,

---

<sup>36</sup> Esta versão não inclui os itens da dimensão Sujeito Favorito presentes na versão original, uma vez que na população portuguesa os seus itens possuem saturações baixas. Esta dimensão parece ser particularmente afectada por factores culturais, razão pela qual não foi encontrada nas adaptações realizadas em diversos países (Gerlsma, Arrindell, Van der Veen & Emmelkamp, 1991).

20, 26, 33, 37, 39, 42 e 47, com vista a fortalecer a consistência interna da escala, já que a sua eliminação aumentou o *alpha* total da escala em mais de 3 pontos (centésimas). Como resultado, o *alpha* total da escala após a eliminação destes itens aumentou para .87.

Em seguida, procedeu-se à Análise de Componentes Principais com Ranks que nos deu indicação para a eliminação do item 4, uma vez que possuía uma saturação demasiado baixa (<.30) no factor correspondente. Consequentemente, foram encontrados 2 factores:

a. Factor 1: **Suporte Emocional** – Explica 27,72% da variância e é formado pelos itens 2, 8, 9, 15, 18, 19, 21, 23, 24, 25, 28, 29, 32, 36, (-38), 40, (-41), 44, 45, 46 e 48. O conteúdo destes itens refere-se a práticas educativas parentais baseadas no afecto e apoio emocional. A análise da consistência interna desta dimensão revelou um valor de *alpha* igual a .95 (Quadro 3). No entanto, procedeu-se ainda à retirada dos itens 38 e 41 que pareciam estar a inflacionar de modo acentuado o *alpha* da escala total que acabou por manifestar um valor final de .95. Assim, encontrámos uma versão mais reduzida desta dimensão em comparação com o original, constituída pelos itens: 2, 8, 9, 15, 18, 19, 21, 23, 24, 25, 28, 29, 32, 36, 40, 44, 45, 46 e 48;

b. Factor 2: **Rejeição/Controlo** - Explica 10,27% da variância e inclui os itens 1, 5, 6, 12, 13, 14, 16, 17, 22, 27, 30, 31, 34, 35 e 43. O valor de *alpha* da dimensão é razoável (.73). Como podemos verificar, contrariamente aos estudos anteriores que revelaram a independência entre as dimensões Rejeição e Superprotecção, a nossa amostra parece perceber as práticas parentais de controlo (padrões elevados de exigência/expectativas e imposição de regras e normas) por parte do pai como estando intimamente associadas a rejeição, a crítica e a castigos diversos. Um factor explicativo associado a esta percepção poderá relacionar-se com aspectos culturais relativos à educação que associam e tendem a responsabilizar a figura paterna por práticas de maior disciplina e controlo face à mãe.

Na Versão **MÃE**, foram igualmente retirados os itens 10 e 11 pelas razões já mencionadas, pelo que o *alpha* de Cronbach total da escala sem estes itens se revelou igual a .70.

Tal como havia sucedido da versão anterior, optámos por retirar os seguintes itens por fazerem subir o valor de *alpha* em mais de 3 pontos: 3, 4, 7, 20, 22, 26, 33, 34, 37,

41 e 47. Em resultado, o *alpha* total da escala subiu para .83. Após realizarmos a Análise de Componentes Principais com *Ranks* da escala, decidimos retirar também os itens 30, 31 e 35 devido à sua baixa saturação no factor correspondente e ao facto do item 35 saturar ambos os factores. Por conseguinte, foram encontrados igualmente 2 factores, embora com características diferentes da versão paterna, analisada anteriormente. Analisemo-los em seguida:

a. O Factor 1: **Suporte Emocional** - Explica 28,15% da variância e é constituído pelos itens 2, (-5) 8, 9, (-13), 15, (-16), 18, 19, 21, 23, 24, 25, 28, 29, 32, 36, (-38), (-39), 40, (-42), 44, 45, 46 e 48. O *alpha* final desta dimensão corresponde a .93. O conteúdo dos itens reflectem não só práticas apoiantes baseadas na aprovação, ajuda, compreensão, afecto, como também itens invertidos com temáticas de rejeição e práticas educativas autoritárias. A percepção das práticas educativas maternas parece assim estabelecer uma ligação entre o suporte emocional e a não ocorrência de práticas rejeitantes;

b. Factor 2: **Controlo** - Explica 9,74% da variância e contém os itens 1, 6, 12, 14, 17, 27 e 43. O valor do *alpha* de Cronbach desta dimensão equivale a .72. Esta dimensão, ao contrário do que aconteceu na versão paterna, não inclui itens de Rejeição, contendo itens relativos a superprotecção, imposição de regras, práticas intrusivas e contacto excessivo.

**Quadro 3:** *Consistência interna do EMBU-A – Alpha de Cronbach ( $\alpha$ ) e correlação média inter-itens (CMII)*

	Pai		Mãe	
	Suporte Emocional	Rejeição/Controlo	Suporte Emocional	Controlo
<b>ALPHA</b>	0,95	0,73	0,93	0,72
<b>CMII</b>	0,45	0,24	0,26	0,26

Em suma, tal como aconteceu na adaptação da escala à população portuguesa, foram encontradas estruturas factoriais ligeiramente diferentes para ambas as versões, no que concerne aos itens que as constituem. Porém, no presente estudo, as diferenças revelam-se igualmente ao nível da composição das próprias dimensões, uma vez que não são idênticas às encontradas pelo estudo original e pelos estudos portugueses, o que sugere haver diferenças ao nível da percepção das práticas parentais na nossa amostra. Parece-nos que um dos factores explicativos para este facto poderá ser a faixa etária dos

sujeitos deste estudo, visto ser constituída por jovens adultos e, conseqüentemente, com maior autonomia e independência face às figuras parentais.

### 3.6. *Behavioural Systems Questionnaire* (BSQ - Furman & Wehner, 1994)

#### **Descrição da escala**

Este questionário consiste em três versões paralelas (em que os itens são os mesmos em cada versão) que procuram avaliar as percepções que os adolescentes do modo como se relacionam com os seus pais, parceiros românticos e amigos (Furman & Wehner, 1999). Estas versões podem ser utilizadas em conjunto ou isoladamente, consoante os objectivos da investigação. No nosso estudo, utilizámos as três versões, tendo sido dadas instruções para que os respondentes apenas respondessem à versão Namorados se estivessem envolvidos numa relação amorosa ou se tivessem tido recentemente.

O instrumento procura encontrar os “padrões relacionais” subjacentes a estas relações com base nas seguintes subescalas: (a) *vinculação* (15 itens); (b) *suporte emocional* (15 itens); e (c) *afiliação* (15 itens). Os resultados de cada subescala permitem obter um estilo relacional específico que pode ser seguro, preocupado ou evitante. Para além dos 45 itens destas subescalas, a versão que avalia as relações amorosas possui ainda uma quarta subescala que inclui itens sobre *intimidade e comportamento sexual* (20 itens). Apesar da forma de cotação ser semelhante às subescalas anteriores, o seu resultado não é comparável entre versões devido ao facto de ser um tem exclusivo deste tipo de relação.

Apesar deste ser um instrumento de medida ainda sujeito a pouca avaliação das suas qualidades e robustez, os primeiros resultados permitem-nos salientar valores satisfatórios de Consistência interna, com alfas de .85 nos padrões relacionais e em cada uma das versões analisadas (e.g., Furman & Wehner, 1994; Furman, Simon, Shaffer, & Bouchey, 2002). Em alguns estudos, os estilos românticos resultantes desta escala têm-se correlacionado moderada, ou mesmo, fortemente com outras medidas avaliadoras do estilo de vinculação (e.g., a escala de vinculação de Hazan & Shaver, 1987; as escalas de Vinculação do Adulto de Collins & Read, 1990; a Experience in Close Relationships de Brennan, Clark e Shaver, 1998) (*vidé* Furman & Wehner, 2001, 2004), o que nos permite ter maior confiança no instrumento e no que ele pretende medir.

### **Análise das Qualidades Psicométricas**

Os *alphas* globais relativos a todas as escalas (pais, amigos e namorados) são inferiores a .50. Tendo os autores conceptualizado a escala de modo a ser analisada por dimensões (factores), não sendo pertinente a análise global da escala, optou-se por avaliar a consistência interna de cada subescala, assim como realizar o seu estudo factorial, de modo a encontrar a organização em factores e, então, estudar a fiabilidade de cada factor.

Por uma questão de organização e de evitar redundâncias, decidimos analisar as subescalas (Vinculação, Apoio Emocional, Investimento) nas três versões (Pais, Amigos e Namorados) directamente e não as subescalas de cada versão separadamente. Começamos por analisar a subescala Vinculação.

Num primeiro momento, optámos por remover os itens 1 e 7 por não fazerem sentido a nível teórico. Em seguida, procedemos à análise em componentes principais com Ranks de *todas as escalas* que revelou apenas 2 factores sem qualquer sentido teórico, não permitindo uma diferenciação em factores mais específicos de acordo com a teorização dos autores. Por essa razão, decidiu-se efectuar uma Análise Factorial Exploratória com rotação Varimax (apesar de, em rigor estatístico, não ser recomendável, por se tratar de uma escala ordinal ao nível dos itens). Com base nesta análise factorial da subescala de **Vinculação** na versão PAIS, encontramos os seguintes 3 factores que explicam 56,95% da variância total (Quadros 4 e 5):

- (a) Factor 1: **Segura** - Explica 23,41% da variância e é constituída pelos itens 2, 4, 8, 12 e 13, reproduzindo a estrutura sugerida pelos autores do questionário. Esta dimensão possui um valor de *alpha* de .87. O conteúdo dos itens avalia a tendência para estabelecer relações de confiança com os pais e de os encarar como fontes de suporte e apoio.
- (b) Factor 2: **Evitante** - Explica 22,32% da variância e é constituído pelos itens 5, 6, 10, 11 e -14. O *alpha* da Cronbach desta dimensão é de .78. Porém, optámos por retirar o item -14 para fazer subir o *alpha* que, desta forma, subiu para *alpha* .78. Deste modo, esta dimensão ficou constituída pelos itens 5, 6, 10 e 11, com menos um item quando comparada com a estrutura dos estudos originais. O seu conteúdo mede um padrão de evitamento e até afastamento dos pais em caso de necessidade e da inexistência de motivação de proximidade face a eles.

(c) Factor 3: **Preocupada** – Explica 12,87% da variância e é formada pelos itens 3, 9 e 15. O *alpha* desta dimensão era de .63, porém, decidimos retirar o item 3, uma vez que fazia baixar o *alpha*. Deste modo, o valor de *alpha* de Cronbach do factor subiu para .65 e a escala de Vinculação preocupada formada pelos itens 9 e 15. Esta dimensão tem menos dois itens do que a escala original e procura avaliar a percepção de si próprio como depende das figuras parentais e a preocupação com o facto de eles terem percepção disso.

**Quadro 4:** Correlações entre as dimensões e Consistência interna da sub-escala Vinculação aos Pais, Amigos e Namorados – Alpha de Cronbach ( $\alpha$ ) e correlação média inter-itens (CMII)

	Pais			Amigos			Namorados		
	Segura	Evitante	Preoc.	Segura	Evitante	Preoc.	Segura	Evitante	Preoc.
<b>Evitante</b>	- 0,54**			-0,59**			-0,38**		
<b>Preocupada</b>	- 0,14*	0,21**		- 0,15*	0,29**		-0,22**	0,37**	
<b>Alpha</b>	0,87	0,78	0,63	0,83	0,73	0,72	0,84	0,73	0,68
<b>CMII</b>	0,57	0,47	0,48	0,50	0,40	0,55	0,59	0,37	0,51

**Quadro 5:** Estrutura Factorial final da dimensão vinculação na versão Pais

Itens – Vinculação	Factores			Comunalidade
	Seguro	Evitante	Preocupado	
<b>Versão Pais</b>				
2. Procuo sempre estas pessoas quando estou aborrecido/a ou preocupado/a.	,766	-,260	,015	,677
4. Procuo estas pessoas quando algo mau me acontece.	,774	-,216	,088	,665
8. Conto com estas pessoas quando tenho problemas.	,804	-,137	-,060	,672
12. Procuo estas pessoas para me confortarem e apoiarem.	,746	-,271	-,058	,634
5. Não sou o tipo de pessoa que procure imediatamente estas pessoas em caso de necessidade.	-,322	,616	-,070	,558
6. Não peço muitas vezes a estas pessoas para me confortarem.	-,255	,713	-,097	,641
10. Raramente sinto que necessite da ajuda destas pessoas.	-,151	,795	,039	,673
11. Raramente procuro estas pessoas quando estou aborrecido/a.	-,385	,712	,291	,742
9. Preocupa-me que estas pessoas pensem que preciso excessivamente do seu apoio.	,041	,265	,662	,593
15. Receio que estas pessoas pensem que sou demasiado dependente.	-,083	,098	,682	,643
<i>Eigenvalue</i>	5,187	2,146	1,209	
Variância Explicada	34,6%	14,3%	8,1%	

A Análise Factorial Exploratória com rotação de Varimax da subescala Vinculação da versão AMIGOS encontrou igualmente uma estrutura relacional semelhante com dimensões de conteúdo equivalente ao encontrado para os Pais. O quadro 6 apresenta os “pesos” factoriais dos itens nos 3 factores retidos, os *eigenvalues* e a percentagem de variância explicada por cada factor (Quadro 6).

O Factor 1 – **Vinculação Segura** – explica 20,54% da variância total e é composto por 5 itens (2, 4, 8, 12 e 13). O *alpha* de Cronbach da dimensão é de .83.

O Factor 2 – **Vinculação Evitante** – explica 16,52% da variância e é formado por 4 itens (5, 6, 10 e 11). Dele foi retirado o item 14 por estar a contribuir para baixar o *alpha* da dimensão de modo considerável (.68). A consistência interna da dimensão é razoável (.73).

O terceiro factor – **Vinculação Preocupada** – explica 12,87% da variância total e contém os itens 9 e 15. O item 3 foi retirado por contribuir para a redução da consistência interna (.67) que, sem ele, subiu para .72.

**Quadro 6:** Estrutura Factorial final da dimensão vinculação na versão Amigos

ITENS – VINCULAÇÃO Versão Amigos	FACTORES			Comunalidade
	SEGUR.	EVIT.	PREOC.	
2. Procuo sempre estas pessoas quando estou aborrecido/a ou preocupado/a.	,717	-,238	,144	,591
4. Procuo estas pessoas quando algo mau me acontece.	,684	-,301	,125	,573
8. Conto com estas pessoas quando tenho problemas.	,799	-,108	-,093	,658
12. Procuo estas pessoas para me confortarem e me apoiarem.	,775	-,283	-,042	,682
13. É fácil para mim procurar estas pessoas quando tenho algum problema.	,729	-,114	-,221	,593
6. Não peço muitas vezes a estas pessoas para me confortarem.	-,101	,723	,081	,540
10. Raramente sinto que necessite da ajuda destas pessoas.	-,185	,694	,004	,515
11. Raramente procuro estas pessoas quando estou aborrecido/a.	-,397	,616	,250	,599
9. Preocupa-me que estas pessoas pensem que preciso excessivamente do seu apoio.	-,002	,210	,726	,571
15. Receio que estas pessoas pensem que sou demasiado dependente.	-,160	,133	,745	,598
<i>Eigenvalue</i> Variância Explicada	4,531 30,2%	2,302 15,3%	1,182 7,9%	

No que concerne à versão NAMORADOS, a análise factorial exploratória replicou a mesma estrutura das versões anteriores. Neste caso, o factor **Vinculação Segura** explica 21,3% da variância, é constituído pelos itens 2, 4, 8 e 12. Deste grupo de 4 itens, foi excluído o item 13 por fazer baixar o nível de consistência interna da dimensão (para .84).

O factor **Vinculação Evitante** explica 15,35% da variância e contém 4 itens (5, 6, 10 e 11). O *alpha* de Cronbach da dimensão é de .73.

O factor **Vinculação Preocupada** explica 13,64% da variância e é formado pelos itens 9 e 15. O *alpha* de Cronbach da dimensão é baixo ( $\alpha = .68$ ). Também nesta dimensão foram excluídos itens (3 e -14) por estarem a contribuir para um nível de consistência interna muito reduzido ( $\alpha = .60$ ).

Os resultados relativos à correlação entre as sub-escalas mostram, como seria de esperar, correlações significativas entre si, embora não muito elevadas.

**Quadro 7: Estrutura Factorial final da dimensão vinculação na versão Namorados**

Itens – Vinculação	FACTORES			Comunali- Dade
	SEG.	EVIT.	PREOC.	
<b>Versão Namorados</b>				
2. Procuo sempre estas pessoas quando estou aborrecido/a ou preocupado/a.	,812	-,101	-,125	,685
4. Procuo estas pessoas quando algo mau me acontece.	,847	-,002	-,170	,746
8. Conto com estas pessoas quando tenho problemas.	,808	-,116	-,056	,685
12. Procuo estas pessoas para me confortarem e apoiarem.	,732	-,362	,003	,668
5. Não sou o tipo de pessoa que procure imediatamente estas pessoas em caso de necessidade.	-,144	,604	,319	,487
6. Não peço muitas vezes a estas pessoas para me confortarem.	-,049	,722	,140	,543
10. Raramente sinto que necessite da ajuda destas pessoas.	-,117	,741	,030	,564
11. Raramente procuro estas pessoas quando estou aborrecido/a.	-,281	,719	,084	,603
9. Preocupa-me que estas pessoas pensem que preciso excessivamente do seu apoio.	-,073	,225	,792	,684
15. Receio que estas pessoas pensem que sou demasiado dependente.	-,110	,105	,875	,788
<i>Eigenvalue</i>	4,035	1,719	1,142	
Variância Explicada	36,7%	15,6%	10,4%	

Analisemos em seguida a subescala Apoio Emocional nas versões Pais, Amigos e Namorados. Tal como aconteceu na subescala de Vinculação, também a consistência interna de todas as versões da subescala de Apoio Emocional (pais, amigos e namorados) apresentou *alphas* muito baixos (inferiores a .55). Contudo, uma vez que os autores conceptualizaram a escala de modo a ser analisada por dimensões (factores), não sendo pertinente a análise global da escala, optou-se por realizar o estudo factorial com vista a encontrar a organização em factores e, então, estudar a fiabilidade de cada factor (Quadro 8).

No mesmo sentido, a análise em componentes principais de todas as versões, também não revelou uma organização diferenciada em factores específicos e, de acordo com a teorização dos autores, optámos por recorrer à Análise Factorial Exploratória (AFE) sobre a matriz de correlações com extracção dos factores comuns retidos foram aqueles que apresentavam um *eigenvalue* superior a 1, de acordo com o *Scree Plot* e a percentagem de variância retida. Em consequência, a estrutura relacional da subescala Apoio Emocional da versão PAIS é explicada por três factores latentes que, em conjunto, explicam 52,8% da variância total. O primeiro factor – **Apoio Emocional**

**Evitante** – explica 22,34% da variância total e contém os itens 1, 2, 5, 9, 10<sup>37</sup> e 13 (6 itens), associado a um *alpha* de Cronbach de .82. Esta dimensão mede a tendência para sentir desconforto e mesmo desagrado perante a necessidade de apoiar, confortar e empatizar com os pais.

O segundo factor – **Apoio Emocional Seguro** – explica 20,71% da variância e é formado por 5 itens (3, 6, 8, 11, e 12). O nível de consistência interna da dimensão é bom ( $\alpha = .84$ ). Esta estrutura é semelhante à sugerida pelos autores do questionário e mede a tendência para prestar apoio e sentir empatia com as figuras parentais.

Por fim, o terceiro factor – **Apoio Emocional Preocupado** – explica 13,99% da variância e é formado por 3 itens (7, 14 e 15). O *alpha* de Cronbach da dimensão é fraco ( $\alpha = .68$ ). Foi retirado o item 4 para que a consistência interna melhorasse. A dimensão avalia a necessidade de prestar cuidados, apoiar e mostrar preocupação com os pais de modo excessivo.

A versão AMIGOS revelou uma estrutura factorial semelhante. Os três factores permitem explicar um total de 54,47% da variância encontrada e possuem o mesmo conteúdo teórico dos descritos na versão Pais. O factor **Apoio Emocional Seguro** explica 20, 20% da variância e é composto por 5 itens (3, 6, 8, 11 e 12). O valor do *alpha* é bom equivalendo a .83.

O factor **Apoio Emocional Evitante** explica 19,07% da variância e contém 6 itens (1, 2, 5, 9, 10 e 13). A consistência interna desta dimensão é razoável ( $\alpha = .79$ ). Foi removido o item 13 por ter um peso considerável para fazer baixar o *alpha* da dimensão (para .78).

O factor **Apoio Emocional Preocupado** explica 12,42% da variância e é composto pelos itens 7, 14 e 15. Foi eliminado desta dimensão o item 4 para que o *alpha* de Cronbach subisse que assim passou de .65 para .68.

---

<sup>37</sup> Segundo os autores, o item 10 pertence a um padrão comportamental Preocupado. No entanto, como a nossa análise do conteúdo teórico do mesmo coincide com a análise factorial encontrada, tomámos a decisão de mantê-lo na dimensão Evitante.

ITENS	PAIS				AMIGOS				NAMORADOS			
	Evitante	Seguro	Preocup.	Comunalidade	Seguro	Evitant	Preocup.	Comunalidade	Evitant	Seguro	Preocup.	Comunalidade
ITEM 1	,761	-,122	,020	,594	-,245	,724	-,013	,584	,642	-,316	,161	,537
ITEM 2	,756	-,166	-,031	,599	-,336	,560	,042	,428	,673	-,199	,047	,495
ITEM 3	-,305	,651	,008	,518	,779	-,152	,074	,636	-,338	,629	,144	,531
ITEM 4	-,046	,094	,570	,336	,189	,034	,450	,239	,076	,254	,440	,263
ITEM 5	,721	-,287	-,046	,604	-,455	,529	,123	,502	,705	-,349	,085	,626
ITEM 6	-,056	,778	,053	,611	,678	-,139	,091	,488	-,161	,710	,015	,531
ITEM 7	-,075	,371	,690	,619	,067	-,161	,825	,712	-,219	,039	,795	,681
ITEM 8	-,267	,758	,204	,688	,814	-,149	,100	,695	-,393	,570	,291	,565
ITEM 9	,705	-,293	,038	,584	-,321	,675	,115	,572	,650	-,237	-,041	,481
ITEM 10	,499	-,367	-,234	,439	-,313	,583	-,138	,456	,765	-,053	-,060	,592
ITEM 11	-,465	,663	,106	,667	,691	-,294	,237	,620	-,194	,785	,051	,656
ITEM 12	-,250	,738	,065	,611	,662	-,190	,116	,488	-,118	,798	-,016	,650
ITEM 13	,668	-,125	,118	,594	,101	,722	-,042	,534	,512	-,036	,084	,271
ITEM 14	-,034	,050	,795	,599	,043	-,066	,848	,726	,076	,040	,773	,606
ITEM 15	,186	-,099	,730	,518	,053	,359	,574	,461	,210	-,066	,627	,442
<i>Eigenvalues</i>	5,225	2,172	1,161		4,722	2,146	1,273		4,589	2,070	1,266	
<i>Variância Explic.</i>	34,8%	14,5%	7,7%		31,5%	14,3%	8,5%		30,6%	13,8%	8,4%	

**Quadro 8.** Comunalidades e pesos factoriais dos itens, % de variância explicada e eigenvalues dos factores da subescala Apoio Emocional das versões Pais, Amigos e Namorados

Na versão NAMORADOS, foram encontrados os três factores previstos pelos autores e anteriormente descritos que, em conjunto, explicam 52,84% da variância total. Deste modo, o primeiro factor – **Apoio Emocional Evitante** – explica 20,54% que é constituído por 5 itens (1, 2, 5, 9 e 10). Desta dimensão foi removido o item 13, uma vez que a sua presença faria baixar a consistência interna do factor (para .76). O *alpha* de Cronbach final da dimensão equivale a .79.

**Quadro 9:** Correlações entre as dimensões e consistência interna da sub-escala de Apoio Emocional aos Pais, Amigos e Namorados – Alpha de Cronbach ( $\alpha$ ) e correlação média inter-itens (CMII)

	Pais			Amigos			Namorados		
	Segura	Evitante	Preoc.	Segura	Evitante	Preoc.	Segura	Evitante	Preoc-
<b>Evitante</b>	- 0,60**	-	-	- ,54**	-	-	- ,51**	-	-
<b>Preocup.</b>	0,24**	N.S.	-	0,19**	N.S.	-	N.S.	N.S.	-
<b><math>\alpha</math></b>	0,82	0,84	0,68	0,83	0,79	0,78	0,79	0,80	0,63
<b>CMII</b>	0,50	0,43	0,40	0,50	0,43	0,67	0,45	0,44	0,41

O factor **Apoio Emocional Seguro** explica 19,14% da variância total e contém 5 itens (3, 6, 8, 11 e 12). A *alpha* de Cronbach da dimensão é de .80.

O factor **Apoio Emocional Preocupado** explica 13,14% da variância total e é formado pelos itens 7, 14 e 15. Desta dimensão foi retirado o item 4 que manifestava um peso considerável na redução do *alpha* de Cronbach que, mesmo sem este, é baixo ( $\alpha = .63$ ).

Analisemos a análises das características psicométricas da subescala Investimento/Afiliação do questionário nas versões Pais, Amigos e Namorados. À semelhança das subescalas anteriormente analisadas, também a subescala de Investimento apresenta uma consistência interna com níveis de *alpha* baixos (inferiores a .70) nas diferentes versões (pais, amigos e namorados). Contudo, uma vez que os autores focam a importância da subescala ser analisada por dimensões, decidimos realizar o estudo factorial de modo a encontrar uma estrutura relacional congruente com o esperado e apresentado pelos autores da escala. Não tendo encontrado uma conjunção de factores diferenciados, recorreu-se a uma Análise Factorial com rotação Varimax (mesmo sabendo que estatisticamente seria preferível utilizar a análise de componentes principais com ranks por se tratar de uma escala ordinal) (Quadros 10 e 11).

Na versão PAIS, foram encontrados 3 factores:

(a) **Investimento Evitante** que explica 21,10% da variância total, contém 5 itens (4, 5, 8, 12 e 14) e detém um valor de consistência interna igual a .87. A estrutura desta dimensão corresponde à prevista pelos autores e avalia a percepção de que a relação com os pais não representa algo muito importante na vida do próprio, requerendo o seu investimento e esforço na mesma.

(b) **Investimento Preocupado** que explica 21,07% da variância, tem 5 itens (1, 3, 7, 11 e 13) e está associado a um nível de *alpha* de Cronbach de .82<sup>38</sup>. A dimensão mede uma atitude de excessiva dedicação e investimento à relação com as figuras parentais e a percepção de elas se sentem desconfortáveis e relutantes perante esse padrão comportamental.

(c) **Investimento Seguro** que explica 19,42% da variância total, é composto por 4 itens (6, 9, 10 e 15) e detém um valor de *alpha* equivalente a .82. Desta última dimensão foi retirado o item 2 pela sua influência na redução do *alpha* do facto para .80. A dimensão avalia a tendência para valorizar, investir e contribuir para a relação com os pais de modo equilibrado e positivo.

**Quadro 10:** Correlações entre as dimensões e consistência interna das sub-escalas de Investimento aos Pais, Amigos e Namorados – Alpha de Cronbach (*α*) e correlação média inter-itens (CMI)

	Pais			Amigos			Namorados		
	Seguro	Evitante	Preoc.	Seguro	Evitante	Preoc.	Seguro	Evitante	Preoc.
<b>Seguro</b>	- 0,55**	-	-	- ,54**	-	-	- ,44**	-	-
<b>Preoc.</b>	- 0,35**	0,54**	-	- ,46**	0,61**	-	- ,41**	0,57**	-
<b>α</b>	0,82	0,87	0,82	0,82	0,88	0,84	0,81	0,89	0,85
<b>CMI</b>	0,54	0,58	0,46	0,53	0,59	0,56	0,51	0,62	0,58

Na versão AMIGOS, os mesmos três factores foram retidos que explicam 62,01% da variância total. O factor **Investimento Evitante** explica 23,05% da variância e contém os itens 4, 5, 8, 12 e 14, estando associado a um valor de *alpha* de Cronbach semelhante a .88. O factor **Investimento Preocupado**, por sua vez, explica 20,49% da variância total, é composto por 4 itens (1, 3, 7 e 13) e detém um *alpha* de Cronbach igual a .84. desta dimensão foi retirado o item 11 por fazer baixar o *alpha* da mesma de modo acentuado (para .81). Por último, o factor **Investimento Seguro** explica 18,56% da variância encontrada, está associada a um bom nível de consistência interna ( $\alpha = .82$ ) e é formado pelos itens 6, 9, 10 e 15. Deste conjunto foi retirado o item 2 por inflacionar o *alpha* global da dimensão (baixando o seu valor para .80).

<sup>38</sup> Foi retirado o item 11 desta dimensão por baixar o *alpha* da dimensão para .80.

No que concerne à versão NAMORADOS, as três dimensões esperadas e encontradas permitem explicar 62.89% da variância total. O factor **Investimento Evitante** explica 25,54% da variância, contém 5 itens (4, 5, 8, 12 e 14) e tem um bom *alpha* de Cronbach (.89). O **Investimento Preocupado**, por seu turno, explica 20.90% da variância, tem um bom *alpha* de Cronbach associado (.85) e é formado por 4 itens (1, 3, 7 e 13). Deste conjunto foi retirado o item 11 por fazer baixar o *alpha* da dimensão para .83. Por fim, o **Investimento Seguro** explica 17,44% da variância, tem uma boa consistência interna ( $\alpha = .81$ ) e é composto por 4 itens (6, 9, 10 e 15). O item 2 foi eliminado desta dimensão devido ao facto de fazer baixar consideravelmente o *alpha* da mesma.

ITENS	PAIS				AMIGOS				NAMORADOS			
	Evitante	Preocup.	Seguro	Comunalidade	Evitante	Preocup.	Seguro	Comunalidade	Evitante	Preocup.	Seguro	Comunalidade
ITEM 1	,058	<b>,718</b>	-,129	,536	,084	<b>,790</b>	-,134	,648	,127	<b>,781</b>	-,060	,630
ITEM 2	-,209	,154	<b>,578</b>	,401	-,033	,057	<b>,675</b>	,460	-,064	,061	<b>,683</b>	,475
ITEM 3	,161	<b>,791</b>	-,191	,689	,354	<b>,744</b>	-,209	,722	,244	<b>,772</b>	-,171	,685
ITEM 4	<b>,683</b>	,406	-,189	,667	<b>,763</b>	,370	-,065	,724	<b>,803</b>	,301	-,088	,743
ITEM 5	<b>,790</b>	,211	-,245	,728	<b>,699</b>	,258	-,236	,610	<b>,839</b>	,180	-,164	,764
ITEM 6	-,304	-,016	<b>,743</b>	,644	-,223	,008	<b>,756</b>	,622	-,238	-,010	<b>,827</b>	,741
ITEM 7	,246	<b>,745</b>	-,101	,625	,349	<b>,695</b>	,038	,606	,377	<b>,754</b>	-,153	,734
ITEM 8	<b>,782</b>	,122	-,212	,671	<b>,765</b>	,091	-,277	,670	<b>,731</b>	,178	-,211	,610
ITEM 9	-,081	-,297	<b>,776</b>	,697	-,217	-,305	<b>,725</b>	,665	-,117	-,436	<b>,618</b>	,586
ITEM 10	-,171	-,245	<b>,753</b>	,656	-,209	-,346	<b>,681</b>	,626	-,111	-,395	<b>,633</b>	,570
ITEM 11	,257	<b>,519</b>	-,059	,338	,108	<b>,556</b>	-,099	,331	,342	<b>,390</b>	-,168	,297
ITEM 12	<b>,712</b>	,385	-,342	,772	<b>,794</b>	,268	-,213	,748	<b>,775</b>	,258	-,220	,715
ITEM 13	,298	<b>,753</b>	-,012	,656	,342	<b>,714</b>	-,137	,646	,317	<b>,741</b>	-,090	,657
ITEM 14	<b>,711</b>	,212	-,190	,586	<b>,763</b>	,255	-,236	,703	<b>,805</b>	,233	-,076	,708
ITEM 15	-,188	-,198	<b>,707</b>	,574	-,255	-,174	<b>,663</b>	,535	-,168	-,187	<b>,676</b>	,520
<i>Eigenvalues</i>	6,126	1,869	1,245		6,321	1,797	1,198		6,256	1,774	1,404	
<b>Variância Explic.</b>	40,8%	12,5%	8,3%		42,1%	11,9%	7,9%		41,7%	11,8%	9,4%	

**Quadro 11.** Comunalidades e pesos factoriais dos itens, % de variância explicada e eigenvalues dos factores da subescala Investimento das versões Pais, Amigos e Namorados

Finalmente, analisemos a estrutura factorial da subescala Intimidade Física/Sexualidade pertencente apenas à versão NAMORADOS.

A análise da consistência interna da subescala manifestou um *alpha* de Cronbach de .77. Pelos mesmos motivos das subescalas já analisadas, optámos por efectuar uma análise factorial com rotação Varimax. A análise foi forçada a três factores, uma vez que os seis factores que surgiam não tinham qualquer coerência em termos teóricos. A razão para forçar especificamente a três factores deveu-se à necessidade de encontrar uma coerência teórica, mesmo não correspondendo à estrutura de quatro factores proposta pelos autores. Os factores encontrados explicam 51,3% da variância total e são os seguintes (Quadro 12):

(a) **Intimidade Física Insegura** – Explica 24,4% da variância, é composto por 7 itens (1, 7, 9, 13, 15, 18 e 20) e tem um *alpha* de Cronbach de .83 (Quadro 13). Desta dimensão foi retirado o item 4 por ter impacto na redução do *alpha* total da mesma. Esta dimensão inclui as dimensões de Intimidade Preocupada e Evitante propostas pelos autores do questionário. Deste modo, na nossa estrutura relacional surgiu numa só configuração teoricamente congruente. Os seus itens incluem quer um padrão de intimidade baseado no evitamento de proximidade e compromisso e de desconforto na manifestação de sentimentos e investimento no relacionamento sexual, como também a tendência para perceber o outro como menos envolvido e preocupado com a intimidade a dois e si próprio como demasiado dedicado, envolvido emocionalmente e preocupado com a mesma.

(b) **Intimidade Física Segura** – Explica 15,9% da variância, possui um *alpha* de Cronbach de .71 e possui 6 itens (3, 8, 10, 12, 14 e 17), de entre os quais foi eliminado o item 11 por contribuir para a redução do *alpha* global da dimensão e por apresentar uma baixa saturação em todos os factores. Este factor, semelhante ao previsto pelos autores da escala, mede a tendência para perceber a sexualidade como uma fonte de partilha mútua de afecto e carinho e como um fortificador da relação amorosa.

(c) **Intimidade Física Lúdica** – Explica 10,9% da variância e é formado por cinco itens (2, 5, 6, 16 e 19). O *alpha* de Cronbach da dimensão é razoável ( $\alpha = .73$ ). Este factor corresponde à dimensão Evitamento/Divertimento descrito pelos autores e revela uma tendência para perceber a sexualidade como uma forma de divertimento e prazer físico mas sem uma componente afectiva associada.

**Quadro 12:** Estrutura Factorial final da dimensão Intimidade Física/Sexualidade na versão Namorados

Itens – Intimidade Física/Sexualidade	FACTORES			
	Namorados	Insegura	Segura	Lúdica
1. A intimidade física com os meus namorados/as exige maior compromisso do que eu gostaria.	,612	-,145	,140	,423
7. Fico demasiado preso/a àquilo que os meus namorados/as querem em termos de intimidade física.	,513	-,230	,283	,401
9. Os sentimentos dos meus namorados/as sobre a nossa intimidade física são mais importantes do que os meus.	,512	-,176	,209	,334
13. Crio problemas por ficar demasiado preocupado com os sentimentos dos meus namorados sobre a nossa intimidade física.	,745	,087	,111	,627
15. A intimidade física reforça mais os laços com os meus namorados/as do que eles desejariam.	,823	-,118	,053	,701
18. A proximidade que advém da intimidade física com os meus namorados faz-se sentir desconfortável.	,807	-,145	,076	,687
20. Preocupo-me demasiado com o facto dos meus namorados se sentirem felizes com a nossa intimidade física.	,708	,163	,065	,581
3. A intimidade com os meus namorados/as baseia-se em afecto e carinho mútuos.	-,125	,513	-,066	,772
8. A intimidade física é melhor quando eu gosto realmente da outra pessoa.	-,133	,668	-,235	,520
10. A intimidade física dá-me mais prazer quando estou apaixonado/a.	-,057	,734	-,067	,557
12. A intimidade física com os meus namorados/as é uma forma de mostrar amor.	,064	,689	,056	,473
14. A intimidade física baseia-se realmente em acarinhar e ser acarinhado pelo outro.	-,087	,597	,065	,386
17. Empenho-me demasiado em fazer com que os meus namorados/as se sintam satisfeitos/as com a nossa intimidade física.	,274	,457	,214	,309
2. A intimidade física com os meus namorados é, sobretudo, uma oportunidade para sentir prazer físico e divertir-me.	,195	-,219	,568	,430
5. A intimidade física com os meus namorados/as significa sobretudo divertimento.	,269	-,358	,590	,547
6. A intimidade física é principalmente uma oportunidade para experimentar novas “técnicas” e explorá-las com os meus namorados/as.	,251	-,124	,563	,412
16. A intimidade física com os meus namorados/as representa uma possibilidade de fazer alguma coisa boa e agradável.	-,086	,357	,803	,772
19. O melhor da intimidade física com os meus namorados é a experiência física.	-,086	,357	,803	,772
<b>Eigenvalue</b>	4,396	2,870	1,971	
<b>Variância Explicada</b>	24,4%	15,9%	10,9%	

**Quadro 13:** Correlação entre as dimensões e Consistência interna da sub-escala Intimidade Física/Sexualidade na versão de Namorados – Alpha de Cronbach ( $\alpha$ ) e correlação média inter-itens (CMII)

	Namorados		
	Segura	Insegura	Lúdica
$\alpha$	0,83	0,83	0,73
CMII	0,31	0,41	0,35

Esta escala constituída por três versões diferentes pretende analisar padrões (“sistemas”, traduzindo de forma literal) comportamentais que, teoricamente, se

caracterizam como Seguros, Inseguros Preocupados ou Inseguros Evitantes. Estes padrões resultariam da soma das dimensões seguras, preocupadas e evitantes das escalas de Vinculação, Apoio Emocional, Investimento e Sexualidade, permitindo-nos obter um perfil específico para cada sujeito. Porém, no presente estudo optámos por não realizar esta soma não só devido ao facto de não ser possível e credível comparar Pais e amigos com Namorados por esta versão conter mais uma subescala, como também pelo facto dos próprios autores se encontrarem ainda a aferir a melhor forma de identificar estes padrões comportamentais, tornando patente que este sistema de avaliação possui várias limitações. Deste modo, utilizámos separadamente os resultados das dimensões de cada subescala para que fossem comparados entre si e, eventualmente, tirar algumas sugestões de perfis mais globais associados. Consequentemente, não nos foi permitido realizar algumas comparações com os estudos originais, uma vez que a aferição, validação e versão reduzida está ainda em curso nos Estados Unidos pelos autores da escala e porque as primeiras investigações com esta escala apenas apresentam valores de consistência interna para os três padrões comportamentais globais já mencionados.

#### **4. Tratamento Estatístico dos Dados**

Após a recolha dos questionários, os dados foram codificados, introduzidos numa base de dados e sujeitos a tratamento estatístico, tendo sido utilizado o programa estatístico SPSS, versão 15.0 (“*Statistical Package for the Social Sciences*”).

Nos procedimentos estatísticos, procedeu-se ao seguinte processo de tratamento dos dados: Verificação se havia desvios significativos em relação à normalidade nas variáveis estudadas; Análise estatística descritiva para caracterização da amostra; Cálculo das frequências e percentagens para os dados de categorização nominal, e médias, medianas e desvios-padrão para os dados de categorização intervalar de cada; Análise factorial e de consistência interna para avaliar as qualidades psicométricas dos instrumentos; Testes paramétricos e não-paramétricos para estudo das diferenças nas médias dos grupos elaborados em função das variáveis sócio-demográficas; Correlações de Pearson para analisar a relação entre as variáveis em estudo; Teste de associação entre variáveis de moderação através da análise de regressões.

A análise e interpretação dos resultados foram realizadas à luz dos objectivos e das hipóteses delineadas, tendo em conta todo o quadro conceptual que está na sua génese. As análises estatísticas efectuadas no decurso dos diversos estudos empíricos são da nossa exclusiva responsabilidade.

## 5. Caracterização da Amostra

As características gerais da amostra deste estudo encontram-se no Quadro seguinte. A amostra deste estudo é constituída por 200 adolescentes ou jovens adultos portugueses. Destes, 62 são rapazes (31%) e 138 (69%) raparigas. A faixa etária da amostra situa-se entre os 17 e os 21 anos ( $N=200$ , média de 18,16 e desvio padrão de 0,79), equivalente à fase tardia da adolescência ou início da idade adulta. Optou-se por este grupo etário pelo facto de estarmos a estudar variáveis relacionais associadas ao namoro, o que parece fazer mais sentido ser analisado em fases mais avançadas deste período do que em fases mais precoces.

A amostra foi recolhida em várias escolas secundárias (49,5%) do Norte, Centro e Sul do país e em instituições do ensino superior portuguesas (50,5%) da Área Metropolitana de Lisboa. Os sujeitos pertencem, na sua maioria à etnia branca ou caucasiana (94%), são crentes numa religião (98,5%) e residem em várias zonas do país, com maior preponderância para a zona norte de Portugal (26%).

A maior parte dos jovens insere-se numa estrutura familiar nuclear intacta (77,5%), possui um irmão/ã (51,5%), sendo o nível socioeconómico das suas famílias preponderantemente de tipo médio (42,5%) (ver classificação no Anexo 1).

No que concerne às informações recolhidas acerca das relações amorosas dos jovens, verificámos que a maior parte deles refere ter uma orientação heterossexual (96%), sendo que a amostra se encontra dividida entre 50% de sujeitos que não têm uma relação amorosa na actualidade e 50% que diz estar envolvido numa relação. Destes, a maior parte namora há um ano ou mais (25%). No último ano, os sujeitos da amostra estiveram envolvidos numa relação ( $M=1,46$ ;  $D.P.=1,69$ ) e referem ter tido, em média, três relações amorosas até à actualidade ( $M=3,68$ ;  $D.P.=4,46$ ), sendo que estas relações tendem a durar, na sua maioria, um ano ou mais (25,5%). Relativamente ao término das relações, a maioria diz terem sido quase sempre ambos os membros da relação a desejar o seu fim (37,5%).

**Quadro 14. Características gerais da amostra.**

<b>n=200</b>	<b>n (%)</b>		
<b>Sexo</b> Masculino Feminino	62 (31%) 138 (69%)		
<b>Idade – Categorias</b> 17 Anos 18 Anos 19 Anos 20 Anos 21 Anos	72 (36%) 69 (34,5%) 22 (11%) 29 (14,5%) 8 (4%)		
<b>Idade</b>	<b>M</b> 18,16	<b>DP</b> 1,18	<b>Min.-Máx.</b> 17-21
<b>Escolaridade</b> 12º Ano (Ensino Secundário) 1º Ano (Ensino Superior) – Curso Psicologia 1º Ano (Ensino Superior) – Curso Enfermagem 1º Ano (Ensino Superior) – Outros Cursos	99 (49,5%) 76 (38%) 13 (6,5%) 12 (6%)		
<b>Etnia</b> Branca Negra Outra	188 (94%) 7 (3,5%) 4 (3%)		
<b>Crente em alguma religião?</b> Sim Não	n=197 (98,5%) 131 (65,5%) 66 (31%)		
<b>Zona de Residência</b> Norte Centro Grande Lisboa Alentejo Outras zonas	52 (26%) 41 (20,5%) 45 (22,5%) 49 (24,5%) 13 (6,5%)		
<b>Estrutura Familiar</b> Nuclear Intacta Outras	n=198 (99%) 155 (77,5%) 43 (21,5%)		
<b>Irmãos – Categorias</b> Filho único Um irmão Dois ou mais irmãos	n=199 (95,5%) 49 (24,5%) 103 (51,5%) 47 (23,5%)		
<b>Irmãos</b>	<b>M</b> 1,05	<b>DP</b> 0,81	<b>Min.-Máx.</b> 0-4
<b>Nível Socioeconómico</b> Baixo Médio Médio-Alto e Alto	n=198 (99%) 62 (31%) 85 (42,5%) 51 (25,5%)		
<b>Preferência Sexual</b> Heterossexual Homossexual Bissexual	193 (96%) 3 (1,5%) 2,5%		
<b>Tem um relação amorosa na actualidade?</b> Sim Não	100 (50%) 100 (50%)		
<b>Duração da relação actual</b> Até 2 semanas De 2 até 4 semanas De 1 até 3 meses De 3 até 6 meses De 7 até 12 meses Um ano ou mais	n=100 2 (1%) 2 (1%) 15 (7,5%) 13 (6,5%) 18 (9%) 50 (25%)		
<b>Quantas relações amorosas teve nos últimos 12 meses?</b>	<b>M</b> 1,46	<b>DP</b> 1,69	<b>Min.-Máx.</b> 0-14
<b>Quantas relações amorosas teve até à actualidade?</b>	<b>M</b> 3,68	<b>DP</b> 4,46	<b>Min.-Máx.</b> 0-35
<b>Quanto tempo duram habitualmente as suas relações amorosas?</b> Até 2 semanas De 2 até 4 semanas De 1 até 3 meses De 3 até 6 meses De 7 até 12 meses Um ano ou mais	n=154 (77%) 9 (4,5%) 15 (7,5%) 27 (13,5%) 24 (12%) 28 (14%) 51 (25,5%)		
<b>Quem costuma terminar as suas relações amorosas?</b> Quase sempre são eles/as A maior parte das vezes são eles/as Tanto eu como eles/as A maior parte das vezes sou eu Quase sempre sou eu	n=158 (79%) 6 (3%) 11 (5,5%) 75 (37,5%) 24 (12%) 42 (18%)		

## *CAPÍTULO IV*

---

# **ANÁLISE DOS RESULTADOS**

## *CAPÍTULO IV*

---

### **ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Neste capítulo, será feita a apresentação dos resultados decorrentes da investigação realizada. Em primeiro lugar, realizaremos a caracterização das variáveis em estudo segundo os seus resultados em cada uma das escalas e respectivas dimensões. Procederemos, igualmente, à análise comparativa dos seus resultados com base nas variáveis sócio-demográficas que procurámos controlar no questionário demográfico (género, idade, escolaridade, religiosidade, nível sócio-económico, estrutura familiar, fratria, existência e duração da relação amorosa actual, número de relações amorosas no último ano e até à actualidade). Neste sentido, comparámos os resultados por subcategorias associados a estas variáveis explicativas<sup>39</sup> de cariz sócio-demográfico relativamente às variáveis critério (quer individuais - auto-estima e estima corporal -, quer relacionais - práticas parentais, vinculação, apoio emocional e investimento) deste estudo. Para isso, apresentamos as suas médias, desvio-padrão e percentagens de observações<sup>40</sup> e os testes estatísticos para comparação dos grupos criados. Na selecção entre testes paramétricos e não-paramétricos, utilizámos como requisitos: a possibilidade de realização de operações numéricas, a normalidade das distribuições (através do teste de Kolmogorov-Smirnov com correcção de Lilliefors) e a análise da homogeneidade das variâncias (através do teste de Levene)<sup>41</sup>.

Em segundo lugar, serão apresentadas as análises das correlações que permitirão responder às nossas questões de investigação.

---

<sup>39</sup> Tratando-se de uma investigação correlacional, não podemos falar em Variáveis Independentes uma vez que não existe manipulação experimental das mesmas, sendo designadas de Variáveis Explicativas ou Factores. No mesmo sentido, as variáveis dependentes são aqui designadas de Variáveis Critério (Mertens, *cit. in* Pereira, 2007).

<sup>40</sup> Note-se que estas percentagens correspondem aos resultados dos diferentes subgrupos numa determinada (sub)escala no intervalo de 0 a 100.

<sup>41</sup> Como se pressupõe a robustez dos testes paramétricos, recorreu-se à utilização destes, mesmo quando o pressuposto da normalidade foi violado. Este procedimento sucedeu apenas quando os dados não se mostraram demasiado diferentes da distribuição normal, quando tinham variâncias homogéneas e quando o número de sujeitos superior a 30 por condição (Maroco, 2007). Nos casos em que estes requisitos não estavam presentes, recorremos a testes não-paramétricos.

# 1. CARACTERIZAÇÃO E DIFERENÇAS DE MÉDIAS DAS VARIÁVEIS CRITÉRIO EM ESTUDO EM FUNÇÃO DAS VARIÁVEIS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS

Nesta secção, iremos caracterizar os resultados da nossa amostra segundo as principais variáveis analisadas neste estudo e apresentar os resultados relativos aos efeitos dos vários factores que poderão afectar ou influenciar as dimensões individuais e relacionais avaliadas pelos questionários.

## 1.1. Auto-Estima

Veamos como se caracterizam os resultados da nossa amostra em termos de auto-estima global. Sendo o intervalo do somatório dos resultados de 10 a 60 na Escala de Auto-Estima<sup>42</sup> Global de Rosenberg, podemos verificar que a nossa amostra manifestou resultados positivos, no que concerne à percepção do seu valor pessoal (Média do somatório = 48,2) (Quadro 15).

**Quadro 15:** Somatórios, pontuações médias, desvios-padrão e valores mínimo e máximo da escala de auto-estima.

	Soma	Percentagem	Média	Desvio-padrão	Min.- Máx.
<b>Auto-Estima Global</b>	48,2	80,1	4.82	0.71	2.70 – 6.00

Descrevamos, agora, os resultados das análises que procuram identificar as associações significativas entre a auto-estima e algumas características sócio-demográficas dos jovens da nossa amostra e da respectiva família (Quadro 16).

Quisemos, primeiramente, confirmar se existiam diferenças entre **sexos** ao nível da auto-estima, o que não se confirmou, remetendo-nos para a inexistência de diferenças significativas ao nível da satisfação global com o seu valor pessoal entre rapazes e raparigas. Também não foram encontradas diferenças significativas em função da **idade** entre os jovens com idades de 17 e 18 e os de 19, 20 e 21 anos.

Por sua vez, a média de auto-estima dos jovens a frequentar o ensino secundário (M=4.98) difere marcadamente da média dos alunos do ensino superior (M=4,66), mostrando-nos que o nível de **escolaridade** afecta o grau de auto-estima de modo

<sup>42</sup> Os valores desta escala foram cotados numa escala de Likert de 1 a 6 e avalia-se o seu resultado com base no somatório das respostas.

significativo ( $t=3,125$ ; g.l.=190;  $p=0,002$ ). Assim, quanto maior o nível de escolaridade, menor o grau de auto-estima global na presente amostra.

**Quadro 16:** Associações entre a auto-estima e as características sócio-demográficas da nossa amostra: médias, desvio-padrão, percentagens e testes estatísticos.

VARIÁVEIS EXPLICATIVAS	AUTO-ESTIMA			Testes Paramétricos	Testes Não-Paramétricos	P
	M	DP	%			
<b>Sexo:</b>						
Masculino	4.82	0.73	80,3	$t = 0.175$	-	N.S.
Feminino	4.80	0.75	80,0			
<b>Idade:</b>						
Até 18 anos	4.85	0.73	80,9	$t = 1.002$ ;	-	N.S.
Mais de 18 anos	4.73	0.74	78,9			
<b>Nível Escolaridade:</b>						
Secundário	<b>4.98</b>	<b>0.67</b>	<b>83.1</b>	$t = 3,125$	-	$p = 0,002^{**}$
Superior	<b>4.66</b>	<b>0.76</b>	<b>77.6</b>			
<b>Religiosidade:</b>						
Não Crente	4.79	0.76	79.8	$t = - 0.375$	-	N.S.
Crente	4.83	0.71	80.5			
<b>NSE:</b>						
Baixo	<b>5.02</b>	<b>0.64</b>	<b>83.7</b>	$F = 3.913$	-	$p = 0.022^*$
Médio	<b>4.74</b>	<b>0.76</b>	<b>79.0</b>			
Médio Alto/Alto	<b>4.65</b>	<b>0.79</b>	<b>77.6</b>			
<b>Estrutura Familiar:</b>						
Não Intacta	4.82	0.73	80.3	$t = 0.006$	-	N.S.
Intacta	4.82	0.74	80.3			
<b>Nº de Irmãos:</b>						
Filho Único	4.72	0.85	78,7	$t = -1.032$	-	N.S.
Com irmãos	4.85	0.69	80.9			
<b>Relação Amorosa Actual:</b>						
Sujeitos sem R.A.	4.83	0.68	80.5	-	$U=4668,5$ $W=9818,5$	N.S.
Sujeitos com R.A.	4.81	0.79	80.2			
<b>Duração da R.A. Actual:</b>						
Até um ano	4.78	0.79	79.7	$t = 0.190$	-	N.S.
Mais de um ano	4.84	0.79	80.7			
<b>Nº de R.A. no último ano:</b>						
Nenhuma	4.90	0.66	81.7	-	$\chi^2_{kw} = 0.004$	N.S.
Uma	4.86	0.79	81.0			
Mais de uma	4.76	0.71	79.4			
<b>Nº de R.A. até à actualidade:</b>						
Até uma R.A.	4.92	0.71	82.0	$F = 0.597$	-	N.S.
Entre 2 e 4	4.83	0.78	80.6			
Mais de 4	4.75	0.66	79.2			

\* Correlação significativa ( $p < .05$ ); \*\* Correlação significativa ( $p < .01$ ); \*\*\* Correlação significativa ( $p < .001$ )

Relativamente à **religiosidade**, a média dos jovens que não crêem em numa religião não difere significativamente da média de auto-estima. Para avaliar se o **nível sócio-económico** (N.S.E) está associado à auto-estima, recorreu-se à ANOVA *two way* seguida de teste *post-hoc* HSD de Tukey como descrito em Maroco (2007). Por conseguinte, é possível afirmar que existem diferenças significativas entre os grupos analisados ( $F(2, 193) = 3,125$ ;  $p=0,002$ ) sobre a auto-estima. O grupo com N.S.E. altoapresenta a média mais baixa ( $M=4,65$ ), seguida do médio alto/alto ( $M=4,74$ ) e, por último, o N.S.E. baixo apresentou um valor superior ( $M=5,02$ ) no que concerne à

percepção de estima global. O teste de Tukey apresenta diferenças relevantes entre os Níveis baixo e alto ( $p < 0,05$ ).

Por sua vez, não existem diferenças entre os jovens que provêm de uma família intacta dos que não possuem uma **estrutura familiar** intacta em função do nível de valorização de si mesmo. Verificou-se, igualmente, a inexistência de diferenças nas médias de auto-estima dos jovens com irmãos e sem irmãos. Por seu turno, também não parecem haver diferenças entre a auto-estima dos jovens com **relação amorosa (R.A.)** actual e aqueles que não têm relação. A **duração da relação** daqueles que namoram também não apresenta efeitos significativos entre os jovens que namoram há menos de um ano e os que namoram há mais de um ano ao nível da auto-estima global. Finalmente, não existem também diferenças estatisticamente significativas em função do **número de relações amorosas no último ano** e do número de R.A. até ao presente em relação ao grau de estima global.

Em suma, a nossa amostra apresenta níveis médios positivos de auto-estima e, das variáveis sócio-demográficas analisadas, apenas o nível de escolaridade e o nível sócio-económico demonstraram ter um efeito diferencial em termos de resultados observados nesta variável indicadora de bem-estar.

## 1.2. Estima Corporal

Os resultados médios nas dimensões da Escala de Estima Corporal demonstram bons níveis<sup>43</sup> de satisfação dos rapazes e das raparigas com o seu corpo, nomeadamente no que concerne à percepção que têm da sua Elegância ( $M=3,62$ ), Condição Atlético (M=3,76), Beleza ( $M=3,99$ ) e Sexualidade ( $M=4,06$ ). Estas duas dimensões apresentaram respostas particularmente favoráveis na ordem dos 79,94% e 81,23%, respectivamente, numa escala de 1 a 100 de satisfação. Por último, 72,5% dos jovens estão satisfeitos com o seu corpo em geral (Quadro 17).

Vejamos os efeitos das variáveis sócio-demográficas nestas dimensões corporais (Quadro 18). A análise realizada em função do **sexo** ao nível das dimensões de estima corporal revelou que não existem diferenças significativas na satisfação com a Elegância, com a Beleza e com a Sexualidade. Por sua vez, existem diferenças estatisticamente significativas entre a média dos rapazes ( $M=4.03$ ) e das raparigas em

---

<sup>43</sup> Os valores foram medidos numa escala de Likert que varia entre 1 a 5.

função da dimensão Condição Atléticoa ( $M=3,61$ ), revelando que eles estão mais satisfeitos com a força e condição física muscular do que elas ( $t= 3,79$ ;  $g.l.=197$ ;  $p<0.001$ ). Os rapazes ( $M=3,89$ ) também apresentam maior satisfação geral com o corpo relativamente às raparigas ( $M=3,51$ ) ( $t=0,25$ ;  $g.l.=183$ ;  $p=0,012$ ).

**Quadro 17.** Pontuações médias, desvios-padrão e valores mínimos e máximo das subdimensões da estima corporal.

	Média	Percentagem	Desvio-padrão	Min.- Máx.
<b>Elegância</b>	3.62	72.3	0.75	1.31 – 5
<b>Condição Atléticoa</b>	3.76	75.2	0.69	1.86 – 5
<b>Beleza</b>	3.99	79.9	0.60	2.57 – 5
<b>Sexualidade</b>	4.06	81.2	0.68	2.25 – 5
<b>Satisfação Corporal Global</b>	3.62	72.5	0.93	1 – 5

Relativamente à **idade**, não se registaram diferenças significativas nos resultados das dimensões Elegância, Condição Atléticoa, Beleza, Sexualidade e Satisfação com o Corpo em geral entre os jovens com idades de 17/18 e de 19/20/21 anos. Quanto ao nível de **escolaridade**, as médias dos jovens a frequentar o ensino secundário não diferem marcadamente das médias dos alunos do ensino superior em termos de Elegância, Beleza, Sexualidade e Satisfação com o Corpo em geral. Em contrapartida, na dimensão Condição Atléticoa, as médias dos alunos do secundário ( $M=3,87$ ) e dos alunos do ensino superior ( $M=3,63$ ) apresentam diferenças significativas, com o primeiro grupo a relevar-se mais satisfeito com esta dimensão ( $t=2,79$ ;  $g.l.=195$ ;  $p=0,006$ ).

No que respeita à **religiosidade**, os jovens que não crêem numa religião não apresentam distinções significativas dos crentes nas dimensões Elegância, Condição Atléticoa, Beleza, Sexualidade e Satisfação Geral com o Corpo. O **N.S.E.**, por seu turno, não afecta significativamente as dimensões Elegância e Satisfação com o Corpo, mas sim as dimensões: Condição Atléticoa (médias N.S.E. baixo: 3,94; médio: 3,64; médio alto/alto: 3,68) ( $F(2, 196) = 3,40$ ;  $p=0,03$ ), Beleza (médias N.S.E. baixo: 4,12; médio: 3,97; médio alto/alto: 3,81) ( $F(2, 196) = 6,89$ ;  $p=0,02$ ) e Sexualidade (médias N.S.E. baixo: 4,29; médio: 3,97; médio alto/alto: 3,94) ( $F(2, 192) = 2,26$ ;  $p=0,008$ ) são estatisticamente significativas. O teste *post-hoc* HSD de Tukey revelou que na dimensão Condição Atléticoa o nível baixo e médio apresentam diferenciação relevante,

na dimensão Sexualidade o nível baixo difere quer do nível médio quer médio alto/elevado e na dimensão Beleza, existem diferenças marcadas entre o nível médio e médio alto/elevado ( $p < 0.05$ ).

Por sua vez, não parecem haver diferenças entre jovens que provêm de uma família intacta dos que não possuem uma **estrutura familiar** intacta no que concerne às dimensões associadas ao corpo. Os testes *t-student* também não revelaram diferenças nas médias de Elegância, Condição Atlético, Beleza e Sexualidade dos jovens com **irmãos** e sem irmãos, à excepção da Satisfação Corporal Global ( $t = -2,268$ ; g.l.=181;  $p = 0,024$ ), onde os jovens com irmãos mostraram maior agrado com o seu corpo ( $M = 3,71$ ) do que os filhos únicos ( $M = 3,35$ ).

Por seu turno, também não parecem haver diferenças nestas dimensões corporais entre os adolescentes com e sem **relação amorosa na actualidade**. A única excepção refere-se ao nível de satisfação com a Sexualidade, em que a diferença existente entre os jovens que namoram ( $M = 4,23$ ) e os que não namoram ( $M = 3,88$ ) parece ser estatisticamente significativa ( $U = 3319,5$ ;  $W = 8179,5$ ; g.l.=193;  $p = 0,000$ ). A **duração da relação** daqueles que namoram apresenta efeitos significativos na dimensão Beleza ( $t = -1,94$ ; g.l.=97;  $p = 0,05$ ) com os jovens que namoram há menos de um ano ( $M = 3,88$ ) a considerarem-se menos atraentes do que os que namoram há mais de um ano ( $M = 4,15$ ). Porém, os grupos não diferem ao nível da Elegância, Condição Física, Sexualidade e Satisfação Geral com o Corpo.

Também existem diferenças estatisticamente significativas em função do **número de relações amorosas no último ano** relativamente aos resultados da dimensão Sexualidade ( $F(2, 160) = 4,78$ ;  $p = 0,01$ ). Os jovens que não tiveram nenhuma relação apresentam a média mais baixa ( $M = 3,79$ ), seguidos dos que tiveram uma R.A. ( $M = 4,10$ ) e, por último, os que tiveram mais de uma R.A. ( $M = 4,31$ ) no passado ano. O teste *post-hoc* de Tukey mostra haver diferenças importantes entre o grupo sem R.A. no último ano com cada um dos outros grupos ( $p < 0,05$ ). As restantes dimensões do corpo não sofreram o efeito desta variável. Finalmente, o **número de R.A. até ao presente** teve um efeito estatisticamente significativo sobre a dimensão Sexualidade ( $X^2_{kw}(2) = 6,09$ ;  $p = 0,04$ ), tornando patentes diferenças entre os jovens que não tiveram ou que tiveram uma R.A. até ao presente ( $M = 3,81$ ), dos que tiveram de duas a quatro ( $M = 4,12$ ) e dos que tiveram mais de quatro relacionamentos ( $M = 4,10$ ). Por sua vez, as dimensões adicionais não manifestam diferenças em função do número de relações amorosas dos adolescentes até à actualidade.

Resumindo, a nossa amostra está relativamente satisfeita com o seu corpo, visível na satisfação de 72,3% dos sujeitos com a sua Elegância, de 75,2% com a Condição Atlética, de 79,9% com a sua Beleza, e de 81,2% com as suas características sexuais. A dimensão Elegância não apresentou alterações significativas em função das variáveis sócio-demográficas analisadas. Por sua vez, a Condição Atlética é afectada pelo sexo, com 80,7% de rapazes satisfeitos em relação a 72,3% das raparigas; pelo nível de escolaridade, com 77,4% dos estudantes a mostrarem-se satisfeitos em relação a 72,7% do ensino superior; e pelo N.S.E. com 78,8% dos sujeitos de nível mais baixo a revelarem-se satisfeitos com esta condição, em relação a 72,8% dos de nível médio e 73,7% dos de nível elevado. O N.S.E. afecta ainda a percepção de Beleza, com 82,5% dos sujeitos de nível baixo a mostrarem satisfação com esta dimensão, em relação a 79,4% dos sujeitos de nível médio e 76,3% de nível baixo. A Satisfação com a Sexualidade varia em função do N.S.E. com os sujeitos de nível baixo a mostrar-se mais agradados com esta dimensão (85,8%) do que os de nível médio (79,5%) e de elevado (78,8%); do envolvimento numa relação amorosa com os sujeitos que namoram mais satisfeitos com esta dimensão (85%) do que os que não namoram (77,7%); do número de relações no último ano, com 86,2% dos sujeitos com mais de um relacionamento a mostrarem-se mais satisfeitos do que os 82,2% que tiveram uma relação e os 75,8% que não tiveram nenhum envolvimento amoroso; e do número de R.A. até à actualidade, onde se salienta o maior grau de satisfação com aspectos ligados à sexualidade dos sujeitos que tiveram mais de 4 relacionamentos (83,2%) comparativamente aos 82,6% de sujeitos que tiveram entre dois e quatro envoltimentos amorosos e 76,3% apresentado pelos sujeitos que não tiveram nenhuma ou apenas uma relação romântica. Por último, a Satisfação Geral com o Corpo é afectada quer pelo sexo, com as mulheres (70,3%) a sentirem-se mais insatisfeitas com o corpo do que os homens (77,8%), quer pela fratria, com os filhos únicos a revelarem menor satisfação corporal (67,1%) do que os jovens com irmãos (74,3%).

VARIÁVEIS EXPLICATIVAS	Elegância			Testes	Condição Atlético			Testes	Beleza			Testes	Sexualidade			Testes	Satisfação Corporal Global			Testes
	M	DP	%		M	DP	%		M	DP	%		M	D.P.	%		M	D.P.	%	
Sexo: Masculino Feminino	3.74 3.52	0.67 0.76	74.9 70.5	N.S.	<b>4.03</b> <b>3.61</b>	<b>0.59</b> <b>0.67</b>	<b>80.7</b> <b>72.3</b>	$t=3.79$ $p=0.000^{***}$	3.96 3.98	0.63 0.58	79.3 79.7	N.S.	4.18 4.01	0.61 0.61	83.60 80.23	N.S.	<b>3.89</b> <b>3.51</b>	<b>0.89</b> <b>0.93</b>	<b>77.8</b> <b>70.3</b>	$t=2.53$ $p=0.012^*$
Idade: Até 18 anos Mais de 18 anos	3.57 3.65	0.74 0.74	71.4 73.0	N.S.	3.76 3.73	0.66 0.71	75.3 77.4	N.S.	3.96 4.01	0.58 0.62	79.3 80.3	N.S.	4.02 4.18	0.71 0.61	80.29 83.68	N.S.	3.65 3.56	0.95 0.89	73.1 71.2	N.S.
Nível Escolaridade: Secundário Superior	3.63 3.55	0.71 0.77	72.7 71.0	N.S.	<b>3.87</b> <b>3.63</b>	<b>0.65</b> <b>0.69</b>	<b>77.4</b> <b>72.7</b>	$t=2.79$ $p=0.006^{**}$	4.02 3.93	0.60 0.59	78.4 72.7	N.S.	4.09 4.03	0.72 0.66	81.86 80.63	N.S.	3.75 3.56	0.85 1.00	75.1 68.9	N.S.
Religiosidade: Não Crente Crente	3.50 3.64	0.85 0.68	70.0 72.9	N.S.	3.72 3.77	0.78 0.60	74.4 75.4	N.S.	3.99 3.97	0.64 0.56	79.9 79.5	N.S.	4.09 4.06	0.73 0.65	81.90 81.23	N.S.	3.43 3.72	1.05 0.87	68.7 74.4	N.S.
NSE: Baixo Médio Médio Alto/Alto	3.75 3.53 3.48	0.68 0.76 0.77	75.1 70.7 69.6	N.S.	<b>3.94</b> <b>3.64</b> <b>3.68</b>	<b>0.65</b> <b>0.67</b> <b>0.69</b>	<b>78.8</b> <b>72.8</b> <b>73.7</b>	$F=3.406$ $p=0.035^*$	<b>4.12</b> <b>3.97</b> <b>3.81</b>	<b>0.56</b> <b>0.62</b> <b>0.55</b>	<b>82.5</b> <b>79.4</b> <b>76.3</b>	$F=4.01$ $p=0.02^*$	<b>4.29</b> <b>3.97</b> <b>3.94</b>	<b>0.68</b> <b>0.68</b> <b>0.67</b>	<b>85.81</b> <b>79.56</b> <b>78.85</b>	$F=2,26$ $p=0,008^*$	3.81 3.57 3.45	0.62 1.02 1.09	76.2 71.5 69.1	N.S.
Estrutura Familiar: Não Intacta Intacta	3.58 3.60	0.84 0.71	71.6 72.1	N.S.	3.74 3.75	0.76 0.65	74.8 75.1	N.S.	4.02 3.97	0.61 0.59	80.4 79.4	N.S.	4.09 4.05	0.64 0.71	81.95 81.08	N.S.	3.40 3.69	0.95 0.93	68.0 73.8	N.S.
Nº de Irmãos: Filho Único Com irmãos	3.47 3.63	0.75 0.74	69.5 72.7	N.S.	3.67 3.77	0.75 0.65	73.4 75.5	N.S.	3.85 4.02	0.63 0.58	77.0 80.4	N.S.	4.00 4.08	0.73 0.67	80 81.7	N.S.	<b>3.35</b> <b>3.71</b>	<b>0.90</b> <b>0.93</b>	<b>67.1</b> <b>74.3</b>	$t=-2.26$ $p=0.02^*$
Relação Amorosa Actual: Sujeitos sem R.A. Sujeitos com R.A.	3.52 3.67	0.71 0.77	70,4 73,5	N.S.	3.71 3.78	0.644 0.715	74.3 75.9	N.S.	3.92 4.03	0.60 0.59	78.5 81.0	N.S.	<b>3.88</b> <b>4.23</b>	<b>0.67</b> <b>0.66</b>	<b>77.7</b> <b>85.0</b>	$U=3319.5$ $W=8170.5$ $p=0.000^{***}$	<b>3.57</b> <b>3.68</b>	<b>0.98</b> <b>0.82</b>	<b>71.5</b> <b>73.6</b>	N.S.
Duração da R.A. Actual: Até um ano Mais de um ano	3.53 3.75	0.85 0.67	70.6 75.3	N.S.	3.71 3.85	0.70 0.72	75.3 77.4	N.S.	3.88 4.15	0.58 0.57	77.8 83.4	$t=-1.94$ $p=0.05^*$	4.15 4.31	0.64 0.09	82.8 86.8	N.S.	3.52 3.77	0.87 0.95	70.4 75.5	N.S.
Nº de R.A. no último ano: Nenhuma Uma Mais de uma	3.62 3.60 3.61	0.61 0.78 0.78	72.4 72.2 72.3	N.S.	3.76 3.68 3.96	0.69 0.74 0.59	75.2 73.9 79.2	N.S.	3.98 4.03 3.99	0.60 0.57 0.69	79.6 81.0 79.8	N.S.	<b>3.79</b> <b>4.10</b> <b>4.31</b>	<b>0.76</b> <b>0.70</b> <b>0.59</b>	<b>75.8</b> <b>82.2</b> <b>86.2</b>	$F=4.78$ $p=0.01^*$	<b>3.58</b> <b>3.61</b> <b>3.47</b>	<b>0.87</b> <b>0.95</b> <b>1.03</b>	<b>71.6</b> <b>72.3</b> <b>69.5</b>	N.S.
Nº de R.A. até à actualidade: Até uma R.A. Entre 2 e 4 Mais de 4	3.48 3.64 3.59	0.68 0.75 0.82	69.7 73.0 71.9	N.S.	3.64 3.74 3.85	0.70 0.69 0.82	72.9 75.0 77.0	N.S.	3.97 4.00 3.97	0.64 0.55 0.62	79.4 80.4 79.5	N.S.	<b>3.81</b> <b>4.12</b> <b>4.10</b>	<b>0.82</b> <b>0.64</b> <b>0.63</b>	<b>76.3</b> <b>82.6</b> <b>83.2</b>	$\chi^2_{kr} =$ <b>6.097</b> $p=0.047^*$	<b>3.53</b> <b>3.70</b> <b>3.61</b>	<b>0.97</b> <b>0.89</b> <b>1.04</b>	<b>70.6</b> <b>74.0</b> <b>72.3</b>	N.S.

Quadro 18. Associações entre as dimensões de Estima Corporal e as características sócio-demográficas da nossa amostra: médias, desvios-padrão, percentagens e testes estatísticos.

### 1.3. Práticas Parentais

Como podemos ver no Quadro 19, os resultados médios nas dimensões da escala de práticas parentais EMBU-A demonstram bons níveis de Suporte Emocional<sup>44</sup> quer maternos (M=2,21), quer paternos (M=2,20). Como seria de esperar, as médias de Rejeição/Controlo paterno (M=1,00) e Controlo materno (M=1,42) são menores.

**Quadro 19:** Pontuações médias, desvios-padrão e valores mínimos e máximos das subdimensões do EMBU-A.

	Média	Percentagem	Desvio-padrão	Min.- Máx.
Suporte Emocional – Pai	2.20	73.7	0.66	0 – 3
Rejeição/Controlo – Pai	1.00	33.7	0.50	0 - 2.73
Suporte Emocional – Mãe	2.21	74.0	0.46	0.44 – 2.92
Controlo – Mãe	1.42	47.6	0.60	0 – 2.71

Vejam os efeitos têm as variáveis sócio-demográficas ao nível das práticas parentais. Os resultados estão apresentados nos Quadros 20 e 21. Apesar de esquematicamente termos separado as práticas paternas e maternas, por uma questão de organização da informação, descreveremos ambas, em simultâneo, em seguida.

A análise realizada em função do **sexo** ao nível das dimensões das práticas parentais revelou que não existem diferenças significativas no grau de Suporte Emocional percebido por parte da mãe, mas sim por parte do pai ( $U=2792,5$ ;  $W=4445,5$ ;  $p=0,023$ ), com uma média superior por parte das raparigas (M=2,29) em relação aos rapazes (M=2,00). Por sua vez, não se verificaram diferenças de sexo ao nível da Rejeição/Controlo paternos e no Controlo materno.

Relativamente à **idade**, registaram-se diferenças significativas nos resultados das dimensões Suporte Emocional paterno ( $t=2,03$ ; g.l.=179;  $p=0,043$ ) dos jovens com menos de 19 anos (M=2,25) e dos maiores de 19 (M=2,06), o que não sucedeu no caso da mãe e das práticas de Rejeição/Controlo paternas e de Controlo maternas.

Quanto ao nível de **escolaridade**, as médias dos jovens a frequentar o ensino secundário não diferem marcadamente das médias dos alunos do ensino superior em termos de Suporte Emocional do pai e da mãe, nem da Rejeição/Controlo paternos. Todavia, os jovens do secundário (M=1,85) têm uma maior percepção de Controlo materno do que os jovens universitários (M=1,29) ( $t=2,57$ ; g.l.=183;  $p=0,010$ ).

No que diz respeito à **religiosidade**, os jovens que não crêem numa religião apresentam níveis de Suporte Emocional paternos significativamente diferentes e

<sup>44</sup> Os valores foram medidos num escala de Likert de 0 a 3.

inferiores ( $M=2,01$ ) dos que são crentes ( $M=2,33$ ) ( $t= -2,97$ ;  $g.l.=176$ ;  $p=0,004$ ). Esta relação não foi encontrada no caso do Suporte Emocional materno. Por seu turno, os jovens crentes ( $M=1,55$ ) percebem significativamente maior controlo materno relativamente aos não crentes ( $M=1,23$ ) ( $t= -3,47$ ;  $g.l.=182$ ;  $p=0,001$ ). A dimensão rejeição/controlo paterno não evidenciou esta associação.

O N.S.E. não afecta significativamente nenhuma das práticas parentais em destaque. No mesmo sentido, não existem diferenças entre jovens que provêm de uma família intacta dos que não possuem uma **estrutura familiar** intacta, nem tão pouco entre os adolescentes com e sem **irmãos** no que concerne às dimensões relativas às práticas educativas. Por fim, não se encontram diferenças ao nível do suporte emocional paterno e materno e da rejeição/controlo paternos e controlo materno dos jovens em função das variáveis relativas às relações amorosas (relação amorosa na actual, duração da relação amorosa, número de relações amorosas no último ano e número de R.A. até ao presente).

**Quadro 20:** Associações entre as Práticas Parentais do Pai (EMBU) e as características sócio-demográficas da nossa amostra: médias, desvio-padrão, percentagens e testes estatísticos.

VARIÁVEIS EXPLICATIVAS	PAI SUPORTE EMOCIONAL			Testes Estatísticos	PAI REJEIÇÃO CONTROLO			Testes Estatísticos
	M	DP	%		M	DP	%	
<b>Sexo:</b>				$U=2792.5$ $W=4445.5$ $p=0.02^*$				N.S.
Masculino	2.00	0.74	68.0		1.07	0.46	36.4	
Feminino	2.29	0.59	76.5		0.96	0.52	32.5	
<b>Idade:</b>				$t=2.037$ $p=0.043^*$				N.S.
Até 18 anos	2.25	0.66	75.2		0.92	0.41	31.4	
Mais de 18 anos	2.06	0.64	69.9		1.17	0.67	39.7	
<b>Nível Escolaridade:</b>				N.S.				N.S.
Secundário	2.23	0.67	74.0		1.00	0.41	34.2	
Superior	2.17	0.65	73.6		0.99	0.59	33.4	
<b>Religiosidade:</b>				$t=- 2.97$ $p=0.004^{**}$				N.S.
Não Crente	2.01	0.67	65.9		0.91	18.22	31.1	
Crente	2.33	0.59	78.3		1.03	20.66	34.7	
<b>NSE:</b>				N.S.				N.S.
Baixo	2.28	0.61	75.9		1.00	0.49	33.9	
Médio	2.10	0.71	71.2		1.00	0.54	34.0	
Médio Alto/Alto	2.27	0.60	75.5		0.98	0.45	33.4	
<b>Estrutura Familiar:</b>				N.S.				N.S.
Não Intacta	2.01	0.72	68.6		0.96	0.52	31.1	
Intacta	2.24	0.63	74.8		1.01	0.50	34.7	
<b>Nº de Irmãos:</b>				N.S.				N.S.
Filho Único	2.13	0.79	73.3		0.98	0.49	33.5	
Com irmãos	2.22	0.61	73.8		1.00	0.51	34.7	
<b>Relação Amorosa Actual:</b>				N.S.				N.S.
Sujeitos sem R.A.	2.16	0.69	72.6		0.98	0.47	33.3	
Sujeitos com R.A.	2.24	0.61	73.8		1.01	0.54	34.3	
<b>Duração da R.A. Actual:</b>				N.S.				N.S.
Até um ano	2.24	0.62	75.0		0.93	0.46	31.9	
Mais de um ano	2.24	0.61	74.8		1.08	0.61	36.2	
<b>Nº de R.A. no último ano:</b>				N.S.				N.S.
Nenhuma	2.21	0.71	73.1		0.98	0.37	33.2	
Uma	2.23	0.65	74.6		1.01	0.57	34.0	
Mais de uma	1.95	0.80	68.3		0.88	0.48	30.8	
<b>Nº de R.A. até à actualidade:</b>				N.S.				N.S.
Até uma R.A.	2.19	0.75	72.6		0.94	0.50	31.8	
Entre 2 e 4	2.31	0.56	77.1		0.99	0.50	33.3	
Mais de 4	2.04	0.72	69.6		0.56	0.56	36.7	

Em síntese, algumas variáveis sócio-demográficas demonstraram ter efeitos significativos nas práticas parentais. O sexo, a idade e a religiosidade fizeram variar os resultados da percepção de suporte emocional paterno, salientando-se as raparigas (76,5% em relação a 68% dos rapazes), os menores de 19 anos (75,2% em comparação com 69,9% dos mais velhos) e os crentes a nível religioso (78,3% relativamente a 65,9%) como mais satisfeitos com a qualidade das práticas de suporte exercidas por parte da figura paterna. A percepção de práticas parentais baseadas no controlo por parte da mãe mostraram sofrer influência do nível de escolaridade e da religiosidade. Neste caso, 50,8% dos estudantes do secundário sentem-se mais controlados e superprotegidos pela mãe do que os jovens universitários (44%). No mesmo sentido, os jovens crentes na religião (50,9%) referem-se mais controlados do que os não crentes (40,7%).

**Quadro 21.** Associações entre as Práticas Parentais da Mãe (EMBU) e as características sócio-demográficas da nossa amostra: médias, desvio-padrão, percentagens e testes estatísticos.

VARIÁVEIS EXPLICATIVAS	MÃE - SUPORTE EMOCIONAL			Testes Estatísticos	MÃE - CONTROLO			Testes Estatísticos
	M	DP	%		M	DP	%	
<b>Sexo:</b>				N.S.				
Masculino	2,14	0.50	71.1		1.43	0.51	48.3	N.S.
Feminino	2,23	0.45	75.4		1.42	0.56	47.3	
<b>Idade:</b>				N.S.				
Até 18 anos	2.24	0.47	75.5		1.45	0.58	48,4	N.S.
Mais de 18 anos	2.09	0.46	70.2		1.35	0.65	45,6	
<b>Nível Escolaridade:</b>				N.S.				
Secundário	2.18	0.49	73.0		<b>1.85</b>	<b>0.57</b>	<b>50.8</b>	$t= 2.57$ $p=0.010^{**}$
Superior	2.23	0.45	75.1		<b>1.29</b>	<b>0.61</b>	<b>44.0</b>	
<b>Religiosidade:</b>				N.S.				
Não Crente	2.14	0.45	71.8		<b>1,23</b>	<b>0.61</b>	<b>40.7</b>	$t= -3.470$ $p=0.001^{***}$
Crente	2.24	0.45	75.5		<b>1.55</b>	<b>0.57</b>	<b>50.9</b>	
<b>NSE:</b>				N.S.				N.S.
Baixo	2.22	0.46	74.1		1.46	0.63	48.4	
Médio	2.15	0.47	72.5		1.41	0.63	47.1	
Médio Alto/Alto	2.26	0.48	76.0		1.39	0.53	47.6	
<b>Estrutura Familiar:</b>				N.S.				N.S.
Não Intacta	2.21	0.46	74.2		1.35	0.67	45.2	
Intacta	2.20	0.47	72.8		1.44	0.59	48.1	
<b>Nº de Irmãos:</b>				N.S.				N.S.
Filho Único	2.12	0.56	70.6		1.47	0.53	50.3	
Com irmãos	2.23	0.44	74.9		1.41	0.62	46.9	
<b>Relação Amorosa Actual:</b>				N.S.				N.S.
Sujeitos sem R.A.	2.20	0.44	73.5		1.46	0.61	48.7	
Sujeitos com R.A.	2.21	0.51	74.5		1.39	0.60	46.5	
<b>Duração da R.A. Actual:</b>				N.S.				N.S.
Até um ano	2.25	0.49	76.4		1.31	0.60	43.3	
Mais de um ano	2.17	0.52	72.7		1.43	0.60	48.5	
<b>Nº de R.A. no último ano:</b>				N.S.				N.S.
Nenhuma	2.24	0.43	74.6		1.40	0.61	47.0	
Uma	2.19	0.51	73.9		1.44	0.65	48.2	
Mais de uma	2.11	0.47	70.7		1.32	0.52	43.0	
<b>Nº de R.A. até à actualidade:</b>				N.S.				N.S.
Até uma R.A.	2.25	0.48	75.5		1.45	0.63	47.9	
Entre 2 e 4	2.22	0.47	74.7		1.41	0.57	47.3	
Mais de 4	2.12	0.47	71.4		1.44	0.67	47.5	

#### 1.4. Sistemas Comportamentais

Contemplemos, agora, as subescalas que compõem o Questionário de Sistemas Comportamentais: a Vinculação, o Apoio Emocional e o Investimento. Por uma razão de organização, analisaremos os resultados referentes aos pais, aos amigos e aos namorados simultaneamente, à medida que abordamos as diferentes dimensões.

##### Vinculação

Os resultados médios na subescala de Vinculação demonstram bons níveis<sup>45</sup> de vinculação aos pais segura (M=3,90), amigos (M=4,11) e namorados (M=4,27). As médias do padrão evitante são inferiores (Pais M=2,44; Amigos M=2,34; Namorados M=2,14), o mesmo acontecendo no caso do padrão preocupado (Pais M=2,18; Amigos M=2,321 Namorados M=2,28) (Quadro 22).

**Quadro 22.** Pontuações médias, desvios-padrão e valores mínimos e máximos da dimensão Vinculação nas versões Pais, Amigos e Namorados (QSC).

VINCULAÇÃO	Média	Percentagem	Desvio-padrão	Min.- Máx.
Segura – Pais	3,90	78,1	0,92	1 – 5
Evitante – Pais	2,44	48,5	1,02	1 – 5
Preocupada – Pais	2,18	10,4	1,04	1 – 5
Segura – Amigos	4,14	82,8	0,77	1,40 – 5
Evitante – Amigos	2,34	46,8	0,89	1 – 4,75
Preocupada – Amigos	2,21	44,2	1,01	1 – 5
Segura – Namorados	4,27	85,7	0,80	1 – 5
Evitante – Namorados	2,14	42,9	0,89	1 – 4,25
Preocupada – Namorados	2,28	45,6	1,08	1 – 5

Verifiquemos os efeitos das variáveis sócio-demográficas ao nível dos padrões comportamentais destacados. Os resultados estão apresentados no Quadro 23.

A análise realizada em função do **sexo** ao nível do padrão de vinculação revelou que existem diferenças significativas no grau de *vinculação segura* aos Pais (M rapazes: 3,70 e M raparigas: 3,99;  $t=-2,22$ ; g.l.=196;  $p=0,02$ ), aos Amigos (M rapazes: 3,94 e M raparigas: 4,21;  $t=-2,47$ ; g.l.=196;  $p=0,01$ ) e namorados (M rapazes: 4,06 e M raparigas: 4,35;  $t=-2,16$ ; g.l.=170;  $p=0,03$ ). Como podemos verificar, são as raparigas que percebem maior qualidade no vínculo com os progenitores. No que concerne à *vinculação evitante*, existem diferenças relevantes nas médias entre rapazes e raparigas em relação aos Pais (M=2,67 e M=2,33, respectivamente;  $t=2,37$ ; g.l.=195;  $p=0,02$ ) e Namorados (M rapazes=2,49 e M raparigas=2,00;  $t=3,38$ ; g.l.=170;  $p=0,16$ ), o que não se verificou na versão Amigos. O sexo também afecta a *vinculação preocupada* aos Pais ( $t=2,33$ ; g.l.=136;  $p=0,02$ ): a média dos rapazes (M=2,46) difere significativamente

<sup>45</sup> Os valores de cotação variam entre 1 e 5 numa escala de Likert.

e é superior à média das raparigas (M=2,06), manifestando-se mais preocupados com a relação que mantêm com os progenitores. Esta diferenciação não foi encontrada nas versões Amigos e Namorados.

**Quadro 23.** Associações entre a Vinculação (QSC) e as características sócio-demográficas da nossa amostra: médias e níveis de significação a partir dos testes estatísticos.

VARIÁVEIS EXPLICATIVAS	VINCULAÇÃO SEGURA			VINCULAÇÃO EVITANTE			VINCULAÇÃO PREOCUPADA		
	Pais	Amig	Nam	Pais	Amig	Nam	Pais	Ami	Nam
	M (Sig)	M (Sig)	M (Sig)	M (Sig)	M (Sig)	M (Sig)	M (Sig)	g M (Sig)	M (Sig)
<b>Sexo:</b>									
Masculino	3.70 (*)	3.94 (*)	4.06 (*)	2.67 (*)	2.47	2.49 (***)	2.46 (*)	2.34	2.46
Feminino	3.99	4.21	4.35	2.33	2.23	2.00	2.06	2.16	2.20
<b>Idade:</b>									
Até 18 anos	3.96	4.25 (**)	4.33	2.30 (**)	2.17 (**)	2.00 (***)	2.19	2.20	2.23
Mais de 18 anos	3.79	3.87	4.14	2.70	2.57	2.23	2.14	2.23	2.37
<b>Nível Escolaridade:</b>									
Secundário	3.84	4.21	4.30	2.43	2.25	2.06	2.20	2.22	2.20
Superior	3.97	4.06	4.22	2.43	2.35	2.23	2.17	2.22	2.36
<b>Religiosidade:</b>									
Não Crente	3.72 (*)	3.91 (*)	4.19	2.74**	2.58**	2.38*	2.31	2.26	2.34
Crente	4.04	4.23	4.26	2.23	2.16	2.05	2.11	2.20	2.25
<b>NSE:</b>									
Baixo	3.99	4.16	4.28 (***)	1.13	2.30	2.19	2.41	2.18	2.24
Médio	3.83	4.02	4.12	2.46	2.40	2.24	2.46	2.23	2.32
Médio Alto/Alto	3.88	4.25	4.53	2.42	2.14	1.99	2.42	2.17	2.17
<b>Estrutura Familiar:</b>									
Não Intacta	3.83	2.43	2.25	2.43	2.38	1.00	2.31	2.32	2.43
Intacta	3.51	4.31	2.13	4.31	2.30	0.85	2.15	2.20	2.25
<b>Nº de Irmãos:</b>									
Filho Único	3.70	3.99	4.01 (*)	2.47	2.24	4.01	2.17	2.13	2.29
Com irmãos	3.94	4.17	4.35	2.42	2.32	4.35	2.18	2.24	2.27
<b>Relação Amorosa Actual:</b>									
Sujeitos sem R.A.	3.91	4.22	4.12 (*)	2.39	2.19	2.24	2.39	2.33	2.36
Sujeitos com R.A.	3.90	4.05	4.38	2.46	2.38	2.07	2.46	2.12	2.22
<b>Duração da R.A. Actual:</b>									
Até um ano	3.77	4.09	4.27	2.52	2.31	2.13	2.29	2.32	2.51 (*)
Mais de um ano	4.02	4.02	4.50	2.42	2.46	2.02	1.94	1.97	1.97
<b>Nº de R.A. no último ano:</b>									
Nenhuma	4.34 (*)	4.33	4.25	2.3 (*)	2.36	2.43(*)	1.98	2.13	2.21
Uma	3.96	4.11	4.3	2.27	2.20	1.94	1.92	2.08	2.12
Mais de uma	3.40	3.88	3.95	2.86	2.26	2.25	2.08	2.32	2.36
<b>Nº de R.A. até à actualidade:</b>									
Até uma R.A.	3.90	4.08	4.33 (*)	2.50	2.38	2.12	2.20	2.37	2.43
Entre 2 e 4	4.01	4.25	4.43	2.32	2.20	2.00	2.17	2.17	2.19
Mais de 4	3.99	4.00	4.05	2.46	2.32	2.34	1.92	2.05	2.19

Relativamente à **idade**, registaram-se diferenças significativas nos resultados da vinculação segura aos amigos ( $U=3110$ ;  $W=4821$ ;  $p=0,009$ ): a média dos jovens com menos de 19 anos ( $M=4,25$ ) é significativamente superior à dos jovens com mais de 19 anos ( $M=3,87$ ). As versões Pais e Namorados não registaram esta tendência. A vinculação evitante apresenta diferenças relevantes em função da idade na versão Pais ( $M<19$  anos: 2,30 e  $M>18$  anos: 2,70;  $t=-2,56$ ;  $g.l.=196$ ;  $p=0,01$ ), Amigos ( $M<19$  anos: 2,17 e  $M>18$  anos: 2,57;  $t=-2,98$ ;  $g.l.=195$ ;  $p=0,003$ ) e dos namorados ( $M<19$  anos: 2,00 e  $M>19$  anos: 2,23;  $t=-3,29$ ;  $g.l.=170$ ;  $p=0,001$ ). Nestes casos, os jovens mais velhos tendem a evitar mais vincular-se às figuras próximas. A vinculação preocupada,

por seu turno, não revela a presença de diferenças relevantes em função da idade em nenhuma das versões.

Não existem diferenças significativas em função do nível de **escolaridade** quanto à *vinculação* aos pais, amigos e namorados. Por sua vez, a variável **religiosidade** parece ter efeito sobre a *vinculação segura* aos pais (M não-crentes: 3,72 e M crentes: 4,04;  $t=-1,92$ ; g.l.=193;  $p=0,05$ ) e aos amigos (M não-crentes: 3,91 e M crentes: 4,23;  $U=3657,5$ ;  $W=5868,5$ ;  $p=0,005$ ). Esta associação não se verificou significativa na versão Namorados. A *vinculação evitante* apresenta diferenças significativas em função da religiosidade na versão Pais (M não crentes=2,74 e M crentes: 2,23;  $t=3,42$ ; g.l.=193;  $p=0,001$ ), Amigos (M não crentes=2,58 e M crentes: 2,16;  $U=3190,5$ ;  $W=11446,5$ ;  $p=0,005$ ) e Namorados (M não crentes=2,38 e M crentes: 2,05;  $t=2,31$ ; g.l.=168;  $p=0,02$ ). A *vinculação preocupada* não apresenta diferenças marcantes em função da religião.

No que concerne aos **N.S.E.**, a *vinculação segura* aos Namorados registou diferenças estatisticamente significativas ( $F=2,22$ ; g.l.=169;  $p=0,03$ ): a média de vinculação segura do nível médio (M=4,12) apresenta um valor mais reduzido, seguido pelo nível baixo (M=4,28) e, finalmente, o médio alto/elevado (M=4,53). O teste *post-hoc* HSD de Tukey mostra um resultado significativo entre o nível médio e médio alto/elevado ( $p<0,05$ ). Não ocorreram diferenças de relevo nas versões Pais e Amigos, nem nas dimensões de *vinculação evitante e preocupada*. Não existem diferenças significativas em função da **estrutura familiar** quanto à vinculação aos Pais, Amigos e Namorados. No que concerne às diferenças na vinculação em função da existência de **irmãos**, podemos verificar que a média dos jovens sem irmãos (M=4,01) difere significativamente da dos que têm irmãos (M=4,35) ao nível da *vinculação segura* aos namorados ( $t=-2,47$ ; g.l.=196;  $p=0,014$ ), o que não sucede nas versões pais e namorados, nem tampouco nas dimensões evitante e preocupada de vinculação de todas as versões.

Por sua vez, foram encontradas diferenças significativas nas médias entre jovens envolvidos numa **relação amorosa na actualidade** (M=4,38) dos que não namoram (M=4,12) relativamente ao nível de segurança do vínculo amoroso ( $t=-2,39$ ; g.l.=168;  $p=0,018$ ). Não se registou o efeito desta variável nas restantes variáveis de vinculação<sup>46</sup> A **duração da R.A. actual** parece afectar a *vinculação preocupada* aos namorados com

---

<sup>46</sup> Note-se que foi incluída a versão namorados nesta análise porque os respondentes tinham instruções para se referir a relações morosas anteriores no caso de não terem namorado(a) na actualidade, desde que se tratasse de uma relação recente.

os jovens a namorar há menos de um ano a manifestar uma média superior ( $M=2,51$ ) daqueles que namoram há mais de um ano ( $M=1,97$ ) ( $t=2,33$ ;  $g.l.=95$ ;  $p=0,02$ ). Não foram encontradas diferenças significativas noutras dimensões da vinculação.

O **número de R.A. no último ano** mostrou um efeito significativo ao nível da *vinculação segura* dos pais (Nenhuma R.A.  $M=4,34$ / Uma R.A.  $M=3,96$ / Mais de uma R.A.  $M=3,40$ ;  $F(2, 161) = 3,90$ ;  $p=0,01$ ), o que não se verificou nas versões amigos e namorados. O teste de Tukey revela que o grupo com mais de um R.A. se distingue de modo claro dos outros dois ( $p<0.05$ ). A *vinculação evitante* manifestou uma relação com o número de R.A. no último ano na versão pais (Nenhuma R.A.  $M=2,33$ / Uma R.A.  $M=2,27$ / Mais de uma R.A.  $M=2,86$ ;  $F(2, 162) = 3,317$ ;  $p=0,04$ ) e namorados (Nenhuma R.A.  $M=2,43$ / Uma R.A.  $M=1,94$ / Mais de uma R.A.  $M=2,25$ ;  $F(2, 139) = 2,13$ ;  $p=0,039$ ), com o teste *post-hoc* a indicar que o grupo com mais de uma R.A. apresenta um nível de evitamento marcadamente superior ao que teve apenas uma R.A. Este efeito não se registou na versão Amigos. Por fim, a *vinculação preocupada* não manifestou diferenças significativas em função daquela variável relacional.

Por último, não existem diferenças estatisticamente relevantes em detrimento do **número de R.A. até ao presente**, à excepção da dimensão *segura* aos Namorados ( $F(2, 163) = 3,68$ ;  $p=0,027$ ). Neste caso, os indivíduos que manifestaram níveis superiores de vinculação segura aos namorados são aqueles tiveram entre 2 e 4 R.A. até ao presente ( $M=4,43$ ), seguidos dos que não tiveram nenhuma ou apenas uma R.A. ( $M=4,33$ ) e, por fim, dos que tiveram mais de 4 R.A. ( $M=4,05$ ). Segundo o teste de Tukey a diferença entre o primeiro e último grupos são estatisticamente distintos entre si ( $p<0,05$ ).

### **Apoio Emocional**

Abordemos, agora, os resultados globais da segunda subescala do Questionário de Sistemas Comportamentais. Como se pode ver no Quadro 24, os padrões seguros de apoio emocional sobressaem relativamente aos inseguros (evitante e preocupado) pelas suas médias mais elevadas (M pais: 4,12 / M amigos: 4,18 / M namorados: 4,21). Os padrões preocupados (M pais: 2,99 / M amigos: 3,04 / M namorados: 3,16) parecem ainda prevalecer sobre os padrões evitantes (M pais: 1,99 / M amigos: 1,84 / M namorados: 1,78).

**Quadro 24.** Pontuações médias, desvios-padrão e valores mínimos e máximos da dimensão Apoio Emocional nas versões Pais, Amigos e Namorados (QSC).

APOIO EMOCIONAL	Média	Porcentagem	Desvio-padrão	Min.- Máx.
Seguro – Pais	4,12	82.4	0,73	1 – 5
Evitante – Pais	1,99	39.8	0,79	1 – 5
Preocupado – Pais	2,99	59.8	0,92	1 – 5
Seguro – Amigos	4,18	83.6	0,69	1 – 5
Evitante – Amigos	1,84	36.9	0,74	1 – 5
Preocupado – Amigos	3,04	60.9	0,91	1 – 4.80
Seguro – Namorados	4,21	84.2	0,73	1.20 – 5
Evitante – Namorados	1,78	37.7	0,72	1 – 4.40
Preocupado – Namorados	3,16	63,2	0,96	1 – 5

Vejam os dados como se comportam estas dimensões em função do efeito das variáveis sócio-demográficas deste estudo. Os resultados estão apresentados no Quadro 25.

A análise da influência do **sexo** ao nível do padrão de apoio emocional revelou que existem diferenças significativas no grau de *apoio emocional seguro* aos Pais (M rapazes: 3,92 e M raparigas: 4,18;  $t=-2,95$ ; g.l.=196;  $p=0,004$ ), aos Amigos (M rapazes: 4,02 e M raparigas: 4,23;  $t=-2,21$ ; g.l.=196;  $p=0,03$ ) e Namorados (M rapazes: 4,02 e M raparigas: 4,27;  $t=-1,99$ ; g.l.=170;  $p=0,008$ ). No que concerne ao *apoio emocional evitante*, existem diferenças relevantes nas médias entre rapazes e raparigas no apoio emocional aos Pais (M=2,21 e M=1,90, respectivamente;  $t=2,73$ ; g.l.=196;  $p=0,007$ ), Amigos (M=2,02 e M=1,78, respectivamente;  $t=2,29$ ; g.l.=195;  $p=0,02$ ) e Namorados (M rapazes=2,01 e M raparigas=1,70;  $t=2,68$ ; g.l.=170;  $p=0,008$ ). O sexo também afecta o *apoio emocional preocupado* aos Pais ( $t=-2,11$ ; g.l.=1196;  $p=0,03$ ): a média dos rapazes (M=2,82) difere significativamente da das raparigas (M=3,06). Esta diferenciação não foi encontrada nas versões Amigos e Namorados.

Relativamente à **idade**, não se registaram diferenças significativas nos resultados do apoio emocional em nenhuma das dimensões nas diferentes versões. Por sua vez, existem diferenças significativas em função do **nível de escolaridade** quanto ao *apoio emocional seguro* aos Pais (M secundário=4,01 e M ensino superior=4,18;  $t=-1,96$ ; g.l.=194;  $p=0,05$ ) e Amigos (M secundário=4,07 e M ensino superior=4,24;  $t=-1,74$ ; g.l.=194;  $p=0,08$ ), o que não se verificou na versão Namorados. Relativamente ao *apoio emocional evitante*, ele manifesta o efeito desta variável na versão pais (M secundário=2,14 e M ensino superior=1,85;  $t=-2,15$ ; g.l.=194;  $p=0,03$ ) e amigos (M secundário=1,97 e M ensino superior=1,76;  $t=2,14$ ; g.l.=194;  $p=0,03$ ), o que não sucedeu na versão namorados. O *apoio emocional preocupado* não revelou diferenças importantes em nenhuma das três versões.

Por sua vez, a variável **religiosidade** parece ter efeito sobre o *apoio emocional seguro* aos Pais (M não crentes: 3,95 e M crentes: 4,19;  $U=3512$ ;  $W=5123$ ;  $p=0,04$ ), o que não se verificou nas versões com Amigos e Namorados. O *apoio emocional evitante* sofre um efeito desta variável nas versões Pais (M não crentes: 2,18 e M crentes: 1,87;  $U=3337$ ;  $W=11722$ ;  $p=0,01$ ) e Amigos (M não crentes: 2,06 e M crentes: 1,77;  $t=2,63$ ; g.l.=193;  $p=0,009$ ). Esta associação não se verificou na versão relativa aos Namorados. O *apoio emocional preocupado* não manifesta a influência da religiosidade em nenhuma das versões.

Por seu turno, os resultados da nossa amostra no que concerne ao apoio emocional não parecem ser afectados pelo **N.S.E.** e pela **estrutura familiar**.

No que concerne às diferenças no *apoio emocional segura* em função da **fratria**, podemos verificar que a média dos jovens sem irmãos (M=3,98) difere significativamente da dos que têm irmãos (M=4,26) ao nível do apoio percebido por parte dos Namorados ( $t=-2,22$ ; g.l.=170;  $p=0,02$ ), o que não sucede nas versões Pais e Amigos, nem tampouco nas dimensões *evitante e preocupada* de apoio emocional de todas as versões.

Foram também encontradas diferenças estatisticamente significativas nas médias entre jovens envolvidos numa **relação amorosa na actualidade** (M=4,17) dos que não namoram (M=4,01) relativamente ao *apoio emocional seguro* percebido em relação aos Pais ( $t=-2,10$ ; g.l.=196;  $p=0,03$ ). Nenhuma outra dimensão manifestou efeitos marcantes em função desta variável relacional<sup>47</sup>.

A **duração da R.A. actual** parece afectar o *apoio emocional evitante* aos amigos (M condição Até um ano = 2,01 e Mais de um ano = 1,73;  $t=2,02$ ; g.l.=96;  $p=0,04$ ) e namorados (M condição Até um ano = 1,91 / M mais de um ano = 1,56;  $t=2,21$ ; g.l.=95;  $p=0,03$ ), não verificando o mesmo efeito relativamente aos pais. Não foram encontradas diferenças significativas nas dimensões de apoio emocional seguro e preocupado.

O **número de R.A. no último ano** mostrou um efeito significativo ao nível da *vinculação segura* dos pais (Nenhuma R.A. M=4,14/ Uma R.A. M=4,21/ Mais de uma R.A. M = 3,63;  $X^2_{kw}(2) = 10,104$ ;  $p=0,006$ ; N = 163) e namorados (Nenhuma R.A. M=4,14 / Uma R.A. M=4,29 / Mais de uma R.A. M = 3,88;  $X^2_{kw}(2) = 6,222$ ;  $p=0,045$ ; N = 140). Não foi encontrado o mesmo efeito na dimensão segura relativa aos amigos, nem nas dimensões evitante e preocupada. Por fim, não existem diferenças

---

<sup>47</sup> Note-se que não foi incluída a versão namorados nesta análise por considerarmos que teoricamente não seria viável avaliar a apoio emocional relativo aos namorados sem a posse de uma relação amorosa actual.

estatisticamente relevantes em detrimento do **número de R.A. até ao presente** em nenhuma das dimensões de apoio emocional das três versões.

**Quadro 25.** *Associações entre o Apoio Emocional (QSC) e as características sócio-demográficas da nossa amostra: médias e níveis de significação a partir dos testes estatísticos.*

VARIÁVEIS EXPLICATIVAS	APOIO EMOCIONAL SEGURO			APOIO EMOCIONAL EVITANTE			APOIO EMOCIONAL PREOCUPADO		
	Pais	Amig	Nam	Pais	Amig	Nam	Pais	Amig	Nam
	M (Sig)	M (Sig)	M (Sig)	M (Sig)	M (Sig)	M (Sig)	M (Sig)	M (Sig)	M (Sig)
<b>Sexo:</b>									
Masculino	3.92 (*)	4.02 (*)	4.02 (*)	2.21 (**)	2.02 (*)	2.01**	2.82(*)	2.91	3.04
Feminino	4.18	4.23	4.27	1.90	1.78	1.70	3.06	3.10	3.21
<b>Idade:</b>									
Até 18 anos	4.12	4.17	4.22	1.96	1.85	1.78	2.91	2.98	3.09
Mais de 18 anos	4.11	4.18	4.17	2.06	1.88	1.79	3.15	3.18	3.31
<b>Nível Escolaridade:</b>									
Secundário	4.01 (*)	4.07 (*)	4.14	2.14 (*)	1.97 (*)	2.97	2.88	1.90	3.10
Superior	4.18	4.24	4.23	1.85	1.76	3.10	3.06	1.71	3.20
<b>Religiosidade:</b>									
Não Crente	3.95 (*)	4.05	4.04	2.18 (*)	2.06(**)	1.95	2.84	2.93	3.03
Crente	4.19	4.21	4.26	1.87	1.77	1.73	3.09	3.10	3.22
<b>NSE:</b>									
Baixo	4.18	4.08	4.17	1.94	1.84	1.75	1.94	2.88	2.99
Médio	4.05	4.12	4.14	1.99	1.91	1.81	1.99	3.14	3.26
Médio Alto/Alto	4.11	4.38	4.34	1.99	1.76	1.81	2.05	3.11	3.17
<b>Estrutura Familiar:</b>									
Não Intacta	4.00	4.08	4.13	2.13	2.00	1.90	3.00	2.92	3.10
Intacta	4.13	4.18	4.21	1.95	1.82	1.77	2.97	3.07	3.17
<b>Nº de Irmãos:</b>									
Filho Único	3.93	4.03	3.98(*)	2.17	1.95	1.85	2.91	2.97	3.21
Com irmãos	4.16	4.21	4.26	1.93	1.82	1.78	3.01	3.07	3.14
<b>Relação Amorosa Actual:</b>									
Sujeitos sem R.A.	4.01 (*)	4.13	4.05	2.00	1.84	1.68	2.97	3.10	3.16
Sujeitos com R.A.	4.17	4.19	4.30	1.98	1.87	1.74	3.00	3.00	3.16
<b>Duração da R.A. Actual:</b>									
Até um ano	4.11	4.17	4.21	2.12	2.01 (*)	1.91(*)	2.90	2.98	3.14
Mais de um ano	4.23	4.20	4.39	1.84	1.73	1.56	3.14	3.08	3.24
<b>Nº de R.A. no último ano:</b>									
Nenhuma	4.14 (**)	4.10	4.14(*)	1.92	1.96	1.76	3.18	3.43	3.48
Uma	4.21	4.23	4.29	1.88	1.77	1.70	2.97	2.98	3.10
Mais de uma	3.63	3.95	3.88	2.33	1.89	1.94	3.05	3.16	3.28
<b>Nº de R.A. até à actualidade:</b>									
Até uma R.A.	4.19	4.27	4.28	1.87	1.72	1.67	3.09	3.33	3.40
Entre 2 e 4	4.14	4.23	4.32	1.93	1.87	1.76	2.95	3.04	3.15
Mais de 4	4.07	4.11	4.04	2.01	1.83	1.78	2.94	2.83	3.03

## Investimento

Vejamos os resultados médios da nossa amostra no que diz respeito à percepção de investimento/afiliação na relação com pais, amigos e namorados. Como se pode verificar no Quadro 26, os padrões seguros de investimento manifestam resultados mais elevados em relação aos padrões inseguros (evitante e preocupado) pelas suas médias mais elevadas (M pais: 4,02 / M amigos: 4,02 / M namorados: 4,21). Os padrões preocupados (M pais: 1,959/ M amigos: 2,05 / M namorados: 2,12) parecem ainda

sobressair sobre os padrões evitantes (M pais: 1,59 / M amigos: 1,58 / M namorados: 1,55).

**Quadro 26.** Pontuações médias, desvios-padrão e valores mínimos e máximos da dimensão Investimento nas versões Pais, Amigos e Namorados (QSC).

INVESTIMENTO	Média	Percentagem	Desvio-padrão	Min.- Máx.
Segura – Pais	4.02	80.5	0,90	1 – 5
Evitante – Pais	1,59	31.7	0,81	1 - 4,40
Preocupada – Pais	1,95	38.9	0,86	1 - 4,75
Segura – Amigos	4.05	81.1	0,83	1 – 5
Evitante – Amigos	1,58	31.0	0,80	1 - 4,60
Preocupada – Amigos	2,05	41.1	0,90	1- 4,75
Segura – Namorados	4,21	84.2	0,80	1 – 5
Evitante – Namorados	1,55	31.0	0,82	1 – 5
Preocupada – Namorados	2,12	42,4	0,97	1 – 5

Vejam como se comportam estas dimensões em função do efeito das variáveis sócio-demográficas deste estudo. Os resultados estão apresentados no Quadro 27.

A análise da influência do **sexo** ao nível do padrão de investimento revelou que existem diferenças significativas no grau de *investimento seguro* aos pais (M rapazes: 3,77 e M raparigas: 4,10;  $t=-2,38$ ; g.l.=132;  $p=0,01$ ) e namorados (M rapazes: 3,95 e M raparigas: 4,27;  $t=2,03$ ; g.l.=164;  $p=0,01$ ). O impacto desta variável não se fez sentir na versão amigos. No que concerne ao investimento *evitante*, existem diferenças relevantes nas médias entre rapazes e raparigas no investimento aos pais (M=1,86 e M=1,48, respectivamente;  $t=3,12$ ; g.l.=193;  $p=0,004$ ), amigos (M=1,89 e M=1,45, respectivamente;  $U=2865$ ;  $W=11910$ ;  $p=0,000$ ) e namorados (M rapazes=1,79 e M raparigas=1,45;  $t=2,71$ ; g.l.=164;  $p=0,007$ ). O sexo parece, ainda, afectar o *investimento preocupado* aos pais (M rapazes = 2,16 e M raparigas=1,86;  $t=3,12$ ; g.l.=192;  $p=0,002$ ), amigos (M rapazes = 2,28 e M raparigas=1,97;  $t=3,13$ ; g.l.=192;  $p=0,002$ ) e namorados (M rapazes = 2,35 e M raparigas=2,03;  $t=3,13$ ; g.l.=164;  $p=0,04$ ).

Relativamente à **idade**, não se registaram diferenças significativas nos resultados do investimento em nenhuma das dimensões nas diferentes versões.

Por sua vez, existem diferenças significativas em função do **nível de escolaridade** quanto ao investimento *preocupado* aos pais (M secundário=2,20 e M ensino superior=1,76;  $t=3,00$ ; g.l.=191;  $p=0,003$ ), Amigos (M secundário=2,29 e M ensino superior=1,88;  $t=2,60$ ; g.l.=191;  $p=0,01$ ) e Namorados (M secundário=2,41 e M ensino superior=1,90;  $t=3,58$ ; g.l.=162;  $p=0,000$ ). Relativamente ao investimento *evitante*, ele manifesta o efeito desta variável na versão e Namorados (M secundário=1,68 e M ensino superior=1,646  $t=1,92$ ; g.l.=163;  $p=0,05$ ), não se verificando nas versões dos

pais e amigos. O *investimento seguro* não revelou diferenças importantes em nenhuma das três versões.

Por sua vez, a variável **religiosidade** parece ter efeito sobre o investimento *seguro* aos Pais (M não crentes: 3,79 e M crentes: 4,14;  $U=3287,5$ ;  $W=5367,5$ ;  $p=0,02$ ), Amigos (M não crentes: 3,75 e M crentes: 4,16;  $U=3171,5$ ;  $W=5251,5$ ;  $p=0,01$ ) e Namorados (M não crentes: 3,99 e M crentes: 4,26  $t=-1,997$ ;  $g.l.=163$ ;  $p=0,04$ ). O *investimento evitante* parece sofrer um efeito desta variável nas versões pais (M não crentes: 1,786 e M crentes: 1,46;  $t=3,30$ ;  $g.l.=190$ ;  $p=0,001$ ) e amigos (M não crentes: 1,870 e M crentes: 1,46;  $U=2964,5$ ;  $W=11220,5$ ;  $p=0,001$ ) mas não nos namorados. O *investimento preocupado* não manifesta a influência da religiosidade em nenhuma das versões.

Por seu turno, os resultados da nossa amostra no que concerne ao investimento não parecem ser afectados pelo **N.S.E.**, pela **estrutura familiar** ou pela posse de **irmãos**.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas médias entre jovens envolvidos numa **relação amorosa na actualidade** dos que não namoram relativamente ao investimento percebido nas diferentes versões<sup>48</sup>. A **duração da R.A. actual** parece afectar o *investimento evitante* em relação aos Pais (M Até um ano = 1,77 / M Mais de um ano = 1,49;  $t=2,04$ ;  $g.l.=94$ ;  $p=0,04$ ) mas não aos Amigos e Namorados. O *investimento preocupado* aos Namorados é também afectado por esta variável (M Até um ano = 2,38 e Mais de um ano = 1,88;  $t=2,26$ ;  $g.l.=91$ ;  $p=0,02$ ), embora não se tenha encontrado o mesmo efeito relativamente aos Pais e Amigos. Não foram encontradas diferenças significativas nas dimensões de investimento seguro.

O **número de R.A. no último ano** mostrou um efeito significativo ao nível do *investimento seguro* dos pais (Nenhuma R.A. M=4,28/ Uma R.A. M=4,12/ Mais de uma R.A. M = 3,57;  $F(2, 159) = 4,20$ ;  $p=0,01$ ), o que não sucedeu nas versões amigos e namorados. O teste de Tukey revela que o grupo que teve uma R.A. difere marcadamente do grupo que teve mais de um relacionamento ( $p<0,05$ ). A dimensão de *investimento evitante* é afectada por esta variável apenas na versão relativa aos Pais (Nenhuma R.A. M=1,30/ Uma R.A. M=1,49/ Mais de uma R.A. M = 1,90;  $F(2, 159) = 3,33$ ;  $p=0,03$ ). O teste *post-hoc* de Tukey mostrou existir uma diferença estatisticamente relevante entre o grupo que teve uma R.A. do que teve mais de uma ( $p<0,05$ ). Por sua

---

<sup>48</sup> Note-se que foi incluída a versão namorados nesta análise porque os respondentes tinham instruções para se referir a relações amorosas anteriores no caso de não terem namorado(a) na actualidade e na condição de se ter sido uma relação recente.

vez, o investimento de tipo preocupado parece não ser influenciado pelo número de namoros no último ano.

Por fim, não existem diferenças estatisticamente relevantes em detrimento do número de R.A. até ao presente em nenhuma das dimensões de apoio emocional das três versões.

**Quadro 27.** Associações entre o Investimento (QSC) e as características sócio-demográficas da nossa amostra: médias e níveis de significação a partir dos testes estatísticos.

VARIÁVEIS PREDITORAS	INVESTIMENTO SEGURO			INVESTIMENTO EVITANTE			INVESTIMENTO PREOCUPADO		
	Pais M (Sig)	Amig M (Sig)	Nam M (Sig)	Pais M (Sig)	Amig M (Sig)	Nam M (Sig)	Pais M (Sig)	Amig M (Sig)	Nam M (Sig)
<b>Sexo:</b>									
Masculino	3.77 (*)	3.92	3.95 (*)	1.86 (*)	1.89(***)	1.79 (*)	2.16 (*)	2.28(**)	2.35 (*)
Feminino	4.10	4.08	4.27	1.48	1.45	1.45	1.86	1.97	2.03
<b>Idade:</b>									
Até 18 anos	4.05	4.10	4.21	1.56	1.54	1.55	1.95	2.06	2.11
Mais de 18 anos	3.89	3.88	4.10	1.68	1.70	1.56	1.96	2.07	2.16
<b>Nível Escolaridade:</b>									
Secundário	4.01	4.10	4.22	1.75	1.69	1.68(*)	2.20(**)	2.29(**)	2.41(**)
Superior	4.01	3.99	4.13	1.47	1.50	1.46	1.76	1.88	1.90
<b>Religiosidade:</b>									
Não Crente	3.79(*)	3.75(**)	3.99(*)	1.86(***)	1.79 (***)	1.70	2.05	2.08	2.01
Crente	4.14	4.16	4.26	1.46	1.46	1.49	1.91	2.06	2.19
<b>NSE:</b>									
Baixo	4.04	4.02	2.28	1.60	1.63	1.63	2.06	2.14	2.28
Médio	4.02	3.98	1.99	1.56	1.54	1.50	1.84	1.97	1.99
Médio Alto/Alto	3.90	4.13	2.14	1.65	1.63	1.58	2.02	2.14	2.14
<b>Estrutura Familiar:</b>									
Não Intacta	4.03	3.95	2.18	1.61	1.72	1.57	1.61	2.15	2.18
Intacta	4.00	4.00	2.12	1.59	1.54	1.54	1.59	2.03	2.12
<b>Nº de Irmãos:</b>									
Filho Único	3.86	4.03	4.00	1.81	1.70	1.71	2.07	2.21	2.23
Com irmãos	4.05	4.03	4.24	1.53	1.55	1.51	1.91	2.02	2.10
<b>Relação Amorosa Actual:</b>									
Sujeitos sem R.A.	4.00	4.09	4.16	1.62	1.51	1.58	2.00	2.03	2.16
Sujeitos com R.A.	4.00	3.98	4.11	2.00	1.64	1.53	1.92	2.08	2.11
<b>Duração da R.A. Actual:</b>									
Até um ano	3.89	3.98	3.38	1.77(*)	1.73	1.65	2.03	2.22	2.38(*)
Mais de um ano	4.11	3.98	4.88	1.49	1.66	1.42	1.81	1.98	1.88
<b>Nº de R.A. no último ano:</b>									
Nenhuma	4.28 (*)	4.26	2.06	1.30 (*)	1.31	1.36	1.85	2.00	2.06
Uma	4.12	4.08	1.99	1.49	1.49	1.41	1.83	1.95	2.99
Mais de uma	3.57	3.81	2.04	1.90	1.68	1.66	2.00	2.04	2.04
<b>Nº de R.A. até à actualidade:</b>									
Até uma R.A.	4.05	4.00	2.04	1.44	1.37	1.36	1.83	1.96	2.04
Entre 2 e 4	4.06	4.09	2.11	1.56	1.55	1.46	1.96	2.06	2.11
Mais de 4	4.02	4.02	1.92	1.54	1.51	2.04	1.85	1.87	1.92

### Intimidade Física / Sexualidade

Vejamos como se distribuem os resultados da subescala de Intimidade Física, exclusiva da versão namorados (ver Quadro 27). Tal como sucedeu na análise das subescalas anteriores, também nesta o grau de intimidade física de tipo seguro (79,5%) prevaleceu sobre o padrão evitante (47,2%) e preocupado (56,1%).

**Quadro 27.** Pontuações médias, percentagens, desvios-padrão e valores mínimos e máximos da dimensão Intimidade Física na versão e Namorados (QSC).

INTIMIDADE FÍSICA SEXUALIDADE	Média	Percentagem	Desvio-padrão	Min.- Máx.
Segura – Namorados	3,97	79,5	0,62	1 – 5
Insegura – Namorados	2,36	47,2	0,78	1 – 4,71
Lúdica – Namorados	2,80	56,1	0,80	1 – 5

Vejamos de que modo esta variável relacional poderá ser afectada pelas variáveis sócio-demográficas que temos vindo a descrever (Quadro 28). Primeiro, confirmámos se existiam diferenças entre **sexos** ao nível da intimidade física, o que se confirmou na dimensão *insegura* ( $t=2,18$ ; g.l.=159;  $p=0,03$ ). Neste caso, a média de rapazes ( $M=2,56$ ) é significativamente distinta e superior em relação à da das raparigas ( $M=2,27$ ). O mesmo efeito foi encontrado relativamente à *intimidade física lúdica* ( $t=3,54$ ; g.l.=160;  $p=0,000$ ), remetendo-nos para a existência de diferenças significativas ao nível da intimidade entre rapazes ( $M=3,13$ ) e raparigas ( $M=2,65$ ). Este efeito não se encontrou na dimensão *segura*. Por sua vez, não foram encontradas diferenças significativas em função da **idade** no que concerne ao padrão de intimidade física dos namorados.

No que se refere ao nível de **escolaridade**, a média de *intimidade física segura* dos jovens a frequentar o ensino secundário ( $M=3,83$ ) difere marcadamente da média dos alunos do ensino superior ( $M=4,09$ ) ( $t=-2,61$ ; g.l.=158;  $p=0,01$ ). O mesmo efeito sucede na *intimidade física insegura* ( $t=2,47$ ; g.l.=157;  $p=0,01$ ) em função da escolaridade ( $M$  ensino secundário=2,53 e superior=2,23), o que parece não se verificar na intimidade física lúdica.

Relativamente à **religiosidade**, os jovens que não crêem numa religião apresentaram uma média de intimidade física de tipo *lúdico* ( $M=2,83$ ) significativamente superior à dos crentes ( $M=2,79$ ) ( $t=1,98$ ; g.l.=108;  $p=0,049$ ). Os testes *t-student* não revelaram diferenças entre religiosidade e *intimidade física segura e insegura*.

Para avaliar se o **N.S.E.** afecta a intimidade física, recorreu-se à ANOVA *two way* seguida de teste *post-hoc* HSD de Tukey. Deste modo, é possível afirmar que existem diferenças significativas entre os grupos analisados ( $F(2, 159) = 3,82$ ;  $p=0,02$ ) sobre a *intimidade física lúdica*. O grupo com N.S.E. baixo ( $M=2,93$ ) difere significativamente do nível médio alto/elevado ( $M=2,46$ ) e médio (2,86). De acordo com o teste de Tukey ( $p<0,05$ ), os dois primeiros grupos apresentaram distinções estatisticamente relevantes

entre si. As dimensões *segura e insegura* não mostraram ser influenciadas por esta variável.

Por sua vez, não parecem haver diferenças entre jovens que provêm de uma família intacta dos que não possuem uma **estrutura familiar** intacta no que concerne à intimidade física. Relativamente à **fratria**, a média dos jovens sem irmãos ( $M=3,75$ ) difere significativamente dos jovens com irmãos ( $M=4,04$ ) ao nível de *intimidade física segura* ( $t=-2,67$ ;  $g.l.=160$ ;  $p=0,008$ ). Nas dimensões *insegura e lúdica* não se registou o efeito desta variável.

Parecem haver diferenças na *intimidade/sexualidade lúdica* dos jovens com **relação amorosa actual** ( $M=2,68$ ) daqueles que não têm relação ( $M=2,96$ ) ( $t=2,34$ ;  $g.l.=160$ ;  $p=0,02$ ). Este efeito não se manifestou nos outros padrões de intimidade física. A **duração da relação** daqueles que namoram parece influenciar o grau de intimidade física percebido mas apenas na *dimensão insegura*. Neste caso, a média dos jovens que namoram há menos de ano ( $M=2,55$ ) difere de modo significativo daqueles que namoram há um ano ou mais ( $M=2,08$ ) ( $t=2,65$ ;  $g.l.=90$ ;  $p=0,009$ ).

No que concerne ao **número de R.A. nos últimos 12 meses**, foram encontradas discrepâncias significativas entre aqueles que não tiveram zero ou apenas tiveram uma R.A. ( $M=3,18$  e  $M=2,66$ , respectivamente), dos que tiveram mais de uma R.A. ( $M=2,95$ ) na dimensão *intimidade física lúdica* ( $F(2, 129) = 2,47$ ;  $p=0,02$ ). O teste *post-hoc* de Tukey mostra que os dois primeiros grupos apresentam diferenças particularmente marcantes ( $p<0,05$ ). Finalmente, parecem não existir diferenças estatisticamente significativas em função do **número de relações amorosas até à actualidade** relativamente nos resultados de intimidade física/sexualidade.

Em síntese, a vivência da intimidade física é afectada pelo sexo, nível de escolaridade, religiosidade, fratria, envolvimento numa R.A. na actualidade, duração dessa relação, número de R.A. no último ano e até à actualidade.

**Quadro 29.** Associações entre a Intimidade Física (QSC) e as características sócio-demográficas da nossa amostra: média, desvios-padrão, percentagens e níveis de significação a partir dos testes estatísticos.

VARIÁVEIS EXPLICATIVAS	INTIMIDADE SEGURA				INTIMIDADE INSEGURA				INTIMIDADE LÚDICA			
	M	DP	%	P	M	DP	%	P	M	DP	%	P
<b>Sexo:</b>												
Masculino	3.95	0.67	79.1	N.S.	<b>2.56</b>	<b>0.87</b>	<b>52.2</b>	<i>p</i> <0.05*	<b>3.13</b>	<b>0.74</b>	<b>62.6</b>	<i>p</i> <0.001
Feminino	3.98	0.60	79.7		<b>2.27</b>	<b>0.78</b>	<b>45.4</b>		<b>2.65</b>	<b>0.78</b>	<b>53.1</b>	***
<b>Idade:</b>												
Até 18 anos	3.91	0.65	78.2	N.S.	2.38	0.82	47.6	N.S.	2.77	0.79	55.5	N.S.
Mais de 18 anos	4.11	0.53	82.3		2.31	0.60	46.6		2.86	0.82	57.2	
<b>Nível Escolaridade:</b>												
Secundário	<b>3.83</b>	<b>0.67</b>	<b>76.6</b>	<i>p</i> <0.01**	<b>2.53</b>	<b>0.87</b>	<b>50.7</b>	<i>p</i> <0.05*	2.88	0.83	57.7	N.S.
Superior	<b>4.09</b>	<b>0.56</b>	<b>81.8</b>		<b>2.23</b>	<b>0.66</b>	<b>44.7</b>		2.72	0.77	54.4	
<b>Religiosidade:</b>												
Não Crente	<b>3.75</b>	<b>0.59</b>	<b>75.1</b>	N.S.	2.51	0.77	46.2	N.S.	<b>2.83</b>	<b>0.77</b>	<b>56.7</b>	<i>p</i> =0.05*
Crente	<b>4.04</b>	<b>0.62</b>	<b>80.9</b>		2.31	0.78	46.0		<b>2.79</b>	<b>0.81</b>	<b>55.8</b>	
<b>NSE:</b>												
Baixo	3.97	0.58	79.4	N.S.	2.39	0.79	47.9	N.S.	<b>2.93</b>	<b>0.86</b>	<b>58.7</b>	<i>p</i> <0.05*
Médio	3.96	0.68	79.3		2.37	0.82	47.5		<b>2.86</b>	<b>0.78</b>	<b>57.2</b>	
Médio Alto/Alto	4.00	0.59	80.0		2.30	0.68	46.1		<b>2.46</b>	<b>0.68</b>	<b>49.7</b>	
<b>Estrutura Familiar:</b>												
Não Intacta	3.93	0.57	78.7	N.S.	2.29	0.69	58.1	N.S.	2.90	0.69	58.1	N.S.
Intacta	3.99	0.63	79.9		2.38	0.82	55.7		2.78	0.82	55.7	
<b>Nº de Irmãos:</b>												
Filho Único	<b>3.75</b>	<b>0.59</b>	<b>75.1</b>	<i>p</i> <0.01**	2.51	0.77	56.7	N.S.	2.83	0.77	56.7	N.S.
Com irmãos	<b>4.04</b>	<b>0.62</b>	<b>80.9</b>		2.31	0.78	55.8		2.79	0.81	55.8	
<b>Relação Amorosa Actual:</b>												
Sem R.A.	3.88	0.67	77.6	N.S.	2.44	0.62	48.8	N.S.	<b>2.96</b>	<b>0.73</b>	<b>59.3</b>	<i>p</i> <0.05*
Com R.A.	4.04	0.58	80.9		2.29	0.87	45.9		<b>2.68</b>	<b>0.82</b>	<b>59.6</b>	
<b>Duração da R.A. Actual:</b>												
Até um ano	4.00	0.58	51.1	N.S.	<b>2.55</b>	<b>0.87</b>	<b>51.1</b>	<i>p</i> <0.01**	2.60	0.76	52.0	N.S.
Mais de um ano	4.07	0.87	41.7		<b>2.08</b>	<b>0.82</b>	<b>41.7</b>		2.72	0.87	54.4	
<b>Nº de R.A. no último ano:</b>												
Nenhuma	4.05	0.52	81.1	N.S.	3.77	0.63	47.3	N.S.	<b>3.18</b>	<b>1.04</b>	<b>63.7</b>	<i>p</i> <0.05*
Uma	4.04	0.60	80.9		2.36	0.75	43.7		<b>2.66</b>	<b>0.79</b>	<b>53.3</b>	
Mais de uma	3.77	0.63	75.5		2.18	0.93	51.0		<b>2.95</b>	<b>0.67</b>	<b>59.1</b>	
<b>Nº de R.A. até à actualidade:</b>												
Até uma R.A.	3.96	0.58	79.2	N.S.	3.94	0.90	58.9	N.S.	2.94	0.90	58.9	N.S.
Entre 2 e 4	4.02	0.61	80.5		2.17	0.76	53.5		2.67	0.76	53.5	
Mais de 4	3.94	0.69	78.9		2.30	0.78	57.8		2.89	0.78	57.8	

## 2. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS RELATIVOS À RELAÇÃO DAS PRINCIPAIS VARIÁVEIS DO ESTUDO

Neste ponto do trabalho, serão apresentados os resultados decorrentes da análise das correlações existentes entre as dimensões extraídas das escalas. Tratando-se de um estudo exploratório, procurámos responder às questões de investigações que havíamos formulado anteriormente com os dados obtidos das análises correlacionais que descrevemos adiante.

### A. Existe uma associação entre os padrões de relacionais com os pais e o modo como os jovens se relacionam com os pares?

Para respondermos a esta questão, procurámos compreender se existe uma associação entre a vinculação, o apoio emocional e o investimento que os jovens estabeleceram na relação com pais e as mesmas dimensões na relação com os amigos e namorados. Passemos a analisar cada uma destas associações tripartidamente.

.....  
*1. Os modelos de funcionamento interno adquiridos na relação com os pais tendem a manter-se nas relações extra-familiares dos adolescentes e jovens adultos (e.g. com amigos e namorados)?*  
.....

No quadro seguinte, serão apresentadas as correlações entre as variáveis da vinculação aos pais e aos amigos e namorados (QSC). Apesar de se terem encontrado vários valores significativos, muitos apresentam magnitudes baixas, isto é, inferiores a .30. Não obstante, considerámos relevante explorar estes resultados.

Assim, passamos a descrever as relações entre dimensões de vinculação, expostas igualmente no Quadro 30. A associação entre a *vinculação segura aos pais* e a vinculação segura quer aos amigos quer aos namorados é positiva e significativa. Esta associação é moderada entre a vinculação aos pais e aos amigos ( $r=.47$ ,  $N=198$ ;  $p=0,000$ ), e baixa entre a vinculação aos pais e namorados ( $r=.37$ ,  $N=172$ ;  $p=0,000$ ). Deste modo, podemos dizer que quanto maior o grau de vinculação segura aos pais, maior a vinculação segura aos pares e vice-versa.

**Quadro 30.** Correlações de Pearson entre as dimensões de Vinculação aos pais, aos amigos e aos namorados (QSC)

	VINCULAÇÃO		
	SEGURA PAIS	EVITANTE PAIS	PREOCUPADA PAIS
SEGURA AMIGOS	,478**	-,253**	-,163*
EVITANTE AMIGOS	-,245**	,631**	,318**
PREOCUPADA AMIGOS	N.S.	,146*	,847**
SEGURA NAMORADOS	,374**	-,150*	-,152*
EVITANTE NAMORADOS	-,221**	,664**	,345**
PREOCUPADA NAMORADOS	-,148*	,268**	,840**

\*Correlação significativa ( $p < 0.05$ ); \*\* Correlação significativa ( $p < 0.01$ ).

Verificou-se, ainda, uma associação negativa fraca mas significativa entre vinculação segura aos pais e vinculação evitante quer aos amigos ( $r = -.25$ ,  $N=197$ ;  $p=0,001$ ) quer aos namorados ( $r = -.22$ ,  $N=172$ ;  $p=0.004$ ), ou seja, quanto maior o vínculo seguro aos pais, menor a vinculação de tipo evitante nas relações estabelecidas com os pares, e vice-versa. A vinculação segura aos pais relaciona-se também negativamente com os padrões de vinculação preocupados mas apenas no caso dos pares amorosos ( $r = -.15$ ;  $N=170$ ;  $p=0,040$ ), indiciando que quanto maior a qualidade do vínculo aos pais, menor a tendência para os adolescentes se vincularem de forma preocupada aos namorados, e vice-versa.

Relativamente à comparação entre *padrões inseguros de vinculação aos pais* com os estilos de vinculação aos pares, podemos observar que a *vinculação evitante* estabelecida na relação com as figuras parentais se associa negativamente, embora de modo muito fraco, à vinculação segura aos amigos ( $r = -.25$ ,  $N=198$ ;  $p=0,000$ ) e aos namorados ( $r = -.15$ ,  $N=172$ ;  $p=0,04$ ). A *vinculação de tipo evitante mantida com os pais* está relacionada significativamente com a vinculação evitante manifestada na relação com os amigos ( $r = .63$ ,  $N=197$ ;  $p=0,000$ ) e namorados ( $r = .66$ ,  $N=172$ ;  $p=0,000$ ). Por seu turno, a vinculação evitante aos pais está associada de forma significativa e positiva, mesmo que fracamente, com a vinculação preocupada aos amigos ( $r = .14$ ,  $N=198$ ;  $p=0,04$ ); e namorados ( $r = .26$ ,  $N=172$ ;  $p=0,000$ ), ou seja, quanto maior o nível de vinculação evitante estabelecido com os pais, maior a tendência dos jovens para se vincularem de modo preocupado aos seus pares, e vice-versa.

A *vinculação preocupada aos pais* aparece fraca e negativamente associada com a vinculação segura aos amigos ( $r = -.16$ ,  $N=198$ ;  $p=0,02$ ) e namorados ( $r = -.15$ ,  $N=172$ ;

$p=0,04$ ), ou seja, quanto maior a vinculação preocupada aos pais, menor a vinculação segura aos pares, e vice-versa. Porém, esta associação é positiva e baixa com a vinculação evitante aos amigos ( $r=.31$ ,  $N=197$ ;  $p=0,000$ ) e namorados ( $r=.34$ ,  $N=172$ ;  $p=0,000$ ). Assim, à medida que a vinculação preocupada aumenta, a vinculação evitante aos pares tende a aumentar igualmente, e vice-versa. A relação entre a vinculação preocupada aos pais e aos amigos ( $r=.84$ ,  $N=98$ ;  $p=0,000$ )/ namorados ( $r=.84$ ,  $N=172$ ;  $p=0,000$ ) parece ser também positiva e forte. Desta feita, quanto maior a vinculação preocupada aos pais, maior se revela o grau de vinculação preocupada aos pares, e vice-versa.

---

2. *O padrão de apoio emocional estabelecido com os pais tende a manter-se e a associar-se com o apoio prestado e recebido na relação com os pares?*

---

Neste ponto, é abordada a relação entre o apoio emocional aos pais e aos pares. Os resultados desta análise comparativa estão descritos no Quadro 31.

O *apoio emocional seguro* aos pais está positiva e significativamente associado com o apoio seguro aos amigos ( $r=.72$ ,  $N=198$ ;  $p=0,001$ ) e namorados ( $r=.66$ ,  $N=172$ ;  $p=0,000$ ). No primeiro caso, a relação é moderada e, no segundo, baixa. Deste modo, podemos dizer que quanto maior o apoio emocional na relação com os pais, maior o apoio emocional percebido na relação com os pares, e vice-versa. Por sua vez, o apoio emocional seguro aos pais associa-se negativamente com o apoio evitante aos amigos ( $r=-.51$ ,  $N=198$ ;  $p=0,000$ ) e namorados ( $r=-.48$ ,  $N=172$ ;  $p=0,000$ ), sugerindo que quanto maior o apoio seguro aos pais, menor a tendência para um apoio de tipo evitante com os pares, e vice-versa. Por último, o apoio emocional seguro percebido na relação com os pais não mostrou correlações significativas com a vinculação preocupada aos pares.

**Quadro 31.** Correlações de Pearson entre as dimensões de apoio emocional aos pais, aos amigos e aos namorados (QSC)

	APOIO EMOCIONAL		
	SEGURO PAIS	EVITANTE PAIS	PREOCUPADO PAIS
SEGURO AMIGOS	,726**	-,467**	,055
EVITANTE AMIGOS	-,512**	,710**	,021
PREOCUPADO AMIGOS	,082	,019	,794**
SEGURO NAMORADOS	,667**	-,509**	-,011
EVITANTE NAMORADOS	-,480**	,710**	,041
PREOCUPADO NAMORADOS	,080	,026	,781**

\*Correlação significativa ( $p < 0.05$ ); \*\* Correlação significativa ( $p < 0.01$ ).

Relativamente aos padrões inseguros de apoio aos pais, observou-se que o *apoio emocional evitante* mantido com os pais está moderada e inversamente relacionado com o apoio emocional seguro aos amigos ( $r = -.47$ ,  $N = 196$ ;  $p = 0,000$ ) e namorados ( $r = -.51$ ,  $N = 172$ ;  $p = 0,000$ ). Deste modo, quanto maior o apoio evitante aos pais, menor o apoio seguro percebido na relação com os pares, e vice-versa. Verificou-se também uma correlação alta e positiva entre o apoio emocional evitante aos pais e aos amigos ( $r = .71$ ,  $N = 198$ ;  $p = 0,000$ ) e namorados ( $r = .71$ ,  $N = 172$ ;  $p = 0,000$ ), ou seja, quanto maior o apoio emocional evitante aos pais, maior o apoio emocional evitante percebido na relação com os pares. Não se registaram associações relevantes entre o apoio evitante aos pais e o apoio preocupado sentido na relação com os pares.

O *apoio emocional preocupado* aos pais revelou uma correspondência significativa e alta com o apoio preocupado aos amigos ( $r = .79$ ,  $N = 198$ ;  $p = 0,000$ ) e aos namorados ( $r = .78$ ,  $N = 172$ ;  $p = 0,000$ ), ou seja, quanto maior o apoio de tipo preocupado na relação com os pais, maior o apoio preocupado na relação com os pares. Por sua vez, não foram de assinalar associações significativas entre esta dimensão do apoio emocional aos pais com o apoio seguro e evitante aos pares.

---

3. *O grau de investimento na relação com os pais tende a manter-se a relacionar-se com o investimento/afiliação na relação dos jovens com os pares?*

---

Vejam como o padrão de *investimento seguro* às figuras parentais se associa como investimento com os pares (ver Quadro 32). Desde logo, encontrou-se uma associação significativa alta entre investimento seguro aos pais e seguro aos amigos ( $r=.71$ ,  $N=195$ ;  $p=0,000$ ), assim como uma associação moderada ao investimento seguro aos namorados ( $r=.65$ ,  $N=166$ ;  $p=0,000$ ). Assim, quanto maior o investimento seguro aos pais, maior o investimento seguro na relação com os pares, e vice-versa. Verifica-se uma relação negativa entre investimento seguro aos pais e investimento evitante aos amigos, sendo que a associação é moderada ( $r= -.44$ ,  $N=194$ ;  $p=0,000$ ). O mesmo sucede em comparação com o investimento evitante na relação com os namorados ( $r= -.38$ ,  $N=166$ ;  $p=0,000$ ), tratando-se, neste caso, de uma associação baixa. Podemos então dizer que quanto maior o investimento seguro aos pais, menor a tendência para os jovens investirem de modo evitante nas suas relações com os pares, e vice-versa. Por último, foi observada igualmente uma correlação negativa baixa entre investimento seguro aos pais e investimento preocupado manifestado na relação com os amigos ( $r= -.32$ ,  $N=194$ ;  $p=0,000$ ) e namorados ( $r= -.38$ ,  $N=166$ ;  $p=0,000$ ), o que nos indica que à medida que quanto maior o investimento seguro percebido aos pais, menor a tendência para investir preocupadamente nas relações com os pares, e vice-versa.

No que diz que respeito aos *padrões inseguros de investimento aos pais*, constatou-se que existe uma associação significativa e negativa entre *investimento evitante* aos pais e seguro aos amigos ( $r= -.35$ ,  $N=194$ ;  $p=0,000$ ), sendo que se trata de uma relação fraca. Também foi encontrada uma associação negativa e moderada entre investimento evitante aos pais e seguro aos namorados ( $r= -.41$ ,  $N=165$ ;  $p=0,000$ ). Assim, um investimento evitante com os pais está associado a um investimento menos seguro na relação com os pares, e vice-versa. O investimento evitante aos progenitores associa-se positiva e fortemente com o investimento evitante aos pares, nomeadamente aos amigos ( $r=.73$ ;  $N=195$ ;  $p=0,000$ ) e namorados ( $r=.70$ ;  $N=166$ ;  $p=0,000$ ), sugerindo que quanto maior o evitamento na relação com os pais, maior evitamento na relação com os pares em geral, e vice-versa. O investimento evitante aos pais relaciona-se, ainda, de modo positivo e moderado com o investimento preocupado estabelecido com os amigos ( $r= .51$ ,  $N=193$ ;  $p=0,000$ ) e namorados ( $r=.50$ ,  $N=165$ ;  $p=0,000$ ), ou seja,

quanto maior o modo evitante de investir na relação com os pais, maior a tendência para investir na relação com os pares de forma preocupada, e vice-versa.

O investimento preocupado aos pais, por sua vez, apresenta uma correlação negativa com o investimento seguro aos amigos ( $r = -.35$ ,  $N=194$ ;  $p=0,000$ ) e namorados ( $r = -.43$ ,  $N=165$ ;  $p=0,000$ ), tratando-se de uma associação fraca no primeiro caso e moderada no segundo. Desta maneira, podemos dizer que quanto mais os jovens mantêm um investimento preocupado na relação com os pais, menor a tendência para investir de modo seguro nas relações com os seus pares, e vice-versa.

Por seu turno, o investimento preocupado aos pais parece correlacionar-se significativamente com o investimento evitante na relação com amigos ( $r=.58$ ,  $N=193$ ;  $p=0.000$ ) e namorados ( $r=.57$ ,  $N=165$ ;  $p=0,000$ ), indicando-nos que quanto maior o grau de investimento preocupado aos pais aumenta, maior o investimento de tipo evitante na relação com os pares, e vice-versa. Por fim, o investimento preocupado aos pais está alta e significativamente associado com o investimento preocupado mantido na relação com amigos ( $r=.85$ ,  $N=194$ ;  $p=0,000$ ) e namorados ( $r=.75$ ,  $N=165$ ;  $p=0,000$ ). Deste modo, quanto maior o padrão de preocupação no investimento na relação com os pais, maior a probabilidade dos jovens manterem um investimento igualmente preocupado no relacionamento com os pares, e vice-versa.

**Quadro 32.** Correlações de Pearson entre as dimensões de investimento aos pais, aos amigos e aos namorados (QSC)

	INVESTIMENTO		
	SEGURO PAIS	EVITANTE PAIS	PREOCUPADO PAIS
SEGURO AMIGOS	,710**	-,358**	-,353**
EVITANTE AMIGOS	-,448**	,732**	,583**
PREOCUPADO AMIGOS	-,328**	,510**	,858**
SEGURO NAMORADOS	,656**	-,417**	-,433**
EVITANTE NAMORADOS	-,389**	,703**	,578**
PREOCUPADO NAMORADOS	,710**	-,358**	-,353**

\*Correlação significativa ( $p<0.05$ ); \*\* Correlação significativa ( $p<0.01$ ).

B. *As dimensões seguras de vinculação, apoio emocional e investimento apresentam uma associação positiva entre si?*

Para sabermos se podemos falar de um estilo de relação (in)seguro, é necessário compreender de que modo as diferentes dimensões relacionais do Questionário de Sistemas Comportamentais se correlacionam entre si. Vejamos quais os resultados obtidos desta análise em relação, primeiramente, às figuras parentais e aos pares em seguida.

I. *As dimensões seguras de vinculação, apoio emocional e investimento aos pais apresentam uma associação positiva entre si?*

Como podemos verificar no Quadro 33, o estabelecimento de um **vínculo seguro** aos pais, está associado positivamente com o grau de apoio emocional seguro ( $r=0,56$ ;  $N=196$ ;  $p=0,000$ ) e com o investimento/afiliação seguros ( $r=0,63$ ;  $N=199$ ;  $p=0,000$ ) percebidos neste tipo de relação, ou seja, quanto maior a percepção de segurança na vinculação aos pais, maior o grau de segurança no apoio emocional e no investimento na relação com eles. Por sua vez, a vinculação segura aos pais está negativamente associada o apoio emocional ( $r= -0,48$ ;  $N=196$ ;  $p=0,000$ ) e o investimento ( $r= -0,47$ ;  $N=193$ ;  $p=0,000$ ) de tipo evitante, o mesmo sucedendo com o investimento/afiliação de tipo preocupado ( $r= -0,27$ ;  $N=192$ ;  $p=0,000$ ). Deste modo, quanto mais seguro o vínculo com os pais, menor o evitamento do apoio e do investimento e menor preocupação com o investimento neste tipo de relação familiar. Não foi encontrada uma associação significativa entre a vinculação segura e o apoio emocional preocupado percebido a partir da relação com as figuras parentais.

O **vínculo evitante** aos pais está negativamente correlacionado com a percepção de segurança no apoio emocional ( $r= -0,31$ ;  $N=196$ ;  $p=0,000$ ) e no investimento ( $r= -0,39$ ;  $N=193$ ;  $p=0,000$ ) neste tipo de relação. Por seu lado, apresenta uma correlação positiva não só com o apoio emocional ( $r=0,45$ ;  $N=196$ ;  $p=0,000$ ) e investimento ( $r=0,40$ ;  $N=193$ ;  $p=0,000$ ) de tipo evitante, mas também com o investimento preocupado ( $r=0,22$ ;  $N=192$ ;  $p=0,0002$ ). Deste modo, podemos dizer quanto maior o evitamento presente na relação com os pais, menores níveis de segurança em termos de apoio e investimento e maiores níveis de insegurança nestas dimensões. Esta tendência conta apenas com uma exceção, uma vez que não se registou uma associação

significativa entre vinculação evitante e o apoio emocional preocupado na relação com os pais.

O *vínculo preocupado* aos pais está negativamente relacionado com o apoio emocional ( $r=-0,18$ ;  $N=196$ ;  $p=0,011$ ) e investimento ( $r=-0,19$ ;  $N=196$ ;  $p=0,006$ ) seguros, e positivamente não só com o apoio emocional ( $r=0,36$ ;  $N=196$ ;  $p=0,000$ ) e o investimento ( $r=0,30$ ;  $N=193$ ;  $p=0,000$ ) evitantes, como também com o investimento preocupado ( $r=0,35$ ;  $N=192$ ;  $p=0,000$ ). Assim, quanto maior a preocupação com o elo emocional com os pais, menor a percepção de apoio e investimento nesta relação e maior a tendência para perceber o apoio e o investimento de modo inseguro com os pais. Não se verificou uma correlação estatisticamente significativa entre o vínculo emocional preocupado e a vinculação preocupada com as figuras parentais.

A percepção de *segurança no apoio emocional* com os pais está positivamente associada a um padrão seguro de investimento/afiliação ( $r=0,65$ ;  $N=193$ ;  $p=0,000$ ) e negativamente aos padrões inseguros de investimento/afiliação (evitante:  $r= -0,46$ ;  $N=193$ ;  $p=0,000$ ; preocupado:  $r= -0,33$ ;  $N=192$ ;  $p=0,000$ ). Desta forma, podemos afirmar que quanto maior o grau de apoio seguro aos pais, maior o investimento de tipo seguro e menor o grau de investimento de tipo inseguro.

**Quadro 33:** Correlações de Pearson entre as dimensões do QSC (vinculação, apoio emocional e investimento) na versão Pais.

	VINC. SEGURA	VINC. EVITANTE	VINC. PREOCUPADA	A.E. SEGURO	A.E. EVITANTE	A.E. PREOC.
A.E. SEGURO	,568**	-,316**	-,182**			
A.E. EVITANTE	-,489**	,458**	,360**			
A.E. PREOCUPADO	,134	-,008	,022			
INV. SEGURO	,633**	-,399**	-,196**	,652**	-,503**	,095
INV. EVITANTE	-,471**	,403**	,300**	-,467**	,656**	-,072
INV. PREOCUPADO	-,278**	,223**	,354**	-,335**	,410**	,225**

\*Correlação significativa ( $p<0.05$ ); \*\* Correlação significativa ( $p<0.01$ ).

O *apoio emocional evitante* percebido a partir da relação com os pais está negativamente correlacionado com o investimento seguro presente nesta relação ( $r= -0,50$ ;  $N=193$ ;  $p=0,000$ ) e positivamente associado com o investimento evitante ( $r= 0,65$ ;  $N=193$ ;  $p=0,000$ ) e preocupado ( $r= 0,41$ ;  $N=192$ ;  $p=0,000$ ). Assim, quanto maior o tipo

evitante de apoio, menor o investimento equilibrado na relação com os pais e maior o evitamento e preocupação na forma como os adolescentes investem na relação com eles.

Por último, o *apoio emocional preocupado* presente na relação com as figuras parentais apresenta apenas uma associação significativa e positiva com o investimento preocupado ( $r=0,22$ ;  $N=192$ ;  $p=0,000$ ), ou seja, quanto maior a preocupação na percepção de apoio dos pais, maior a preocupação na forma de investir nesta relação.

---

2. *As dimensões seguras de vinculação, apoio emocional e investimento aos amigos apresentam uma associação positiva entre si?*

---

Como podemos verificar no Quadro 34, o estabelecimento de um **vínculo seguro** aos amigos, está associado positivamente com o grau de apoio emocional seguro ( $r=0,51$ ;  $N=196$ ;  $p=0,034$ ) e com o investimento/afiliação seguros ( $r=0,57$ ;  $N=193$ ;  $p=0,000$ ) percebidos neste tipo de relação, ou seja, quanto maior a percepção de segurança na vinculação aos amigos, maior o grau de segurança no apoio emocional e no investimento por parte deles. Por sua vez, a vinculação segura aos pares está negativamente associada o apoio emocional ( $r=-0,30$ ;  $N=196$ ;  $p=0,000$ ) e o investimento ( $r=-0,36$ ;  $N=193$ ;  $p=0,000$ ) de tipo evitante, o mesmo sucedendo com o investimento/afiliação de tipo preocupado ( $r=-0,29$ ;  $N=192$ ;  $p=0,000$ ). Deste modo, quanto mais seguro o vínculo aos amigos, menor o evitamento de apoio e investimento e a preocupação com o investimento neste tipo de relação de afiliação. Não foi encontrada uma associação significativa entre vinculação segura e apoio emocional preocupado percebido a partir da relação com os amigos.

O **vínculo evitante** em relações de amizade está negativamente correlacionado com a percepção de segurança no apoio emocional ( $r=-0,31$ ;  $N=195$ ;  $p=0,000$ ) e no investimento neste tipo de relação ( $r=-0,36$ ;  $N=192$ ;  $p=0,000$ ). Por seu lado, apresenta uma correlação positiva não só com o apoio emocional ( $r=0,39$ ;  $N=195$ ;  $p=0,000$ ) e investimento ( $r=0,42$ ;  $N=192$ ;  $p=0,000$ ) de tipo evitante, mas também com o investimento preocupado ( $r=0,35$ ;  $N=192$ ;  $p=0,000$ ). Deste modo, podemos dizer quanto maior o evitamento presente na relação com os pares, menores níveis de segurança em termos de apoio e investimento e maiores níveis de insegurança nestas dimensões. Esta tendência conta apenas com uma exceção, uma vez que não se registou uma associação significativa entre vinculação evitante e o apoio emocional preocupado nas relações de amizade.

O **vínculo preocupado** aos amigos mais próximos está negativamente relacionado com o apoio emocional ( $r=-0,18$ ;  $N=196$ ;  $p=0,000$ ) e investimento ( $r=-0,28$ ;  $N=193$ ;  $p=0,000$ ) seguros, e positivamente não só com o apoio emocional ( $r=0,37$ ;  $N=196$ ;  $p=0,000$ ) e o investimento ( $r=0,33$ ;  $N=193$ ;  $p=0,000$ ) evitantes, como também com o investimento preocupado ( $r=0,35$ ;  $N=192$ ;  $p=0,000$ ). Não se verificou uma correlação estatisticamente significativa ao nível do vínculo preocupado e o apoio preocupado na

relação com amigos. Assim, quanto maior a preocupação com o vínculo emocional com os pares, menor a percepção de apoio e investimento nesta relação e maior a tendência para perceber o apoio e o investimento de modo inseguro neste tipo de relação de afiliação.

A percepção de *segurança no apoio emocional* parte dos amigos está positivamente associada a um padrão seguro de investimento/afiliação ( $r=0,60$ ;  $N=193$ ;  $p=0,000$ ) e negativamente aos padrões inseguros de investimento/afiliação (evitante:  $r=-0,44$ ;  $N=193$ ;  $p=0,000$ ; preocupado:  $r=-0,33$ ;  $N=192$ ;  $p=0,000$ ). Desta forma, podemos afirmar que quanto maior o grau de apoio seguro nas relações de amizade, maior o investimento de tipo seguro e menor o grau de investimento de tipo inseguro.

O *apoio emocional evitante* percebido a partir da relação de amizade está negativamente correlacionado com o investimento seguro ( $r=-0,40$ ;  $N=193$ ;  $p=0,000$ ), e positivamente associado com o investimento evitante ( $r=0,61$ ;  $N=193$ ;  $p=0,000$ ) e preocupado ( $r=0,44$ ;  $N=193$ ;  $p=0,000$ ). Assim, quanto maior o evitante de apoio, menor o investimento equilibrado na relação com os amigos e maior o evitamento e preocupação na forma como os adolescentes investem na relação com estes pares.

Por último, o *apoio emocional preocupado* presente na relação de amizade apresenta uma associação significativa e positiva com o investimento preocupado ( $r=0,25$ ;  $N=192$ ;  $p=0,000$ ), ou seja, quanto maior a preocupação na percepção de apoio dos amigos, maior a preocupação na forma de investir nestas relações.

**Quadro 34:** Correlações de Pearson entre as dimensões do QSC (vinculação, apoio emocional e investimento) na versão Amigos.

	VINC. SEGURA	VINC. EVITANTE	VINC. PREOC.	A.E. SEGURO	A.E. EVITANTE	A.E. PREOC.
A.E. SEGURO	,514*	-,311**	-,182*			
A.E. EVITANTE	-,302*	,394**	,372**			
A.E. PREOCUPADO	,123	,037	,097			
INV. SEGURO	,573**	-,360**	-,287**	,600**	-,406**	,046
INV. EVITANTE	-,369**	,421**	,332**	-,440**	,615**	,009
INV. PREOCUPADO	-,299**	,349**	,356**	-,339**	,447**	,252**

\*Correlação significativa ( $p<0.05$ ); \*\* Correlação significativa ( $p<0.01$ ).

---

### 3. As dimensões seguras de vinculação, apoio emocional e investimento aos namorados apresentam uma associação positiva entre si?

---

Como podemos verificar no Quadro 35, o estabelecimento de um **vínculo seguro** aos namorados, está associado positivamente à percepção de apoio emocional ( $r=0,64$ ;  $N=160$ ;  $p=0,000$ ) e ao investimento/afiliação seguros ( $r=0,56$ ;  $N=164$ ;  $p=0,000$ ) percebidos neste tipo de relação, ou seja, quanto maior a percepção de segurança na vinculação aos pares românticos, maior o grau de segurança no apoio emocional e no investimento por parte deles. Por sua vez, a vinculação segura aos namorados está negativamente associada o apoio emocional ( $r= -0,31$ ;  $N=170$ ;  $p=0,000$ ) e o investimento ( $r= -0,34$ ;  $N=164$ ;  $p=0,000$ ) de tipo evitante, o mesmo sucedendo com o investimento/afiliação de tipo preocupado ( $r= -0,26$ ;  $N=163$ ;  $p=0,001$ ). Deste modo, quanto mais seguro o vínculo com os namorados, menor o evitamento de apoio e investimento e a preocupação com o investimento neste tipo de relação amorosa. Não foi encontrada uma associação significativa entre vinculação segura e apoio emocional preocupado percebido a partir da relação com os companheiros amorosos.

O **vínculo evitante** no namoro está negativamente correlacionado com a percepção de segurança no apoio emocional ( $r= -0,35$ ;  $N=169$ ;  $p=0,000$ ) e no investimento neste tipo de relação ( $r= -0,37$ ;  $N=164$ ;  $p=0,000$ ). Por seu lado, apresenta uma correlação positiva não só com o apoio emocional ( $r=0,42$ ;  $N=165$ ;  $p=0,000$ ) e investimento ( $r=0,36$ ;  $N=165$ ;  $p=0,000$ ) de tipo evitante, mas também com o investimento preocupado ( $r=0,29$ ;  $N=163$ ;  $p=0,000$ ). Deste modo, podemos dizer quanto maior o evitamento presente na relação com os pares amorosos, menores níveis de segurança em termos de apoio e investimento e maiores níveis de insegurança nestas dimensões. Esta tendência conta apenas com uma exceção, uma vez que não se registou uma associação significativa entre vinculação evitante e o apoio emocional preocupado na relação com os namorados.

O **vínculo preocupado** aos namorados está negativamente relacionado com o apoio emocional ( $r= -0,23$ ;  $N=169$ ;  $p=0,002$ ) e investimento ( $r= -0,30$ ;  $N=165$ ;  $p=0,000$ ) seguros, e positivamente não só com o apoio emocional ( $r=0,35$ ;  $N=169$ ;  $p=0,000$ ) e o investimento ( $r= 0,23$ ;  $N=165$ ;  $p=0,002$ ) evitantes, como também com o investimento preocupado ( $r=0,31$ ;  $N=165$ ;  $p=0,000$ ). Não se verificou uma correlação estatisticamente significativa ao nível do apoio emocional preocupado relativamente à

vinculação preocupada com os pares românticos. Assim, quanto maior a preocupação com o elo emocional com os namorados, menor a percepção de apoio e investimento nesta relação e maior a tendência para perceber o apoio e o investimento de modo inseguro neste tipo de relacionamento.

A percepção de *segurança no apoio emocional* com os namorados está positivamente associada a um padrão seguro de investimento/afiliação ( $r=0,60$ ;  $N=164$ ;  $p=0,000$ ) e negativamente aos padrões inseguros de investimento/afiliação (evitante:  $r=-0,42$ ;  $N=165$ ;  $p=0,000$ ; preocupado:  $r=-0,31$ ;  $N=164$ ;  $p=0,000$ ). Desta forma, podemos afirmar que quanto maior o grau de apoio seguro aos pares românticos maior o investimento de tipo seguro e menor o grau de investimento de tipo inseguro.

**Quadro 35:** Correlações de Pearson entre as dimensões do QSC (vinculação, apoio emocional e investimento) na versão Namorados.

	VINC. SEGURA	VINC. EVITANTE	VINC. PREOC.	A.E. SEGURO	A.E. EVITANTE	A.E. PREOC.
A.E. SEGURO	,646**	-,356**	-,237**			
A.E. EVITANTE	-,311**	,427**	,352**			
A.E. PREOCUPADO	,124	-,010	,139			
INV. SEGURO	,560**	-,377**	-,300**	,600**	-,427**	-,034
INV. EVITANTE	-,343**	,369**	,237**	-,425**	,611**	,042
INV. PREOCUPADO	-,264**	,294**	,315**	-,312**	,463**	,265**

\*Correlação significativa ( $p<0,05$ ); \*\* Correlação significativa ( $p<0,01$ ).

O *apoio emocional evitante* percebido a partir da relação com os parceiros amorosos está negativamente correlacionado com o investimento seguro presente nesta relação ( $r=-0,42$ ;  $N=163$ ;  $p=0,000$ ) e positivamente associado com o investimento evitante ( $r=0,61$ ;  $N=164$ ;  $p=0,000$ ) e preocupado ( $r=0,46$ ;  $N=163$ ;  $p=0,000$ ). Assim, quanto maior o evitante de apoio, menor o investimento equilibrado na relação com os pais e maior o evitamento e preocupação na forma como os adolescentes investem na relação com eles.

Por último, o *apoio emocional preocupado* percebido na relação com os namorados apresenta uma associação significativa e positiva com o investimento preocupado ( $r=0,26$ ;  $N=164$ ;  $p=0,001$ ): quanto maior a preocupação na percepção de apoio dos pares amorosos, maior a preocupação na forma de investir neste tipo de relacionamento.

**C. Padrões seguros de relacionamento estão associados a melhores níveis de bem-estar individual, nomeadamente maior auto-estima e estima corporal?**

Neste ponto, procuraremos compreender se os padrões seguros aos pais e aos pares (vinculação, apoio emocional e investimento) se associam a melhor auto-estima global e de satisfação com as dimensões associadas com o corpo.

Analisemos, primeiramente, os padrões de associação da auto-estima e satisfação corporal com a relação com os Pais. Como podemos confirmar no quadro que se segue, foi encontrada uma associação positiva, embora muito fraca, entre a *vinculação segura aos pais* e as dimensões Elegância ( $r=.15$ ,  $N=194$ ;  $p=0.03$ ), Condição Atlética ( $r=.19$ ,  $N=195$ ;  $p=0.005$ ) e Beleza ( $r=.16$ ,  $N=197$ ;  $p=0,02$ ). Assim, quando mais segura a vinculação estabelecida aos pais, maior a tendência para os jovens se sentirem satisfeitos com a sua Elegância, Condição Atlética e Beleza a nível corporal, e vice-versa. Não foi encontrada uma relação entre vinculação segura aos pais a Auto-estima global, nem tão pouco com as dimensões corporais associadas à satisfação com a sexualidade e com o corpo em geral. Por seu lado, não se encontrou uma associação significativa entre a *vinculação evitante aos pais* e a auto-estima/estima corporal. Relativamente à *vinculação preocupada com os pais*, verificou-se a existência de uma associação negativa entre a preocupação no vínculo estabelecido com os pais e o nível de Auto-estima global ( $r= -0,26$ ;  $N=192$ ;  $p=0,000$ ) e com a dimensão corporal associada à satisfação com a Beleza ( $r= -0,14$ ;  $N=192$ ;  $p=0,000$ ). Assim, quanto mais preocupado o vínculo estabelecido com as figuras parentais, menor a percepção que os jovens têm do seu valor pessoal e menor satisfação com a sua beleza física, e vice-versa. Não foram encontradas associações entre vinculação preocupada aos pais e as dimensões corporais de elegância, condição atlética, sexualidade e satisfação corporal global.

O *apoio emocional seguro na relação com os pais* encontra-se associado positiva e significativamente, de modo fraco, com as dimensões Condição Atlética ( $r=.15$ ,  $N=197$ ;  $p=0,03$ ), Beleza ( $r=.21$ ,  $N=193$ ;  $p=0,003$ ) e Sexualidade ( $r=.20$ ,  $N=194$ ;  $p=0,000$ ), ou seja, quanto maior o apoio emocional percebido na relação com os pais, maior a satisfação dos jovens com a sua Condição Atlética e Beleza, e vice-versa. Não existem associações entre o apoio seguro aos pais e a Auto-estima, elegância e a satisfação global com o seu corpo. O *apoio emocional evitante aos pais* está fraca e negativamente correlacionado com a Auto-estima ( $r= -0,18$ ;  $N=192$ ;  $p=0,012$ ) e com a

Satisfação geral com o corpo ( $r = -0,17$ ;  $N=181$ ;  $p=0,021$ ), o que significa que quanto maior o evitamento de apoio na relação com os pais, menos os jovens se sentem satisfeitos com o seu corpo e com o seu valor pessoal global, e vice-versa. Não existem associações estatisticamente significativas entre o apoio emocional evitante aos pais e as dimensões Elegância, Condição Atlética, Beleza e Sexualidade. O **apoio emocional preocupado aos pais** apenas está apenas correlacionado com a Satisfação Geral com o corpo ( $r = -0,16$ ;  $N=181$ ;  $p=0,028$ ). Desta forma, quanto maior a preocupação com o apoio emocional aos pais, menor a tendência para os adolescentes se sentirem satisfeitos com o seu corpo, e vice-versa.

**Quadro 36.** Correlações de Pearson entre a relação com os pais e a auto-estima e as dimensões corporais.

PAIS	Auto-Estima	Elegância	Condição Atlética	Beleza	Sexualidade	Satisfação Corporal
Vinculação Segura	n.s.	,150*	,199**	,165*	n.s.	n.s.
Vinculação Evitante	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Vinculação Preocupada	-,268**	n.s.	n.s.	-,143*	n.s.	n.s.
Apoio Emocional Seguro	n.s.	n.s.	,152*	,213**	,209**	n.s.
Apoio Emocional Evitante	-,181*	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	-,172*
Apoio Emocional Preoc.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	-,163*
Investimento Seguro	,209**	n.s.	,171*	,211**	n.s.	n.s.
Investimento Evitante	-,165*	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
Investimento Preocupado	-,194**	n.s.	n.s.	-,185*	n.s.	n.s.

\*Correlação significativa ( $p < 0.05$ ); \*\* Correlação significativa ( $p < 0.01$ ).

O **investimento seguro aos pais** relaciona-se de modo positivo e significativo com a Auto-estima Global ( $r=0,20$ ;  $N=190$ ;  $p=0,004$ ), com a Condição Atlética ( $r = .17$ ,  $N=194$ ;  $p=0,01$ ) e com a sua Beleza ( $r = .21$ ,  $N=194$ ;  $p=0,003$ ), ou seja, quanto maior o investimento seguro na relação com os pais, maior a satisfação dos jovens com a sua Condição Atlética e Beleza e com o seu sentido de valorização pessoal. Não existem associações entre o apoio seguro aos pais e as dimensões corporais Elegância, Sexualidade e Satisfação Corporal Global. O **investimento evitante aos pais** está negativamente correlacionado com a Auto-estima ( $r = -0,16$ ;  $N=189$ ;  $p=0,023$ ), não se encontrando associações entre esta variável e as dimensões de Satisfação Corporal. Assim, podemos afirmar que quanto maior o evitamento de investimento na relação com os pais, menor tende a ser a auto-percepção de estima pessoal dos jovens, e vice-versa. O **investimento preocupado aos pais** está negativamente associado com a Auto-estima ( $r = -0,19$ ;  $N=189$ ;  $p=0,007$ ) e à dimensão de Beleza ( $r = -0,18$ ;  $N=191$ ;  $p=0,010$ ),

ou seja, quanto maior a preocupação na forma como os jovens investem na relação com os progenitores, menor tende a ser a satisfação com o seu valor pessoal e com a sua Beleza física, e vice-versa. Não se encontraram associações entre o investimento preocupado e as restantes dimensões corporais analisadas.

Examinemos agora os padrões de relação com os Pares. Como podemos confirmar no quadro 37, foi encontrada uma associação positiva, embora muito fraca, entre a **vinculação segura aos amigos** e a Auto-estima Global ( $r=0,18$ ;  $N=189$ ;  $p=0,012$ ) e as dimensões Condição Atlética ( $r=.14$ ,  $N=195$ ;  $p=0.050$ ) e Beleza ( $r=.18$ ,  $N=195$ ;  $p=0,009$ ). Assim, quando mais segura a vinculação estabelecida aos amigos, maior a tendência para os jovens se sentirem satisfeitos com o seu valor pessoal e com a sua Condição Atlética e Beleza a nível corporal, e vice-versa.

**Quadro 37.** Correlações de Pearson entre a relação com os pares (QSC) e a auto-estima e as dimensões corporais.

			Auto- Estima	Elegância	Condição Atlética	Beleza	Sexualidade	Satisfação Corporal
Amigos	Vinculação	Segura	<b>,181*</b>	n.s.	<b>,141*</b>	<b>,186**</b>	n.s.	n.s.
		Evitante	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
		Preocupada	<b>-,244**</b>	<b>-,157*</b>	n.s.	<b>-,160*</b>	n.s.	<b>-,218**</b>
	Apoio Emocional	Seguro	N.S.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
		Evitante	N.S.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
		Preocupado	N.S.	<b>-,180*</b>	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
	Investimento	Seguro	<b>,173*</b>	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
		Evitante	<b>-,178*</b>	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
		Preocupado	<b>-,210*</b>	<b>-,144*</b>	n.s.	<b>-,213**</b>	n.s.	n.s.
Namorados	Vinculação	Segura	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	N.S.
		Evitante	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	<b>-,380**</b>
		Preocupada	<b>-,210**</b>	<b>-,185*</b>	n.s.	<b>-,218**</b>	n.s.	<b>-,212**</b>
	Apoio Emocional	Seguro	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	<b>,311**</b>
		Evitante	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
		Preocupado	n.s.	<b>-,160*</b>	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
	Investimento	Seguro	n.s.	n.s.	n.s.	<b>-,192*</b>	n.s.	n.s.
		Evitante	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
		Preocupado	n.s.	n.s.	n.s.	<b>-,205**</b>	n.s.	n.s.
	Intimidade Física	Segura	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
		Insegura	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	<b>-,186*</b>
		Lúdica	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	<b>,202*</b>	N.S.

\*Correlação significativa ( $p<0.05$ ); \*\* Correlação significativa ( $p<0.01$ ).

Não foi encontrada uma relação entre vinculação segura aos amigos e a dimensão Elegância, nem tão pouco com as dimensões corporais associadas à satisfação com a Sexualidade e com o Corpo em geral. Por seu lado, não se encontrou uma associação significativa entre a *vinculação evitante aos pais* e a Auto-estima e dimensões corporais. Relativamente à *vinculação preocupada com os amigos*, verificou-se a existência de uma associação negativa com a Auto-estima ( $r = -0,24$ ;  $N=192$ ;  $p=0,001$ ) e com as dimensões corporais associadas à satisfação com a Elegância ( $r = -0,15$ ;  $N=192$ ;  $p=0,029$ ), Beleza ( $r = -0,16$ ;  $N=195$ ;  $p=0,025$ ) e Corpo em geral ( $r = -0,21$ ;  $N=181$ ;  $p=0,003$ ). Assim, quanto mais preocupado o vínculo estabelecido com os companheiros, menor a percepção que os jovens têm do seu valor pessoal e menor satisfação com a sua Beleza Física, Beleza e com o seu Corpo em geral, e vice-versa. Não foram encontradas associações entre vinculação preocupada aos amigos e as dimensões corporais relativas à Condição Atlética e Sexualidade.

No que concerne à percepção de apoio nas relações de amizade, conclui-se que nem o *apoio emocional seguro* nem o *apoio evitante com os amigos* se encontram associados significativamente com a Auto-estima e com as dimensões que avaliam a satisfação com aspectos corporais. O *apoio emocional preocupado* estabelecido com os pares está associado de modo negativo e significativo com a dimensão Elegância ( $r = -0,18$ ,  $N=192$ ;  $p=0,012$ ), o que significa que quanto mais preocupados com o apoio dos amigos, menos os jovens se sentem satisfeitos com a Elegância do seu corpo, e vice-versa. Porém, não se encontraram associações entre o apoio preocupado e as restantes dimensões corporais, nem tão pouco com a Auto-estima.

Relativamente ao investimento, verificou-se que quanto maior o *investimento seguro* na relação com os pares, maior a percepção de Auto-estima dos adolescentes ( $r = .17$ ;  $N=190$ ;  $p=0,017$ ). O investimento não mostrou correlações significativas com as variáveis corporais em estudo. Inversamente, à medida que o *evitamento em investir* nas relações afiliativas aumenta, menor o grau de Auto-estima dos jovens ( $r = -.17$ ,  $N=189$ ;  $p=0,004$ ), o que não se verificou com mais nenhuma dimensão em análise. O *investimento preocupado* está associado negativamente com a Auto-estima ( $r = -0,21$ ;  $N=189$ ;  $p=0,004$ ), assim como com a satisfação com a Elegância ( $r = -0,14$ ;  $N=188$ ;  $p=0,004$ ) e Beleza ( $r = -0,213$ ;  $N=191$ ;  $p=0,003$ ), o que significa que quanto maior a preocupação no investimento nas amizades, menor a satisfação dos jovens com o seu valor pessoal e com a sua elegância e beleza físicas, e vice-versa. Não existem

associações estatisticamente significativas entre o investimento preocupado e as dimensões condição atlética, sexualidade e avaliação corporal global.

Examinámos ainda de que forma estas variáveis se associam com as relações dos adolescentes com os Namorados. Como podemos ver no quadro 36, a ***vinculação segura aos namorados*** não está correlacionada com a Auto-estima nem com as dimensões corporais analisadas neste estudo. O mesmo sucede em relação à ***vinculação evitante***, à excepção da Satisfação Corporal Global, onde se verifica uma correlação negativa ( $r = -0,38$ ;  $N=170$ ;  $p=0,000$ ). Assim, quanto mais os jovens evitam vincular-se aos namorados, menos satisfeitos estão com o seu corpo, e vice-versa. A ***vinculação preocupada*** aos namorados está negativamente correlacionada com a Auto-estima ( $r = -0,21$ ;  $N=166$ ;  $p=0,006$ ) e com a satisfação com a Elegância ( $r = -0,18$ ;  $N=167$ ;  $p=0,017$ ), Beleza ( $r = -0,21$ ;  $N=169$ ;  $p=0,004$ ) e corpo em geral ( $r = -0,21$ ;  $N=157$ ;  $p=0,008$ ). Desta forma, quanto mais preocupados com o vínculo ao par amoroso, menor auto-estima e menor satisfação com a sua Elegância, Beleza e Corpo em geral, e vice-versa.

No que diz respeito ao apoio emocional, o ***apoio seguro*** aos pares amorosos está positivamente associado com a satisfação com o corpo ( $r = .31$ ;  $N=167$ ;  $p=0,040$ ), ou seja, quanto mais seguro o apoio no namoro, mais satisfeitos os jovens se sentem com o seu corpo, e vice-versa. Por sua vez, não existem associações entre o ***apoio emocional evitante*** e a estima corporal ou global. O ***apoio preocupado*** apenas evidenciou estar correlacionado de modo significativo e negativo com a satisfação com a Elegância  $r = -0,16$ ;  $N=166$ ;  $p=0,039$ ). Assim, quanto mais preocupados com o apoio dos namorados, menos os jovens se sentem satisfeitos com a forma e elegância do seu corpo, e vice-versa.

O ***investimento seguro nas relações de namoro*** está correlacionado de modo positivo e significativo com a satisfação com a Beleza ( $r=0,19$ ;  $N=163$ ;  $p=0,014$ ), revelando que quanto mais investem de forma segura nas relações amorosas, mais agradados os jovens se sentem com a beleza do seu corpo, e vice-versa. Não existem associações entre o investimento seguro aos pares amorosos e a auto-estima e dimensões corporais elegância, sexualidade e satisfação corporal global. O ***investimento evitante*** aos companheiros românticos *não* está relacionado de modo significativo com nenhuma das variáveis associadas à auto-estima e estima corporal. O ***investimento preocupado*** no namoro está negativamente associado com a satisfação com a Beleza ( $r = -0,20$ ;  $N=163$ ;  $p=0,009$ ). Desta feita, quanto mais preocupados na forma como investem no namoro, mais insatisfeitos os jovens se sentem com a sua beleza corporal, e

vice-versa. Não se encontraram associações entre o investimento preocupado e as restantes dimensões corporais analisadas ou Auto-estima.

Finalmente, a *intimidade física/sexualidade segura* nas relações amorosas não está relacionada com nenhuma variáveis relacionada com a Auto-estima ou Estima Corporal. O mesmo sucede com a *intimidade física insegura*, onde a única exceção foi a sua relação com a Satisfação Corporal geral ( $r = -0,18$ ;  $N=146$ ;  $p=0,025$ ), fazendo notar que quanto mais inseguros nas relações íntimas e sexuais, mais insatisfeitos os jovens se sentem com o seu corpo, e vice-versa. A *intimidade física lúdica* também não revelou associações marcadas com a Auto-estima e dimensões corporais, tendo apenas aparecido associada positivamente à satisfação com a Sexualidade ( $r=0,20$ ;  $N=158$ ;  $p=0,011$ ). Assim, quanto mais os adolescentes e jovens adultos percebem a intimidade física como uma fonte de prazer e divertimento, mais se sentem satisfeitos com a sua sexualidade e características corporais associadas à mesma, e vice-versa.

#### **D. Práticas parentais baseadas no suporte emocional relacionam-se positivamente com padrões de relacionamento seguros?**

Analisemos, agora, a associação das práticas parentais ao pai e à mãe com os padrões relacionais aos pais e, em seguida, aos pares.

##### *1. As práticas parentais se suportes estão associadas a padrões relacionais seguros aos pais?*

Para analisar este ponto, apresentaremos o resultado da análise correlacional entre as práticas parentais e os indicadores não só de, vinculação, apoio emocional e investimento seguros, mas também os padrões inseguros associados a estas dimensões como forma de reforçar os dados obtidos nos primeiros (ver Quadro 38).

Por conseguinte, a *vinculação segura* aos pais aparece significativa e moderadamente relacionada com o suporte emocional percebido quer por parte do pai ( $r=.55$ ,  $N=179$ ;  $p=0,000$ ) quer da mãe ( $r=.45$ ,  $N=183$ ;  $p=0,000$ ). Deste modo, quanto maior a vinculação segura estabelecida com o pais, maior a tendência a perceber as figuras parentais como fontes de suporte, e vice-versa. Esta associação não registou relativamente às práticas de rejeição e controlo parentais.

**Quadro 38.** Correlações de Pearson entre os padrões do QSC aos pais relativamente às práticas parentais.

	SUPORTE EMOCIONAL PAI	REJEIÇÃO / CONTROLO PAI	SUPORTE EMOCIONAL MÃE	CONTROLO MÃE
VINCULAÇÃO SEGURA	,550**	n.s.	,458**	n.s.
VINC. EVITANTE	-,360**	n.s.	-,292**	-,149*
VINC. PREOCUPADA	-,263**	n.s.	n.s.	n.s.
APOIO EMOCIONAL SEGURO	,424**	-,173*	,409**	n.s.
AP. EMOC. EVITANTE	-,439**	n.s.	-,334**	n.s.
AP. EMOC. PREOCUPADO	N.S.	n.s.	n.s.	n.s.
INVESTIMENTO SEGURO	,504**	n.s.	,423**	n.s.
INV. EVITANTE	-,418**	n.s.	-,339**	n.s.
INV. PREOC.	-,334**	n.s.	-,318**	n.s.

\*Correlação significativa ( $p < 0.05$ ); \*\* Correlação significativa ( $p < 0.01$ ).

A *vinculação evitante* aos pais apresenta uma correlação negativa e baixa com o suporte emocional paterno ( $r = -.36$ ,  $N=179$ ;  $p=0.000$ ) e materno ( $r = -.29$ ,  $N=183$ ;  $p=0,000$ ), ou seja, quanto maior o suporte percebido da parte dos pais, menor o estabelecimento de um padrão de vinculação evitante aos mesmos, e vice-versa. Por sua vez, a vinculação evitante aos pais parece estar negativa e fracamente relacionada com o controlo materno ( $r = -.14$ ,  $N=185$ ;  $p=0,040$ ), sugerindo que quanto maior o controlo por parte da mãe, menor a tendência para estabelecer, com ela, um tipo de vinculação evitante, e vice-versa. Não se registou nenhuma associação de relevo entre este forma de vinculação aos pais e a rejeição/controlo paternos.

A *vinculação preocupada* aos pais apenas se correlaciona significativamente e negativamente com o suporte paterno ( $r = -.26$ ;  $N=179$ ;  $p=.000$ ).

O *apoio emocional seguro* aos pais, por sua vez, parece estar associado significativa, positiva e moderadamente com o suporte emocional paterno ( $r = .42$ ,  $N=179$ ;  $p=0,000$ ) e materno ( $r = .40$ ,  $N=183$ ;  $p=0,000$ ). Deste modo, quanto maior o apoio percebido na relação com os pais, mais práticas de suporte tenderão os pais a desenvolver, e vice-versa. O apoio seguro aos pais tende a estar negativamente associado a práticas de rejeição/controlo por parte do pai ( $r = -.17$ ,  $N=179$ ;  $p=0,02$ ), o que não acontece com o controlo materno. Assim, quanto maior o apoio seguro mantido pelos pais, menor a percepção de rejeição e controlo por parte do pai, e vice-versa.

Existe uma relação negativa moderada entre o *apoio emocional evitante* aos pais e o suporte emocional ao pai ( $r = -.43$ ,  $N=179$ ;  $p=0,000$ ). Esta associação também existe

relativamente ao suporte materno ( $r = -.33$ ,  $N=183$ ;  $p=0,000$ ), embora seja mais fraca. Desta forma, podemos dizer que à medida que o apoio emocional baseado no evitamento aumenta, diminuem as práticas de suporte por parte do pai e por parte da mãe, e vice-versa. Não se verificam diferenças estatisticamente assinaláveis entre o apoio emocional evitante e as práticas de rejeição e controlo dos pais.

Não existem associações significativas entre o *apoio emocional preocupado* na relação com os pais e qualquer uma das práticas parentais em estudo.

No que respeita ao *investimento, o padrão seguro* aos pais revela uma correlação moderada e positiva com o suporte emocional paterno ( $r=.50$ ,  $N=177$ ;  $p=0,000$ ) e materno ( $r=.42$ ,  $N=181$ ;  $p=0,000$ ), isto é, quanto maior o investimento seguro na relação com os pais, maior a percepção de suporte por parte dos mesmos, e vice-versa. Por sua vez, não foram encontradas diferenças importantes entre este tipo de investimento e as práticas parentais de rejeição e controlo.

Existe uma relação significativa negativa entre o *padrão evitante de investimento* aos pais e a percepção de suporte por parte do pai ( $r = -.41$ ,  $N=177$ ;  $p=0,000$ ) e por parte da mãe ( $r=-.33$ ,  $N=182$ ;  $p=0,000$ ), significando que quanto maior a percepção dos pais como fontes de suporte emocional, menor a tendência para evitarem investir na relação com os mesmos, e vice-versa. O investimento evitante aos pais não demonstra nenhuma relação significativa com as práticas de rejeição e controlo por parte daqueles.

Por fim, o *investimento preocupado* sentido na relação com os pais está correlacionado de forma significativa, negativa e fraca com a percepção de suporte paterno ( $r = -.33$ ,  $N=176$ ;  $p=0,000$ ) e materno ( $r = -.31$ ,  $N=180$ ;  $p=0,000$ ). Assim, quanto mais os jovens sentem que os pais lhes fornecem suporte emocional, menor a tendência a investir com preocupação na relação com os mesmos, e vice-versa. Não se registaram associações de relevo entre o investimento preocupado aos pais e as práticas parentais baseadas na rejeição e no controlo.

---

## 2. *As práticas parentais seguras estão associadas a padrões relacionais seguros aos pares?*

---

Desta feita, observaremos de modo as práticas parentais se associam ao modo como os adolescentes e jovens adultos se relacionam com os seus pares. Analisemos a relação com os Amigos.

Como podemos ver no quadro 39, a ***vinculação segura aos amigos*** está correlacionada positiva e de forma baixa com as práticas de suporte por parte do pai ( $r = .36$ ,  $N = 179$ ;  $p = 0,000$ ) e da mãe ( $r = .33$ ,  $N = 183$ ;  $p = 0,000$ ). Assim, quanto mais seguro o vínculo aos amigos, maior a percepção de suporte emocional dos pais, e vice-versa. Não foram observadas correlações significativas entre a vinculação segura aos pais e as práticas parentais de rejeição e controle.

A ***vinculação evitante aos amigos*** associa-se negativamente com o suporte emocional materno ( $r = -.18$ ,  $N = 182$ ;  $p = 0,01$ ), significando que quanto maior o padrão evitante de vinculação às amizades, menor a tendência para perceber a mãe como fonte de suporte emocional, e vice-versa. Por sua vez, não foram encontradas associações entre a vinculação evitante aos amigos e as restantes práticas parentais.

A ***vinculação preocupada aos amigos*** tende a relacionar-se significativa e negativamente, embora de modo muito baixo, com o suporte emocional por parte do pai ( $r = -.22$ ,  $N = 179$ ;  $p = 0,002$ ), ou seja, quanto maior a preocupação no vínculo aos amigos, menor o suporte emocional por parte do pai, e vice-versa. Não existem diferenças de relevo entre o vínculo preocupado aos amigos e as restantes práticas parentais.

Por sua vez, o ***apoio emocional seguro aos amigos*** está correlacionado positiva e de forma baixa com as práticas de suporte por parte do pai ( $r = .230$ ,  $N = 178$ ;  $p = 0,002$ ) e da mãe ( $r = .193$ ,  $N = 181$ ;  $p = 0,009$ ). Assim, quanto mais seguro o vínculo aos amigos, maior a percepção de suporte emocional dos pais, e vice-versa. Não foram observadas correlações significativas entre a vinculação segura aos pais e as práticas parentais de rejeição e controle.

O ***apoio emocional evitante aos amigos*** associa-se negativamente com o suporte emocional paterno ( $r = -.295$ ,  $N = 178$ ;  $p = 0,00$ ) e materno ( $r = -.022$ ;  $N = 181$ ;  $p = 0,002$ ), o que indica que quanto maior o padrão evitante de vinculação às amizades, menor a tendência para perceber quer a mãe e quer o pai como fontes de suporte emocional, e vice-versa. Por sua vez, não foram encontradas associações entre a vinculação evitante aos amigos e as restantes práticas parentais. Não existem associações significativas entre o ***apoio emocional preocupado*** aos amigos e as práticas parentais em análise.

Relativamente ao ***investimento seguro aos amigos***, verifica-se uma correlação positiva entre esta variável e o suporte emocional paterno ( $r = 0,371$ ;  $N = 154$ ;  $p = 0,000$ ) e materno ( $r = 0,204$ ;  $N = 158$ ;  $p = 0,010$ ), revelando que quanto maior a segurança no modo de investir nas relações de amizade, maior a percepção de suporte por parte dos pais, e

vice-versa. Não existem correlações significativas entre o investimento seguro na amizade e as restantes dimensões de práticas parentais.

O *investimento evitante aos amigos* relaciona-se de negativamente com o suporte emocional quer paterno ( $r = -0,261$ ;  $N=176$ ;  $p=0,000$ ) quer materno ( $r = -0,28$ ;  $N=180$ ;  $p=0,000$ ), revelando que quanto mais os adolescentes evitam investir nas suas amizades, menor as práticas de suporte percebidas por parte dos pais, e vice-versa. Não se verificaram diferenças consideráveis no que concerne à relação entre esta variável e as restantes práticas parentais.

O *investimento preocupado aos amigos* está negativamente associado ao suporte emocional por parte do pai ( $r = -0,224$ ;  $N=175$ ;  $p=0,003$ ) e da mãe ( $r = -0,279$ ;  $N=178$ ;  $p=0,000$ ). Assim, à medida que aumenta a preocupação na forma como os jovens investem nas amizades, menos tendem a percepcionar os pais como fontes de suporte emocional, e vice-versa. As restantes práticas parentais não estão correlacionadas significativamente com o investimento preocupado aos amigos.

No que diz respeito aos Namorados, observámos que existe uma correlação positiva entre *vinculação segura aos namorados* e o suporte emocional paterno ( $r=.35$ ,  $N=153$ ;  $p=0,000$ ), ou seja, quanto mais seguro o vínculo estabelecido com os namorados, maior o suporte emocional percebido do pai, e vice-versa. Não existe, porém, uma relação significativa entre vinculação aos namorados e as práticas parentais de rejeição e controlo. A *vinculação evitante aos namorados* associa-se negativa e de modo baixo com o suporte emocional paterno ( $r = -.25$ ,  $N=15$ ;  $p=0,002$ ), indicando que quanto maior o evitamento não vínculo com os namorados, menor o suporte emocional paterno, e vice-versa. Não existem associações significativas entre este padrão de vinculação aos pares amorosos e as restantes práticas parentais. A *vinculação preocupada aos namorados* demonstrou uma associação negativa significativa apenas com a prática de suporte emocional por parte do pai ( $n = -.24$ ,  $N=154$ ;  $p=0,002$ ). Deste modo, quanto maior a preocupação no vínculo estabelecido com os namorados, menor o suporte percebido por parte do pai, e vice-versa. Não foi, porém, encontrada uma ligação significativa entre vinculação preocupada aos namorados e o suporte emocional materno, nem tampouco às práticas parentais de rejeição/controlo.

**Quadro 39.** Correlações de Pearson entre os padrões do QSC aos amigos e as práticas parentais.

	Suporte Emocional Pai	Rejeição/Controlo Pai	Suporte Emocional Mãe	Controlo Mãe	
AMIGOS	Vinculação Segura	,368**	n.s.	,334**	n.s.
	Vinculação Evitante	n.s.	n.s.	-,182*	n.s.
	Vinculação Preocupada	-,228**	n.s.	n.s.	n.s.
	Apoio Emocional Seguro	,230**	n.s.	,193**	n.s.
	Apoio Emocional Evitante	-,295**	n.s.	-,226**	n.s.
	Apoio Emocional Preocupado	N.S.	n.s.	n.s.	n.s.
	Investimento Seguro	,371**	n.s.	,204*	n.s.
	Investimento Evitante	-,261**	n.s.	-,281**	n.s.
	Investimento Preocupado	-,224**	n.s.	-,279**	n.s.
NAMORADOS	Vinculação Segura	,359**	n.s.	n.s.	n.s.
	Vinculação Evitante	-,254**	n.s.	n.s.	n.s.
	Vinculação Preocupada	-,243**	n.s.	n.s.	n.s.
	Apoio Emocional Seguro	,335**	n.s.	,192*	n.s.
	Apoio Emocional Evitante	-,274**	n.s.	-,158*	n.s.
	Apoio Emocional Preocupado	N.S.	,178*	n.s.	n.s.
	Investimento Seguro	,252**	n.s.	n.s.	n.s.
	Investimento Evitante	-,175*	n.s.	n.s.	n.s.
	Investimento Preocupado	-,237**	n.s.	-,228**	n.s.
	Intimidade Física Segura	N.S.	n.s.	n.s.	n.s.
	Intimidade Física Insegura	-0,247**	n.s.	-0,241**	n.s.
	Intimidade Física Lúdica	N.S.	n.s.	n.s.	n.s.

\*Correlação significativa ( $p < 0.05$ ); \*\*Correlação significativa ( $p < 0.01$ ).

No que concerne ao apoio emocional em relações de namoro, os resultados mostram que quanto maior a *segurança no apoio emocional*, maior a percepção de suporte emocional por parte do pai ( $r = 0,33$ ;  $N = 153$ ;  $p = 0,000$ ) e da mãe ( $r = 0,19$ ;  $N = 156$ ;  $p = 0,049$ ). Não foram encontradas associações significativas com as práticas de rejeição e controlo. Constata-se, também, que quanto maior o *apoio emocional evitante*, menor a percepção de suporte emocional paterno ( $r = -0,27$ ;  $N = 153$ ;  $p = 0,001$ ) e materno ( $r = -0,15$ ;  $N = 156$ ;  $p = 0,049$ ), não se registando correlações significativas com as práticas parentais de rejeição e de controlo. O *apoio emocional preocupado* no namoro está relacionado de modo significativo e positivo com a percepção de rejeição/controlo por parte do pai ( $r = 0,17$ ;  $N = 154$ ;  $p = 0,027$ ), não se tendo verificado correlações marcadas com as restantes práticas em análise. Assim, quanto maior a preocupação dos adolescentes e jovens adultos com o apoio emocional dos namorados, maior a tendência para se sentirem rejeitados e controlados pela figura paterna, e vice-versa.

Relativamente ao investimento, quanto maior o *modo seguro de investir nas relações de namoro*, maior a percepção de práticas parentais baseadas no suporte emocional por parte do pai ( $r = 0,25$ ;  $N = 149$ ;  $p = 0,002$ ). Por sua vez, não foram encontradas associações significativas com as outras práticas avaliadas neste estudo em relação ao investimento seguro no namoro. No que concerne ao *investimento evitante*

das relações românticas, quanto menor o evitamento na forma como os adolescentes investem neste tipo de relação, menor a tendência a perceberem as práticas parentais baseadas no suporte emocional por parte do pai ( $r = -0,17$ ;  $N=149$ ;  $p=0,033$ ). Não se registaram correlações entre o investimento evitante no namoro e as restantes práticas educativas analisadas. O **investimento preocupado** nas relações amorosas está associado negativamente com as práticas de suporte paternas ( $r = -0,23$ ;  $N=149$ ;  $p=0,004$ ) e maternas ( $r = -0,22$ ;  $N=151$ ;  $p=0,005$ ), ou seja, quanto mais preocupado o modo de investir na relação de namoro, menor o suporte percebido por parte dos pais. Não encontramos correlações significativas entre o investimento preocupado e as práticas parentais baseadas no controlo e rejeição.

Finalmente, analisemos o padrão de intimidade física/sexualidade em relação às práticas parentais. A **intimidade física segura** vivenciada nas relações amorosas não revela associações estatisticamente significativas com as práticas parentais. Por sua vez, a **intimidade insegura** manifesta uma correlação negativa com as práticas de suporte emocional por parte do pai ( $r = -0,24$ ;  $N=144$ ;  $p=0,003$ ) e da mãe ( $r = -0,24$ ;  $N=151$ ;  $p=0,003$ ), não se tendo encontrado o mesmo tipo de relação significativa com as práticas de controlo/rejeição. Assim, quanto mais os adolescentes se sentem inseguros em termos da sua intimidade física, menos identificam práticas de suporte por parte das figuras parentais, e vice-versa. Por último, não se registaram associações estatisticamente significativas entre a **intimidade lúdica** e as práticas parentais em análise.

#### **E. As práticas parentais estão associadas à auto-estima e estima corporal dos adolescentes e jovens adultos?**

As práticas baseadas no **suporte emocional aplicadas pela figura paterna** estão correlacionadas de forma positiva com as dimensões corporais de Elegância ( $r=.16$ ,  $N=177$ ;  $p=0,025$ ), Condição Atlético ( $r=.23$ ,  $N=180$ ;  $p=0,002$ ), Beleza ( $r= .16$ ,  $N=180$ ;  $p=0,02$ ) e Satisfação Corporal global ( $r=.17$ ,  $N=168$ ;  $p=0,02$ ). Assim, quanto maior o suporte paterno percebido pelos jovens, maior a sua satisfação com o seu corpo, em geral, e com a sua Elegância, Condição Atlético e Beleza em particular, e vice-versa. Não existem associações significativas entre o suporte emocional por parte do pai e a satisfação com a Sexualidade (Quadro 40).

O *suporte emocional materno* mostrou apenas uma associação significativa com a Condição Atlética ( $r = .18$ ,  $N=184$ ;  $p=0,01$ ), ou seja, quanto maior o suporte por parte da mãe, maior a satisfação dos jovens com a sua condição atlética, e vice-versa. Não foram encontradas correlações significativas entre as práticas parentais de rejeição e controlo e as diferentes dimensões corporais em estudo.

Por último, verificou-se uma associação positiva entre a Auto-estima e o suporte emocional por parte do pai ( $r=0,18$ ;  $N =178$ ;  $p =0,014$ ), revelando que quanto mais o adolescente se auto-percepciona como alguém com valor, maior a percepção de suporte emocional por parte da figura paterna, e vice-versa. Não se verificaram associações estatisticamente relevantes entre a auto-estima e as restantes práticas parentais.

**Quadro 40.** *Correlações de Pearson entre auto-estima/estima corporal e as práticas parentais.*

	SUPORTE EMOCIONAL PAI	REJEIÇÃO / CONTROLO PAI	SUPORTE EMOCIONAL MÃE	CONTROLO MÃE
ELEGÂNCIA	,169 (*)	n.s.	n.s.	n.s.
CONDIÇÃO ATLÉTICA	,231 (**)	n.s.	,186 (*)	n.s.
BELEZA	,167 (*)	n.s.	n.s.	n.s.
SEXUALIDADE	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.
SATISFAÇÃO CORPORAL GLOBAL	,179 (*)	n.s.	n.s.	n.s.
AUTO-ESTIMA	,183*	n.s.	n.s.	n.s.

\*Correlação significativa ( $p<0.05$ ); \*\* Correlação significativa ( $p<0.01$ ).

#### F. Os padrões relacionais com os amigos assemelham-se aos padrões relacionais com os namorados?

Para compreender as semelhanças entre as vivências proporcionadas pelas relações de amizade e pelos namoros, analisámos a sua associação em termos de padrões relacionais.

A *vinculação segura aos namorados* está associada de modo significativo e moderada com a vinculação ( $r = .57$ ,  $N=172$ ;  $p=0,000$ ), o apoio emocional ( $r = .52$ ,  $N=172$ ;  $p=0,000$ ) e o investimento seguros aos amigos ( $r = .43$ ,  $N=169$ ;  $p=0,000$ ), indicando que quanto mais seguro o vínculo aos namorados maior o padrão relacional seguro aos amigos, e vice-versa. Por sua vez, a vinculação segura às relações amorosas correlaciona-se de forma baixa e negativa com a vinculação ( $r = -.20$ ,  $N=172$ ;  $p=0,009$ ), o apoio emocional ( $r = -.22$ ,  $N=172$ ;  $p=0,003$ ) e o investimento ( $r = -.29$ ,  $N=169$ ;  $p=0,000$ ) de tipo evitante aos amigos. Assim, quanto maior o padrão relacional baseado no evitamento com os amigos, menor tende a ser o vínculo seguro aos namorados, e

vice-versa. Por último, existe uma relação entre a vinculação ( $r = -.21$ ,  $N=172$ ;  $p=0,009$ ) e o investimento ( $r = -.26$ ,  $N=168$ ;  $p=0,001$ ) preocupados aos amigos e a vinculação segura aos namorados, revelando que quanto maior o vínculo seguro aos namorados, menor o vínculo e o investimento preocupados aos amigos, e vice-versa.

A **vinculação evitante aos namorados** apresenta uma correlação negativa moderada com a vinculação ( $r = -.33$ ,  $N=172$ ;  $p=0,000$ ), o apoio emocional ( $r = -.22$ ,  $N=172$ ;  $p=0,004$ ) e o investimento ( $r = -.25$ ,  $N=169$ ;  $p=0,001$ ) seguros com os amigos. Essa associação também existe, porém no sentido positivo, em relação ao padrão evitante de vinculação com os amigos ( $r = .74$ ,  $N=172$ ;  $p=0,009$ ), ao apoio emocional evitante dos amigos ( $r = .36$ ,  $N=172$ ;  $p=0,000$ ) e ao investimento evitante dos amigos ( $r = .32$ ,  $N=169$ ;  $p=0,001$ ); o padrão evitante aos namorados correlaciona-se, ainda, relativamente aos amigos, com o padrão preocupado de vinculação ( $r = -.32$ ,  $N=172$ ;  $p=0,000$ ) e com o investimento preocupado ( $r = .29$ ,  $N=168$ ;  $p=0,000$ ).

A **vinculação preocupada aos namorados** correlaciona-se negativamente com os padrões seguros de vinculação ( $r = -.18$ ,  $N=172$ ;  $p=0,01$ ) e investimento ( $r = -.24$ ,  $N=169$ ;  $p=0,001$ ) e positivamente com os padrões inseguros aos amigos (vinculação evitante:  $r = .34$ ,  $N=172$ ;  $p=0,000$  / apoio emocional evitante:  $r = .34$ ,  $N=172$ ;  $p=0,000$  / investimento evitante:  $r = .30$ ,  $N=169$ ;  $p=0,000$  / vinculação preocupada:  $r = .88$ ,  $N=172$ ;  $p=0,000$  / investimento preocupado:  $r = .27$ ,  $N=168$ ;  $p=0,000$ ).

O **apoio emocional seguro aos namorados** apresenta uma associação positiva com os padrões seguros aos amigos, em termos de vinculação ( $r = .44$ ,  $N=172$ ;  $p=0,000$ ), apoio emocional ( $r = .76$ ,  $N=172$ ;  $p=0,000$ ) e investimento ( $r = .52$ ,  $N=170$ ;  $p=0,000$ ). A mesma associação foi encontrada, no sentido negativo, com os padrões inseguro quer evitantes (vinculação:  $r = -.23$ ,  $N=172$ ;  $p=0,002$  / apoio emocional:  $r = -.39$ ,  $N=172$ ;  $p=0,000$  / investimento:  $r = -.40$ ,  $N=170$ ;  $p=0,000$ ) quer preocupados (vinculação:  $r = -.21$ ,  $N=172$ ;  $p=0,000$  / investimento:  $r = -.32$ ,  $N=169$ ;  $p=0,000$ ). Assim, à medida que aumenta o apoio emocional aos namorados, aumentam, por um lado, os padrões seguros de relação aos amigos e diminuem os inseguros, por outro, e vice-versa.

O **apoio emocional evitante aos namorados** apresenta uma correlação negativa com os padrões relacionais seguros aos amigos (vinculação:  $r = -.23$ ,  $N=172$ ;  $p=0,002$  / apoio emocional:  $r = -.44$ ,  $N=172$ ;  $p=0,000$  / investimento:  $r = -.33$ ,  $N=169$ ;  $p=0,000$ ) e uma relação positiva aos padrões inseguros no que concerne aos amigos aos amigos, quer em termos de evitamento (vinculação:  $r = .33$ ,  $N=172$ ;  $p=0,000$  / apoio emocional:

$r=.81$ ,  $N=172$ ;  $p=0,000$  / investimento:  $r=.58$ ,  $N=169$ ;  $p=0,000$ ), quer de preocupação (vinculação:  $r=-.35$ ,  $N=172$ ;  $p=0,000$  / investimento:  $r=.45$ ,  $N=168$ ;  $p=0,000$ ).

O *apoio emocional preocupado aos namorados*, por sua vez, apenas mostrou uma relação significativa com os padrões preocupados de apoio emocional ( $r=.88$ ,  $N=172$ ;  $p=0,000$ ) e investimento ( $r=.24$ ,  $N=169$ ;  $p=0,001$ ) aos amigos.

**Quadro 40.** Correlações de Pearson entre os padrões relacionais aos amigos e aos namorados(QSC)

NAMORADOS	AMIGOS								
	VINC. SEG.	VINC. EVIT.	VINC. PRE.	A.E. SEG.	A.E. EVIT.	A.E. PRE.	INV. SEG.	INV. EVIT.	INV. PRE.
Vinculação Segura	,570**	-,200**	-,218**	,525**	-	n.s.	,433**	-,290**	-,262**
Vinc. Evitante	-	,748**	,321**	-,220**	,364**	n.s.	-,257**	,329**	,297**
Vinc. Preocupada	-,183*	,345**	,886**	n.s.	,343**	n.s.	-,246**	,300**	,275**
Ap. Emoc. Seguro	,449**	-,233**	-,217**	,767**	-	n.s.	,523**	-,400**	-,321**
Ap. Emoc. Evitante	-	,338**	,352**	-	,811**	n.s.	-,333**	,582**	,451**
Ap. Emoc. Preoc.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	n.s.	,886**	N.S.	N.S.	,246**
Inv. Seguro	,353**	-,207**	-,311**	,530**	-	n.s.	,660**	-,371**	-,439**
Inv. Evitante	-	,332**	,295**	-	,519**	n.s.	-,329**	,830**	,631**
Inv. Preocupado	-,256**	,284**	,366**	-,425**	-	n.s.	-,380**	,559**	,853**
Intimidade F. Segura	,236**	n.s.	n.s.	,250**	n.s.	,176*	,294**	-,165*	N.S.
Intimidade F. Insegura	n.s.	,169*	,286**	-,178*	,293**	,184*	-,192*	,434**	,500**
Intimidade F. Lúdica	n.s.	,250**	,196*	n.s.	,232**	n.s.	n.s.	,257**	,194*

\*Correlação significativa ( $p<0.05$ ); \*\* Correlação significativa ( $p<0.01$ ).

Existe uma associação positiva entre o *investimento seguro aos namorados* e os padrões seguros de relacionamento com os amigos (vinculação:  $r=.35$ ,  $N=166$ ;  $p=0,000$  / apoio emocional:  $r=.53$ ,  $N=166$ ;  $p=0,000$  / investimento:  $r=.66$ ,  $N=166$ ;  $p=166$ ). A mesma associação foi encontrada, em sentido negativo, em relação aos padrões relacionais inseguros, tanto em termos de evitamento (vinculação:  $r=-.20$ ,  $N=166$ ;  $p=0,007$  / apoio emocional:  $r=-.35$ ,  $N=166$ ;  $p=0,000$  / investimento:  $r=-.37$ ,  $N=165$ ;  $p=0,000$ ) como de preocupação (vinculação:  $r=-.31$ ,  $N=166$ ;  $p=0,000$  / investimento:  $r=-.43$ ,  $N=165$ ;  $p=0,000$ ).

Verificou-se uma relação significativa negativa entre o *investimento evitante aos namorados* e os padrões seguros no relacionamento com os amigos (vinculação:  $r=-.25$ ,  $N=167$ ;  $p=0,001$  / apoio emocional:  $r=-.42$ ,  $N=167$ ;  $p=0,000$  / investimento:  $r=-.32$ ,

N=166;  $p=0,000$ ). Também se verificou uma associação, embora positiva, entre o investimento evitante aos namorados e os padrões inseguros de relação com os amigos, quer evitantes (vinculação:  $r= .33$ , N=167;  $p=0,000$  / apoio emocional:  $r= .51$ , N=167;  $p=0,000$  / investimento:  $r=.83$ , N=166;  $p=0,000$ ), quer preocupados (vinculação:  $r= .29$ , N=167;  $p=0,000$  / investimento:  $r=.63$ , N=165;  $p=0,000$ ). O **investimento preocupado com os namorados** relaciona-se negativamente com os padrões seguros na ligação aos amigos (vinculação:  $r=-.22$ , N=162;  $p=0,004$  / apoio emocional:  $r=-.36$ , N=166;  $p=0,000$  / investimento:  $r=-.38$ , N=166;  $p=0,000$ ). O investimento preocupado também esta significativa e positivamente correlacionado com os padrões de evitamento (vinculação:  $r= .28$ , N=166;  $p=0,000$  / apoio emocional:  $r=.41$ , N=166;  $p=0,000$ /investimento:  $r=.55$ , N=165;  $p=0,000$ ) e preocupação (vinculação:  $r= .36$ , N=166;  $p=0,000$  / apoio emocional:  $r=.24$ , N=166;  $p=0,002$  / investimento:  $r=.85$ , N=166;  $p=0,000$ ) aos amigos.

Existe uma relação positiva e significativa entre a **intimidade física segura** aos namorados, não só com os padrões seguros aos amigos (vinculação:  $r=.23$ , N=162;  $p=0,002$ / apoio emocional:  $r=.25$ , N=162;  $p=0,001$ / investimento:  $r=.29$ , N=160;  $p=0,000$ ), como também com o apoio emocional preocupado ( $r=.17$ , N=162;  $p=0,02$ ). Uma relação negativa foi encontrada entre a intimidade segura aos namorados e o investimento evitante aos amigos ( $r=-.16$ , N=160;  $p=0,03$ ). A **intimidade insegura aos namorados** está correlacionada negativamente com o apoio emocional seguro ( $r=-.17$ , N=160;  $p=0,02$ ) e investimento seguro ( $r= -.19$ , n=159;  $p=.159$ ). A intimidade insegura aos namorados está associada significativamente com os padrões evitante (vinculação:  $r=.16$ , N=161;  $p=0,03$ / apoio emocional:  $r=.29$ , N=161;  $p=0,000$ / investimento:  $r=.43$ , N=159;  $p=0,000$ ) e preocupado (vinculação:  $r=.28$ , N=161;  $p=0,000$ / apoio emocional:  $r=.18$ , N=161;  $p=0,02$ / investimento:  $r=.50$ , N=158;  $p=0,000$ ). A **intimidade física lúdica aos namorados** está essencialmente associada de modo positivo com padrões relacionais inseguros na relação com os amigos (vinculação evitante:  $r=.25$ , N=162;  $p=0,001$ / apoio emocional evitante:  $r=.23$ , N=162;  $p=0,003$ / investimento evitante:  $r=.25$ , N=160;  $p=0,001$ / vinculação preocupada:  $r=.19$ , N=162;  $p=0,01$ / investimento preocupado:  $r=.19$ , N=159;  $p=0,014$ ).

**G. A vinculação segura aos amigos medeia a relação entre vinculação segura estabelecida com os pais e com os namorados?**

Esta questão procura perceber se a relação entre a vinculação segura aos pais (variável explicativa) e a vinculação segura aos pares amorosos (variável critério) é mediada por uma terceira variável (a vinculação aos amigos) que transporta o efeito da primeira sobre a segunda (cf. Maroco, 2007).

Para calcular a existência de este modelo recorreu-se a uma análise da regressão (método Enter) e procedemos a um conjunto de passos: (1º) verificámos se existe uma relação significativa entre a variável explicativa (V.E.) e a variável mediadora (V.M.), o que se verificou ( $\beta = .49$ ;  $t = 7,92$ ;  $p = 0,000$ ); (2º) comprovámos também que a vinculação aos pais (V.E.) possui um efeito significativo sobre a vinculação aos namorados (V.C.) ( $\beta = .37$ ;  $t = 5,29$ ;  $p = 0,000$ ); e, por fim, (3) confirmámos que a vinculação aos amigos (V.M.) afecta a vinculação aos namorados (V.C.) ( $\beta = .50$ ;  $t = 6,83$ ;  $p = 0,000$ ) e que esse efeito é superior ao da vinculação aos pais (V.E.) ( $\beta = .11$ ;  $t = 1,54$ ;  $p = 0,125$ ). Como se pode verificar, o valor de Beta da vinculação aos pais (V.E.) deixou de ser significativo, podemos concluir que a mediação é completa.

Em conclusão, podemos afirmar que a qualidade no vínculo com os amigos medeia o efeito da vinculação segura sobre a vinculação segura aos namorados. Esta variável mediadora não é, com certeza, a única capaz de mediar esta relação, uma vez que haverão outras possíveis de influenciá-la (e.g. características de personalidade). Ainda assim, é possível afirmar que a presença da vinculação segura aos amigos na equação de regressão, diminui a magnitude do relacionamento entre uma vinculação segura aos pais e aos pares românticos de modo significativo.

## **DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

## **DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Com base na sequência dos resultados apresentados no capítulo anterior, organizou-se o presente capítulo em duas partes. Primeiramente, serão analisados os resultados decorrentes da análise relativa à influência das variáveis sócio-demográficas utilizadas nos resultados das principais variáveis critério deste estudo. Neste ponto, procuraremos dar relevo aos efeitos significativos encontrados empiricamente, evitando focar-nos nos resultados não encontrados ou esperados, com vista a não nos perdermos na explicação de evidências não encontradas neste trabalho.

Por último, discutiremos os resultados decorrentes das análises correlacionais que testam as associações entre as variáveis principais em estudo (auto-estima, estima corporal, práticas parentais e sistemas comportamentais), procurando dar resposta às questões desta investigação (descritas no Capítulo III).

### **1. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA INFLUÊNCIA DAS VARIÁVEIS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS NAS PRINCIPAIS VARIÁVEIS EM ESTUDO**

#### **Auto-estima**

Os resultados deste estudo revelam que o grau de auto-estima global apenas é afectado pelo **nível socioeconómico** (N.S.E) e pelo **número de relações dos sujeitos no último ano**. No primeiro caso, verificámos que foram os indivíduos de estatuto mais baixo comparativamente com os de níveis médio e elevado que apresentaram, curiosamente, uma melhor avaliação do seu valor pessoal. Uma possível explicação para este facto poderá ser a forma como os sujeitos de estrato socioeconómico inferior se valorizam a si mesmos, de acordo com prioridades e critérios sensivelmente diferentes dos sujeitos de condições sócio-económicas mais favorecidas. Por exemplo, apesar de poder haver mais adversidade e factores de risco associadas à pobreza e às

dificuldades económicas, estes indivíduos podem olhar para si como alguém capaz de ultrapassar estes problemas, comparar-se positivamente com outros que se encontram no seu meio envolvente e ter requisitos mais concretos, alcançáveis e específicos para se considerar alguém louvado e estimado (e.g. ser honesto, trabalhador, esforçado, passar de ano, entrar na faculdade). Por outro lado, é importante ter em conta a forma como o N.S.E. foi avaliado, uma vez que recorreremos a uma estimativa do mesmo a partir da profissão dos pais, o que poderá não corresponder a uma total concordância com o real nível socioeconómico de vários jovens.

No caso do **número de relações amorosas (R.A.)** no último ano, os jovens com mais de uma R.A. amorosa manifestaram-se mais satisfeitos com o seu valor pessoal global, o que parece fazer sentido na medida em que o jovem pode auto-percepcionar-se como alguém desejado e capaz de se envolver e atrair pares do sexo oposto. Este facto é um indicador de que as relações amorosas estarão associadas a estatuto perante os outros e o estar envolvido numa R.A. prestará um contributo importante para a estima pessoal do jovem.

### **Estima Corporal**

Os resultados mostram que existem diferenças entre **sexos** no que concerne à satisfação com o corpo em geral, o que vai de encontro à tendência normativa salientada pela literatura que as mulheres estão mais insatisfeitas com o seu corpo do que os homens (e.g. Grogan, 1999). As raparigas também se mostraram mais insatisfeitas com a Condição Atlética, isto é, aspectos ligados à força, à agilidade e à forma física geral, o que é igualmente espelhado por estudos empíricos prévios (e.g., Harter, 1999). Este dado parece reforçar a ideia de que as raparigas tendem a percepcionar a (in)satisfação corporal como um todo, não diferenciando fontes específicas de (des)agrado. Apesar disso, parece claro que as diferenças entre sexos ao nível da (in)satisfação corporal poderão estar a esbater-se e aproximar-se entre si, contrariamente ao que parecia ser a tendência registada até à actualidade e tão bem descrita na literatura (e.g., Barbosa, 2008). O facto de verificarmos a inexistência de diferenças significativas na forma como ambos os sexos avaliaram aspectos associados à elegância, beleza e sexualidade, será um reflexo disso mesmo.

Por outro lado, a fase tardia da adolescência poderá contribuir para que a manifestação de uma insatisfação normativa das adolescentes nas primeiras etapas da

adolescência se encontre mais amenizada (Demarest & Allen, 2000), tal como apontam os estudos que apontam para a progressiva desvalorização dos aspectos geradores de insatisfação corporal nas mulheres e para a estabilização do processo de maturação física mais saliente no período equivalente à puberdade. Ainda assim, parece claro que são as mulheres que continuam a manifestar maior desagrado em relação à sua imagem corporal, com todas as possíveis implicações associadas a este facto (e.g. perturbações alimentares, baixa auto-estima).

No que concerne à **escolaridade**, os jovens que frequentam o ensino secundário estão mais insatisfeitos com a sua Condição atlética do que os universitários. A superação (parcial) dos problemas associados ao corpo na fase final da adolescência poderá estar associada a este resultado, numa altura em que os jovens estão centrados em novas metas e desafios que cimentam a formação de uma identidade adulta mais saudável e definida (Laufer, 1972) em ambos os sexos.

De modo semelhante à avaliação da auto-estima, os sujeitos de **N.S.E.** mais baixo estão igualmente mais satisfeitos com alguns factores corporais, tais como a sua Condição Atlética, Beleza e Sexualidade. Este resultado contraria o defendido por estudos anteriores que, tendencialmente, não revelam diferenças em termos de estatuto económico (Robinson *et al.*, 1996; Toro *et al.*, 1989; Grogan, 1999). Todavia, o que foi reflectido atrás poderá aplicar-se à satisfação com o corpo, nomeadamente com a tendência para que as classes mais altas valorizem mais a aparência como fonte de valorização pessoal e social, o que poderá não ser tão relevante para as classes mais baixas, manifestando esta menor necessidade de alterar a sua aparência e sentir-se melhor com o corpo. O próprio funcionamento e nível de elaboração cognitivos das pessoas com menos recursos económicos poderá ter um carácter mais holístico, patente numa menor tendência a “compartimentalizar” as áreas de insatisfação pessoal.

Relativamente à **fratria**, os jovens com irmãos sentem-se mais satisfeitos com o corpo em geral do que os filhos únicos. Este facto poder-se-á dever às experiências socializadoras que a convivência e partilha com eles proporcionam. Crescer com outros fomenta uma maior consciência das mudanças corporais e poderá contribuir para que seja mais fácil superar eventuais alvos de insatisfação ligados ao corpo. Apesar dos escassos estudos nesta área mostrarem que os jovens na fase final da adolescência aumentarem a distância em relação aos membros da família em geral (e dos irmãos, em particular), o vínculo emocional mantém-se moderadamente forte ao longo deste período (Cole & Kerns; McHale & Crouter, *cit. in* Scharf, Shulman & Avigad-Spitz,

2005) mostraram, através de um estudo longitudinal, evidências de que a percepção de intimidade com eles, aumenta à medida que a adolescência avança.

No que diz respeito às **relações amorosas**, salientamos o facto dos jovens que namoram há mais de um ano se percepcionarem como mais bonitos do que os que namoram há menos de 12 meses. Este facto poderá revelar que o aumento da proximidade e intimidade relacional possui um efeito importante ao nível da confiança pessoal e estima corporal, provavelmente manifestada através de elogios pelo par amoroso à sua beleza e à menor probabilidade de associar rejeição ou inadequação amorosa a falta de atributos físicos capazes de agradar ao companheiro(a) (Barber & Eccles, 2003).

A satisfação com as partes do corpo associadas à Sexualidade e com o funcionamento/actividade sexual também é maior nos sujeitos que namoram do que naqueles que não estão envolvidos numa relação romântica. Este facto dever-se-á, eventualmente, à inexistência de experiências sexuais recorrentes ou gratificantes. Os estudos empíricos revistos salientam que os contactos de maior intimidade com pares do sexo oposto determinam uma maior proximidade física e, portanto, a exposição do corpo à avaliação do outro (Caufman & Steinberg, 1996), por um lado, e à percepção de apreciação que os parceiros manifestam pela sua aparência (McKinley; O'Dea & Abraham, *cit. in* O'Dea, 2008), por outro.

Relativamente ao **número de R.A. no último ano**, os jovens que tiveram entre 2 a 4 **relações amorosas até à actualidade** são os que estão mais satisfeitos a nível sexual. A existência de algumas relações amorosas significativas poderá proporcionar, assim, uma oportunidade de aprendizagem da intimidade física e de melhoria ao nível da *performance* e aptidões sexuais e relacionais (ver Rostosky, Wilcox, Wright & Randall, 2004)

### **Práticas Parentais**

No que diz respeito ao **sexo**, as práticas educativas baseadas no suporte emocional por parte do pai parecem ser mais aplicadas às raparigas do que aos rapazes. Este dado reflecte o modo como os padrões culturais encaram as necessidades e papéis de género. Tal como verificado noutros estudos (e.g. van Weel *et al.*, 2000), a figura paterna<sup>49</sup>

---

<sup>49</sup> Apesar de os estudos, habitualmente, fazerem referência a ambas as figuras parentais no fornecimento de suporte diferenciado a filhas e filhos, neste estudo, os rapazes e as raparigas não percepcionaram diferenças no modo como as mães os educam.

parece distinguir o modo como educa os filhos de ambos os sexos. No caso das raparigas, parece haver uma particular preocupação em fomentar a expressão de afecto e apoio emocional e relacional, através de práticas mais “orientadas para a relação”. Já os rapazes são habitualmente educados e socializados para terem sucesso, bom desempenho em várias áreas e menor expressão de sentimentos e emoções, sendo que também parece ser verdade que os rapazes tendem a valorizar menos a importância da percepção de suporte emocional no seu ajustamento psicológico (e.g. Prinstein *et al.*, 2005).

Os adolescentes com **idade** até 18 anos perceberam o pai como maior fonte de suporte emocional e a mãe como mais promotora de práticas de controlo do que os mais velhos. Este dado poderá estar associado ao facto da maior parte dos jovens mais velhos estar no ensino superior e, portanto, passarem menos tempo junto dos pais ou até já terem saído da casa dos pais. A figura paterna tende a desvincular-se mais dos filhos do que a mãe quando estes atingem a maioridade, o que poderá espelhar-se na diferença de suporte percebido nesta fase por parte dos progenitores, mas também na diminuição da frequência do recurso a práticas de controlo por parte da figura paterna, a partir do momento em que os filhos ganham mais autonomia. Já a figura materna tende a manter um padrão de suporte emocional e controlo mais alongado no tempo, mesmo que com menor intensidade e frequência (Fingerman, 2000; Aquilino, 1997).

Quando comparados com os não crentes, os jovens que seguem uma **religião** descrevem mais acentuadamente o pai como fonte de suporte emocional e a mãe como figura que recorre a práticas parentais baseadas no controlo (comportamental). Estes resultados revelam a influência da doutrina de tradição judaico-cristã<sup>50</sup> na educação que estas famílias aplicam, baseadas na importância e na responsabilidade da família na formação do carácter, dos valores e dos princípios de vida dos seus descendentes. De acordo com a literatura, a religião deve ser vista sob um ponto de vista ecológico (Perkins, Luster, Villarruel, & Small, 1998) ou como “contexto socializador de referência” (Wallace & Williams, *cit. in* Falbo, Lein & Amador, 2001), contendo tendências para a socialização a individual (e.g., Factores biológicos, cognitivos e emocionais), factores familiares (e.g., comunicação familiar e monitorização parental), influências extra-familiares (e.g., qualidade da comunidade, características de ensino e comportamentos de pares), e macro-influências (e.g., valores culturais e transmitidos

---

<sup>50</sup> Note-se que a esmagadora maioria da nossa amostra que crê numa religião, identifica-se com a religião católica/cristã.

pelos *media*). Possuir determinadas crenças e participai em actividades religiosas públicas ou privadas poderia contribuir para o aumento do nível de auto-eficácia, auto-estima, e valores pró-sociais, reduzindo aspectos negativos como a excessiva influência dos pares na adolescência.

## **Sistemas Comportamentais**

### **Relações com os Pais**

No que diz respeito ao **sexo**, os resultados mostram que os rapazes apresentam padrões de relação mais inseguros (evitantes ou preocupados) com os pais do que as raparigas. Este dado espelha-se no facto destes jovens sentirem menos segurança no vínculo estabelecido com os progenitores, não possuírem formas equilibradas de prestação de apoio emocional e investirem de modo menos adequado na relação com eles (por exemplo, preocupando-se excessivamente ou evitando o contacto). Este resultado poderá espelhar a tendência para que os pais desenvolvam relações com os rapazes adolescentes mais desligadas e menos próximas, transmitindo-lhes uma menor sensação de apoio, atenção e protecção do que às filhas. Uma possível explicação refere-se ao estereótipo associado aos papéis tradicionais, em que a mulher é incentivada a valorizar a proximidade e as relações (Collins & Read, 1990). O homem, por seu turno, é socializado para valorizar a independência e para suprimir ou ocultar as suas emoções e manifestações afectivas. O processo de socialização vigente na nossa sociedade educa as raparigas para que sejam responsivas (tendo por modelo a figura materna) e estando orientadas para construírem uma representação de si mesmas com base na relação que estabelecem com os outros. Consequentemente, verifica-se um maior investimento e empenho nas suas interacções sociais, uma vez que definem o seu *self* e a sua auto-estima num contexto de uma relação (e.g. capacidade de ajudar os outros, de serem próximas deles) em contraste com os rapazes que valorizariam mais a assertividade e necessidade de se demarcarem dos outros. Os rapazes também tendem a distanciar-se mais do apoio dos pais com o avanço da adolescência (Lopez, Campbell & Watkins, 1986), revelando maiores níveis de independência. Porém, devemos destacar que, contrariamente à tendência vigente, no nosso estudo, os rapazes também se vinculam de modo mais preocupado do que as raparigas, sugerindo que, provavelmente, não devemos menosprezar a relevância que o espectro relacional possui no bem-estar dos adolescentes do sexo masculino.

Em suma, os rapazes cresceriam menos orientados para as relações, o que se reflecte na qualidade do vínculo estabelecido com os progenitores, principalmente nesta fase do ciclo de vida em que novas relações significativas poderão tender a estabelecer-se e até a ocupar um papel de primazia no envolvimento relacional dos jovens. Estes resultados enquadram-se, portanto, nos dados fornecidos por outros estudos empíricos. Um estudo com jovens portugueses, por exemplo, mostrou que a vinculação à mãe tende a ser mais preocupada e a vinculação ao pai mais desinvestida, mas neste caso apenas pelos rapazes (Matos, *cit. in* Matos & Costa, 2006). Noutro estudo muito recente, Rocha (*cit. in* Barbosa, 2008) verificou que os rapazes recorrem ao pai para o preenchimento de um maior número de funções de vinculação do que as raparigas. Estes resultados reflectem a realidade portuguesa em que o pai surge como figura com um papel educacional de relevo na vida dos filhos, em particular dos rapazes adolescentes.

O factor **idade** está associado, em particular, ao padrão relacional tendencialmente evitante, patente no facto dos jovens com menos de 18 anos revelarem menor tendência para evitar laços emocionais seguros com os pais. Consideramos que todos os movimentos de autonomia, independência e definição de uma identidade pessoal assumem um carácter particularmente relevante para os jovens que atingem a maioridade e procuram novos rumos para as suas vidas (Chickering; Erikson, 1968; Winston & Miller, *cit. in* Berzonsky & Kuk, 2000).

Neste sentido, este dado não revela (necessariamente) uma ruptura relacional com os progenitores, mas parece evidente a necessidade do jovem abandonar a situação de dependência anterior para explorar o mundo à sua volta, nomeadamente através de vivências proporcionadas por novas relações, da entrada na universidade e da aquisição de novos direitos e deveres que os prepararão para a vida adulta (ver Adams, Bennion, & Huh; Adams, Ryan, Hoffman, Dobson, & Neilsen; Clancy & Dollinger; Marcia; Marcia, Waterman, Matteson, Archer, & Orlofsky; Read, Adams, & Dobson, 1984, *cit. in* Berzonsky & Kuk, 2000).

Este resultado é, portanto, reflexo da renegociação das regras de funcionamento familiar, numa altura em que o jovem aprende a tomar decisões autonomamente (Laufer, 1972). Os estudos mostram que, com o avanço da adolescência, os jovens sentem-se cada vez mais confortáveis com as situações em que estão sozinhos (Marcoen, Goossens, & Claes, 1987), manifestando necessidade de terem momentos solitários como forma de reflexão e elaboração importantes para o seu desenvolvimento, com repercussões positivas na manutenção de uma vida social satisfatória. Em suma,

estar mais “desligado” nesta fase da vida faz parte do processo normativo de separação-identificação com os outros e de construção da identidade.

Nos jovens que se encontram a frequentar o **ensino superior**, encontramos esta também propensão. Todavia, parece que muitos destes jovens também percebem segurança no apoio emocional fornecido pela relação com os pais e menos preocupação no modo como investem nesta relação comparativamente aos estudantes do secundário. Este dado deve-se ao culminar da redefinição de papéis e reintegração do papel das figuras parentais, ocorrida no início da idade adulta. Ademais, a entrada na faculdade exige grande investimento académico e responsabilidade, sendo, pois, importante que os pais fomentem maior autonomia aos filhos (Romo & Falbo; Schiller; Steinberg, *cit. in* Falbo & Lein, 2001; Zani & Cicogliani, 2006). A **religiosidade** presta um contributo interessante na compreensão da relação dos jovens com os pais. Os resultados mostram que os crentes numa religião prestam e recebem mais apoio emocional aos pais, estabelecem elos emocionais de maior qualidade com eles e investem de modo mais equilibrado naquela relação, comparativamente aos não crentes que revelam maior evitamento e distanciamento no contacto e ligação emocional com as figuras paternas. Este dado ilustra as atitudes e ideais religiosos baseados em valores e crenças relativamente à família que apelam para a coesão e entreajuda dos membros da comunidade, em geral, e da família, em particular. A religião influencia a forma como o indivíduo se comporta através de mecanismos de suporte e controlo social, interagem com múltiplos contextos sociais onde o jovem se insere. Apesar da complexidade destes modelos ecológicos, os estudos mostram que a religiosidade tem um papel nas relações de afiliação e participação sociais (Johnston, Bachman, & O’Malley; Gallup & Bezilla; Wilcox, Rostosky, Randall, & Comer Wright, *cit. in* Rostosky, Wilcox, Wright & Randall, 2004). Porém, a literatura mostra também que as mudanças nas atitudes, crenças e comportamentos religiosos ao longo do desenvolvimento podem reflectir as mudanças sociais, emocionais e cognitivas ao longo da adolescência (Steinberg, 1999), o que se pode traduzir num processo de individualização e formação de identidade baseada nas ideologias religiosas (Hoge & Petrillo, 1978; Potvin & Lee, 1982) e na busca de um sistema de valores que reflecta os seus próprios ideais (Steinberg, 1999, p. 299).

No que diz respeito às **relações amorosas**, os jovens que namoram percebem maior apoio emocional na relação com os pais do que os que não têm uma relação

amorosa na actualidade. Este resultado aponta para a continuidade e complementaridade do papel de ambos os relacionamentos e para o facto das figuras paternas poderem ser vistas como um recurso e uma fonte de apoio útil para prestar auxílio e cuidados à medida que as experiências relacionais evoluem e novas dificuldades com elas associadas também (Coleman & Hendry, 1990; Roscoe, Diana, & Brooks, 1987). No que concerne à **duração da relação amorosa actual**, são os jovens que namoram há mais de um ano que mais investem na relação com os pais, o que revela uma maior disponibilidade para se dedicarem e se envolverem mais adequadamente noutras relações, à medida que o namoro se consolida e se equilibra (Richards, Crowe, Larson, & Swarr, 1998).

Os adolescentes que, no **último ano**, não tiveram nenhuma relação amorosa, mantêm padrões relacionais mais seguros aos pais, percebendo o vínculo com eles como mais seguro, apoiando-os mais e investindo na relação com eles de modo mais intenso. Estes adolescentes continuam apegados a estas figuras primordiais sem que existam outros focos relacionais que exijam desligamento (temporário) face às mesmas, o que já não sucede com os adolescentes que tiveram mais de uma relação nos últimos 12 meses que se percebem menos vinculados aos pais e investem menos na relação com as figuras parentais (Freeman & Newland, 2002).

### **Relações de Amizade**

Vejamos de modo as variáveis sócio-demográficas influenciam os padrões relacionais mantidos com os amigos mais próximos.

No que se refere ao **sexo**, e em consonância com a revisão bibliográfica (Belensky, Clinchy, Goldberger & Tarule, 1986), os resultados mostram que as raparigas têm vinculações mais seguras aos melhores amigos (as), prestando-lhes maior apoio emocional do que os rapazes. Comparativamente a elas, os rapazes salientam-se por evitarem mais os contactos baseados no apoio emocional e a investirem menos nas relações de amizade mais próximas ou a fazerem-nos de modo ansioso. Estes resultados parecem confirmar o contributo da socialização a que os rapazes são sujeitos ao longo da sua vida, mais orientada para a assertividade (Kroger, 2007). Tal como no caso das relações familiares, existe uma tendência para a menor partilha de sentimentos e procura de apoio e conforto por parte dos amigos. Possíveis implicações destas experiências de afiliação, poderão ser a dificuldade em comunicar acerca de temas significativos e maior isolamento social ou manutenção de relações menos ajustadas em termos de

investimento e apoio prestado e recebido. Por seu turno, também é importante reflectir acerca das medidas que avaliam o modo como os rapazes se relacionam com os outros, nomeadamente com os amigos, tendo em conta que a maior parte dos instrumentos analisa aspectos orientados para a relação e faz sobressair a importância da expressão e do contacto emocional, o que poderá indiciar padrões mais evitantes quando, na verdade, não estamos a perceber a óptica correcta que, realmente, revele a verdadeira qualidade e génese das relações estabelecidas pelos jovens do sexo masculino. Estes resultados vêm chamar atenção para a importância e escassez de estudos acerca das diferenças de género em termos de vivência, percepção e valorização das relações de amizade na adolescência que poderão repercutir-se no ajustamento sócio-emocional dos jovens.

Relativamente à **idade**, os jovens com menos de 18 anos mostram-se mais vinculados aos amigos do que os mais velhos que, por sua vez evitam mais o estabelecimento de elos emocionais com os mesmos. Este resultado é revelador da natureza dinâmica das relações ao longo do ciclo de vida, com os amigos a deterem menos peso na satisfação de necessidades (e.g., de afiliação, apoio, confiança e suporte) do que tinham nas primeiras fases da adolescência. À medida que a idade avança, eles ganham cada vez mais um carácter de complementaridade e igualdade para o jovem mas perdem o papel crucial que tinham anteriormente, dando espaço para que o jovem, autonomamente, construa a sua identidade pessoal com base nas experiências e aprendizagens adquiridas ao longo do processo de desenvolvimento.

Por sua vez o **nível de escolaridade** mostra que os jovens universitários prestam maior apoio emocional do que os que frequentam o secundário. Este resultado poderá estar associado às mudanças e adaptações que esta fase requer (e.g. mudar de cidade, entrarem em cursos diferentes, estabelecerem novos contactos e relações, investirem mais tempo e energia nas relações) e no facto de se sentirem mais confiantes e maduros para prestar suporte emocional e saudável aos amigos, sem depender tanto daquele que eles lhe disponibilizam. Congruentemente com este facto, parece haver uma progressiva diminuição da dedicação e investimento excessivos nas relações de amizade, muito típicos de fases anteriores da adolescência. Assim, tal como previsto na literatura, os pares começam a diminuir a centralidade e primazia que detinham anteriormente à medida que o jovem se aproxima da idade adulta, integrando este tipo de relação como contexto de intimidade e proximidade importante, mas não exclusivo, na construção da sua identidade e bem-estar psicológico.

A **religiosidade** possui efeitos relevantes na vivência das relações de amizade nesta fase de vida. Em comparação com os jovens crentes, os que não crêem e não seguem os preceitos associados a uma religião manifestam maior afastamento emocional em relação aos seus amigos, estando menos disponíveis não só para lhe fornecer apoio e auxílio, como também para investir equilibradamente nestas relações. Os crentes revelam vínculos mais seguros aos amigos próximos e dedicam mais energia a estas relações afiliativas do que os não crentes. Estes dados comprovam a valorização da prestação de suporte aos outros enquanto virtude humana e como requisito para se ser, por exemplo, “um bom cristão”, princípios muito fomentados pelos grupos de jovens que pertencem à Igreja<sup>51</sup>.

A **duração do namoro** daqueles que namoram também está relacionada com o apoio emocional evitante aos amigos. Deste modo, os jovens que namoram há menos de um ano parecem estar mais distanciados dos amigos e dedicar menos apoio aos mesmos, uma vez que estão envolvidos na construção desta relação de intimidade. Esta tendência faz sentido na medida em que as relações de namoro exigem habitualmente grande investimento, apoio emocional e atenção por parte do jovem até que se consolidem, por um lado, e a importância do parceiro amoroso para o bem-estar e estima relacional aumenta nesta fase de vida, por outro.

### **Relações Amorosas**

Os resultados relativamente ao sexo dos sujeitos revelam que as raparigas estabelecem padrões relacionais geralmente mais seguros nas relações de namoro do que os rapazes. As raparigas estabelecem vínculos emocionais de maior qualidade com os namorados, apoiando-os emocionalmente e investindo equilibradamente no namoro. Comparativamente ao **sexo** feminino, o masculino apresenta, especificamente, uma maior propensão para evitar relações baseadas na confiança, sente-se mais desconfortável em ter de prestar apoio à companheira e investe menos na relação ou fá-lo de modo excessivo e preocupado. A intimidade física é também mais insegura e lúdica, isto é, desprovida de partilha de afecto ou percebida como meio de obter prazer pessoal relativamente às raparigas, respectivamente.

Paralelamente ao que assistimos no caso das relações com os pais e com os amigos mais próximos, os rapazes apresentam padrões relacionais mais inseguros,

---

<sup>51</sup> Note-se que apesar de termos identificado mais do que uma religião, a esmagadora maioria dos jovens identifica-se com religiões (ou ordens religiosas) de influência judaico-cristã.

sugerindo que poderá existir uma tendência para a reprodução dos estilos relacionais ao longo do ciclo de vida e através das diferentes relações formadas quer no contexto familiar, quer fora dele. Uma vez mais, salientamos a tendência para apresentarem uma menor expressão afectiva e, eventualmente, a “instrumentalização” das relações com vista à obtenção de determinados propósitos pessoais (e.g., a sexualidade é mais encarada de forma lúdica, como meio de divertimento e prazer individuais, para os rapazes do que para as raparigas). Estes padrões de relação são fruto, em grande parte, de práticas educativas menos orientadas para a relação e mais para a obtenção de valor pessoal a partir do que a relação lhes poder fornecer.

Os adolescentes com **mais de 18 anos** tendem a evitar estabelecer vínculos de maior qualidade com os pares românticos. Apesar de, nesta fase, os namorados começarem a ganhar importância, poderá também ser verdade que os jovens não se sentem ainda preparados e disponíveis para estabelecer relações de compromisso e de grande intimidade com os pares românticos, estando mais focados no seu processo de autonomia e formação de identidade que, provavelmente, ajudará a criar as bases de um relacionamento seguro ao par amoroso.

Os jovens que se encontram a frequentar o **ensino secundário**, por sua vez, dedicam mais do seu tempo a apoiar emocionalmente os namorados, do que os universitários que prestam menor suporte aos companheiros. Este dados são congruentes com a faixa etária e fase de “moratória” em que se encontram neste período de vida (ver Adams, Bennion, & Huh; Adams, Ryan, Hoffman, Dobson, & Neilsen; Berzonsky; Clancy & Dollinger; Marcia; Marcia, Waterman, Matteson, Archer, & Orlofsky; Read, Adams, & Dobson, *cit. in* Berzonsky & Kuk, 2000). Todavia, os jovens do secundário manifestam maior dificuldade em investir eficazmente na relação de namoro (evitando ou preocupando-se demasiado com a dedicação ao namoro), nomeadamente ao nível da intimidade física, associada a evitamento ou preocupação excessiva com a proximidade, compromisso, e desconforto na manifestação de sentimentos e percepção do outro como pouco envolvido. Este facto parece estar associado à inexperiência e reduzida falta de maturidade que a vivência de uma relação de intimidade e partilha exige, o que se vai esbatendo à medida que os jovens evoluem em termos de vivências relacionais, nomeadamente a nível amoroso. Este dado é comprovado pelos resultados dos jovens universitários que se sentem mais confortáveis na partilha de afecto e com a qualidade das suas relações sexuais com os namorados.

No que toca ao **estatuto sócio-económico**, destaca-se a tendência para que os jovens de estatuto mais elevado se sintam mais seguros nas suas relações amorosas do que os restantes de níveis sócio-económicos inferiores, descrevendo a sua relação como próxima, apoiante e de confiança. Embora não existam resultados na literatura (por nós conhecidos) relativamente ao efeito destas variáveis, podemos especular que estes jovens sentem que têm mais recursos, disponibilidade e confiança para se envolverem em relacionamentos de namoro, sensação que poderá estar mais atenuada nos restantes jovens que sentem possuir menos requisitos para investir eficazmente na relação de namoro por estarem mais focados noutros aspectos como a auto-suficiência e a independência económica. Por seu turno, os jovens de N.S.E. mais baixo envolvem-se menos emocionalmente nas suas actividades sexuais com os parceiros do que os de nível mais elevado, encarando a sexualidade como meio de divertimento e obtenção de prazer físico. Este dado parece estar de acordo com o que são os padrões culturais e as prioridades de vida destes jovens que poderão não requerer e valorizar tanto os sentimentos, dando primazia a outros aspectos como a aparência física ou o fornecimento de recursos/oportunidades que promovam uma estabilidade futura. Tal como sucedeu nas relações de amizade e parentais, também as relações de namoro parecem ser influenciadas pela **religião**. Deste modo, os jovens crentes investem de modo mais seguro nos seus namoros, ao contrário dos não crentes que evitam vincular-se e apoiar de modo consistente os parceiros amorosos. Estes apresentam também uma perspectiva mais lúdica da sexualidade com os parceiros do que os crentes. Para além das explicações apontadas anteriormente, também é importante salientar a relevância dada, nesta cultura religiosa, quer à monogamia, quer à continuidade, investimento e compromisso na relação de casal, o que poderá fomentar nos jovens um maior desejo de investir e despende tempo e energia a fomentar a intimidade, o companheirismo e a partilha de sentimentos entre os membros do casal.

No que concerne à **fratria**, os adolescentes que têm irmãos mostram-se significativamente mais vinculados de modo seguro e equilibrado na relação que mantêm com os namorados, prestando-lhes maior apoio emocional e vivenciando a intimidade física mais adequadamente do que os jovens que os filhos únicos. Este resultado interessante poderá ter diversas explicações, meramente especulativas. Por exemplo, o facto da interacção com os irmãos fornecer um contexto de aprendizagens de competências sociais (e.g., resistência à frustração, saber lidar com a crítica, distribuição da responsabilidade, deveres e afectos, entreaajuda) e partilha de

experiências (e.g., informação e testemunhos das suas próprias relações) promotoras e vantajosas para a capacidade de vivenciar namoros saudáveis nesta fase do ciclo de vida (ver Scharf, Shulman & Avigad-Spitz, 2005).

Por sua vez, os jovens que não têm uma **relação de namoro** apresentam uma percepção da sexualidade mais lúdica do que os jovens que mantêm um relacionamento amoroso, o que faz sentido na medida em que estes encontros sexuais possuem menores graus de compromisso, envolvimento pessoal e intimidade partilhada. Os jovens que namoram referem-se mais confiantes e vinculados aos pares amorosos do que aqueles que tiveram uma relação amorosa recentemente. Este resultado parece evidente pelo facto de estes últimos se estarem a referir a relações terminadas e recentes, com um eventual impacto negativo na percepção que mantêm das mesmas.

No que concerne à **duração do namoro**, os adolescentes que namoram há menos de um ano estão mais preocupados com a natureza e qualidade do vínculo estabelecido com os pares românticos, evitam mais prestar apoio emocional aos mesmos, investem exageradamente nos namoros e partilham uma intimidade íntima mais insegura do que os jovens com relações que duram há mais de 12 meses. Esta evidência reflecte a natureza dinâmica e co-construída das relações amorosas, uma vez que necessita de mais tempo, investimento e dedicação para que os alicerces da intimidade segura sejam cimentados por parte de ambos os membros da díade.

Os jovens que tiveram apenas uma **relação amorosa no decorrer do último ano**, mostram-se mais apoiantes em relação aos namorados do que aqueles que tiveram mais de um namoro. Este dado dever-se-á ao facto de terem tido oportunidade de estabelecer uma relação mais baseada na confiança e suporte emocional, assim como menos experiências amorosas eventualmente negativas em relação aos que tiveram várias relações amorosas. Os jovens que não tiveram nenhum envolvimento amoroso no último ano parecem evitar estabelecer um elo emocional e uma relação de compromisso e de intimidade com pares amorosos, percebendo a sexualidade como uma fonte de divertimento e prazer físico. Possíveis explicações para estes resultados poderão ser a existência de experiências marcantes associadas a afecto negativo no passado, o receio ou dificuldade em envolver-se em relações de namoro saudáveis ou a existência de outras formas de relacionamento menos baseadas na partilha, afecto e reciprocidade.

Por último, os jovens que tiveram entre duas e quatro **R.A. até à actualidade** mostram-se mais confiantes na qualidade do vínculo aos namorados, o que remete para

a importância que podem ter algumas experiências significativas anteriores para a satisfação na relação de namoro actual.

## **2. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS RELATIVOS À ASSOCIAÇÃO ENTRE AS PRINCIPAIS VARIÁVEIS EM ESTUDO**

Procuramos, sequencialmente, analisar e discutir os resultados que procuraram dar resposta as principais questões de investigação deste estudo.

### **Padrões de relação**

Como prevê a teoria dos sistemas comportamentais, os jovens procuram satisfazer necessidades de vinculação, apoio emocional e investimento na relação com os pais e com os pares, embora a forma como estes aspectos se organizam possam diferir de acordo com o tipo de relação em particular (e.g., Furman, & Buhrmester, 1985; Furman & Giberson, 1995). Com base neste pressuposto, confirmámos a existência de estilos de relação seguros com os pais. Deste modo, quanto mais seguro o estilo de vinculação aos progenitores, maior o conforto na prestação de apoio emocional aos pais e mais saudável o modo de investir neste tipo de relação (e vice-versa). As representações seguras estão associadas à percepção de si próprios como merecedores de afecto e confiança, e dos outros como fontes de suporte e apoio estável e duradouro (Furman & Simon, 2006). Por sua vez, os sistemas de vinculação, apoio e investimento mostraram-se interdependentes e complementares, isto é, quanto mais segura a vinculação aos pais, menor o evitamento no fornecimento de suporte e investimento neste tipo de relação e menor a preocupação no modo como os sujeitos se dedicam a estes entes próximos. Por sua vez, se a vinculação é insegura, os sujeitos tendem a oscilar entre em maior distanciamento em relação aos pais e a preocupação excessiva em perder o apoio e a atenção dos outros.

Os mesmos padrões de relação foram encontrados nas relações com os amigos e com os namorados, o que parece comprovar que os jovens estabelecem representações acerca das relações de intimidade e proximidade que guiam o seu comportamento, orientam as suas expectativas face aos outros e moldam a percepção de si mesmo e do outro no contexto relacional.

De acordo com a abordagem teórica que subjaz a este trabalho, as experiências precoces formadas na díade pais-filhos estão na base da formação de representações cognitivo-afectivas do nível de proximidade e qualidade emocional que caracterizam as ligações íntimas (Bretherton & Munholland, *cit. in* Overbeek, Stattin, Vermulst, Ha, & Engels, 2007). Estas representações incluem visões acerca do *self* e dos outros, e expectativas de interações específicas, esperando-se que sejam moderadamente estáveis ao longo do tempo. Estruturando estas percepções e interpretações de “novas” experiências (sociais), estas representações mantêm um valor crucial no ajustamento sócio-emocional do indivíduo após a infância.

### **Relações com os Pais e com os Pares**

Os resultados da associação entre vinculação aos pais e aos pares revelaram que a vinculação segura se encontra relacionada de modo significativo com os estilos relacionais (vinculação, apoio emocional e investimento) seguros aos pares (amigos e namorados). Tal como revelou a revisão bibliográfica (ver Capítulo II, ponto 3), parece haver uma congruência na forma como os adolescentes se relacionam com as figuras parentais e com os pares mais próximos. Deste modo, quando os jovens estabelecem vínculos de confiança e suporte emocional aos pais, é menos provável que estabeleçam vinculações evitantes e preocupadas aos pares e vice-versa. Por sua vez, estilos inseguros (evitantes e preocupados) de vinculação, apoio e investimento aos pais, tendem a estar menos relacionados com vinculações de tipo seguro aos amigos e namorados neste período do ciclo de vida e mais com estilos relacionais preocupado e evitante. Assim, numa fase em que o adolescente se movimenta entre a procura de uma identidade pessoal/individualização e a necessidade de estabelecer bases seguras de relacionamento aos outros (Youniss & Smollar, 1985), os pais continuam a ser as “bases seguras” de referência, não sugerindo uma diminuição do seu contributo para o bem-estar relacional dos adolescentes na passagem para a idade adulta (Allen & Land, 1999). Tal como noutros estudos, o suporte emocional e a qualidade do elo emocional aos pais parece facilitar o processo de autonomia e crescimento, ao mesmo tempo que serve de base segura, a partir da qual os jovens poderão desenvolver auto e hetero-percepções mais positivas (e.g. Lapsey, Rice, & Fitzgerald; Matos, Barbosa, Almeida, & Costa, *cit. in* Matos & Costa, 2006) e promover relações saudáveis com os pares (Bretherton & Munholland, 1999).

Os amigos também constituem um contexto de sentido para o *self*, permitindo concluir que as relações extra-familiares servem muitas das funções que eram exclusivas da família durante a infância (Collins & Laursen, 2004). Os amigos poderão ajudar o adolescente a adaptar-se às novas tarefas desenvolvimentais ao permitir a partilha de sentimentos e pensamentos com quem está a viver experiências semelhantes e auto-clarificar-se. Trata-se, portanto, de uma construção conjunta de representações e significações. Neste sentido, dado a sua relevância e significação, as relações de amizade começam a adquirir novos contornos com o avanço da adolescência e a poderem funcionar como relações de vinculação. Estas relações íntimas e voluntárias proporcionam experiências interpessoais importantes para a formação de modelos para outros relacionamentos afiliativos futuros (Connolly, Furman & Konarski, *cit. in* Connolly, McIsaac, Goldberg, Pepler & Craig, 2007). Estas relações poderão também permitir o equilíbrio entre os sistemas de afiliação e de vinculação uma vez que podem estar ambos envolvidos nestes relacionamentos (Mikuliner & Selinger, 2001; Weiss, *cit. in* Mayselless, 2003). Por sua vez, a amizade pode desempenhar funções de vinculação numa fase em que o jovem tende a transferir a atenção dos pais para dos amigos mais próximos (Fraley & Davis, 1997). Os melhores amigos poderão, assim, servir de base de apoio e segurança importante, enquanto satisfazem necessidades de afiliação (e.g. formação de alianças, companheirismo, partilha de interesses, estimulação) (Mikuliner & Florian, 1996). Ao ter novas oportunidades de experienciar novas relações, o jovem poderá, ainda, reavaliar as relações precoces (estabelecidas de modo inseguro), permitindo um processo de mudança nos modelos internos dinâmicos (Soares & Campos, 1988).

### **Padrões de relação com os pais e Auto-estima/Estima corporal**

Quando analisamos os resultados, compreendemos que existem factores específicos na relação com os pais que se associam a maior ou menor percepção de **auto-estima** nos adolescentes e jovens adultos. Deste modo, concluímos que existem dimensões particulares, e não necessariamente o estilo relacional como um todo, que representam factores de risco e protectores no modo como os jovens avaliam o seu valor pessoal em geral. Como podemos verificar, as dimensões que mais se associam a uma menor auto-estima são: (1) a vinculação preocupada aos pais, (2) o apoio emocional evitante, (3) o investimento preocupado, e (4) o investimento evitante na relação com as figuras parentais. Assim, se o jovem estabelece uma vinculação baseada na dependência

dos pais, preocupando-se demasiado com eles e com o seu apoio e/ou investisse nesta relação de forma excessiva, compromete-se o seu sentido de valor, formando uma ideia de si mesmo como alguém pouco autónomo, incapaz e pouco merecedor de apoio por parte dos outros. Paralelamente, o facto do jovem sentir desconforto ou desagrado perante a necessidade de empatizar e apoiar os pais e/ou perceber a relação com os pais como algo eventualmente pouco importante que não requer esforço e investimento poderá igualmente estar associado a dificuldades interpessoais e até a conflitos com os pais, com impacto na visão que formulou de si e dos outros. Esta associação pode também ser compreendida no sentido inverso, na medida em que quanto mais baixa auto-estima o adolescente tiver, maior a tendência para se sentir incapaz de desenvolver relações saudáveis com as figuras parentais.

Por sua vez, o *investimento seguro* na relação com os pais parece um factor fortemente associado à auto-estima dos adolescentes. Desta forma, quanto maior a tendência para o jovem valorizar e contribuir positivamente para a manutenção da ligação emocional aos pais, mais se auto-percepciona como alguém com valor e estima. Este resultado salienta o investimento na relação com os pais como um factor protector da auto-estima, na medida em que permite a construção de um contexto adequado à promoção do ajustamento psicológico na adolescência.

Em suma, estes resultados vêm de encontro ao revelado por diversos estudos que mostram que uma relação emocional de suporte mantido com os pais, facilita o processo de autonomização e permite uma base segura a partir da qual o jovem vai desenvolver sentimentos positivos acerca dele próprio e da sua capacidade de ser responsivo e independente (Lapsey, Rice, & Fitzgerald, 1990; Soares & Campos, 1988).

Quando analisamos a associação entre as **dimensões corporais** e os factores relacionais que caracterizam a relação com os pais, encontrámos as seguintes relações:

1. O *estilo de relação seguro* aos pais relaciona-se com a satisfação dos jovens com a sua *condição atlética* e com a sua *beleza* física, sendo esta última afectada negativamente por *padrões de preocupação* sentidos na vinculação e investimento aos pais;
2. A satisfação com aspectos ligados à *elegância* corporal está relacionada com a *vinculação segura* aos pais;
3. A satisfação com a *sexualidade* e partes do corpo com ela associados, relaciona-se com o *apoio emocional* presente na relação com os progenitores;

4. A *satisfação com o corpo* em geral está relacionada negativamente com padrões de *apoio emocional* baseados na preocupação e no evitamento.

Com base nestas evidências, mais do que analisar detalhadamente a natureza de cada uma destas associações, faz-nos sentido concluir que o modo como os pais educam e se relacionam com os filhos, assim como o seu papel de “modelos” (onde os filhos se baseiam para formular representações de si mesmo e do mundo), poderão contribuir para uma visão do seu corpo mais ou menos saudável. Sabendo que, em particular na adolescência, a estima corporal desempenha um papel fundamental para a estima global do sujeito, parece importante compreender quais os factores que contribuem para que o jovem se sinta satisfeito com o seu corpo, percebido como uma forma visível do seu valor enquanto ser humano. Assim, as relações em que os pais procuram que os filhos se valorizem a si próprios e se sintam amados e apreciados, contribuirão para que os filhos desenvolvam uma visão mais positiva de si e dos outros, nomeadamente no que concerne à imagem corporal sentida e transmita (Offer, Ostrov, Howard, & Dolan, 1992).

### **Padrões de relação com pares e Estima pessoal**

Analisemos de que forma os pares contribuem para a percepção que os jovens de si próprio e do seu corpo. Os resultados demonstram que os factores que mais se associam a uma melhor auto-estima são os seguintes:

(1) *Vinculação segura aos pares (amigos e namorados) e investimento seguros aos amigos*: Tal como revimos na literatura (Capítulo II), a qualidade da relação com os pares e a menor preocupação com a manutenção deste tipo de relação, potenciam e estão relacionados com uma visão de si mesmos como dignos de valor e estima por parte dos outros, o que contribui como facto importante para uma melhor auto-estima na adolescência. Porém, o recíproco também é verdade, uma vez que o desenvolvimento de uma imagem corporal e auto-estima pode impedir ou condicionar o desenvolvimento de aptidões interpessoais e de relações positivas com outros rapazes e raparigas nesta fase (Dacey & Kenny, 1994);

(2) *Baixos níveis de investimento preocupado e evitante*: este resultado poderá dever-se ao facto destas dimensões poderem estar associadas a crenças auto-referentes associadas à visão de si próprio como dependente, inferior, defeituoso, menos digno de sentimentos de afiliação ou incapaz de se incluir em grupos e estabelecer relações de amizade ajustadas (e.g., Harter, 2000). Além disso, as experiências negativas ocorridas

no contexto com os pares (e.g., vitimização, falta de suporte, humilhação, rejeição) (Harter, 1999) poderão afectar o modo como o jovem percepção os outros, considerando-os diferentes (e.g., superiores, poderosos, bem-sucedidos), conduzindo a interacções mais baseadas no evitamento do contacto com eles ou no receio de não serem aceites ou adequarem-se devidamente ao grupo.

Por sua vez, as relações com os pares estão associadas à satisfação com diversas dimensões corporais da seguinte forma:

(1) A *satisfação com o corpo* em geral está associada ao *apoio emocional seguro* aos namorados e parece ser afectada por padrões de vinculação *preocupados aos pares e evitantes aos namorados*, nomeadamente pela manutenção de padrões inseguros de intimidade física com os pares românticos; (2) A insatisfação com a *elegância* está relacionada *padrões preocupados* de vinculação e de apoio emocional na relação com os pares (amigos e namorados); (3) A satisfação com a *beleza* está relacionada com a *vinculação segura* aos amigos e *investimento seguro* no namoro, ao mesmo tempo que parece estar comprometida nas relações baseadas num *vínculo e investimento preocupados* na relação com os pares, em geral; (4) A satisfação com a *condição atlética* está associada com a *vinculação segura* aos amigos mais próximos; (5) A satisfação com a *sexualidade* está relacionada com a vivência de uma *intimidade lúdica* com os pares amorosos.

Estes resultados revelam a importância que as relações interpessoais detêm na valorização de si próprio e do seu corpo, como veículo da representação que o jovem formula de si. Tal como aponta a literatura, no contexto das normas e valores sócio-culturais, o *feedback* social em relação ao jovem e à sua aparência na adolescência tem um impacto importante na formação da imagem corporal (Davidson & McCabe, 2006), sendo que o recíproco também pode suceder. Deste modo, relações inseguras com os pares que promovam contextos propensos a vivências negativas (e.g., críticas e humilhação, comparação social, modelamento, actividade sexual desprovida de afecto), tenderão a repercutir-se na construção de uma imagem negativa de si próprio (Bartholomew & Horowitz, 1991), inclusive do seu corpo (Tantleff-Dunn & Gokee, *cit. in* Fletcher & Latner, 2007), através da formação de crenças como: “*O meu aspecto afecta o meu valor no mundo*” ou “*A minha aparência é inaceitável, logo eu também o sou*” (e.g., Cash, Theriault, & Annis, 2004). Por sua vez, a satisfação corporal também afectará o modo como os outros percebem e interagem com o jovem, quer pela inibição e sentimentos de inadequação sociais daí resultantes, quer pelo facto das

peessoas menos atraentes serem, muitas vezes, avaliadas de modo negativo pelos pares em geral (Berscheid, Dion, Walster, & Walster, 1971; Langlois & Stephan, 1981). Por seu turno, alguns factores protectores poderão diminuir a insatisfação com a imagem que os adolescentes têm de si mesmo, tais como a percepção de apoio e o investimento adequados no namoro, assim como a qualidade do laço emocional aos amigos. Salientamos ainda a satisfação com a sexualidade (e caracteres sexuais corporais) que revelaram os sujeitos envolvidos em formas de intimidade mais baseada no divertimento/prazer e menos no afecto. Este dado poderá ser reflexo do facto destes jovens poderem não estar tão preocupados com a imagem que transmitem de si próprios aos parceiros amorosos, uma vez que a intimidade é percebida mais como um modo de obter vantagens pessoais do que de partilha de experiências emocionais e de compromisso com o outro.

Em resumo, esta informação remete-nos para a importância que o envolvimento em relações de intimidade positivas, no final da adolescência, desempenha para uma percepção igualmente mais positiva de si próprio e do corpo.

### **Padrões relacionais com os pais e Práticas parentais**

Os padrões relacionais seguros baseados no estabelecimento de relações de vinculação equilibradas e no apoio emocional e investimento adequados estão associados a práticas educativas centradas no suporte emocional. O contrário também se verificou, isto é, quanto mais insegurança (através de estilos preocupado e evitantes) os jovens percebem na qualidade do vínculo, apoio e investimento na relação com os pais, menor a tendência para considerar as práticas parentais de suporte emocional. Note-se que esta tendência foi revelada em relação à percepção de suporte emocional por parte de ambas as figuras parentais e não isoladamente<sup>52</sup>, denotando a importância de ambos neste processo educativo e afectivo, assim como a eventual tendência para a complementaridade e congruência na forma como os pais educam os filhos.

Sendo o suporte emocional uma constelação de práticas e atitudes parentais que fomentam a individualidade, a auto-regulação e auto-afirmação, através do fornecimento de suporte, atenção e preenchimento das necessidades dos filhos

---

<sup>52</sup> A única excepção foi termos verificado que apenas o suporte paterno está inversamente associado com a vinculação preocupada aos pais. Este resultado manifesta a valorização e necessidade de perceberem o pai como fonte de suporte e, eventualmente, poderá estar ligado a uma maior necessidade de proximidade com a mãe, muitas vezes associada com estilos de vinculação mais preocupados.

(Baumrind, 1991a), os pais que transmitem esta atmosfera psicológica no contacto com os filhos estão a promover a autonomia e a interdependência. Esta competência é considerada fundamental para a formação de modelos internos seguros em relação aos progenitores. No mesmo sentido, ao promover a autonomia, monitorizando a estabelecendo limites ajustados à idade, os pais estão a adoptar um estilo parental mais sensitivo e responsivo, característica inerente à vinculação segura que serve de base à procura de independência do jovem no final da adolescência (Karavasalis, 2003). Tal como revisto na literatura (e.g., Kobak & Sceery, 1988), os adolescentes com estilos evitantes tendem a perceber a família como menos apoiante e menos capaz de fornecer suporte e amor, o que também foi evidenciado pelo padrão de relação preocupado, o que poderá estar associado à representação que têm dos outros como alguém indisponível e que não fornece a atenção e aceitação adequadas às suas necessidades.

Por sua vez, verificou-se igualmente que os jovens associam o controlo (comportamental) por parte da mãe a menor evitamento no vínculo entre pais e filhos. Sendo o controlo aqui entendido como as imposições que os pais fazem aos filhos para que estes se integrem no sistema familiar através de exigências de maturidade, supervisão, disciplina e confronto com a desobediência (Baumrind, 1991b os jovens consideram este controlo materno como garante de uma relação de proximidade e de menor distanciamento com as figuras parentais. Parece-nos, portanto, que o controlo e supervisão maternos são perspectivados como elementos importantes de demonstração de afecto e de prestação de cuidados.

Curiosamente, não se verificaram relações significativas entre padrões interpessoais e práticas parentais baseadas no controlo/rejeição paternos e no controlo materno (com a devida excepção anteriormente mencionada). No entanto, é importante compreender este tipo de práticas na fase de desenvolvimento em que estes jovens se encontram. Em plena caminhada para a sua autonomia (e.g., alguns já nem vivem com os pais) e com uma identidade em formação, as práticas educacionais baseadas na disciplina e exigências são agora menos relevantes para o modo como o jovem de comporta e vê o mundo. Como tal, podemos concluir que, mais importante do que continuar a educar os filhos com base em exigências e controlo, o papel dos pais, nesta fase, será mais o de manter um elo emocional seguro que sirva de base à continuação do processo de crescimento e independência dos jovens adultos.

### **Padrões de relação aos Pares e práticas parentais**

Os resultados do nosso estudo revelam que as práticas educativas baseadas no suporte emocional por parte dos pais estão relacionadas com o estilo relacional seguro aos *amigos mais próximos*, entendendo-os como mais apoiantes, confiáveis e investindo de forma saudável neste tipo de relacionamento de afiliação. Como mostram os estudos, o estilo autoritativo, associado primordialmente a práticas de suporte e responsividade, está associados a relações de maior qualidade com os pares (Brown, Mounts, Lamborn, & Steinberg, 1993; Fuligni & Eccles, 1993; Slicker, 1998) e comportamentos mais pró-sociais (Baumrind, 1991a; Avenevoli, Sessa e Steiberg, 1999).

Por outro lado, quando a mãe é percebida como pouco apoiante, os filhos manifestam uma vinculação mais evitante aos amigos, o que nos remete para o contributo negativo que a falta de suporte, atenção e dedicação por parte da mãe pode ter na vida social do adolescente e vice-versa, promovendo a percepção de que os outros não são necessários para o preenchimento das necessidades pessoais, conduzindo, eventualmente, ao evitamento de aproximação emocional aos amigos. Por conseguinte, ambas as figuras parentais manifestam um papel importante na percepção de apoio emocional e investimento com os amigos, uma vez que se ambos não recorrerem a práticas de suporte e regras adequadas, poderão fomentar comportamentos evitantes face aos outros, manifestados em baixos níveis de envolvimento, atenção e vivências de intimidade com os pares ou num investimento excessivamente preocupado com os mesmos. A aplicação de práticas educativas escassamente baseadas no suporte emocional e afectividade por parte da figura paterna manifesta ainda uma associação com a vivência de relações de amizade ansiosas e preocupadas. Uma possível explicação poderá ser o facto de muitos pais recorrerem a práticas e padrões educativos que impedem a individualização, auto-regulação e auto-afirmação, fomentando a dependência e sentimentos de incapacidade pessoal.

No caso das *relações de namoro*, a vinculação e investimento aos pares amorosos parece ser, maioritariamente, influenciada pela percepção de práticas de suporte por parte do pai e não tanto da mãe. Deste modo, quando o pai é visto como agente educativo afectuoso, atento e colaborante, a probabilidade de os jovens estabelecerem relações de intimidade seguros com os namorados é maior, investindo de modo adequado neste tipo de relacionamento. O contrário também se verifica, isto é, nos casos em que o pai não preenche estas necessidades, os jovens tendem a estabelecer ligações

emocionais mais inseguras (evitantes ou preocupadas) com os pares românticos, mostrando-se mais indisponíveis para se dedicarem às mesmas ou investindo demasiada energia nelas. Este dado pode ser indicador que a representação que se tem do pai e do seu papel, num cultura onde o homem ainda é visto como fomentador das principais práticas educativas dos filhos, influencia a forma como o jovem se percebe a si mesmo mas também aos outros entes mais íntimos. Note-se que nos casos em que as práticas são de rejeição e controlo por parte do pai (através, por exemplo, de práticas coercivas, intrusivas, de controlo emocional, de indução de culpabilidade), existe uma maior tendência para os jovens apoiarem preocupadamente aos namorados. Este resultado mostra que entender o pai como rejeitante e controlador compromete a capacidade para viver os afectos de forma equilibrada e recíproca, gerando o medo de perder ou não ter atenção suficiente por parte do par amoroso.

O suporte de ambos os pais está associado a melhores níveis de apoio emocional na relação amorosa e, quando ele não está garantido, há tendência para que os jovens evitem apoiar emocionalmente os pares românticos e mantenham formas de intimidade física insegura (evitando o compromisso e partilha de afectos ou requerendo demasiada atenção e procurando agradar ao parceiro). Este resultado dever-se-á, provavelmente, à tendência para repetir o padrão relacional parental, através de distanciamento ou de envolvimento inadequado em relações de intimidade e proximidade adquiridas nesta fase do ciclo de vida.

### **Práticas Parentais e Índices de Bem-Estar**

A percepção de suporte emocional nas práticas educativas levada a cabo pelo pai, tal como influência com a vivência das relações com os pares, também presta um contributo importante para compreender o modo como o jovem se auto-percepciona<sup>53</sup>. Como revela a literatura, a aceitação, a aprovação e o suporte estão positivamente relacionados com a auto-estima (Buri, *cit. in* Buri, 1991). Deste modo, a figura paterna apoiante parece desempenhar um papel fulcral para a visão que o adolescente formulou e continua a construir em relação a si próprio, aos outros e ao mundo. Assim, se o pai for fonte de apoio, aceitação, confiança e disciplina coerente, os jovens tendem a valorizar mais o seu valor pessoal, em geral, e o seu corpo em particular. Podemos conjecturar que, tal como refere a literatura, atitudes parentais baseadas no criticismo,

---

<sup>53</sup> A satisfação com a Sexualidade e atributos sexuais foi a única condição não relacionada

na humilhação, na comparação social, no modelamento negativo afectam a forma como a imagem corporal é formada e percebida (McKinley, 1999; Rives & Cash, 1996). Enquanto promotor educativo esta figura continua a ter um relevo saliente na educação dos filhos e na estrutura e papéis familiares, tradicionalmente, patriarcal. Na actualidade, assistimos, também, à tendência para que o pai participe mais activamente na vida dos filhos, o que está associado ao aumento das responsabilidades laborais das mulheres, exigindo uma maior partilha de funções pelo casal. Este maior envolvimento doméstico e familiar pode repercutir-se numa maior expressão afectiva na educação dos filhos e colaboração em diversas tarefas. Julgamos fazer sentido investigar melhor estas mudanças nas práticas parentais, no elo emocional e nas dinâmicas familiares em geral. Não obstante, a mãe também revela um papel importante na compreensão da satisfação corporal, nomeadamente com a condição atlética, o que nos permite concluir que a relação pais-filhos na adolescência influencia o bem-estar adolescente e poderá predizer o mesmo na idade adulta (Aquilino & Supple, 2001).

### **Entre Pares: Relações com Amigos e Namorados**

Os resultados mostram que manter um estilo de relação seguro com os amigos mais próximos se associa a formas igualmente mais seguras dos jovens se envolverem com os pares românticos. O contrário também parece ocorrer, isto é, quanto menos seguro o padrão aos amigos, maior a tendência para os adolescentes se relacionarem de modo inseguro (evitante e preocupado) com os namorados e vice-versa.

Tendo em conta que existem semelhanças, relativamente à qualidade e características, entre as relações de amizade e de namoro na adolescência, as representações cognitivas deverão igualmente estar relacionadas (Bouchey & Furman, 2001; Furman, 1999; Furman & Wehner, 1994, 1997). Deste modo, os amigos poderão ter um contributo relevante no desenvolvimento das relações amorosas na adolescência, uma vez que, tal como revisto na literatura, existe uma associação entre os estilos relacionais de amizade e os encontrados nas relações amorosas (Collins, 2003; Furman, Simon, Schaffer, & Bouchey, 2002), o que poderá significar que existem paralelismos nos modelos de representação de ambos os tipos de relação. De igual modo, tal como indicam alguns estudos (e.g., Bouchey & Furman, 2001; Furman & Wehner, 1994), no final da adolescência, a associação entre representações das amizades e dos namoros são mais consistentes do que as reveladas pela relação pais-namorados. Ademais, a procura de relações de intimidade e, eventualmente, de vinculação pode manifestar-se em

comportamentos semelhantes desenvolvidos quer com os amigos pais próximos, quer com os pares amorosos (Collins & Laursen, 2004). Neste âmbito, várias investigações têm mostrado que a qualidade do apoio e da relação com os amigos e as percepções de apoio nas relações amorosas estão associadas positivamente entre si (Buhrmester & Furman, 1987; Connolly & Johnson, 1996).

Em resumo, os nossos resultados confirmam que não são só as relações com os pais que contribuem para o desenvolvimento das relações românticas na adolescência mas também as relações com os pares (Buhrmester & Furman, 1987; Furman & Simon, 1998; Hazan & Shaver, 1994; Miller, 1990; Rocha, *cit. in* Barbosa, 2008; Seiffge-Krenke, 2000).

### **Amizade como mediador**

Os resultados revelam que o padrão de relação com os amigos medeia a qualidade do vínculo entre pais e pares amorosos.

As amizades surgiram não só associadas a cada um destes tipos de relação, como manifestaram o efeito fundamental para explicar a associação entre a qualidade da vinculação pais-namorados quando presente. Podemos especular que as experiências proporcionadas pelas relações com os pais influenciam as expectativas nas relações de pares, surgindo, assim, como tronco comum às vivências do namoro e das amizades. Porém, parece importante a realização de estudos longitudinais com vista a compreender melhor o modo como esta associação se processa em termos da forma como o jovem estrutura e organiza os seus padrões de relação de modo dinâmico e específico.

Por conseguinte, a visão que se estabelece dos amigos potencia as representações estabelecidas na relação com os pais que, por sua vez, tendem a ser mantidas nas relações amorosas. Tal como prevê a teoria dos sistemas comportamentais (Furman, 1999; Furman & Wehner, 1994), as amizades parecem desempenhar um papel sobreposto mas distinto dos pais e dos namorados, à medida que a idade adulta se aproxima. Deste modo, em comparação com a infância, as relações de amizade tornam-se menos distantes e mais íntimas na adolescência, podendo satisfazer necessidades afiliativas e preparar os adolescentes para as relações com os pares amorosos (Collins & Laursen, 2004).

## **CONCLUSÃO**

O contexto social do adolescente representa uma área crucial para o seu bem-estar e ajustamento sócio-afectivo. Com este estudo pretende-se contribuir para o enriquecimento do conhecimento sobre o bem-estar individual e relacional na adolescência. Constituem objectivos gerais: (1) compreender o modo como as práticas parentais e as representações estabelecidas na relação com os progenitores se associam a padrões interpessoais em domínios distintos, como no contexto das relações de amizade e de namoro na fase final da adolescência; (2) investigar a associação entre variáveis relacionais familiares e sociais - práticas parentais, vinculação, apoio emocional e investimento aos pais, amigos e namorados -, e variáveis individuais – auto-estima e satisfação corporal; (3) analisar a influência de variáveis sócio-demográficas nas variáveis em análise; (4) compreender as semelhanças e diferenças entre os estilos de relação estabelecidos entre os diferentes sistemas interpessoais.

Como pudemos verificar, é possível mostrar a existência de padrões relacionais que, através de representações de si, dos outros e do mundo, podem contribuir para que o jovem tenha percepções, interpretações, expectativas, sentimentos e comportamentos mais seguros, isto é, perspectivando-se como alguém digno de receber e capaz de dar amor, apoio, prestar e ser alvo cuidados nas relações que estabelece ao longo do seu percurso de vida. Estes padrões são consistentes não só dentro de cada sistema interpessoal, ou seja, na forma como o jovem se movimenta e age no contexto de uma relação específica (familiar ou extra-familiar), como também entre os diferentes domínios relacionais. Deste modo, existe uma tendência para que sejam adoptados determinados estilos relacionais (seguros ou inseguros) que, apesar de se manifestarem de diferentes modos consoante a natureza do relacionamento, tendem a ser vigentes e transversais à maior parte das relações de proximidade e intimidade.

Como tal, pudemos constatar que, tal como descreve um vasto campo de literatura, as relações com os pais, amigos e pares românticos podem procurar satisfazer funções e necessidades diferentes em determinados momentos do desenvolvimento mas, no fundo, estão sobrepostas e complementam-se entre si. Apesar de se registar uma tendência para, nas primeiras fases da adolescência, os diferentes domínios relacionais apresentarem características e funções distintas, o nosso estudo, em consonância com a revisão dos estudos empíricos realizada, mostra que as relações significativas do jovem a caminho da idade adulta se inter-relacionam com o avanço no desenvolvimento, criando inter-influências importantes, quer na estruturação de experiências passadas,

quer na organização e expectativas das experiências futuras. Deste modo, o adolescente a dar passos para a vida adulta, manifesta alguma propensão para se distanciar ligeiramente dos outros com o intuito de “ter o seu espaço” para construir uma nova identidade e tornar-se um ser autónomo. Todavia, os que estão entre os mais próximos não perdem importância e podem colaborar activamente neste processo. Os pais, por exemplo, poderão manter práticas educativas baseadas no suporte emocional, aceitação e responsividade através da disponibilização dos seus cuidados e apoio. Curiosamente, as práticas de suporte por parte dos pais manifestam-se mais ligadas às relações amorosas do que às amizades, permitindo-nos reflectir sobre o impacto que o modo positivo como os filhos foram e continuam a ser educados influencia a qualidade da relação com o par romântico. Note-se que, por exemplo, as práticas de rejeição e controlo por parte do pai ou de baixo suporte emocional, estão associadas a formas mais ansiosas de os jovens se relacionarem com os namorados. Neste contexto, ambas as figuras terão um papel de relevo para que o jovem se sinta bem consigo mesmo e com os outros, embora os resultados apontem para o impacto particularmente importante que o suporte emocional por parte da figura paterna possui neste sentido. De mãos dadas com as práticas educativas, e sem que seja possível separá-los e analisá-los isoladamente, estão os laços afectivos, o apoio emocional e demonstração de carinho e confiança. Os pais, ao fornecer uma base segura para a exploração do mundo social, estarão a contribuir para que os jovens construam relações de pares assentes no preenchimento de (outras) funções de vinculação, como as necessidades de afiliação, formação de alianças, estimulação e conhecimento, companheirismo e partilha de interesses e perspectivas. Assim, os amigos mais próximos preencherão também funções do sistema de vinculação, uma vez que os melhores amigos podem representar figuras de apoio e segurança de relevo no bem-estar psicossocial do adolescente. No entanto, a importância dos restantes pares não é menor, uma vez que permitem ao jovem manter o seu papel na socialização de papéis e afiliação nesta fase. À medida que as relações amorosas emergem deste contexto, os adolescentes começam a aprender não só a expressar e a receber afecto, como também as (des)vantagens associadas à manutenção de relacionamentos de intimidade e de compromisso. Estas relações distinguem-se das anteriores no sentido em que, ao preencher diferentes necessidades dos adolescentes, vão subindo na “hierarquia” das figuras significativas do seu contexto relacional no final da adolescência. As relações amorosas assumem um lugar preponderante na vida do jovem, à medida que a idade aumenta e a figura amorosa

preenche as suas necessidades de vinculação, sexuais e de prestação de cuidados. O contexto amoroso pode constituir um contexto propício à revisão e à transformação das representações construídas anteriormente, possibilitando “novas” oportunidades do jovem reestruturar e melhorar o modo como se relaciona com os outros e como se olha a si mesmo. Numa altura em que as relações ganham relevo e o suporte emocional parental é tão importante, os amigos parecem “facilitar” e potenciar a relação entre pais e pares amorosos, moderando esta associação. Quando a qualidade das relações de amizade é menor, parece haver tendência para um maior investimento na qualidade dos vínculos parentais e amorosos como forma de compensação de necessidades de afiliação.. oEste resultado remete-nos para natureza dinâmica e holística do mundo emocional e social do adolescente que, nesta fase, se dedica essencialmente a construir novas relações significativas para o futuro, com base nos alicerces familiares, mas sem perder de vista os amigos que, mantendo “por perto” o seu afecto, contribuem para um melhor bem-estar relacional entre estes sub-sistemas.

Por sua vez, as variáveis relacionais e educativas (vinculação, apoio, investimento, práticas parentais) manifestaram uma relação significativa com os índices de bem-estar individual neste estudo (auto-estima e estima corporal). Assim, podemos concluir que, de um modo geral, a percepção de qualidade no vínculo, no suporte emocional, na prestação de cuidados e no investimento influenciam - e são influenciados - quer a/pela satisfação dos jovens com o seu corpo, quer o/pelo seu sentido de valorização pessoal global. Ainda que todos os domínios relacionais tenham apresentado este efeito mútuo, esta relação parece ser particularmente verdade quando a relação com os pais não cumpre estas necessidades de modo satisfatório (isto é, nos padrões evitantes e preocupados), afectando estes índices de bem-estar. A mesma tendência é manifestada pela relação com os amigos, com a vinculação e o apoio emocional seguros a associar-se significativamente à auto-estima e variáveis corporal. A relação com os pares amorosos permite compreender, principalmente, a satisfação com o corpo e com a sexualidade, o que faz sentido, uma vez que os jovens estão numa fase de descoberta e integração destas (novas) experiências amorosas, onde assume particular relevo a importância da aparência, da exposição corporal e do desempenho e vivências sexuais para o bem-estar do adolescente.

Por último, salientamos apenas a importância de compreender estes temas com base nas variáveis sócio-demográficas que nos ajudam a compreender melhor o modo como as variáveis individuais e relacionais deste estudo se comportam em função de

determinadas condições. Não se pretende abordar exaustivamente cada uma, mas salientar o papel de algumas como: o sexo (o sexo masculino está associado a padrões relacionais mais inseguros, a menor percepção de suporte parental e a melhor satisfação corporal comparativamente às raparigas); a idade e nível de escolaridade (os mais novos e a frequentar o ensino secundário estabelecem ligações mais intensas com as figuras significativas mas revelam menores aptidões interpessoais e capacidade para se relacionarem de modo mais equilibrado e autónomo do que os mais velhos e a frequentar o ensino superior); o N.S.E. (os sujeitos de nível mais baixo estão mais satisfeitos com o seu corpo e estima global); a religiosidade (crer num religião está associado a práticas parentais de suporte e a padrões mais seguros do que o contrário), a duração do namoro (nas primeira fase é mais inseguro e torna o jovem menos disponível para se dedicar a outras relações, equilibrando-se este processo ao longo do tempo) e o número de relações amorosas anteriores (ajudam a dar consistência às experiências amorosas seguintes mas vão “distanciando” o jovem de contextos familiares e de amizade, à medida que estas experiências se tornam mais frequentes e numerosas).

Em conclusão, o presente trabalho permitiu fornecer elementos que ajudam a um maior conhecimento, quer na compreensão de como os diferentes domínios relacionais influenciam a resolução de certas tarefas normativas psicológicas do jovem adulto, quer na análise do modo como as práticas educativas e os padrões relacionais construídos afectam e são afectados pela visão e estima pessoal em geral e, corporal, em particular, contributos fundamentais para o seu bem-estar psicológico. Nesta linha se, por um lado, os resultados da investigação contribuíram para apoiar (ou não) a validade das teorias em que nos baseámos, por outro lado, são também essas teorias que ajudaram a interpretar e dar significado aos resultados da investigação.

### **Reconhecendo limitações e olhando o futuro...**

Para abordar o tema das relações de proximidade na adolescência, procurámos recorrer à “lente” da perspectiva sistémica e desenvolvimentista em psicologia. Consequentemente, orientámos a nossa conceptualização para o modo como o indivíduo evolui, se move e (re)estrutura ao longo do processo de desenvolvimento e perante as tarefas com as quais se vai confrontando e enfrentando. Este é um processo dinâmico, multideterminado e, acima de tudo, determinado pelos múltiplos contextos onde o indivíduo se insere. Assumindo por base as teorias evolutivas da vinculação, não pretendemos de algum negligenciar outras perspectivas neste e em outros domínios. A nossa orientação teórica não é, portanto, fechada a outras perspectivas (e.g. cognitivas, sócio-cognitivas, dinâmicas, , etc.).

Um contributo que considerámos relevante foi o facto de procurarmos, precisamente, compreender de que modo o jovem se perspectiva neste universo “multi-sistémico”, onde certas figuras emergem como fundamentais para o modo como se experiencia esta fase do ciclo de vida. Porém, sabemos que cada indivíduo perspectiva o mundo sob o seu próprio ponto de vista, com todas as possíveis implicações (e distorções) que daí possam advir. Como tal, seria interessante reproduzir e complementar o desenho deste estudo com o recurso a diferentes informadores. Ademais, o testemunho dos pais, amigos, pares amorosos ou outras figuras significativas permitiria consolidar, questionar e complementar a informação recolhida neste e na maior parte dos estudos empíricos na área que recorrem, em grande parte, apenas à informação fornecida por um respondente.

Deste modo, estamos cientes de que não foram estudados nesta investigação factores importantes (genéticos, psicológicos e culturais), bem como o papel de outras figuras para além dos pais, melhores amigos e namorados (e.g., irmãos, professores, colegas).

Tratando-se de um estudo centrado numa parte específica de desenvolvimento (fase tardia da adolescência), perdemos a noção do “todo” em que estes processos se inserem. Deste modo, seria importante realizar estudos longitudinais e comparativos com grupos de outras faixas etárias, com vista a compreender melhor a forma como o desenvolvimento social ocorre e se transforma. As conclusões do nosso trabalho empírico indicam que não existem fronteiras estanques entre os vários domínios do desenvolvimento psicossocial na adolescência e início da idade adulta. Porém, o modo como operam as influências mútuas necessita de maior aprofundamento em

investigações ulteriores. Adicionalmente, a selecção de uma amostra “de conveniência”, conduziu a que a aleatoriedade decorrente possibilidade de generalização dos resultados não possa ser garantida e que esteja desequilibrada em termos das suas características (e.g., maior número de raparigas e estudantes universitários maioritariamente do curso de psicologia).

A opção por realizar um estudo não experimental, transversal e quantitativo, deveu-se a restrições de ordem temporal e, até mesmo, à própria natureza do objecto de estudo. Ao utilizarmos um desenho correlacional, sabemos que existem imediatamente várias limitações associadas, nomeadamente: (a) as variáveis podem apresentar correlações débeis, comprometendo a relevância científica do estudo que se limita a sugerir outras formas mais rigorosas de pesquisa; (b) a simplicidade do modelo da investigação correlacional clássica oculta a riqueza dos pormenores que não são tidos em conta; (c) problemas na significância estatística, uma vez que, perante um grande número de casos, não são necessários coeficientes de correlação elevados para que esta se produza; (d) a correlação não estabelece relações de causalidade e não permite um controlo rigoroso das variáveis estranhas como acontece na investigação experimental, pelo que os resultados terão sempre um valor relativo. Em consequência, seria importante complementar estes resultados com informação adicional, recorrendo, por exemplo, a metodologias qualitativas (e.g., entrevistas) que fornecessem mais detalhes acerca das representações e significações dos temas abordados neste estudo. Relativamente aos procedimentos estatísticos, consideramos que seria interessante levar a cabo análises de clusters dos padrões relacionais e das práticas parentais de modo a poder compreender melhor como se configuram as variáveis analisadas, permitindo também a comparação de grupos distintos.

Relativamente aos instrumentos, salienta-se o facto de o *Questionário de Sistemas Comportamentais* estar, ainda, em processo de validação, nos Estados Unidos, não existindo, até ao momento, dados definitivos acerca das suas características psicométricas de referência. Por outro lado, o *EMBU-A* pareceu-nos mais direccionado para práticas parentais vigentes em fases mais precoces da adolescência, como práticas de controlo, superprotecção e punição, o não parece tão ajustado à nossa população-alvo que se encontra numa fase vital em que as práticas parentais não só alteram as suas características, como o respectivo impacto no modo como o jovem se comporta. No mesmo sentido, os resultados da *Escala de Auto-Estima* chegam a valores demasiado holísticos, não fornecendo informação detalhada sobre os domínios em que a estima

está comprometida e impedindo analisar as flutuações existentes no sentido de valor pessoal do indivíduo.

A dimensão da amostra também limitou a realização de algumas comparações com vista a compreender o efeito das variáveis demográficas em destaque. A este propósito, os resultados sugerem relações interessantes entre estas e os padrões relacionais, estima e práticas parentais, o que poderia ser alvo de estudos mais aprofundados (e.g., o nível sócioeconómico, a fratria, o nível de escolaridade, a religião).

Mais do que fornecer respostas, este trabalho poderá ter servido para procurar e explorar novas questões e linhas de investigação dedicada a estes temas.

### **Implicações dos resultados encontrados...**

As conclusões deste estudo têm implicações, por exemplo, para a prática clínica. No aconselhamento ou acompanhamento psicológico dos jovens, é necessário ter em conta a importância do bem-estar psicológico dos adolescentes e das problemáticas ligadas à superação das tarefas desenvolvimentais deste período (e.g., emancipação da tutela parental, a capacidade de estabelecer relações amorosas, a construção da autonomia, a consolidação da auto-estima, a manutenção de relações satisfatórias com os amigos), que o presente trabalho veio salientar.

Por outro lado, é importante estar atento o condicionamento que certos contextos podem ter no bem-estar pessoal e relacional nesta fase, e que podem ter um profundo impacto no bem-estar durante a idade adulta (e.g., a presença de psicopatologia, os contextos familiares conflituosos ou problemáticos, o impacto de certas experiências negativas vividas no contexto social).

Os resultados do estudo também apontam para o facto dos contextos relacionais negativos estarem negativamente associados com a auto-estima e com a percepção de satisfação corporal, comprometendo, eventualmente, a formação de uma identidade equilibrada e estruturada, com todas as consequências que daí possam advir.

Parece-nos viável que os programas de intervenção e prevenção, assim como as políticas que promovam a saúde mental dos adolescentes, considerem a importância de integrar os diferentes níveis relacionais que envolvem o jovem, os laços e as práticas parentais, e variáveis individuais promotoras de bem-estar (como a auto-estima e as vivências associadas ao corpo) nos seus objectivos e pressupostos. De modo geral, a intervenção preventiva deve focar-se no fomento de práticas e estilos parentais mais

adequados, assim como informação e adaptação dos educadores acerca dos jovens e da importância e “multi-inter-impacto” dos diferentes domínios relacionais no seu bem-estar.

Espera-se que este trabalho tenha contribuído com informação que ajude a colmatar a brecha existente entre a psicologia desenvolvimentista e a prática (clínica, escolar, comunitária) e desperte novas “curiosidades” empíricas. Foi nosso intuito auxiliar e perspectivar, no contexto português, uma melhor compreensão do papel das relações significativas na última fase da adolescência, fomentar novas questões de investigação e eventuais intervenções psicológicas que já se fazem actualmente ou inspirar as que ainda não existem com vista à promoção do desenvolvimento. Assim, o maior conhecimento sobre o modo como decorre resolução das tarefas normativas da adolescência, tendo em conta as práticas educativas parentais e as relações de maior intimidade/proximidade (e a ligação entre todas estas variáveis entre si), e a sua influência no bem-estar psicológico e relacional do adolescente, poderá habilitar os conselheiros e técnicos que lidam com os jovens a intervir preventivamente nas áreas mais provavelmente associadas com a inadequada adaptação pessoal.

Em suma, a mensagem mais importante que pretendemos sublinhar é que a qualidade das relações com os pais e com os pares, assim como as práticas parentais de suporte emocional são peças-chave na promoção do bem-estar psicossocial do adolescente, alertando para as eventuais consequências positivas (ou negativas) que delas advenham ao longo do ciclo de vida. Mais do que identificar factores de risco para o mal-estar psicológico e relacional, pretendemos compreender o modo como crescimento, desenvolvimento social e adaptação se interligam num processo de sinergias dinâmico e multi-contextual que mais não é do que uma parte, natural e necessária, da vida de cada um de nós. Afinal, todos (ou quase todos) já passámos e passaremos pela experiência de ser filho, de ser adolescente, de ser amigo, de ser namorado(a) e (eventualmente) pai.

Nas palavras de Maria Emília Costa (1998, p. 10), concluímos o que quisemos que fosse a mensagem deste trabalho:

*“Os pais sentem que estão a perder os filhos, porque estes preferem agora a companhia dos amigos, mas os filhos, por sua vez, querem partir com o sentimento de que a família é o seu refúgio, a sua segurança. Os pais querem o melhor para os filhos. Contudo, porque não há certezas, não há modelos, porque o que foi melhor para o seu filho mais velho já não o é para o mais novo, porque as atitudes que funcionaram numa época já não se mostram adequadas noutra, vivem numa constante inquietação, procurando descobrir, em cada momento, a forma correcta de exercer as suas funções parentais. Os filhos, por sua vez, querem que, como por um golpe de magia, os pais se adaptem, em cada momento, aos seus desejos, que os compreendam, não entendendo que crescer é, também, aprender a lidar com as contrariedades... E é neste encontro de divergências e vivências que pais e filhos continuam a amar-se e a procurar o melhor e mais curto caminho para a resolução deste problema sem nome, com o sentimento constante de estarem ainda muito longe de sítio nenhum... Este caminho, para o adolescente, é, frequentemente, o do amor, a procura de alguém fora da família que o ame; e mesmo que esta procura possa ter atalhos diferentes e ser mais tortuosa para uns do que para outros, o objectivo, ainda que incógnito, é o mesmo: amar e ser amado.”*

Sendo a família o berço do e de amor, novos trilhos se vão formando à medida que outras teias de afectos se ligam e interligam num emaranhado tão frustrante de explicar e estudar, como mágico, desafiante e belo de se viver. Foi com intuito de partilhar a curiosidade pelo (com) amor que este trabalho foi concebido e realizado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abell, S.C., & Richards, M.H. (1996). The relationship between body shape satisfaction and the self-esteem: An investigation of gender and class differences. *Journal of Youth and Adolescence*, 25, 691-703.
- Aboud, F.E., & Mendelson, M.J. (1996). Determinants of friendship selection and quality: Developmental perspectives. In W.M. Bukowski, A.F. Newcomb, & W.W. Hartup (Eds.), *The company they keep* (pp. 87—112). NY: Cambridge University Press.
- Adelson, J., & Doehrman, M.J. (1980). The psychodynamics approach to adolescence. In J. Adelson (Ed.), *Handbook of adolescent psychology* (pp. 99-116). New York: John Wiley & Sons.
- Adler, P.A., & Adler, L. (1998). *Peer power: Preadolescent culture and identity*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press.
- Ainsworth, M.D.S. (1982). Attachment: Retrospect and prospect. In C.M. Parkes & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behavior* (pp. 3-30). New York: Basic Books.
- Ainsworth, M.D.S. (1985). Attachments across the life span. *Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 61, 792-812..
- Ainsworth, M.D.S., (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.
- Ainsworth, M.D.S. (1991). Attachments and other affectional bonds across the life cycle. In: C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (eds.), *Attachment across the life cycle* (pp.33-51). New York: Routledge.
- Ainsworth, M.D.S. (1994). Attachment and other affectional bonds across the life cycle. In C.M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P.Marris (Eds), *Attachment across the life-cycle* (pp.32-51). London: Tavistock/Routledge.
- Ainsworth, M.D.S., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Albert, B., Brown, S., & Flanigan, C.B. (2003), *14 and Younger: The Sexual Behavior of Young Adolescents* (Summary), Washington, DC: National Campaign to Prevent Teen Pregnancy, pp. 5-6.
- Alexandrov, E, Cowan, P. & Cowan, C.P. (2005). Couple attachment and the quality of marital relationships: Method and concept in the validation of the new couple attachment interview and coding system. *Attachment & Human Development*, 7(2), pp. 123-152.

- Allen, J. P. & Land, D (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory and research* (pp. 319- 335). New York: Guilford Press.
- Allen, J. P., Hauser, S. T (1996). Autonomy and relatedness in adolescent-family interactions as predictors of young adults' states of mind regarding attachment. *Development and Psychopathology*, 3, 793-809.
- Allen, J., Hauser, S. T., Bell, K., & O'Connor, T. (1994). Longitudinal assessment of autonomy and relatedness in adolescent-family interactions as predictors of adolescent ego development and self-esteem. *Child Development*, 65, 179-194.
- Allen, J. P., Hauser, S. T., Eikholt, C., Bell, K. L., & O'Connor, T. G. (1994). Autonomy and relatedness in family interactions as predictors of expressions of negative adolescent affect. *Child Development*, 65, 179-194.
- Allen, J. P., Moore, C. M., Kuperminc, G. P., & Bell, K. L (1998). Attachment and adolescent psychosocial functioning. *Child Development*, 69, 1406-1419.
- Alsaker, F. (1989). School achievement, perceived competence and global self-esteem. *School Psychology International*, 10, 147-158.
- Alsaker, F. (1992). Pubertal timing overweight and psychological adjustment. *Journal of Early Adolescence*, 2, 396-419.
- Alsaker, F., & Flamer, A. (2006). Pubertal maturation. In S.J. Jackson & L. Goossens (Eds), *Handbook of adolescent development* (pp. 30-50). New York: Psychology Press.
- Alsaker, F. & Kruger, J. (2006). Self-concept, self-esteem and identity. In S.J. Jackson & L. Goossens (Eds), *Handbook of adolescent development* (pp. 90-110). New York: Psychology Press.
- Alsaker, F. & Olweus, D. (1993). Global self-evaluations and perceived instability of self in early adolescence: A cohort longitudinal study. *Scandinavian Journal of Psychology*, 34, 47-63.
- Aquilino, W. (1997). From adolescent to young adult: A prospective study of parent-child relations during the transition to adulthood. *Journal of Marriage & the Family*, 59, 670-686.
- Aquilino, W., & Supple, A. (2001). Long-term effects of parenting practices during adolescence on well-being outcomes in young adulthood. *Journal of Family Issues*, 22, 289-308.
- Armsden, G. (1986). *Attachment to parents and peers in late adolescence: Relationship to affective status, self-esteem, and coping with loss, threat, and challenge*. (Doctoral Dissertation, University of Washington, 1986.) *Dissertations Abstracts International*, 47(4-B), 1751-1752).

- Armsden, G., & Greenberg, M. (1987). The Inventory of Parent and Peer Attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, *16*, 427-454.
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, *55*, 469-480.
- Arnett, J.J. (2004). *Emerging Adulthood: The Winding Road from the Late Teens Through the Twenties*. New York. New York: Oxford: Oxford University Press.
- Aro, H., & Taipale, V. (1987). The impact of timing of puberty on psychosomatic symptoms among fourteen to sixteen-year-old Finnish girls. *Child Development*, *58*, 261-268.
- Attie, I., & Brooks Gunn, (1989). Development of eating problems in adolescent girls: A longitudinal study. *Developmental Psychology*, *25*, 70-79.
- Avenevoli, S., Sessa, F. M., & Steinberg, L. (1999). Family structure, parenting practices, and adolescent adjustment: An ecological examination. In E. M. Hetherington (Ed.), *Coping with divorce, single parenting, and remarriage* (pp. 65 – 90). Mahway, New Jersey:
- Azmitia, M., Kamprath, N., & Linnet, J. (1998). Intimacy and conflict: On the dynamics of boys' and girls' friendships during middle childhood and adolescence. In L. Meyer, M. Grenot-Scheyer, B. Harry., H. Park, & I. Schwartz (Eds.) *Understanding the Social Lives of Children and Youth*. Baltimore, MD: P.H.: Brookes Publishing.
- Bandura, A. (2000). Social Cognitive Theory: An Agentic Perspective. *Annual Review of Psychology*, *52*, 1-26.
- Barber, B. K. (1994). Cultural, family, and personal contexts of parent-adolescent conflict. *Journal of Marriage and the Family*, *56*, 375-386.
- Barber, B. K. (1996). Parental psychological control: Revisiting a neglected construct. *Child Development*, *67*(6), 3296-3319.
- Barber, B.K. (2002). Reintroducing parental psychological control. In B.K. Barber (Ed.), *Intrusive parenting: How psychological control affects children and adolescents* (pp. 3-13). Washington D.C.: American Psychological Association.
- Barber, B.K., Olsen, J.E., & Shagle, S. (1994). Associations between parental psychobiological control and behavioral control and youth internalized and externalized behaviors. *Child Development*, *65*, 1120-1136.
- Barbosa, M.R. (2001). *A vinculação aos pais e a imagem corporal de adolescentes e jovens adultos*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

- Barbosa, M.R. (2008). *Contextos relacionais de desenvolvimento e vivência corporal*. Dissertação de Doutorado. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7, 147-178.
- Bartholomew, K. & Horowitz, L. (1991). Attachment Styles Among Young Adults: A Test of a Four-Category Model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226-244.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph*, 4, 1-103.
- Bastiani, A.M., Rao, R., Weltzin, T., & Kaye, W. (1995). Perfectionism in anorexia nervosa. *International Journal of Eating Disorders*, 17, 147-152.
- Baumrind, D. (1973). The development of instrumental competence through socialization. In A. Pick (Ed.), *Minnesota symposia on child psychology*, 7, 3-46. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Baumrind, D. (1983). Rejoinder to Lewis' reinterpretation of parental firm control effects: Are authoritative families really harmonious? *Psychological Bulletin*, 94(1), 132-142.
- Baumrind, D. (1991a). Parenting styles and adolescent development. In J. Brooks-Gunn, R. Lerner & A.C. Petersen (Eds.), *The encyclopedia on adolescence* (pp. 746-758). New York: Garland.
- Baumrind, D. (1991b). The influence of parenting style on adolescent competence and substance abuse. *Journal of Early Adolescence*, 11(1), 56-95.
- Belensky, M. F., Clinchy, B.M., Goldberger, N. R., & Tarule, J. M. (1986). *Women's ways of knowing*. New York: Basic Books.
- Belsky, J. (1999). Interactional and contextual determinants of attachment security. In Cassidy, J. & Shaver, P. (Eds.). *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 249-264). London: The Guildford Press.
- Belsky, J., & Fearon, R.M. (2004). Exploring marriage-parenting typologies, their contextual antecedents and developmental sequelae. *Development and Psychopathology*, 16, 501-524.
- Benoit, D., & Parker, K. (1994). Stability and transmission of attachment across three generations. *Child Development*, 65, 1444-1456.
- Benson, P.L., Mannes, M., Pittman, K., & Ferber, T. (2004). Youth developmental assets, and public policy. In R. M. Lerner, & L. Steinberg (Eds.), *Handbook of adolescent development* (pp.781-814), Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.

- Beren, S.E. & Chrisler, J.C. (1990). Gender role, need of approval, childishness, and self-esteem: markers of disordered eating. *Research on Adolescence*, 2, 187-204.
- Berndt, T. J. (1981). Age changes and changes over time in prosocial intentions and behavior between friends. *Developmental Psychology*, 17(4), 408-416.
- Berndt, T.J. (1982) The features and effects of friendship in early adolescence. *Child Development*, 53, 1447-1460.
- Berndt, T.J. (1988). *Early adolescents' adaptation to the social world of junior high school*. Paper presented at the Society for Research in Adolescence, Alexandria, VA.
- Berndt, T. J. (1996). Exploring the effects of friendship quality on social development. In W. M. Bukowski, A. F. Newcomb, & W. W. Hartup (Eds.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence*. UK: Cambridge University Press.
- Berndt, T. J. (1998). Friendship and friends' influence in adolescence. *Current Directions in Psychological Science*, 1, 156-159.
- Berndt, T. J. & Perry, T.B. (1986) Children's perceptions of friendships as supportive relationships. *Developmental Psychology*, 22(5), 640-648.
- Berscheid, E., Snyder, M., & Omoto, A. M. (1989). The relationship closeness inventory: Assessing the closeness of interpersonal relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, 792-807.
- Berzonsky, M. D., & Kuk, L. S. (2000). Identity status, identity processing style, and the transition to university. *Journal of Adolescent Research*, 15, 81-98.
- Bigelow, B. J. & LaGaipa, J. J. (1980). The development of friendship values and choice. In H.C. Foot & A. J. Chapman (Eds.), *Friendship and social relations in children* (pp. 15-44). New Brunswick, NJ: Transaction Publishers.
- Birnbaum, G. E. (2007). Beyond the borders of reality: Attachment orientations, sexual functioning, and relationship satisfaction in a community sample of women. *Journal of Social and Personal Relationships*, 24, 21-35.
- Bizarro, L. (1999). *O bem-estar psicológico durante a adolescência*. Dissertação de doutoramento. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Bizarro, L. (2001). O bem-estar psicológico de adolescentes com insuficiência renal crónica. *Psicologia, Saúde & Doença*, 2 (2), 55-67.

- Blos, P. (1968), Character formation in adolescence. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 23:245-263. New York: International Universities Press.
- Black, A. & Baumrind, D. (1967). Socialization practices associated with dimensions of competence in preschool boys and girls. *Child Development*, 38, 291-327.
- Blyth, D., & Traeger, C. (1988). Adolescent self-esteem and perceived relationships with parents and peers. In S. Salzinger, J. Antrobus, & M. Hammer (Eds.), *Social networks of children, adolescents, and college students* (pp. 171-194). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Blyth, D. (1982). Mapping the social world of adolescents: Issues, techniques, and problems. In F. Serafica (Ed.), *Social cognitive development in context* (pp. 240-272) New York: Guilford Press.
- Blos, P. (1979). *The adolescent passage*. New York: International Universities Press.
- Bogaert, A. F., & Sadava, S. (2002). Adult attachment and sexual behavior. *Personal Relationships*, 9,191–204.
- Bogenschneider, K. (1998). What Youth Need to Succeed: The Roots of Resiliency. In K. Bogenschneider & J. Olson (Eds.), *Building Resiliency and Reducing Risk: What Youth Need from Families and Communities to Succeed*. Wisconsin Family Impact Seminars Briefing Report, Madison, WI: Center for Excellence in Family Studies.
- Bouchey, H.A., & Furman, W. (2003). Dating and romantic experiences in adolescence. In G.R. Adams & M. D. Berzonsky (Eds.), *Blackwell handbook of adolescence* (pp. 313-329). Oxford : Blackwell Publishing.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss*, Vol. 1, *Attachment*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss*. Vol. 2, *Separation*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1977). The making and breaking of affectional bonds. *British Journal of Psychiatry*, 130, 201-210.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss*. Vol. 3, *Loss, sadness and depression*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1982). Attachment and loss: Retrospect and prospect. *American Journal of Orthopsychiatry*, 52, 664-678.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. New York: Basic Books.
- Bowlby J. (1989) *As origens do apego: Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1989. p. 33-47.

- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult romantic attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). New York: Guilford Press.
- Brennan, K.A., & Shaver, P. (1995). Dimensions of adult attachment, affect regulation, and romantic relationship functioning. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 21, 267-284.
- Brennan, K.A., Wu, S., & Loev, J. (1998). Adult romantic attachment and individual differences in attitudes toward physical contact in the context of adult romantic relationships. In J.A. Simpson & W.S. Rholes (Eds.), *Attachment Theory and Close Relationships* (pp. 394-428). New York: Guilford Press.
- Bretherton, I. (1992) The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, vol. 28, n° 5, pp. 759-775.
- Bretherton & Munholland, K. (1999) Internal *working models* in attachment relationships: A construct revisited. In J. Cassidy & P. Shaver (Orgs.). *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 89-114). London: The Guildford Press.
- Broderick, C.B. (1972). "Children's romances". *Sexual behavior*, 2 (5) 16-21.
- Brody, G. H., & Flor, D. L. (1998). Maternal resources, parenting practices, and child competence in rural, single-parent African American families. *Child Development*, 69, 803-816.
- Brooks-Gunn, J. (1984). The psychological significance of different pubertal events to young girls. *Journal of Early Adolescence*, 4, 315-327.
- Brooks-Gunn, J., & Reiter, E. O. (1993). The role of pubertal processes. In S. Shirley Feldman, & Glenn R. Elliott (Eds.), *At the threshold. The developing adolescent* (pp. 16-53). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by Nature*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Brown, B. B. (1990). Peer groups and peer cultures. In S. S. Feldman & G. R. Elliott (Eds.), *At the threshold: The developing adolescent* (pp 171-196). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Brown, B. B. (2004). Adolescents' relationships with peers. In R. M. Lerner & L. Steinberg (Eds.), *Handbook of Adolescent Psychology, 2nd edition* (pp. 363-394). New York: Wiley.
- Brown, B. B., Eicher, S. A. & Petrie, S. (1986). The importance of peer group ("crowd") affiliation in adolescence. *Journal of Adolescence*, 9, 73-96.

- Brown, B. B., Feiring, C., & Furman, W. (1999). Missing the Love Boat: Why researchers have shied away from adolescent romance. In W. Furman, B. B. Brown, & C. Feiring (Eds.), *The Development of Romantic Relationships in Adolescence* (pp. 1-16) London: Cambridge University Press.
- Brown, B. B., & Klute, C. (2003). Cliques, crowds, and friendships. In G. R. Adams & M. Berzonsky (Eds.), *Handbook of Adolescent Development* (pp. 330-348). London: Blackwell.
- Brown, B. B., Lamborn, S. L., Mounts, N. S., & Steinberg, L. (1993). Parenting practices and peer group affiliation in adolescence. *Child Development, 64*, 467-482.
- Buchananm, C. M., Eccles, J. S., Flanagan, C., Midgley, C., Feldlaufer, H., & Harold, R.D. (1990). Parents and teachers beliefs about adolescents: Effects of sex and experience. *Journal of Youth Adolescence, 19*, 363-394.
- Buhrmester, D. (1990). Intimacy of friendship, interpersonal competence, and adjustment during preadolescence and adolescence. *Child Development, 61*, 1101-1111.
- Buhrmester, D. (1996). Need fulfillment, interpersonal competence, and the developmental contexts of early adolescent friendship. In W. M. Bukowski, A. F. Newcomb, & W. W. Hartup (Eds.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Buhrmester, D., & Furman, W. (1987). The development of companionship and intimacy. *Child Development, 58*, 1101-1113.
- Buhrmester, D., & Furman, W. (1990). Perceptions of sibling relationships during middle childhood and adolescence. *Child Development, 61*, 1387-1398.
- Buhrmester & Yin, (1997) A longitudinal study of friends' influence on adolescents' adjustment during preadolescence and adolescence. *Child development, 61*, 1101-1111.
- Bukowski, W. M., Newcomb, A. F., & Hartup, W. W. (1996). *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence*. New York: Cambridge University Press.
- Bulik , C.M., Sullivan, P.F., Weltzin, T.E., & Kaye, W.H. (1995). Temperament in eating disorders. *International Journal of eating Disorders, 17*, 251-261.
- Burbach, D. J., & Borduin, C. M. (1986). Parent-child relations and the etiology of depression: A review of methods and findings. *Clinical Psychology Review, 6*, 133-153.
- Buri, J. R. (1991). Parental Authority Questionnaire. *Journal of Personality Assessment, 57*, 110–119.
- Buri, J. R. (1989). Self-esteem and appraisals of parental behavior. *Journal of Adolescent Research, 4*, 33–49.

- Burk, W.J. & Laursen, B. (2005). Adolescent perceptions of friendship and their associations with individual adjustment. *International Journal of Behavioral Development*, 29, 156–164.
- Buri, J. R., Louiselle, P. A., Misukanis, T. M., & Mueller, R. A. (1988). Effects of parental authoritarianism and authoritativeness on self-esteem. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 14, 271–282.
- Burton, L., Allison, K., & Obeidallah, D. (1995). Social context and adolescence: Perspectives on development among inner-city African American teens. In L. J. Crockett & A. C. Crouter (Eds.), *Pathways through adolescence: Individual development in relation to social contexts* (pp. 119-138). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Burns, R. B. (1979). *The self-concept: Theory, measurement, development and behaviour*. London: Longman.
- Cagliumi, L., Corradini, A., Zani, B. (1993). *Incontrare gli adolescenti*. Milano: Unicopli.
- Campbell, L., Simpson, J. A., Boldry, J., & Kashy, D. A. (2005). Perceptions of conflict and support in romantic relationships: The role of attachment anxiety. *Journal of Personality and Social Psychology*, 88, 510-531.
- Canavarro, C. (1999). *Relações afectivas e saúde mental: Uma abordagem ao longo do ciclo de vida*. Coimbra: Quarteto.
- Carver, K., Joyner, K., and Udry, R.. 2003. "National Estimates of Adolescent Romantic Relationships." Pp. 23-56 in P. Florsheim (Ed.), *Adolescent Romantic Relations and Sexual Behavior: Theory, Research, and Practical Implications*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum and Associates.
- Carver, K., Kara, J., & Udry, J. R. (2003). National Estimates of adolescent romantic relationships. In P. Florsheim (Ed.), *Adolescent Romantic Relations and Sexual Behavior: Theory, Research, and Practical Implications*, pp. 23-56. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum and Associates.
- Cash, T.F. (1990). The psychology of physical appearance: aesthetics, attributes, and images. In T. Cash & Pruzinsky (Eds), *Body Images: Development, deviance, and change*. (pp. 51-79). New York: Guilford.
- Cash, T. F. (1994). Body-image attitudes: Evaluation, investment, and affect. *Perceptual and Motor Skills*, 78, 1168–1170.
- Cash, T.F. & Brown, T.A. (1989). Gender and body-images: Stereotypes and realities. *Sex Roles*, 21, 361-363.
- Cash, T. & Pruzinsky (Eds), *Body Images: Development, deviance, and change*. (pp. 51-79). New York: Guilford.
- Cash, T.F., Theriault, J., & Annis N.M., (2004). Body Image in an Interpersonal context: Adult attachment, fear of intimacy and social anxiety. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 23 (1), 89-103.

- Cash, T.F., Winstead, B.A., & Janda, L.H. (1986). The great American shape-up. *Psychology today*, 30-37.
- Cassidy, J. (1988). Child-mother attachment and the self in six-year-olds. *Child Development*, 59, 121-134.
- Cassidy, J. (2000). Adult Romantic Attachments: a Developmental Perspective on Individual Differences. *Review of General Psychology*, 4, 111-131.
- Cassidy, J., Barrera, F. & Vargas-Trujillo, E. (1999). *Autonomy and relatedness within the family: Connections to adolescents romantic relationships and sexual practices*. Convention of Maryland: Uniandes.
- Cassidy, J. & Kobak, P.R. (1988). Avoidance and its relation to other defensive processes. In Belsky & T. Nezworski (Eds), *Clinical implications of attachment* (pp. 300-323). Hillsdale, N.J. : Erlbaum Publications.
- Castro, W., Toro, J., Van der Ende, J., & Arrindell, A. (1993). Exploring the feasibility of assessing perceived parental rearing styles in Spanish children with Thimbu. *International Journal of Social Psychiatry*, 39(1), 47-57.
- Cauce, A.M., Felner, R.D., & Primavera, J. (1982). Social support in high risk adolescents: Structural components and adaptive impact. *American Journal of Community Psychology*, 10, 417-428.
- Cauce, A. M., Gonzales, N., Hiraga, Y., Grove, K., & Ryan-Finn, K. (1996). African American mothers and their adolescent daughters: Intimacy, autonomy, and conflict. In B.J. Leadbeater & N. Way (Eds.), *Urban girls: Resisting stereotypes, creating identities*. NY: New York University Press.
- Cauce, A.M., Mason C., Gonzales, N., Hiraga, Y., & Grove, K. (1994). An ecological model of externalizing in African American adolescents: No family is an island. *Journal of Research on Adolescence*, 4, 639-655.
- Cauce, A. M., Morgan, C. J., Wagner, V., Moore, E., Wurzbacher, K., Weeden, K., Tomlin, S., & Blanchard, T. (1994). Effectiveness of case management for homeless adolescents: Results for the three month follow-up. *Journal of Emotional and Behavioral Development*, 2, 219-227.
- Caffman, E., & Steinberg, L. (1996). Interactive effects of menarcheal status and dieting and disordered eating among adolescent girls. *Developmental Psychology*, 32, 631-635.
- Caffman, E. & Steinberg, L. (2000). (Im)maturity of judgment in adolescence: Why adolescents may be less culpable than adults. *Behavioral Sciences & the Law*, 18, 741-760.
- Center for Health and Healthcare in Schools. (2004). 'Our voices, our lives'—A report on youth and STDs. *Health and Health Care in Schools*, 5(1). Acedido a 29 de Março de 2008, em [www.healthinschools.org/ejournal/2004/mar1.htm](http://www.healthinschools.org/ejournal/2004/mar1.htm)

- Cheng, H.L. (2005). *Attachment anxiety, sociocultural attitudes toward appearance, and body image dissatisfaction*. Apresentação à American Psychological Association.
- Cherlin, A., E. Scabini and G. Rossi, eds. 1997. *Delayed Homeleaving in Europe and the US*: Special Issue of the *Journal of Family Issues* 18.
- Cicchetti, D., Toth, S. L., & Lynch, M. (1995). Bowlby's dream comes full circle: Application of attachment theory to risk and psychopathology. In T.H. Ollendick & R.J. Prinz (Eds.), *Advances in clinical child psychology* (pp. 1-74). New York: Plenum Press.
- Claes, M. (1992). Friendship and personal adjustment during adolescence. *Journal of Adolescence*, 15, 39-55.
- Cohane, G. H., & Pope, H. G. (2001). Body image in boys: A review of the literature. *International Journal of Eating Disorders*, 29, 373–379.
- Cohen, D. A. & Rice, J. (1997). Parenting styles, adolescent substance use, and academic achievement. *Journal of Drug Education*, 27, 199-211.
- Cohen, S., Sherrod, D. R., & Clark, M.S. (1986). Social skills and the stress protective role of social support. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 963 - 973.
- Cohn, L. D., Adler, N. E., Irwin, C. E., Millstein, S. G., Kegeles, S. M., & Stone, G. (1987). Body-figures preferences in male and female adolescents. *Journal of Abnormal Psychology*, 96, 276–279.
- Cohn, D.A., Silver, D.H., Cowan, C.P., Cowan, P.A., & Pearson, J.L. (1992). Working models of childhood attachment and couple relationships. *Journal of Family Issues*, 13, 432-449.
- Cole, A., & Kerns, K. A. (2001). Perceptions of sibling qualities and activities of early adolescents. *Journal of Early Adolescence*, 21, 204-226.
- Coleman, J., & Hendry, L. (1991). *The Nature of Adolescence*, London: Routledge.
- Collins, N. L. (1996). Working models of attachment: Implications for explanation, emotion, and behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, 810-832.
- Collins, N. L., Cooper, M. L., Albino, A., & Allard, L. (2002). Psychosocial vulnerability from adolescence to adulthood: A prospective study of attachment style differences in relationship functioning and partner choice. *Journal of Personality*, 70, 965–1008.
- Collins, W. A., Maccoby, E., Steinberg, L., Hetherington, E. M., & Bornstein, M. (2000). Contemporary research on parenting: The case for nature or nurture. *American Psychologist*, 55, 218-232.

- Collins, W. A., & Laursen, B. (2004). Changing Relationships, Changing Youth: Interpersonal Contexts of Adolescent Development. *Journal of Early Adolescence*, 24(1), 55-62.
- Collins, N.L. & Read, S.J. (1990). Adult attachment, working models of attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 644-663.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 644-663.
- Collins, N.L. & Read, S.J. (1994). Cognitive representations of attachment: The structure of function of working models. In K. Bartholomew & Perlman (Eds), *Attachment processes in adulthood. Advances in personal relationships*, vol. 5 (pp. 53-90). London, Pennsylvania: Jessica Kingsley Publishers.
- Collins, W. A., & Sroufe, L. A. (1999). Capacity for intimate relationships: A developmental construction. In W.Furman, B. B.Brown, & C.Feiring (Eds.), *Contemporary perspectives on adolescent relationships* (pp. 125–147). New York: Cambridge University Press.
- Collins, W. A., & Steinberg, L. (2006). Adolescent development in interpersonal context. In W. Damon & N. Eisenberg (Eds.), *Handbook of child psychology: Vol. 4, Socioemotional processes* (pp. 1003-1067). New York: Wiley.
- Compas, B.E., Hinden, B. H., & Gerhardt, C. (1995). Adolescent development: Pathways and processes of risk and resilience. *Annual Review of Psychology*, 1995, 46, 265-93.
- Conner, M., Charlotte J., & Grogan, S. (2004). Gender, Sexuality, Body Image and Eating Behaviours. *Journal of Health Psychology*, 9; 505.
- Connolly, J.; Craig, W.; Goldberg, A. & Debra Pepler (1999). Conceptions of Cross-Sex Friendships and Romantic Relationships in Early Adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 28 (3), 219-251.
- Connolly, J., McIssac, C, Goldberg, A., Pepler, D. and Craig, W. (2007) *Autonomy with Parents and Peers: Differential Pathways to Normative and Atypical Romantic Experiences in Early Adolescence*, Paper presented at the Biennial Meeting of the Society for Research in Child Development, Boston, Massachusetts, U.S.A.
- Connolly, J., & Goldberg, A. (1999). Romantic relationships in adolescence: The role of friends and peers in their emergence and development. In Brown, B. B., Feiring, C., & Furman, W. (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence* (pp. 1-16). Cambridge: Cambridge University Press.
- Connolly, J. A., & Johnson, A. M. (1996). Adolescents' romantic relationships and the structure and quality of their close interpersonal ties. *Personal Relationships*, 3, 185-195.

- Cook, T.D., Herman, M.R., Phillips, M., Setersten, R.A. (2002). Some ways in which neighborhoods, nuclear families, friendship groups, and schools jointly affect changes in early adolescent development. *Child Development*, 73, 1283-1309.
- Cooper, C.R. & Cooper, R.G. (1992). Links between adolescents' relationships with their parents and peers: Models, evidence, and mechanisms. In R.D. Parke & G.W. Ladd (Eds.), *Family-peer relationships: Modes of linkage* (pp. 135-158). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Cooper, J. (2006). The digital divide: The special case of gender. *Journal of Computer Assisted Learning*, 22, 320-334.
- Conger, R. D., Cui, M., Bryant, C. M., Elder, G. H. (2000). Competence in early adult romantic relationships: A developmental perspective on family influences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 224-237.
- Connolly, J. A., & Johnson, A. M. (1996). Adolescents' romantic relationships and the structure and quality of their close interpersonal ties. *Personal Relationships*, 3, 185-195.
- Connolly, J., McIssac, C, Goldberg, A., Pepler, D., & Craig, W. (2007) *Autonomy with Parents and Peers: Differential Pathways to Normative and Atypical Romantic Experiences in Early Adolescence*. Comunicação apresentada na Biennial Meeting of the Society for Research in Child Development. Boston, Massachusetts, U.S.A..
- Cooper, C.R. & Cooper, R.G. (1992). Links between adolescents' relationships with their parents and peers: Models, evidence, and mechanisms. In R.D. Parke & G.W. Ladd (Eds.), *Family-peer relationships: Modes of linkage* (pp. 135-158). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Cordeiro, R. A. (2006). Aparência física e amizade íntima na adolescência: Estudo num contexto pré-universitário. *Análise Psicológica*, 4 (24), 509-517.
- Cortina, M. & Marrone, M. (2003) *Attachment theory and the psychoanalytic process*. London: Whurr Publishers.
- Costa, M.E. (1998). *Novos encontros de amor: Amizade, amor e sexualidade na adolescência*. Porto: Ambar.
- Cotterell, J. (1992). The relation of attachments and supports to adolescent well-being and school adjustment. *Journal of Adolescent Research*, 17, 28-42.
- Crittenden, P. M. (1985). Social networks, quality of child-rearing, and child development. *Child Development*, 56, 1299-1313.
- Crowell, J.A., R.C. Fraley, and P.R. Shaver. (1999). Measurement of individual differences in

adolescent and adult attachment. In J. Cassidy and P.R. Shaver (Ed.) *Handbook of Attachment: Theory, Research, and Clinical Applications* (pp. 434–465). New York: Guilford.

Crowell, J. & Treboux, D. (1995) A review of adult attachment measures: Implications for theory and research. *Social Development, 4*(3), 294-327.

Cummings, E. M., DeArth-Pendley, G., Du Rocher Schudlich, T., & Smith, D. (2000). Parental depression and family functioning: Towards a process-oriented model of children's adjustment. In S. Beach (Ed.), *Marital and family processes in depression* (pp. 89-110). Washington, DC: American Psychological Association.

Dacey, J., & Kenny, M. (1994). *Adolescent development*. Madison, WI: Brown & Benchmark.

Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin, 113*, 487-493.

Darling, N. (1999). Parenting style and its correlates. ERIC/EECE Publications - Digests. Retirado em 12/02/2002, do ERIC/EECE no World Wide Web <http://ericeece.org/pubs/digests.html>.

Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin, 113*, 487-493.

Davila, J., Burge, D. & Hammen, C. (1997) Why does attachment style change? *Journal of Personality and Social Psychology, 73*(4), 826-838.

Davidson T. E., & McCabe M. P. (2006). Adolescent Body Image and Psychosocial Functioning. *The Journal of Social Psychology, 146*(1), 15–30.

Davis, D., Shaver, P. R., & Vernon, M. L. (2004). Attachment style and subjective motivations for sex. *Personality and Social Psychology Bulletin.*

Davis, L. E., & Strube, M. J. (1993). An assessment of romantic commitment among Black and White dating couples. *Journal of Applied Social Psychology, 23*, 212-225.

Dekovic, M., & Meeus, W. (1997). Peer relations in adolescence: Effects of parenting and adolescents' self-concept. *Journal of Adolescence, 20*, 163-176.

Demarest, J., & Allen, R.(2000). Body Image: Gender, ethnic, and age differences. *The Journal of Social Psychological, 140*, 465-472.

Demetriou, A. (1988). *The neo-Piagetian theories of cognitive development: Toward an investigation*. Amsterdam: Elsevier.

- De Wolff, M.S., & van Ijzendoorn, M.H. (1997). Sensitivity and attachment: A meta-analysis on parental antecedents of infant attachment. *Child Development*, 68, 571-591.
- Diamond, L. D., & Savin-Williams, R. C. (2003). Gender and sexual identity. In R. M. Lerner, F. Jacobs, & D. Wertlieb (Eds.), *Handbook of applied developmental science: Promoting positive child, adolescent, and family development through research, policies, and programs*. Volume 1: *Applying developmental science for youth and families* (pp. 101-121). Thousand Oaks, CA: Sage
- Dias, M.G., & Fontaine, A.M. (2001). *Tarefas desenvolvimentais e bem-estar de jovens universitários*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Dickstein, S., Seifer, R., St. Andre, M., & Schiller, M. (2001). "Marital Attachment Interview: Adult Attachment Assessment of Marriage." *Journal of Social and Personal Relationships*. 18(5):651-672. 2001.
- Diehl, M., Elnick, A. B., Bourbeau, L. S., & Labouvie-Vief, G. (1998). Adult attachment styles: Their relations to family context and personality. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 1656-1669.
- Dishion, T. J., Andrews, D. W., & Crosby, L. (1995). Antisocial boys and their friends in early adolescence: Relationship characteristics, quality, and interactional process. *Child Development*, 66, 139-151.
- Dominguez, M. M., & Carton, J. S. (1997). The relation between self-actualization and parenting style. *Journal of Social Behavior and Personality*, 12, 1093-1100.
- Dornbusch, S.M., Ritter, P.L., Leiderman, P.H., Roberts, D.F., & Fraleigh, M.J. (1987). The relation of parenting style to adolescent school performance. *Journal of Adolescent Research*, 5(2), 143-160.
- Douvan, Elizabeth, & J. Adelson. (1966). *The Adolescent Experience*. New York: John Wiley and Sons.
- Drewnowski, A., & Yee, D.K. (1987). Men and body image. Are males satisfied with their body weight? *Psychological Medicine*, 40, 626-234.
- Dunphy, D. C. (1963). The social structure of urban adolescent peer groups. *Sociometry*, 26, 230-246.
- East, P.L., & Rook, K.S. (1992). Compensatory patterns of support among children's peer relationships: A test using school friends, nonschool friends, and siblings. *Developmental Psychology*, 28, 163-172.
- Edgerton, J., & Lapsley, D. K. (2002). Separation-individuation, adult attachment style, and college adjustment. *Journal of Counseling and Development*, 80, 485-493.
- Elkind, D. (1967). Egocentrism in adolescence. *Child Development*, 38, 1025-1034.

- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and Crisis*. W. W. Norton, New York.
- Fabian, L. & Thompson, J. (1989). Body image and eating disturbance in young females. *International Journal of Eating Disorders*, 8, 355-365.
- Faria, L. (2005). Desenvolvimento do auto-conceito físico nas crianças e nos adolescentes. *Análise Psicológica* (2005), 4 (23), 361-371
- Falbo, T., Lein, L., & Amador, N. A. (2001). Parent involvement during the transition to high school. *Journal of Adolescent Research*, 16(5), 511-529.
- Faria, L., & Fontaine, A. M. (1992). Estudo de adaptação do Self Description Questionnaire III a estudantes universitários portugueses. *Psychologica*, 8, 41-49.
- Faust, J., Baum, C., & Forehand, R. (1985). An examination of the association between social relationships and depression in early adolescence. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 6, 291-297.
- Feeney, B. C., & Collins, N. L. (2003). Motivations for caregiving in adult intimate relationships: Influences on caregiving behavior and relationship functioning. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29, 950-968.
- Feeney, J.A. & Noller, P. (1990). Attachment style as a predictor of adult romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 281-291.
- Feeney, J.A., & Noller, P. (1996). *Adult attachment*. Thousand Oaks: Sage.
- Feeney, J.A., Peterson, C.C., Gallois, C., & Terry, D.J. (2000). Attachment style as a predictor of sexual attitudes and behavior in late adolescence. *Psychology and Health*, 14, 1105-1122.
- Feingold, A., & Mazzella, R. (1998). Gender differences in body image are increasing. *Psychological Sciences*, 9, 190-195.
- Feiring, C. (1996). Concepts of romance in 15-year-old adolescents. *Journal of Research in Adolescence*, 6, 181-200.
- Ferguson, D., Horwood, L., & Lynskey, M. (1997). Childhood sexual abuse, adolescent sexual behaviors and sexual revictimisation. *Child Abuse and Neglect*, 21, 789-803.
- Fingerman, K. L. (2000). Enhancing student interest in the psychology of aging: An interview with Susan Whitbourne. *Teaching of Psychology*, 27, 224-229.

- Fischer, K. (1980). A theory of cognitive development: The control and construction of hierarchies of skills. *Psychological Review*, 87 (6), 477-531.
- Fischer, J. L., & Crawford, D. W. (1992). Codependency and parenting styles. *Journal of Adolescent Research*, 7(3), 352-363.
- Fischer, K., Kenny, S.L., & Pipp, S.L. (1990). How cognitive processes and environmental conditions organize discontinuities in the development of abstractions. In C. L. Alexander, & E. J. Langer (Eds.), *Higher stages of human development* (pp. 162-187). New York: Oxford University Press.
- Fingerman, K. L. (2000). Enhancing student interest in the psychology of aging: An interview with Susan Whitbourne. *Teaching of Psychology*, 27, 224-229.
- Flammer, A. (1996). *Theories of development : Psychological theories of human development* (2<sup>a</sup> ed.). Bern, Switzerland : Huber.
- Fletcher, A., & Latner, J. (2007). Male and Female Body Image and Dieting in the Context of Intimate Relationships. *Journal of Family Psychology*, 21 (4), 764–768.
- Fogel, A. (2000). Systems, attachments and relations. *Human development*, 43, 314-320.
- Fontaine, A. M. (1991). Desenvolvimento do conceito de si próprio e realização escolar na adolescência. *Psychologica*, 5, 13-31.
- Fontaine, A.M. Campos, B., Musitu, G. (1992) Percepção das interações familiares e conceito de si próprio na adolescência. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 8, pp.69-78.
- Fontaine, A. M., & Faria, L. (1989). Teorias pessoais do sucesso. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 5, 5-18.
- Fontaine, A.M., Campos, B., Musitu, G. (1992) Percepção das interações familiares e conceito de si próprio na adolescência. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 8, 69-78.
- Fox, K. R. (1988). The self-esteem complex and youth fitness. *Quest*, 40, 230–246.
- Fox, K. H. (2000). Self-esteem, self-perceptions and exercise. *International Journal of Sport Psychology* 31:228-240.
- Fox, K. H.; Corbin, C. B. (1989). The physical self perception profile: Development and preliminary validation. *Journal of Sport and Exercise Psychology* 11:408-430.
- Fraley, R. C. (2004). *How to conduct psychological research over the Internet: A beginner's guide to HTML and CGI/Perl*. New York: Guilford.

- Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (1997). Adult attachment and the suppression of unwanted thoughts. *Journal of Personality and Social Psychology*, *73*, 1080-1091.
- Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (2000). Adult romantic attachment: Theoretical developments, emerging controversies, and unanswered questions. *Review of General Psychology*, *4*, 132-154.
- Franco, N. & Levitt, M. J. (1998). The social ecology of middle childhood: Family support, friendship quality and self-esteem. *Family Relations*, *47*, 315-321.
- Franzoi, S. L., & Herzog, M. E. (1987). Judging physical attractiveness: What body aspects do we use? *Personality and Social Psychology Bulletin*, *13*, 19-33.
- Franzoi, S. L., & Shields, S. A. (1984). The Body Esteem Scale: Multidimensional structure and sex differences in a college population. *Journal of Personality Assessment*, *48*, 173-178.
- Freeman, H. & Brown, B. B. (2001). Primary attachment to parents and peers during adolescence: Differences by attachment style. *Journal of Youth and Adolescence*, *30*, 653-674.
- Freeman, H.S., & Newland, L.A. (2002). Family transitions during the adolescent transition: Implications for parenting. *Adolescence*, *37*(147), 457-475.
- Furham, A., & Greaves, A. (1994). Gender and locus of control correlates of body image dissatisfaction. *European Journal of Personality*, *8*, 183-200.
- Furham, A., & Calnan, A. (1998). Eating disturbance, self-esteem, reasons for exercising and body weight dissatisfaction in adolescent males. *European Eating Disorders Review*, *6*, 58-72.
- Furman, W. (1989). The development of children's social networks. In D. Belle (Ed.) *Children's social networks and social supports* (pp. 151-172). New York: Wiley.
- Furman, W. (2002). The emerging field of adolescent romantic relationships. *Current Directions in Psychological Science* *11*(5), 177-180.
- Furman, B.B. Brown, C. & Feiring, C. (1999). *The Development of Romantic Relationships in Adolescence..* New York, NY: Cambridge University Press.
- Furman, W., & Buhrmester, D. (1985). Children's perceptions of the qualities of sibling relationships. *Child Development*, *56*, 448-461.
- Furman, W., & Buhrmester, D. (1992). Age and sex differences in perceptions of networks and personal relationships. *Child Development*, *63*, 103-115.
- Furman, B.B. Brown, C. & Feiring, C. (1999) *The Development of Romantic Relationships in Adolescence.* New York, NY: Cambridge University Press.

- Furman, W., & Giberson, R. S. (1995). Identifying the links between parents and their children's sibling relationships. In S. Shulman (Ed.), *Close relationships and socioemotional development* (Vol. 7, pp. 95-108). Stamford, CT: Ablex.
- Furman, W., & Schaffer, L. (2003). The role of romantic relationships in adolescent development. In Florsheim, P. (Ed.), *Adolescent romantic relations and sexual behavior: theory, research, and practical implications*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Furman, W. & Simon, V.A. (1999). Cognitive representations of adolescent romantic Relationships. In W. Furman, B.B. Brown, C. & Feiring, C. (Eds.), *The Development of Romantic Relationships in Adolescence*. New York, NY: Cambridge University Press.
- Furman, W. & Simon, V.A. (2004). Concordance in attachment states of mind with respect to mothers and fathers. *Developmental Psychology*, 40, 1239-1247.
- Furman, W., & Simon, V. A. (2006) Actor and partner effects of adolescents' working models and styles on interactions with romantic partners. *Child Development*, 73, 241-255.
- Furman, W., Simon, V.A., Shaffer, L., & Bouchey, H.A. (2001). Adolescents' working models and styles for relationships with parents, friends, and romantic partners. *Child Development*, 73, 241-255.
- Furman, W., Simon, V. A., Shaffer, L. A., & Bouchey, H. A. (2002). Adolescents' working models and styles for relationships with parents, friends, and romantic partners. *Child Development*, 73, 241-255.
- Furman, W., & Wehner, E.A. (1994). Romantic views: Toward a theory of adolescent romantic relationships. In R. Montemayor, G. R. Adams, & G. P. Gullota (Eds.) *Advances in adolescent development: Relationships during adolescence* (pp. 168-195). Beverly Hills, CA: Sage.
- Furman, W., & Wehner, E. A. (1997). Adolescent romantic relationships: A developmental perspective. In S. Shulman & W. A. Collins (Eds.), *New directions for child development: Adolescent romantic relationships* (pp 21-36). San Francisco: Jossey-Bass.
- Gallihier, R.V., Rostosky, S.S., Welsh, D.P., & Kawaguchi, M.C. (1999). Power and psychological well-being in late adolescent romantic relationships. *Sex Roles*, 40, 689-710.
- Garber, J., & Little, S. A. (2001). Autonomy and adjustment in young adolescents. *Journal of Adolescent Research*, 16, 355-371.
- Garcia, A. (2005). Psicologia da amizade na infância: uma revisão crítica da literatura recente. *Interação em Psicologia*, 9(2), p. 285-294 285.

- Gauze, C., Bukowski, Wm M., Aquan-Assee, J., Sippola, L. K. (1996). Interactions between family environments and friendship and associations with self-perceived well-being during early adolescence. *Child Development, 67*, 2201-2216.
- Gavin, I.A., & Furman, W. (1989). Age differences in adolescents' perceptions of their peer groups. *Developmental Psychology, 25*, 827-834
- Gecas, V. & Seff, M.A. (1990). Families and Adolescents: A Review of the 1980s. *Journal of Marriage and the Family, 52*(4), 941-58.
- George, C.; Kaplan, N. & Main, M. (1985). *The adult attachment interview*. Departamento de Psicologia, University of California, Berkley.
- Gentzler, A. L. , & Kerns, K. A. (2004). Associations between insecure attachment and sexual experiences. *Personal Relationships, 11*, 249-265.
- George, C., Kaplan, N. & Main, M. (1985). *The adult attachment interview*. Psychology Department, Berkley: University of California.
- Gardner, R.M., Friedman, B., & Jackson, N.A. (1999). Body size estimations, body dissatisfaction, and ideal size preferences in children six through thirteen. *Journal of Youth and Adolescence, 28*, 603-618.
- Garfinkel, P. & Garner, D. (1982). *Anorexia nervosa: A multidimensional perspective*. New York: Brunner/Mazel.
- Gilligan, C. (1982). *In a different voice: Psychological theory and women's development*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Gerlsma, C., Arrindell, W.A, van der Veen, N, & Emmelkamp, P. (1991). A parental rearing style questionnaire for use with adolescents: Psychometric evaluation of the EMBU-A. *Personality and Individual Differences, 12* (12), 1245-1253.
- Gnaulati, E. & Heine, B. (2001) Separation-Individuation in Late Adolescence: An Investigation of Gender and Ethnic Differences. *Journal of Psychology. 135*, 59-70.
- Goldscheider, F., & Goldscheider, C. (1999). *The Changing Transition to Adulthood: Leaving and Returning Home*. Sage Publishing Company.
- Goossens, L. (2006). Theories of adolescence. In S. Jackson & L. Gossens, *Handbook of adolescent development*. New York: Psychology Press.
- Gonzalez, A., Greenwood, G., & WenHsu, J. (2001) Undergraduate students' goal orientations and their relationship to perceived parenting styles. *College Student Journal, 35*, 182-192.

- Graber, J.A., & Petersen, A.C.(1991). Cognitive changes at adolescence: Biological perspective. In K. R. Gobson, & A. C. Petersen (Eds.), *Brain maturation and cognitive development* (p. 227-253). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Grabill, C. M., & Kerns, K. A. (2000). Attachment style and intimacy in friendship. *Personal Relationships*, 7, 363-378.
- Greenberger, E., & Chen, C. (1996). Perceived family relationships and depressed mood in early and late adolescence: A comparison of European and Asian Americans. *Developmental Psychology*, 32, 707-716.
- Greenberger, E., & McLaughlin, C. S. (1998). Attachment, coping and explanatory style in late adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 27, 121-139.
- Greenberg, E., Siegel, J., & Leitch (1983). The nature and importance of attachment relationships' to parents and peers during adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 12, 373-383.
- Greene, M. & Way, N. (2005). The development of self-esteem among ethnic minority high school students. *Journal of Research on Adolescence*. 15, p. 151- 178
- Gresham, F. M. & Elliott, S. N. (1990). *Social Skills Rating System*. Circle Pines: American Guidance.
- Gresham, F. M. & Elliott, S. N. (1990). *Social Skills Rating System*. Circle Pines: American Guidance.
- Groesz, L. M., Levine, M. P., & Murnen, S. K. (2002). The effect of experimental presentation of thin media images on body satisfaction: A meta-analytic review. *International Journal of Eating Disorders*, 31, 1-16.
- Grogan, S., & Wainwright, N. (1996). *Growing up in the culture of slenderness: girl's experiences of body dissatisfaction*. *Women's Studies International Forum*, 19, 665-673.
- Grogan, S. (1999). *Body Image. Understanding body dissatisfaction in men, woman and children*. London and New York: Routledge.
- Grotevant, H. (1998). Adolescent development in family context. In W. Damon & N. Eisenberg (Org.), *Handbook of Child Psychology: Social, emotional and personality development* (pp. 1097-1049). New York: John Wiley & Sons.
- Grotevant, H.; & Cooper, C. (1986). Individuation in family relationships: A perspective on individual differences in the development of identity and role taking in adolescence. *Human development*. 29, 82-100.
- Guidano, V.F., & Liotti, G. (1983). *Cognitive processes and emotional disorders*. New York: Guilford.

- Harris, M.B., Walters, L.C., & Waschull, S. (1991). Gender and ethnic differences in obesity-related behaviors and attitudes in a college sample. *Journal of Applied Social Psychology*, 21, 1545-640.
- Hart, C.H., Newell, L. D., Olsen, S. F. (2003). Parenting skills and social/communicative competence in childhood. In J. O. Greene & B. R. Burleson (Eds.), *Handbook of Communication and Social Interaction Skill* (pp. 753-797). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Hart, C. H., Olsen, S. F., Robinson, C. C., & Mandleco, B. L. (1997). The development of social and communicative competence in childhood: Review and a model of personal, familial, extrafamilial processes. *Communication Yearbook*, 20. New York: Sage Publications., S. (1982). The perceived competence scale for children. *Child Development*, 53, 87-97.
- Harter, S. (1999). *The construction of self. A developmental perspective*. New York: The Guilford Press.
- Harter, S. (2000). Psychosocial adjustment of adult children of alcoholics: a review of the recent empirical literature. *Clinical Psychological Review*. 20(3), 311-337.
- Hartup, W. (1983). Peer relations. In P. H. Mussen (Series Ed.), E. M. Hetherington (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology, Vol. 4. Socialization, personality, and social development*. New York: Wiley, 103 - 196.
- Hartup, W., & Overhauser, S. (1991). Friendships. In RM Lerner, AC Petersen, & J. Brooks-Gunn (Eds.), *Encyclopedia of adolescence* (Vol. 1, pp. 378-384). New York: Garland.
- Hassebrauck, M., & Fehr, B. (2002). Dimensions of relationship quality. *Personal Relationships*, 9, 253-270.
- Hatfield, E., Schmitz, E., Cornelius, J., & Rapson, R.L. (1988). Passionate love: How early does it begin? *Journal of Psychology and Human Sexuality*, 1,35-52.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
- Hazan, C. & Shaver, P.R. (1994). Attachment as an organizacional framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5, 1-22.
- Hazan, C. & Zeifman, D.. (1999). Pair bonds as attachment. In J. Cassidy & P. Shaver (Orgs.), *Handbook of Attachment* (pp. 336-354). New York: Guildford.
- Hazan, C., Zeifman, D., & Middleton, K. (1994). *Adult romantic attachment, affect and sex*. Comunicação apresentada na 7ª Conferência Internacional de Relações Pessoais, Groningen, Holanda.

- Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (1986). A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 392-402.
- Hendrick, S. S., Hendrick, C., S. Adler, N. L. (1988). Romantic relationship: Love, satisfaction, and staying together. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 980-988.
- Herz, L., & Gullone, E. (1999). The relationship between self-esteem and parenting style. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 30, 742-762.
- Hirsch, B. J., & Dubois, D. L. (1991). Self-esteem in early adolescence: The identification and prediction of contrasting longitudinal trajectories. *Journal of Youth and Adolescence*, 20, 53-72.
- Hirsch, B. J., & Rapkin, B. D. (1987). The transition to junior high school: A longitudinal study of self-esteem, psychological symptomatology, school life, and social support. *Child Development*, 58, 1235-1243.
- Hoge, D. R., & Petrillo, G. H. (1978). Determinants of church participation and attitudes among high school youth. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 17, 359-379.
- Horowitz, A. V., McLaughlin, J., & White, H. R. (1998). How the negative and positive aspects of partner relationships affect the mental health of young married people. *Journal of Health and Social Behavior*, 39, 124-136.
- Huesmann, L. R., Eron, L. D., Lefkowitz, M. M., & Walder, L. O. (1984). Stability of aggression over time and generations. *Developmental Psychology*, 20, 1120-1134.
- Horn S.S. (2003). Adolescents' reasoning about exclusion from social groups. *Developmental Psychology*, 39, 71-84
- Hunter, F.T., & Youniss, J. (1982). Changes in functions of three relationships during adolescence. *Developmental Psychology*, 18, 806-811.
- Isley, S., O'Neil, R., & Parke, R. D. (1996). The relation of parental affect and control behaviors to children's classroom acceptance: A concurrent and predictive analysis. *Early Education and Development*, 7, 7-23.
- Jones, D. C. (2001). Social comparison and body image: Attractiveness comparisons to models and peers among adolescent girls and boys. *Sex Roles*, 45, 645-664.
- Jongenelen, I. (2003). *Vinculação em mães adolescentes e seus bebês: Da matriz relacional à matriz contextual*. Dissertação de Doutorado em Psicologia, área de Conhecimento de Psicologia Clínica, apresentada à Universidade do Minho. Braga.
- Juvonen, J., & Graham (2001). *Peer harassment in school: The plight of the vulnerable and victimized*. New York, NY: Guilford Press.

- Kahn, R. L., & Antonucci, T. C. (1980). Convoys over the life course: Attachment, roles and social support. In P. B. Baltes (Ed.), *Life-span development and behavior* (Vol.3). New York: Academic Press.
- Kandel, D. (1990). On processes of peer influences in adolescent drug use: A developmental perspective. In R. Muuss (Ed.), *Adolescent behavior and society* (pp. 159-171). New York: McGraw-Hill.
- Karavasilis, L. (2003). Associations between parenting style and attachment to mother in middle childhood and adolescence. *International Journal of Behavioral Development*, 27(2), 154-164.
- Keating, D.P. (2004). Cognitive and brain development. In R. M. Lerner, & L. Steinberg (Eds.), *Handbook of adolescent psychology* (2<sup>a</sup> Ed.); (pp. 45-84). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.
- Keefe, K. & Berndt, T. J. (1996) Friends' influence on school adjustment: A motivational analysis. In J. Juvonen and K. R. Wentzel (Eds.), *Social Motivation: Understanding children's school adjustment* (pp. 248-278). New York: Cambridge University Press.
- Kenny, M. & Donaldson, G. (1991). Contributions of parental attachment and family structure to the social and psychological functioning of first-year college students. *Journal of Counseling Psychology*. 38(4), 479-486.
- Kenny, M. & Hart, K. (1992). Relationship between parental attachment and eating disorders in an inpatient and a college sample. *Journal of Counseling Psychology*, 39(4), 521-526.
- Kerns, K. A & Stevens, A.C (1996). Parent-child attachment in late adolescence: Links to social relations and personality, *Journal of Youth and Adolescence*, 25 (3), 323-342.
- Kerns, K., Tomish, P., Aspelmeier, J. & Contreras, J. (2000). Attachment-based assessments of parent-child relationships in middle childhood. *Developmental Psychology*, 36, 614-626.
- Killen J.D., Fortmann S.P., Varady A., Kraemer H.C. (2002). "Do men outperform women in smoking cessation trials? Maybe, but not by much." *Experimental Clinical Psychopharmacology*, 10 (3) 295-301.
- Kimmel, E.B., & Johnson, J.J. (1999). Body Image: Understanding body dissatisfaction in men, women, and children. *Sex Roles*, 41, 117-119.
- Kirkpatrick, L. A., & Davis, K. E. (1994). Attachment style, gender, and relationship stability: A longitudinal analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66(3), 502-512.
- Klebanov, P. K., Brooks-Gunn, J., Duncan, P., & Sealand, N. (1993). Do neighbourhoods influence child and adolescent development? *American Journal of Sociology*, 99(2), 353-95.

- Kobak, R.R. & Sceery, A. (1988). Attachment in late adolescence: Working models, affect regulation and representation of self and others. *Child Development*, 59, 135-146.
- Kobak, R., Sudler, N. & Gamble, W. (1991). Attachment and depressive symptoms during adolescence: A developmental pathways analysis. *Development and Psychopathology*, 3, 461-474.
- Koff, E., & Reirdan, J. (1991). Perceptions of weight and attitudes toward eating adolescent girls. *Journal of Adolescent Health*, 12, 307-312.
- Koff, E., Rierdan, J., & Stubbs, M. L. (1990). Gender, body image and self-concept in early adolescence. *Journal of Early Adolescence*, 10, 56-68.
- Kohlberg (1981). *The philosophy of moral development: moral stages and idea of justice*. Cambridge. Harper & Row.
- Kostanski, M., & Gullone, E. (1998). Adolescent body image dissatisfaction: Relationships with self-esteem, anxiety, and depression controlling for body mass. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 39, 255-262.
- Krappman, L. (1996) On the social embedding of learning processes in the classroom. In Effective and responsible teaching: The new synthesis. Fritz K. Oser, et. al. eds. San Francisco: Jossey-Bass.
- Kroger, J. (2007). *Identity development: Adolescence through adulthood*, (2<sup>a</sup>ed.). Newbury Park, CA: Sage, Inc.
- Künzli-Hämmerli, S. (1995). *Body-related cognitions and behavior at puberty*. University of Berne.
- Lacerda, M. I. M. C. (2005). *A percepção das práticas parentais pelos adolescentes: implicações na percepção de controlo e nas estratégias de coping*. Tese de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Ladd, G.W., & Hart, C.H. (1992). Creating informal play opportunities: Are parents' and preschoolers' initiations related to children's peer competence? *Developmental Psychology*, 28, 1179-1187.
- LaFontana, K. M., & Cillessen, A. H. N. (2002). Children's perceptions of popular and unpopular peers: A multi-method assessment. *Developmental Psychology*, 38, 635-647.
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 62, 1049-1065.
- Langlois, J. H., & Stephan, C. W. (1981). Beauty and the beast: The role of physical attractiveness in the development of peer relations and social behavior. In S. S. Brehm, S. M. Kassin, & F. X. Gibbons (Eds.), *Developmental social psychology: Theory and research* (pp. 152-168). New York: Oxford University Press.

- Edgerton, J. & Lapsley, D. K. (2002). Separation-individuation, adult attachment style and college adjustment. *Journal of Counseling and Development, 80*, 485-493.
- Larson, R. W. (2000). Toward a psychology of human development. *American Psychologist, 55*, 170-183.
- Larson, R., & Lampman-Petratis, C. (1989). Daily emotional states as reported by children and adolescents. *Child Development, 60*, 1250-1260.
- Larson, R. W., & Richards, M. H. (1991). Boredom in the middle school years: Blaming schools versus blaming students. *American Journal of Education, 418-443*.
- Laufer, M. (1972). *Depression in adolescence*, Monografia n° 4. London: Brent Consultation Centre.
- Laursen, B., & Jensen-Campbell, L. A. (1999). The nature and functions of social exchange in adolescent romantic relationships. In W. Furman, B. B. Brown, & C. Felting (Eds.), *Contemporary perspectives on adolescent romantic relationships* (pp. 50-74). New York: Cambridge University Press.
- Leaper, C., Anderson, K., & Sanders, P. (1988). Moderators of gender effects on parents talk to their children: A meta-analysis. *Developmental Psychology, 34*, 3-27.
- Lebart, L., Morineau, A., & Piron, M. (1995). *Statistique Exploratoire Multidimensionnelle*. Paris: Dunod Ed.
- Lehalle, H. (2006). Cognitive development in adolescence: Thinking freed from concrete constraints. In S. Jackson & L. Gossens, *Handbook of adolescent development* (pp. 71-89). New York: Psychology Press.
- Lempers, J. D., & Clark-Lempers, D. S. (1992). Young, middle, and late adolescents' comparisons of the functional importance of five significant relationships. *Journal of Youth and Adolescence, 21*, 54-96.
- Leondari, A., & Kiosseoglou, G. (2000). The relationship of parental attachment and psychological separation to the psychological functioning of young adults. *Journal of Social Psychology, 140*, 451-464.
- Lerner, R.M. (2000). *Concepts and theories of human development*, Manwah, NJ : Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Lerner, R.M., & Steinberg, L. (2004). The scientific study of adolescent of adolescent: Past, present, and future. In R. M. Lerner, & L. Steinberg (Eds.), *Handbook of adolescent development* , Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, pp.1-12.
- Levesque, R. J. R. (1993). The Romantic Experience of Adolescents in Satisfying Love Relationships. *Journal of Youth and Adolescence, 22* ( 3), 219-251.

- Lieberman, M. Doyle, A.B. & Markiewicz, D. (1999). Developmental patterns in security of attachment to mother and father in late childhood and early adolescence: Associations with peer relations, *Child Development*, 70,1: 202-213.
- Lila, M., Aken, M., Musitu, G., & Buelga, S. (2006). Families and adolescents. In Handbook of *adolescent development* (pp.154-174). New York: Psychology Press.
- Lintunen, T. (1999). Development of self-perceptions during the school years. In Auweele, Y.; Bakker, F.; Biddle, S.; Durand, M.; Seilor, R. (Eds.) *Psychology for physical educators*. Champaign, Illinois: Human Kinetics, 115-134.
- Liu, Zhao, Z., Cunxian, J., & Buysse, D. (2008). Sleep patterns and problems among Chinese adolescents. *Pediatrics*, 212 (6), 1165-1173.
- Lopez, F.G., Brennan, K.A. (2000). Dynamic processes underlying adult attachment organization: Toward an attachment theoretical perspective on the healthy and effective self. *Journal of Counseling Psychology*, 47(3), 283-300.
- Lopez, F. G., Campbell, V. L., Watkins, C. E. (1986) Depression, psychological separation, and college adjustment: An investigation for sex differences. *Journal of Counseling Psychology*, 33(1), 52-56.
- Lourenço, O. (1992). *Psicologia do desenvolvimento moral: teoria, dados e implicações*. Coimbra: Almedina.
- Lovejoy, M. 2001. "Disturbances in the Social Body: Differences in Body Image and Eating Problems Among African American and White Women." *Gender & Society*, (15), 239-261.
- McCabe, M. P., & Ricciardelli, L. A. (2001b). Parent, peer, and media influences on body image and strategies to both increase and decrease body size among adolescent boys and girls. *Adolescence*, 36, 225-240.
- Maccoby, E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In P. H. Mussen (Series Ed.) & E. M. Hetherington (Vol. Ed.), *Handbook of Child Psychology*, Vol. 4: *Socialization, personality and social development* (4th ed., pp. 1-101). New York: John Wiley & Sons.
- Maccoby, E. E. (1990). Gender and relationships: A developmental account. *American Psychologist*, 45, 513-520.
- McKinley, N. M. (1999). Women and objectified body consciousness: Mothers' and daughters' body experience in cultural, developmental, and familial context. *Developmental Psychology*, 35, 760-769.
- Main, M. (1999). Attachment theory: Eighteen points with suggestions for future studies. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 355-377). New York: Guilford Press.

- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research*. Monograph for the Society for Research in Child Development. Chicago: University of Chicago Press.
- Main, M., & Solomon, J. (1986). Discovery of an insecure-disorganized/ disoriented attachment pattern. In T. B. Brazelton & M. W. Yogman (Eds.), *Affective development in infancy* (pp. 95-124). Norwood, NJ: Ablex.
- Main, M., & Solomon, J. (1990). Procedures for identifying infants as disorganized/disoriented during the Ainsworth strange situation. In M.T. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years: Theory research, and intervention* (pp. 121-160). Chicago: University of Chicago Press.
- Mallinckrodt, B., McCreary, B. A & Robertson, A K. (1995). Co-occurrence of eating disorders and incest: The role of attachment, family environment, and social competencies. *Journal of Counseling Psychology*, 42,178-186.
- Marcoen, A., Goossens, L., & Caes, P. (1987). Loneliness in pre- through late-adolescence: Exploring the contributions of a multidimensional approach. *Journal of Youth and Adolescence*, 16(6), 561-576.
- Markiewicz, D., Doyle, A.B., & Brendgen, M. (2001). The quality of adolescents friendships: Associations with mothers interpersonal relationships, attachments to parents and friends, and prosocial behaviors. *Journal of Adolescence*, 24, 429-445.
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS* (3ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Marsh, H. W.; Hattie, J. (1996). Theoretical perspectives on the structure of self-concept. In B. Bracken (Ed.). *Handbook of self-concept: Developmental, social, and clinical considerations*. New York: Wiley, 38-90.
- Mason, C.A., Cauce, A.M., Gonzales, N. (1997). Parents and peers in the lives of African American adolescents: An interactive approach to the study of problem behavior. In R. Taylor & M. Wang (Ed.s), *Social and Emotional Adjustment and Family Relations in Ethnic Minority Families*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Massachusetts Department of Education (2004). *2003Massachusetts youth risk behavior survey results*. Acedido a 29 de Março de 2008, em [www.doe.mass.edu/cnp/hprograms/yrbs/03/results.pdf](http://www.doe.mass.edu/cnp/hprograms/yrbs/03/results.pdf).
- Markiewicz, D., Doyle, A.B., & Brendgen, M. (2001). The quality of adolescents friendships: Associations with mothers interpersonal relationships, attachments to parents and friends, and prosocial behaviors. *Journal of Adolescence*, 24, 429-445.

- Mathur, R., & Berndt, T. J. (2006). Relations of Friends' Activities to Friendship Quality. *The Journal of Early Adolescence*, 26(3), 365 - 388.
- Masten, A. S., Burt, K., Roisman, G. I., Obradović, J., Long, J. D., & Tellegen, A. (2004). Resources and resilience in the transition to adulthood: Continuity and change. *Development and Psychopathology*, 16, 1071-1094.
- Matos, P.M. & Costa, M.E. (2006). Vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes. *Psicologia*, 20, 2, 97-126.
- Mathur R. & Berndt, T. J. (2006). Relations of Friends' Activities to Friendship Quality. *The Journal of Early Adolescence*, 1, 26(3): 365 - 388.
- Mayseless, O., Scharf, M., & Sholt, M. (2003). From authoritative parenting practices to an authoritarian context: Exploring the person-environment fit. *Journal of Research on Adolescence*, 13, 427-456
- McCabe, M. & Collins, J. (1990). *Dating, relating and sex*. Sydney: Horowitz Grahame.
- McCord, J. (1988). "Changing Times." *The Criminologist*, 13, 2, 1 & 5-7. Republished in Farley, J.E. (1998 e 2003), *Sociology: Fourth and Fifth Editions* (pp. 30-31).
- Meesters, C. & Muris, P. (2003). The validity of attention-deficit hyperactivity (ADHD) and hyperkinetic disorder (HKD) symptom domains in a sample of non-clinical Dutch children. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 32, 460-466.
- Meeus, W., Helsen, M., & Vollebergh, W. (1996). Parents and peers in adolescence: From conflict to connectedness. Four studies. In L. Verhofstadt-Denève, I. Kienhorst, & C. Braet (Eds.), *Conflict and development in adolescence* (pp. 103-115). Leiden: DSWO.
- Meeus, W., Oosterwegel, A., & Vollebergh, W. (2002). Parental and peer attachment and identity development in adolescence. *Journal of Adolescence*, 25, 93-106.
- Mikulincer, M., & Florian, V. (1995). Appraisal of and coping with a real-life stressful situation: The contribution of attachment styles. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 21, 406-414.
- Miller J B. (1999). Attachment Style and Memory for Attachment-related Events. *Journal of Social and Personal Relationships*. 16, 773-801.
- Miller, J. M., DiIorio C. & Dudley, W. (2002) Parenting style and adolescent's reaction to conflict: Is there a relationship? *Journal of Adolescent Health*, 31(6), 463-8.
- Miller, B. C., & Moore, K. A. (1990). Adolescent sexual behavior, pregnancy, and parenting: Research through the 1980s. *Journal of Marriage and the Family*, 52, 1025-1044.

- Miller, J. B., & Noirot, M. (1999). Attachment Memories, Models and Information Processing. *Journal of Social and Personal Relationships*, 16, 147-173.
- Miller, J. M., DiIorio C. & Dudley, W. (2002) Parenting style and adolescent's reaction to conflict: Is there a relationship? *Journal of Adolescent Health*, 31(6), 463-8.
- Minuchin, S. (1974). *Families & family therapy*. Oxford: Harvard University Press.
- Mize, J., & Pettit, G. S. (1997). Mothers' social coaching, mother-child relationship style, and children's peer competence: Is the medium the message? *Child Development*, 68, 312-332.
- Molina, B., & Chassin, L. (1996). The parent-child relationship at puberty: An examination of Hispanic ethnicity and parent alcoholism as moderators. *Developmental Psychology*, 32, 675-686.
- Montgomery, M. J., & Sorell, G. T. (1998). Love and dating experience in early and middle adolescence: Grade and gender comparisons. *Journal of Adolescence*, 21, 677-689.
- Montmayor, R. (1986). Family variation in parent-adolescent storm and stress. *Journal of Adolescent Research*, 1, 15-31.
- Moos, R. (1986). *Group Environment Scale Manual* (2nd ed.). Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press
- Mounts, N.S. (2004). Adolescents' perceptions of parental management of peer relationships in an ethnically diverse sample. *Journal of Adolescent Research*, 19, 446-467.
- Mounts, N. S., & Steinberg, L. (1995). An ecological analysis of peer influence on adolescent grade point average and drug use. *Developmental Psychology*, 31, 915-922.
- Muuss, R. (1988). *Theories of Adolescence*. London: McGraw-Hill, Inc.
- Mutrie, N.; Biddle, S. J. H (1995). The effects of exercise on mental health in clinical populations. In S. Biddle (Ed.) *European perspectives on exercise and sport psychology*. Champaign, Illinois: Human Kinetics, 50-70.
- National Center for Injury Prevention and Control. (2006). *Dating Abuse Fact Sheet*. Acedido a 20 de Março de 2008, em <http://www.cdc.gov/ncipc/dvp/DatingViolence.htm>.
- Newcomb, A. F., & Bagwell, C. L. (1995). Children's friendship relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 117, 306-347.

- Newcomb, A. F., Bukowski, W. M., & Pattee, L. (1993). Children's peer relations: A meta-analytic review of popular, rejected, neglected, controversial, and average sociometric status. *Psychological Bulletin*, 113, 99-128.
- Newman, B.M., & Newman, P.R. (1986). *Adolescent development*. Columbus, OH: Merrill Publishing Company
- Nishina, A., & Juvonen, J. (2005). Daily reports of witnessing and experiencing peer harassment in middle school. *Child Development*, 76, 435-450.
- Noack, P., Kerr, M., & Olah, A. (1999). Family relations in adolescence. *Journal of Adolescence*, 22, 713-717.
- O'Connor, T. G. (2002). Annotation: The 'effects' of parenting reconsidered: findings, challenges, and applications. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 43, 555-572.
- O'Connor, T. G., Allen, J. P., Bell, K. L., & Hauser, S. T. (1996). Adolescent-parent relationships and leaving home in young adulthood: Linking developmental transitions. In J. A. Graber & J. S. Dubas (Eds.), *New directions in child development: Leaving home: Understanding the transition to adulthood* (Vol. 71, pp. 39-52). San Francisco: Jossey-Bass.
- O'Dea, J. (2008). Gender, ethnicity, culture and social class influences on childhood obesity among Australian schoolchildren: implications for treatment, prevention and community education. *Health and Social Care in the Community*, 16 (3) 282-290.
- O'Donnell, W. (1976). Adolescent self-esteem related to feelings towards parents and friends. *Journal of Youth and Adolescence*, 5, 179-185.
- O'Neil, M. K., & Marziali, E. (1976). Depression in a university clinic population. *Canadian Psychiatric Association Journal*, 21, 477-481.
- Offer, D., Ostrov, E., & Howard, K. L., & Dolan, M. (1989). *The Offer Self-Image Questionnaire: A Manual*. Chicago: Michael Reese Hospital and Medical Center.
- Offer, D., & Schonert-Reichl, K. A. (1992). Debunking the myths of adolescence: Findings from recent research. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 31, 1003-1013.
- Oliveira, E. A., Marin, A. H., Pires, F. B., Frizzo, G. B., Ravello, T. & Rossato, C. (2002). Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 15, 1-11.
- O'Koon J., (1997) *Attachment to parents and peers in late adolescence and their relationship with self-image*. *Adolescence*, Vol. 32, 126.

- Overbeek, G., Stattin, H., Vermulst, A., Ha, T., Engels, R. (2006). Parent-Child Relationships, Partner Relationships, and Emotional Adjustment: A Birth-to-Maturity Prospective Study. *Developmental Psychology*, 43(2).
- Owens, G., Crowell, J., Pan, H., Treboux, D., O'Connor, E., & Waters, E. (1995). The prototype hypothesis and the origins of attachment working models: Adult relationships with parents and romantic partners. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 60 (2-3, 244), 216-233.
- Ozer, E. M., Barnett, R. C., Brennan R. T., & Sperling, J. (1998). Does child care involvement increase or decrease distress among dual-earner couples? *Women's Health*, 4 (4), 285-311.]
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2006). *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed.
- Parker, J.G., Rubin, K.H., Erath, S., Wojslawowicz, J.C., & Buskirk, A. (2006). Peer relationships, child development, and adjustment: A developmental psychopathology perspective. In D. Cicchetti (Ed.), *Developmental Psychopathology: Vol. 2: Risk, disorder, and adaptation*. New York: Wiley.
- Paterson, J., Pryor, J. & Field, J. (1995). Adolescent attachment to parents and friends in relation to aspects of self-esteem. *Journal of Youth and Adolescence*, 24, 365-376.
- Patock-Peckham, J. A., Cheong, J., Balhorn, M. E. & Nagoshi, C. T. (2001). A social learning perspective: A model of parenting styles, self-regulation, perceived drinking control, and alcohol use and problems. *Alcoholism: Clinical and Experimental Research*, 25, 1284-1292.
- Perkins, D. F., Luster, T., Villarruel, F. A., & Small, S. (1998). An ecological, risk-factor examination of adolescents' sexual activity in three ethnic groups. *Journal of Marriage and the Family*, 60, 660-673.
- Pereira, A.I. (2007). *Crescer em relação: Estilos Parentais educativos, apoio social e ajustamento*. Dissertação de doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Peterson, G. W., and Hann, D. (1999). "Socializing Children and Parents in Families." In M. Sussman, S. Steinmetz & G. Peterson (Eds), *Handbook of Marriage and the Family*, (2<sup>a</sup>ed.), New York: Plenum Press.
- Peterson, G. W., & Hann, D. (1999). Socializing Children and Parents in Families. In M. Sussman, S. Steinmetz, & G. Peterson (Eds.). *Handbook of Marriage and the Family*. New York: Plenum Press.
- Petrie, T.A., Austin, L.J., Crowley, B.J., Helcamp, A., Johnson, C.E., Lester, R., Rogers, R., Turner, J., & Walbrick (1996). Sociocultural expectations of attractiveness for males. *Sex Roles*, 35, 581-602.
- Pettit, G., Laird, R.D., Dodge, K.A., Bates, J., & Criss, M. (2001). Antecedents and behavior-problem outcomes of parental monitoring and psychological control in early adolescence. *Child Development*, 72(2), 583-598.

- Pfaller, J., Kiselica, M., & Gerstein, L. (1998). Attachment style and family dynamics in young adults. *Journal of Counseling Psychology, 45*, 353-357.
- Piaget, J. (1965). *The moral judgment of the child*. New York: The Free Press.
- Piaget, J. & Inhelder, B. (1966). *The child's conception of space*, London, Routledge & Kegan Paul.
- Piaget, J. (1973). *Le jugement moral chez l'enfant*. Paris: PUF.
- Pierce, G. R., Sarason, I. G., & Sarason, B. R. (1991). General and relationship-based perceptions of social support: Are two constructs better than one? *Journal of Personality and Social Psychology, 61*, 1028-1039.
- Potvin, R. H., & Lee, C. F. (1982). Adolescent religion: A developmental approach. *Sociological Analysis, 43*, 131-144
- Prinstein, M. J., Borelli, J. L., Cheah, C. S. L., Simon, V. A., & Aikins, J. W. (2005). Adolescent Girls' Interpersonal Vulnerability to Depressive Symptoms: A Longitudinal Examination of Reassurance-Seeking and Peer Relationships. *Journal of Abnormal Psychology, 114*(4), 676-688.
- Pritchard, M. E., King, S. L., & Czajka-Narins, D. M. (1997). Adolescent body mass indices and self-perception. *Adolescence, 32*, 863-880.
- Procidano, E.M., & Heller, K. (1983). Measures of perceived social support from friends and from family: three validation studies. *American Journal of Community Psychology, 11* (1), 1-24.
- Procidano, M.E., & Smith, W.W. (1997). Assessing perceived social support: The importance of context. In G.R. Pierce, I.G. Sarason, N. Sarason, & B. Lakey (Eds.). *Sourcebook of theory and research on social support and personality* (pp. 93-106). New York: Plenum.
- Quintin, P. E. (2001). Changements familiaux à long terme à la suite d'une intervention écosystémique. In J. Torrente (Org), *La maltraitance - Regars pluridisciplinaires* (pp. 191-214). Revigny-sur-Ornain: Hommes et Perspectives.
- Radziszewska, B., Richardson, J. L., Dent, C. W. & Flay, B. R. (1996). Parenting style and adolescent depressive symptoms, smoking, and academic achievement: Ethnic, gender, and SES differences. *Journal of Behavior Medicine, 19*, 289-305.
- Raja, S., McGee, R., & Stanton, W. (1992). Perceived attachments to parents and peers and psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence, 21*, 471-485.

- Reindl, C., & Lindsey, T. (2007). *Peer Influence on Male Body Image*. Western Psychological Association 2007 Convention Presentation.
- Reisman, J. (1985). Friendship and its implications for mental health or social competence. *Journal of Early Adolescence*, 5, 383-391.
- Reppold, C. T., Pacheco, J. B., Bardagi, M.P. & Hutz, C.S. (2002). Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: Uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais. In C. S. Hutz. (Org.). *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e adolescência: Aspectos teóricos e estratégias de intervenção* (pp. 7-51). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rholes, W. S., Simpson, J. A., & Orina, M. M. (1999). Attachment and anger in an anxiety-provoking situation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76, 940-957.
- Ricciardelli, L. A., & McCabe, M. P. (2001a). Psychometric evaluation of the Body Change Inventory: An assessment instrument for boys and girls. *Eating Behaviors*, 3, 45-59.
- Ricciardelli, L. A., McCabe, M. P., & Banfield, S. (2000). Body image and body change methods in adolescent boys: Role of parents, friends, and the media. *Journal of Psychosomatic Research*, 49, 189-197.
- Richards, M.H. & Larson, R. (1993). Pubertal development and the daily subjective states of young adolescents. *Journal of Research on Adolescence*, 3, 145-169.
- Rice, K.G. (1990). Attachment in adolescence: A narrative and meta-analytic review. *Journal of Youth and Adolescence*, 19, 511-538.
- Richards, M.H., Crowe, P., Larson, R. & Swarr, A. (1998). Developmental patterns and gender differences in the experience of peer companionship during adolescence. *Child Development*, 69, 154-163.
- Rieves, L., & Cash, T.F. (1996). Social developmental factors and women's body image attitudes. *Journal of Social Behavior and the Personality*, 11, 63-78.
- Ripaupierre, A. & Pascual-Leone, J. (1979). Formal operation and M power: A neo-Piagetian investigation. *New Directions for Child Development*, 5, 1-43.
- Roche, J. P. (1986). Premarital sex: attitudes and behavior by dating stage. *Adolescence*, 21, 107- 121.
- Roig, A. M. & Ochotorena, J. P. (1993). *Maltrato y Abandono en la Infancia*. Barcelona: Ediciones Martínez Roca, S.A.

- Roisman, G., Collins, W. A., Sroufe, L. A., & Egeland, B. (2005). Predictors of young adults' representations of and behavior in their current romantic relationships: A prospective test of the prototype hypothesis. *Attachment and Human Development, 7* (2), 105-121.
- Roscoe, B., Diana, M. S., & Brooks, R. H. (1987). Early, middle, and late adolescents' views on dating and factors influencing partner selection. *Adolescence, 22*, 59-68.
- Rose, R. J. (2002). How do adolescents select their friends? In L. Pulkkinen & A. Caspi (Eds.) *Paths to successful development: Personality in the life course* (pp. 106-125). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton University Press.
- Rosenberg, M. (1979). *Conceiving the self*. New York: Harper and Row.
- Rosenberg, M. (1985). Self-concept and psychological well-being in adolescence. In R. L. Leahy (Eds.), *The Development of the Self*. London: Academic Press.
- Rosenbloom, S. (2004). "The Context of Friendships in an Urban High School: Fearing Peers and Trusting Friends". Paper presented at the annual meeting of the American Sociological Association, San Francisco, CA., Aug 14, 2004. Disponível em [http://www.allacademic.com/meta/p\\_mla\\_apa\\_research\\_citation/1/0/9/7/3/pages109735/p109735-1.php](http://www.allacademic.com/meta/p_mla_apa_research_citation/1/0/9/7/3/pages109735/p109735-1.php)
- Rostosky, S.S., Galliher, R.V., Welsh, D.P., & Kawaguchi, M.C. (2000). Sexual behaviors and relationship quality in late adolescent couples. *Journal of Adolescence, 23*, 583-597.
- Rostosky, S.S., Wilcox, B.L., Wright, M.L., & Randall, B.A. (2004). The impact of religiosity on adolescent sexual behavior: A review of the evidence. *Journal of Adolescent Research, 19*(6), 677-697.
- Roth, M.A., & Parker, J.G. (2001). Affective and behavioral responses to friends who neglect their friends for dating partners: influences of gender, jealousy and perspective. *Journal of Adolescence, 24* (3), 281-296(16).
- Rothbard, J., & Shaver, P. (1994). Continuity of attachment across the life span. In M. Sperling & W. Berman (Eds.), *Attachment in adults* (pp. 31-71). N.Y.: The Guilford Press.
- Rubin, K.H.; Bukowski, W.; & Parker, JG. (1998). Peer interactions, relationships, and groups. In: Damon W, Eisenberg N. (Eds). *Handbook of child psychology: Vol. 3. Social, emotional, and personality development*. (619–700). New York: Wiley.
- Rueter, M.A., & Conger, R.D. (1995). Antecedents of parent-adolescent disagreements. *Journal of Marriage and Family, 57*, 435-448.

- Saferstein, J., Neymeier, G. e Hagans, C. (2005). Attachment as a predictor of friendship qualities in college youth. *Social Behavior and Personality: An International Journal*, 33(8), 767-776.
- Samet, N., & Kelly, E. W. (1987). The relationship of steady dating to self-esteem and sex role identity among adolescents. *Adolescence*, 22, 231-245.
- Sampaio, D. (1994). *Inventem-se Novos Pais*. Rio de Mouro: Circulo de Leitores.
- Sampaio, D. (2004). *Árvore sem voz*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Savin-Williams, R. C., and Berndt, T. J. (1990). "Friendships and Peer Relations during Adolescence." In *At the Threshold: The Developing Adolescent*, ed. S. S. Feldman and G. R. Elliott. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Schachner, D. A., & Shaver, P. R. (2002). Attachment style and human mate poaching. *New Review of Social Psychology*, 1, 122-129.
- Schachner, D. A., & Shaver, P. R. (2004). Attachment dimensions and motives for sex. *Personal Relationships*, 11(2), 179-195.
- Schaffer, H. R. (2000). The early experience assumption: Past, present, and future. *International Journal of Behavioral Development*, 24, 5-14.
- Sharabany, R., Gershoni, R., & Hofman, J. (1981). Girlfriend, boyfriend: age and sex differences in intimate friendship. *Developmental Psychology*, 17, 800-808.
- Sharabany, R. (1994). Intimate friendship scale: conceptual underpinnings, psychometric properties and construct validity. *Journal of Social and Personal Relationships*, 11, 449-469.
- Scharf, M., Shulman, S. & Avigad-Spitz, L. (2005). Sibling relationships in emerging adulthood and adolescence. *Journal of Adolescent Research*, 20, (1), 64-90.
- Scholte, R. H. J. (1998). *Adolescent relationships*. Dissertação de doutoramento não publicada. Universidade de Nijmegen.
- Shavelson, R. J., Hubner, J. J., & Stanton, J. C. (1976). Self-concept: Validation of construct interpretations. *Review of Educational Research*, 46, 407-441.
- Shaver, P., & Buhrmester, D. (1983). Loneliness, sex-role orientation, and group life: A social needs perspective. In P. Paulus (Ed.), *Basic group processes* (pp. 270-283). New York: Springer-Verlang.

- Shaver, P., Furman, W. & Buhrmester, D. (1985). Aspects of a life transition: Network changes, social skills and loneliness. In S. Duck & D. Perlman (Eds.), *The Sage series in personal relationships*, Vol. 1. (pp. 193-219). London: Sage.
- Scholte, R.H.J. & Aken, M.A.G. van (2006). Peer relations in adolescence. In A.E. Jackson & L. Goossens (Eds.), *Handbook of Adolescent Development: European Perspectives* (pp. 175-199). London: Psychology Press.
- Scholte, R. H. J.; van Lieshout, C. F. M.; and van Aken, M. A. G. (2001). "Perceived Relational Support in Adolescence: Dimensions, Configurations, and Adolescent Adjustment." *Journal of Research on Adolescence* 11(1), 71–94.
- Schneider, B. H., Wiener, J., Murphy, K. (1994). Children's friendships: The giant step beyond acceptance. *Journal of Social and Personal Relationships*, 11, 323-340.
- Seiffge-Krenke, I. (1995). Stress, coping and relationships on adolescence. A cross-cultural study. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 21, 3, 351-377.
- Seiffge-Krenke, I. (1998). *Adolescents' Health: A Developmental Perspective*. Lawrence Erlbaum Associates: Mahwah, New Jersey.
- Seiffge-Krenke, I. (2003). Testing theories of romantic development from adolescence to young adulthood: Evidence of a developmental sequence. *International Journal of Behavioral Development*, 27, 519–531.
- Selman, R. L. (1980). *The growth of interpersonal understanding*. New York: Academic.
- Sharabany, R. (2000). Intimacy in preadolescence: Issues in linking parent and peers, theory, culture, and findings. In K. A. Kerns, J. M. Contreras, & A. M. Neal-Barnett (Eds.), *Family and peers: Linking two social worlds*. Westport, CO: Praeger Publishers.
- Shaver, P., Furman, W. & Buhrmester, D. (1985). Aspects of a life transition: Network changes, social skills and loneliness. In S. Duck & D. Perlman (Eds.), *The Sage series in personal relationships*, Vol. 1. (pp. 193-219). London: Sage.
- Shore, R., & Porter, J. (1990). Normative and reliability data for 11 to 18 year olds on the eating disorders inventory. *International Journal of Eating Disorders*, 9, 201-207.
- Shulman, S. (1993). *Nature and level of intimacy among close friendship types in adolescence*. Symposium on the Significance of Close Peer Relationships During Adolescence. 12<sup>th</sup> Biennial Meeting of ISSBD, Recife, Brazil.

- Shulman, S., Levy-Shiff, R., Kedem, P., & Alon, E. (1997). Intimate relationships among adolescent romantic partners and same-sex friends: Individual and systemic perspectives. *New Directions in Child Development, 68*, 37-52.
- Shulman, S., & Scharf, M. (2000). Adolescent romantic behaviors and perceptions: Age- and gender-related differences, and links with family and peer relationships. *Journal of Research on Adolescence, 10*, 99-118.
- Silverberg, S.B., & Gondoli, D.M. (1996). Autonomy in adolescence: A contextualized perspective. In G.R. Adams, R. Montemayor, & T.P. Gullotta (Eds.), *Advances in adolescent development: Vol. 8: Psychosocial development during adolescence* (pp. 12-61). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Simpson, J. A. (1990). Influence of Attachment Styles on Romantic Relationships. *Journal of Personality and Social Psychology, 59*, 971-980.
- Simpson, J. A., Rholes, W. S., and Nelligan, J. S. (1992). Support Seeking and Support Giving within Couples in an Anxiety-Provoking Situation: The Role of Attachment Styles. *Journal of Personality and Social Psychology, 62*, 434-446.
- Skoe, E., & Marcia, J. (1991). A measure of care-based morality and its relation to ego identity. *Merrill-Palmer Quarterly, 37*, 289-303.
- Slicker, E. K. (1998). Relationship of parenting style to behavioral adjustment in graduating high school seniors. *Journal of Youth and Adolescence, 27*, 345-372.
- Smetana, J., Campione-Barr, N. & Metzger, A.. (2006). Adolescent development in interpersonal and societal contexts. *Annual Review of Psychology 57*, 255-84.
- Smetana, J., Yau, J., Restrepo, A. & Braeges, J. (1991). Adolescent-parent conflict in married and divorced families. *Developmental Psychology, 27*, 1000-1010.
- Silverstein, B., Perdue, L., Peterson, B., & Kelly, E. (1986). The role of the mass media in promoting a thin standard of bodily attractiveness for women. *Sex Roles, 14*, 519-532.
- Simmons, R. G., Rosenberg, F., & Rosenberg, M. (1973). Disturbance in the self-image at adolescence. *American Sociological Review, 38*, 553-568.
- Smith, L. (1993). *Necessary knowledge: Piagetian perspective on constructivism*. Hove, UK: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Soares, I. (1996). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência*. Braga: Universidade do Minho.

- Soares, I., & Campos, B.P., (1988). Vinculação e autonomia na relação do adolescente com os pais. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 4, 57-64.
- Sousa, P. (2006). *Desenvolvimento moral na adolescência*. Acedido a 1 de Novembro de 2007 no Portal dos psicólogos [www.psicologia.com.pt](http://www.psicologia.com.pt).
- Sperling, M. & Berman, W. (1994) *Attachments in adults: Clinical and development perspectives*. New York: The Guilford Press.
- Sprinthal, N. & Collins, W. (2003). *Psicologia do adolescente: Uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sroufe, L. A., Carlson, E. A., Levy, A. K., & Egeland, B. (1999). Implications of attachment theory for developmental psychopathology. *Development and Psychopathology*, 11, 1-13.
- Sroufe, L. A., Fox, N. E., & Pancake, V. R. (1983). Attachment and dependency in developmental perspective. *Child Development*, 54, 1615- 1627.
- Sroufe, L. A., & Waters, E. (1977). Attachment as an organizational construct. *Child Development*, 48, 1184-1199.
- Stattin, H. & Kerr, M. (2000). Parental Monitoring, a Reinterpretation. *Child Development*, 71, 1072-1085.
- Steese, S., Dollette, M, Phillips, W, Hossfeld, E., Matthews, G., & Taormina, G. (2006). Understanding Girls' Circle as an Intervention on Perceived Social Support, Body Image Self-Efficacy, Locus of Control and Self-Esteem. *Adolescence*, Vol. 41.
- Steinberg, L. (1981). Transformations in family relations at puberty. *Developmental Psychology*, 17(6), 833-840.
- Steinberg, L. (1990). Autonomy, conflict, and harmony in the family relationship. In S. S. Feldman & G. R. Elliott (Eds.), *At the threshold: The developing adolescent* (pp. 255-276). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Steinberg, L. (1999). *Adolescence* (5th ed.). New York: McGraw-Hill.
- Steinberg, L. (2001). We know some things: Parent-adolescent relationships in retrospect and prospect. *Journal of Research on Adolescence*, 11, 1-19.
- Steinberg, L., Dornbusch, S. M., & Brown, B. B. (1992). Ethnic differences in adolescent achievement: An ecological perspective. *American Psychologist*, 47, 723-729.
- Steinberg, L., Lamborn, S., Dornbusch, S., & Darling, N. (1992). Impact of parenting practices on adolescent achievement and encouragement to succeed. *Child Development*, 63, 1266-1281.

- Steinberg, L., Mounts, N. S., Lamborn, S. D., & Dornbusch, S. M. (1991). Authoritative parenting and adolescent adjustment across varied ecological niches. *Journal of Research on Adolescence*, 1(1), 19-36.
- Stevenson-Hinde, J. & Marris, P. (1991), *Attachment across the life cycle* (pp. 33-51). New York: Routledge.
- Stice, E. (2001). A prospective test of the dual-pathway model of bulimic pathology: Mediating effects of dieting and negative affect. *Journal of Abnormal Psychology*, 110, 124-135.
- Strage, A. & Brandt, T. S. (1999). Authoritative parenting and college student's academic adjustment and success. *Journal of Educational Psychology*, 91, 146-156.
- Striegel-Moore, R. H., Silberstein, L.R., Frensch, P., & Rodin, J. (1989). A prospective study of disordered eating among college students. *International Journal of Eating Disorders*, 8, 499-509.
- Stroufe, L. A., & Waters, E. (1977). Attachment as an organizational construct. *Child Development*, 48, 1184-1199.
- Suellentrop, K. & Flanigan, C. (2006). Pregnancy among sexually experienced teens, *Science Says*, (23). Washington, DC: The National Campaign to Prevent Teen Pregnancy.
- Suldo, S., & Sandberg, D. (2000). Relationships between attachment styles and eating disorder symptomatology among college women. *Journal of College Student Psychotherapy*, 15, 59-73.
- Sullivan, H. S. (1953). *An interpersonal theory of psychiatry*. New York: Norton.
- Tashakkori, A., Thompson, V.D., Wade, J., & Valente, E. (1990). Structure and stability of self-esteem in late teens. *Personality and Individual Differences*, 11, 885-894.
- Teenage Research Unlimited (2006). *Teen Relationship Abuse Survey*. Liz Claiborne Inc. Acedido a 29 de Março de 2008, em [www.loveisnotabuse.com/pdf/Liz%20Claiborne%20Mar%2006%20Relationship%20Abuse%20Hotshet.pdf](http://www.loveisnotabuse.com/pdf/Liz%20Claiborne%20Mar%2006%20Relationship%20Abuse%20Hotshet.pdf).
- Tesch, S. A., & Cameron, K. A. (1987). Openness to experience and development of adult identity. *Journal of Personality*, 55, 615-630.
- Tidwell, M. O., Reis, H. T., & Shaver, P. R. (1996). Attachment, attractiveness, and social interaction: A diary study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, 729-745.
- Thompson, J.K., Heinberg, L.J., Altabe, M. & Tantleff-Dunn, S. (1999). *Exacting Beauty: Theory, Assessment, and Treatment of Body Image Disturbance*, American Psychological Association, Washington, DC.

- Thorton, J.S. (1990). Feast or Famine: Eating disorders in athletes. *The Physician and Sportsmedicine*, 18(4), 116-122.
- Tidwell, M. O., Reis, H. T., & Shaver, P. R. (1996). Attachment, attractiveness, and social interaction: A diary study. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, 729-745.
- Toro, P., Reischl, T., Zimmerman, M., Rappaport, J., Seidman, E., Luke, D., & Roberts, L. (1988). Professionals in mutual help groups: Impact on social climate and members' behavior. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 56, 631-632.
- Treboux, D., Crowell, J. & Waters, E. (2004). When “New” Meets “Old”: Configurations of Adult Attachment Representations and Their Implications for Marital Functioning. *Developmental Psychology*, 40, 295-314.
- Tracy, J. L., Shaver, P. R., Albino, A. W., & Cooper, M. L. (2003). Attachment styles and adolescent sexuality. In P. Florsheim (Ed.), *Adolescent romance and sexual behavior: Theory, research, and practical implications* (pp. 137-159). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Truant, G. S., Herscovitch, J., & Lohrenz, J. G. (1987). The relationship of childhood experience to the quality of marriage. *Canadian Journal of Psychiatry*, 145, 479-482.
- Tucker, J. S., & Anders, S. L. (1999). Attachment style, interpersonal perception accuracy, and relationship satisfaction in dating couples. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 25, 403-412.
- Tucker J. S., Anders S. L., 2001. Social control of health behaviors in marriage. *Journal of Applied Social Psychology*, 31, 467-485.
- Urberg, K. A., Degirmencioglu, S. M., & Pilgrim, C. (1997). Close friend and group influence on adolescent cigarette smoking and alcohol use. *Developmental Psychology*, 33, 834-844.
- van Aken, M. A. G., van Lieshout, C. F. M., Scholte, R. H. J., & Haselager, G. J. T. (2002). Personality types in childhood and adolescence: main effects and person-relationship transactions. In L. Pulkkinen, & A. Caspi (Ed.), *Paths to successful development: Personality in the life course* (pp. 129-156). New York: Cambridge University Press.
- Van den Berg, P. & Neumark-Sztainer, D. (2007). Fat 'n Happy 5 Years Later: Is It Bad for Overweight Girls to Like Their Bodies? *Journal of Adolescent Health*, 41 (4), 415-417.
- Van Ijzendoorn, M.H., & Sagi, A. (1999). Cross-Cultural Patterns of Attachment: Universal and Contextual Dimensions. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory and research* (pp. 713-734). New York: Guilford Press.

- Van Wel, F., Linssen, H. & Abma, R. (2000). The Parental Bond and the Well-Being of Adolescents and Young Adults. *Journal of Youth and Adolescence*, 29(3), 307.
- Van Wel, F. (1994). I count my parents as my best friends: Youths' bonds with parents and friends with Netherlands. *Journal of Marriage Family*, 56, 835-842.
- Walker, L., & Greene, J. (1986). The social context of adolescent self-esteem. *Journal of Youth and Adolescence*, 15, 315-322.
- Ward, A., Ramsay, R., & Treasure, J. (2000). Attachment research in eating disorders, *British Journal of Medical Psychology*, 73, 35-46.
- Waters, Hamilton, C. & Weinfield, N. (2000) The stability of attachment security from infancy to adolescence and early adulthood: General introduction. *Child Development*, vol. 71, n° 3, pp. 678-683.
- Waters, H. C. & Weinfield, N. (2000). The stability of attachment security from infancy to adolescence and early adulthood: General introduction. *Child Development*, 71(3), pp. 678-683.
- Way, N. (1998). *Everyday Courage: The Lives and Stories of Urban Adolescents*. New York: NYU Press.
- Weber, L. N. D., Biscaia, P, Paivei, C. A., & Galvão, A. (2002). A Relação entre o estilo Parental e o Stress infantil. In *X Encontro Paranaense de Psicologia, Anais Psicologia em Conexão*, Curitiba: CRP – 08.
- Weber, L. N. D. (2005). *Eduque com Carinho*. Curitiba: Editora Juruá.
- Weinfield, N.S. (1996), *Attachment and the representation of relationships from infancy to adulthood: Continuity, discontinuity, and their correlates*. Tese de Doutorado não publicada. University of Minnesota.
- Weiss, L. H., & Schwarz, J. C. (1996). The relationship between parenting types and older adolescents' personality, academic achievement, adjustment, and substance use. *Child Development*, 67, 2101–2114.
- Welsh, D. P., Galliher, R. V., & Powers, S.I. (1998). Divergent realities and and perceived inequalities: Adolescents', mothers', and observers' perceptions of family interactions and adolescent psychological functioning. *Journal of Adolescent Research*, 13, 377-402.
- Welsh, D.P., Galliher, R.V., Welsh, D.P., Rostosky, S.S., & Kawaguchi, M.C. (2004). Interaction and relationship quality in late adolescent romantic couples. *Journal of Social and Personal Relationships*, 21, 203-216.
- Wentzel, K.R., & Caldwell, K. (1997). Friendships, peer acceptance, and group membership: relations to academic in middle school. *Child Development*, 68, 1198-1209.

- Wills, T.A., & Cleary, S.D. (1996). How are social support effects mediated: A test with parental support and adolescent substance use. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(5), 937-952.
- Windle, M. (1992). A longitudinal study of stress buffering for adolescent problem behaviors. *Developmental Psychology*, 28, 522-530.
- Whitehead, J.R., & Hoover, J.H. (2000). The link between body issues and behavioural problems. *Reclaiming Children and Youth*, 9, 130-132.
- Wintre, M. G., & Yaffe, M. (2000). First-year students' adjustment to university life as a function of relationships with parents. *Journal of Adolescent Research*, 15, 9-37.
- Wright, M. (1989). Body Image satisfaction in adolescent girls and boys. A longitudinal study. *Journal of Youth of developmental Family*, 43, 550-570.
- Young, J Z (1964). *A Model of the Brain*. London: Clarendon Press.
- Youngblade, L.M., Park, K., & Belsky, J. (1993). Dyadic measurement of young children's friendship: A comparison of 2 independent coding systems and their associations with measures of child-parent attachment. *International Journal of Behavioral Development*, 16, 563-587.
- Youniss, J. (1980). *Parents and peers in social development*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Youniss, J., & Smollar, J. (1985). *Adolescent relations with mothers, fathers, and friends*. Chicago: University of Chicago Press.
- Zani, B. & Cicognani, E. (2006). Sexuality and intimate relations in adolescence. In S. Jackson & L. Goossens (Eds.). *Handbook of Adolescent Development*. New York: Psychology Press.
- Zimmerman, J. L., & Dickerson, V. C. (1994). Tales of the body thief: Externalizing and deconstructing eating problems. In M. Hoyt (Ed.), *Constructive therapies* (pp. 295-318). New York: Guilford.

---

# ANEXOS

### **CrITÉRIOS IDENTIFICADORES DO NÍVEL SÓCIO-ECONÓMICO:**

• **Nível sócio-económico baixo:** trabalhadores assalariados, por conta de outrem, trabalhadores não especializados da indústria e da construção civil, empregados de balcão no pequeno comércio, contínuos, cozinheiros, empregados de mesa, empregadas de limpeza, pescadores, rendeiros, trabalhadores agrícolas, vendedores ambulantes, trabalhadores especializados da indústria (mecânicos, electricistas), motoristas; até ao 8º ano de escolaridade obrigatória.

• **Nível sócio-económico médio:** profissionais técnicos intermédios independentes, pescadores proprietários de embarcações; empregados de escritório, de seguros e bancários; agentes de segurança, contabilistas; enfermeiros, assistentes sociais; professores do ensino primário e secundário; comerciantes e industriais; do 9º ao 12º ano de escolaridade; cursos médios e superiores.

• **Nível sócio-económico elevado:** grandes proprietários ou empresários agrícolas, do comércio e da indústria; quadros superiores da administração pública, do comércio, da indústria e de serviços, profissões liberais (gestores, médicos, magistrados, arquitectos, engenheiros, economistas, professores do ensino superior); artistas; oficiais superiores das forças militares e militarizadas; pilotos da aviação; do 4º ano de escolaridade (de modo a incluir grandes proprietários e empresários) à licenciatura, mestrado ou doutoramento.

Introduzimos uma variante, que consistiu considerar a existência de um nível sócio-económico médio-alto onde se agrupariam as profissões que actualmente correspondem à titulação de uma licenciatura ou bacharel (por exemplo, enfermeiros, docentes no ensino superior, assistentes sociais). Consideramos que estas profissões e habilitações correspondem a uma situação sócio-económica diferenciada das outras incluídas no nível sócio-económico médio proposto por Simões. Finalmente, agrupámos o nível sócio-económico médio-alto e o elevado numa só categoria. Nesta, ficam incluídos os sujeitos cujos pais têm um bacharel ou licenciatura ou profissão que actualmente equivale à posse de uma dessas habilitações.

**CONSENTIMENTO INFORMADO**

Este estudo no qual lhe pedimos que colabore insere-se no âmbito da tese de mestrado de Ana Beato em Psicologia, especialização em Stress e Bem-Estar, da Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade de Lisboa, sob a orientação da Professora Doutora Isabel Narciso.

Cada participante pode dar um **contributo único** que não poderá ser substituído por nenhum outro respondente. A participação no estudo é **voluntária** e os dados disponibilizados são **anónimos e confidenciais**, não havendo consequências para quem se recusar participar.

As actividades de investigação permitem conhecermos melhor a forma como pensamos, sentimos e nos comportamos. Os resultados são muitas vezes preciosos para a compreensão e intervenção nas áreas em estudo. Se quiser ter acesso aos resultados desta investigação, estes serão publicados e apresentados sob a forma de dissertação de mestrado no início de 2009.

Se concordar em participar neste estudo, assine apenas uma rubrica no espaço abaixo.

Agradecemos a sua preciosa colaboração!

*Tomei conhecimento do objectivo do estudo e do que tenho de fazer para participar no estudo. Fui esclarecido/a sobre todos os aspectos importantes e as perguntas que coloquei foram respondidas. Fui informado/a que tenho o direito a recusar participar e que a minha recusa em fazê-lo não terá consequências para mim. Assim, declaro que aceito participar na investigação.*

**RUBRICA (por favor não indique o nome ou outro dado que permita a sua**

**identificação)** \_\_\_\_\_ **Data** \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

## QUESTIONÁRIO GERAL

**É muito importante que leia atentamente e responda a todas as questões!**

**Deixar questões em branco inutiliza todo o questionário e impossibilita que as suas respostas sejam incluídas na investigação.**

**Quando não tiver a certeza acerca de um valor ou resposta, por favor, responda de forma mais aproximada possível ao que pretende.**

**A. DADOS DEMOGRÁFICOS E FAMILIARES****1. Sexo:** 1 Masculino 2 Feminino**2. Idade:** \_\_\_\_\_**3. Ano / Curso:** \_\_\_\_\_**4. Etnia:** 1 Branca 2 Negra 3 Branca/Negra 4 Outra. Qual? \_\_\_\_\_**5. É crente em alguma religião?** 1 Não 2 Sim. Qual? \_\_\_\_\_ E é praticante?  1 Não  2 Sim**6. Zona de Residência (até à entrada na faculdade se frequentar o ensino superior):** 1 Norte 2 Centro 3 Grande Lisboa 4 Algarve 5 Alentejo 6 Madeira 7 Açores 8 Outra \_\_\_\_\_**7. Os seus pais vivem juntos?** 1 Não 2 Sim. Desde há quanto tempo? \_\_\_\_\_**8. Estado Civil dos pais:****PAI** 1 Casado / Unido de facto 2 Recasado / Reunido de facto 3 Divorciado / Separado 4 Viúvo 5 Solteiro 6 Não sei**MÃE** 1 Casada/ Unida de facto 2 Recasada / Reunida de facto 3 Divorciada / Separada 4 Viúva 5 Solteira 6 Não sei**9. Habita com** \_\_\_\_\_

10. Profissão dos Pais: PAI \_\_\_\_\_

MÃE \_\_\_\_\_

11. Escolaridade dos Pais: PAI \_\_\_\_\_

MÃE \_\_\_\_\_

**12. Irmãos**

Número de irmãos \_\_\_\_\_

Escreva a idade e sexo dos seus irmãos:

Sexo \_\_\_ Idade \_\_\_\_\_; Sexo \_\_\_ Idade \_\_\_\_\_; Sexo \_\_\_ Idade \_\_\_\_\_;

Sexo \_\_\_ Idade \_\_\_\_\_; Sexo \_\_\_ Idade \_\_\_\_\_; Sexo \_\_\_ Idade \_\_\_\_\_

**B. RELAÇÕES AMOROSAS**

**13. Preferência sexual**

1 Heterossexual 2 Homossexual 3 Bissexual 4 Não sei 5 Não respondo

**14. Tem uma relação amorosa na actualidade?**

1 Não

2 Sim. Há quanto tempo? \_\_\_\_\_

**15. Quantas relações amorosas teve nos últimos 12 meses?** \_\_\_\_\_ (escreva um número, por favor).

**16. Quantas relações amorosas teve até à actualidade?** \_\_\_\_\_ (escreva um número)

**17. Quanto tempo duram habitualmente as suas relações amorosas?**

2 semanas ou menos

2 - 4 semanas

1 - 2 meses

3 - 6 meses

7 - 12 meses

Mais de um ano

Não se aplica

**18. Quem costuma terminar as suas relações amorosas?**

1 Quase sempre são eles/as

2 A maior parte das vezes são eles/as

3 Tanto eu como eles/as

4 A maior parte das vezes sou eu

5 Quase sempre sou eu

6 Não se aplica

**19. Tem actividade sexual na relação actual?**

1 Não

2 Sim

3 Não tenho relação actual e não tenho actividade sexual

4 Não tenho relação actual e tenho actividade sexual

5 Nunca tive relações sexuais

**20. Você ou o(s) seu(s)/sua(s) parceiro(s)/a(s) utilizam algum método anticoncepcional?**

1 Não

2 Sim. Qual/Quais? \_\_\_\_\_

**21. Se sim, com que frequência utiliza estes anticoncepcionais?**

1 Sempre 2 Muitas vezes 3 Algumas vezes 4 Poucas vezes 5 Raramente

**QUESTIONÁRIO DE AUTO-ESTIMA GLOBAL**  
(ROSENBERG, M.; ADAPTAÇÃO DE LUÍSA FARIA, 2000)

Segue-se uma lista de afirmações respeitantes ao modo como se sente acerca de si próprio(a). À frente de cada uma delas assinale com uma cruz (X), na respectiva coluna, a resposta que mais se lhe adequa.

A CONCORDO TOTALMENTE	B CONCORDO	C <i>CONCORDO PARCIALMENTE</i>	D DISCORDO PARCIALMENTE	E DISCORDO	F DISCORDO TOTALMENTE	
Globalmente estou satisfeito(a) comigo próprio(a).						
Por vezes penso que nada valho.						
Sinto que tenho um bom número de qualidades.						
Sou capaz de fazer as coisas tão bem como a maioria das outras pessoas.						
Sinto que não tenho muito de que me orgulhar.						
Por vezes sinto-me de facto um(a) inútil.						
Sinto que sou uma pessoa com valor, pelo menos num plano de igualdade com os outros.						
Gostaria de ter mais respeito por mim próprio(a).						
Em termos gerais inclino-me a achar que sou um(a) falhado(a).						
Adopto uma atitude positiva perante mim próprio(a).						

**Avaliação Global da Satisfação Corporal**

**Como se sente relativamente aos seu corpo na sua globalidade? Faça um círculo à volta resposta que mais de adequa.**

- 1 Muito Insatisfeito/a
- 2 Insatisfeito/a
- 3 Nem Insatisfeito/a Nem Satisfeito/a
- 4 Satisfeito/a
- 5 Muito Satisfeito/a

### ESCALA DE ESTIMA CORPORAL

*Franzoi, S.L., & Shields, S.A. 1984*  
 (Tradução e Adaptação Portuguesa: Raquel Barbosa, 2001)

Nesta página estão listadas algumas funções e partes do corpo. Leia atentamente cada item e indique como se sente acerca de cada uma das partes ou funções do seu próprio corpo, usando a seguinte escala:

1 Sinto-me muito mal	2 Sinto-me moderadamente mal	3 Não me sinto nem bem nem mal	4 Sinto-me moderadamente bem	5 Sinto-me muito bem
----------------------------	---------------------------------------	--------------------------------------	---------------------------------------	----------------------------

1. Odor corporal	<input type="checkbox"/>	19. Braços	<input type="checkbox"/>
2. Apetite	<input type="checkbox"/>	20. Peito ou mamas	<input type="checkbox"/>
3. Nariz	<input type="checkbox"/>	21. Aspecto dos olhos	<input type="checkbox"/>
4. Porte físico	<input type="checkbox"/>	22. Bochechas/ maçãs do rosto	<input type="checkbox"/>
5. Reflexos	<input type="checkbox"/>	23. Ancas	<input type="checkbox"/>
6. Lábios	<input type="checkbox"/>	24. Pernas	<input type="checkbox"/>
7. Força muscular	<input type="checkbox"/>	25. Figura ou aspecto físico	<input type="checkbox"/>
8. Cintura	<input type="checkbox"/>	26. Desejo sexual	<input type="checkbox"/>
9. Nível energético	<input type="checkbox"/>	27. Pés	<input type="checkbox"/>
10. Coxas	<input type="checkbox"/>	28. Órgãos sexuais	<input type="checkbox"/>
11. Orelhas	<input type="checkbox"/>	29. Aparência da barriga	<input type="checkbox"/>
12. Bíceps	<input type="checkbox"/>	30. Saúde	<input type="checkbox"/>
13. Queixo	<input type="checkbox"/>	31. Actividades sexuais	<input type="checkbox"/>
14. Constituição física	<input type="checkbox"/>	32. Pêlo do corpo	<input type="checkbox"/>
15. Coordenação física	<input type="checkbox"/>	33. Condição física	<input type="checkbox"/>
16. Nádegas	<input type="checkbox"/>	34. Cara/ face	<input type="checkbox"/>
17. Agilidade	<input type="checkbox"/>	35. Peso	<input type="checkbox"/>
18. Largura dos ombros	<input type="checkbox"/>		

## EMBU-A

Autores: Gerlsma, Arrindel, Van Der Veen & Emmelkamp (1991)  
Adaptação: Lacerda (2004)

Gostavamos de saber a sua opinião acerca dos comportamentos dos seus pais em relação a si. Leia cuidadosamente as perguntas e considere a resposta que melhor se aplica ao seu caso. Responda separadamente para cada questão um X num dos quadrados em frente ao Pai para avaliar o comportamento do seu pai e outro X num dos quadrados em frente a Mãe para avaliar o comportamento da sua mãe.

		Sim, a maior parte do tempo	Sim, frequentemente	Sim, ocasionalmente	Não, nunca
1. Os seus pais interferem em tudo o que faz?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Os seus pais demonstram que gostam de si?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Os seus pais gostariam que fosse diferente?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Já lhe aconteceu os seus pais não falarem consigo durante algum tempo depois de fazer alguma coisa errada?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Os seus pais castigam-no por coisas sem importância?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Os seus pais pensam que tem de se esforçar para ir mais longe na vida?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Pensa que os seus pais gostariam que fosse diferente?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Mesmo quando faz uma coisa estúpida, depois consegue fazer as pazes.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Os seus pais abraçam-no?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Acha que os seus pais gostam mais dos seus irmãos ou irmãs do que de si?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Sente que os seus pais são mais injustos consigo do que com os seus irmãos?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Os seus pais proibem-no de fazer coisas que os seus colegas estão autorizados a fazer, porque têm medo que lhe aconteça alguma coisa?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Os seus pais humilham-no em frente de outras pessoas?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Os seus pais preocupam-se com o que faz depois das aulas?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Se a sua vida não corre bem, os seus pais tentam ajudá-lo ou consolam-no?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Os seus pais castigam-no mais do que você merece?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Sim, a maior parte do tempo	Sim, frequentemente	Sim, ocasionalmente	Não, nunca
17. Se fizer alguma coisa sem autorização, os seus pais reagem de tal modo que começa a sentir-se culpado?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Os seus pais mostram interesse pelas suas notas escolares?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Sente que os seus pais o ajudam se tiver que fazer alguma coisa difícil?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Os seus pais tratam-no como a “ovelha negra” da família?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Sente que os seus pais gostam de si?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Os seus pais pensam que tem de ser o melhor em tudo?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Os seus pais demonstram claramente que gostam de si?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Pensa que os seus pais têm a sua opinião em consideração?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Sente que os seus pais gostam de estar consigo?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26. Tem a sensação de que os seus pais não têm tempo para si?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. Tem que dizer aos seus pais o que esteve a fazer quando chega a casa?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28. Sente que os seus pais tentam que tenha uma juventude feliz durante a qual possa aprender muitas coisas diferentes (por exemplo, através de livros, excursões, etc.)	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Os seus pais elogiam-no?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. Sente-se culpado porque se comporta de um modo que os seus pais desaprovam?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31. Sente que os seus pais têm expectativas muito elevadas em relação ao seu desempenho escolar, desportivo, etc.?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32. Se se sente infeliz, pode contar com a ajuda e compreensão dos seus pais?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33. É castigado pelos seus pais mesmo quando não fez nada de errado?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34. Os seus pais dizem coisas desagradáveis a seu respeito a outras pessoas, por exemplo, que é preguiçoso ou difícil?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35. Quando acontece alguma coisa, os seus pais culpam-no?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
36. Os seus pais aceitam-no tal como é?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mae	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Sim, a maior parte do tempo	Sim, frequentemente	Sim, ocasionalmente	Não, nunca
37. Os seus pais alguma vez lidam consigo de um modo duro e pouco amigável?	<b>Pai</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	<b>Mae</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
38. Os seus pais castigam-no muito, mesmo por coisas sem importância?	<b>Pai</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	<b>Mae</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
39. Os seus pais já lhe deram uma bofetada sem razão?	<b>Pai</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	<b>Mae</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
40. Os seus pais interessam-se pelos seus passatempos ou por aquilo que gosta de fazer?	<b>Pai</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	<b>Mae</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
41. Os seus pais batem-lhe?	<b>Pai</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	<b>Mae</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
42. Os seus pais tratam-no de maneira a sentir-se inferiorizado?	<b>Pai</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	<b>Mae</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
43. Acha que os seus pais estão sempre com medo que lhe aconteça alguma coisa?	<b>Pai</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	<b>Mae</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
44. Acha que você e o seu pai/mãe gostam um do outro?	<b>Pai</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	<b>Mae</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
45. Os seus pais permitem que você tenha uma opinião diferente da deles?	<b>Pai</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	<b>Mae</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
46. Se faz uma coisa bem feita, sente que os seus pais têm orgulho em si?	<b>Pai</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	<b>Mae</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
47. Os seus pais já o mandaram para a cama sem comer?	<b>Pai</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	<b>Mae</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
48. Sente que os seus pais demonstram que gostam de si, por exemplo, abraçando-o?	<b>Pai</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	<b>Mae</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

QUESTIONÁRIO DE SISTEMAS COMPORTAMENTAIS

(Behavioral Systems Questionnaire - Furman & Wehner, 1999)

Este questionário refere-se a vários aspectos das relações que mantém com algumas pessoas que lhe são próximas. Cada linha da tabela situada no fundo desta página e na seguinte contém uma questão, e cada coluna corresponderá a uma pessoa relativamente à qual deverá responder.

Na primeira coluna, responde em relação com os seus PAIS. Neste caso, estamos interessados em conhecer como é que se sente e se comporta habitualmente na sua relação com os seus pais. Por pais deve entender-se as pessoas que considera terem sido as suas figuras parentais, que podem ser figuras biológicas, de adopção ou padrasto/madrasta. É natural que as suas respostas sejam influenciadas pelas pessoas mais importantes para si. Em muitos casos, as afirmações não se aplicam a todas as figuras parentais, porém, procure encontrar a resposta que represente a situação mais frequente.

Na segunda coluna, estamos interessados em conhecer como é que se sente e se comporta habitualmente nas suas RELAÇÕES DE AMIZADE. Não pense num amigo/a específico/a, mas na maior parte das suas amizades. Deste modo, é importante que considere os seus amigos da actualidade e do passado ao responder às questões que se seguem. Naturalmente, espera-se que, em certas respostas, possa ser mais influenciado/a pelas relações que são/foram mais significativas para si. Algumas afirmações podem não corresponder a todas as situações pelas quais já passou, no entanto, procure a resposta que representa o modo como se comporta mais frequentemente.

A terceira coluna, procura compreender a forma como HABITUALMENTE se sente ou se comporta nas relações que tem ou teve com o(s)/a(s) seus(s)/sua(s) NAMORADO(S)A(S). Procure focar-se sobretudo na relação actual que tem ou na última ou mais significativa que teve no passado. Se nunca namorou, não responda a esta coluna.

Para responder às questões que se seguem, utilize a seguinte escala e coloque o número que corresponde à sua situação:

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo Nem discordo	Concordo	Concordo totalmente

	Pais	Amigos	Namorado/a
1. Estas pessoas agem como se eu fosse demasiado dependente delas.			
2. Procuo sempre estas pessoas quando estou aborrecido/a ou preocupado/a.			
3. Tenho receio de depender mais destas pessoas do que elas desejariam.			
4. Procuo estas pessoas quando algo mau me acontece.			
5. Não sou o tipo de pessoa que procure imediatamente estas pessoas em caso de necessidade.			
6. Não peço muitas vezes a estas pessoas para me confortarem.			
7. Sinto que estas pessoas acham que dependo demasiado delas.			
8. Conto com estas pessoas quando tenho problemas.			
9. Preocupa-me que estas pessoas pensem que preciso excessivamente do seu apoio.			
10. Raramente sinto que necessite da ajuda destas pessoas.			
11. Raramente procuro estas pessoas quando estou aborrecido/a.			
12. Procuo estas pessoas para me confortarem e apoiarem.			
13. É fácil para mim procurar estas pessoas quando tenho algum problema.			
14. Não me agrada procurar estas pessoas quando estou aborrecido/a.			
15. Receio que estas pessoas pensem que sou demasiado dependente.			

As seguintes afirmações referem-se ao apoio emocional.

	Pais	Amigos	Namorado/a
1. Preferia que estas pessoas resolvessem os seus próprios problemas.			
2. Não me sinto confortável em lidar com estas pessoas quando elas estão preocupadas ou aborrecidas com alguma coisa.			

3. Gosto de ser capaz de cuidar destas pessoas.			
4. Frequentemente ajudo estas pessoas mais do que elas desejam ou querem.			
5. Não gosto de ter de confortar ou apoiar estas pessoas.			
6. É fácil para mim compreender estas pessoas e as suas necessidades.			
7. Envolver-me demasiado nas preocupações destas pessoas.			
8. Sinto-me confortável quando estas pessoas procuram a minha ajuda.			
9. Não gosto que estas pessoas dependam de mim para as ajudar.			
10. Tenho dificuldade em encarar os problemas destas pessoas como se fossem meus.			
11. Sinto-me confortável quando cuido destas pessoas.			
12. É relativamente fácil para mim responder às necessidades destas pessoas.			
13. Quero que estas pessoas sejam independentes e não necessitem de mim.			
14. Envolver-me excessivamente nos problemas destas pessoas.			
15. Por vezes, tenho de confortar estas pessoas mais do que necessário.			

As seguintes questões referem-se a **outros sentimentos** que ocorrem nestas relações.

	Pais	Amigos	Namorado/a
1. Contribuo mais do que estas pessoas para que a relação resulte.			
2. Eu e estas pessoas fazemos esforços frequentes para nos vermos e falamos um com o outro.			
3. É mais importante para mim estarmos juntos do que para estas pessoas.			
4. Sinceramente, as relações com estas pessoas não são muito importantes para mim.			
5. Não quero gastar demasiada energia nas relações com estas pessoas.			
6. Eu e estas pessoas tomamos decisões em conjunto sobre a nossa relação.			
7. Quero mais fazer coisas com estas pessoas do que elas comigo.			
8. Não me esforço muito para manter um bom relacionamento com estas pessoas.			
9. Eu e estas pessoas contribuimos de igual modo para manter a nossa relação.			
10. A nossa relação é igualmente valorizada quer por mim quer por por pessoas.			
11. Acho que estas pessoas se sentem relutantes em se aproximarem de mim tanto quanto eu gostaria.			
12. Não invisto muito nas relações que tenho com estas pessoas.			
13. Quero estar mais próximo/a destas pessoas do que eles/as de mim.			
14. Não estou muito interessado/a em melhorar a relação com estas pessoas.			
15. Eu e estas pessoas tentamos realmente compreender os pontos de vista de cada um.			

As questões que se seguem referem-se à **intimidade física** com namorados/as. Definimos a intimidade de um modo genérico e incluímos vários aspectos físicos presentes numa relação amorosa. Consideramos que beijar, apalpar e acariciar (por dentro ou por fora da roupa), realizar sexo oral ou ter relações sexuais são exemplos de intimidade física. Muitos jovens não se envolvem em todos os tipos de intimidade física, portanto, procure responder às questões com base nas práticas íntimas nas quais se envolveu até ao momento.

1	2	3	4	5
<b>Discordo totalmente</b>	<b>Discordo</b>	<b>Nem concordo Nem discordo</b>	<b>Concordo</b>	<b>Concordo totalmente</b>

	Namorado/a
1. A intimidade física com os meus namorados/as exige maior compromisso do que eu gostaria.	
2. A intimidade física com os meus namorados é, sobretudo, uma oportunidade para sentir prazer físico e divertir-me.	
3. A intimidade com os meus namorados/as baseia-se em afecto e carinho mútuos.	

4. O aspecto físico das relações com os meus namorados envolve demasiada intimidade.	
5. A intimidade física com os meus namorados/as significa sobretudo divertimento.	
6. A intimidade física é principalmente uma oportunidade para experimentar novas “técnicas” e explorá-las com os meus namorados/as.	
7. Fico demasiado preso/a àquilo que os meus namorados/as querem em termos de intimidade física.	
8. A intimidade física é melhor quando eu gosto realmente da outra pessoa.	
9. Os sentimentos dos meus namorados/as sobre a nossa intimidade física são mais importantes do que os meus.	
10. A intimidade física dá-me mais prazer quando estou apaixonado/a.	
11. A intimidade física faz com que a relação com os meus namorados/as se torne demasiado séria.	
12. A intimidade física com os meus namorados/as é uma forma de mostrar amor.	
13. Crio problemas por ficar demasiado preocupado com os sentimentos dos meus namorados sobre a nossa intimidade física.	
14. A intimidade física baseia-se realmente em acarinhar e ser acarinhado pelo outro.	
15. A intimidade física reforça mais os laços com os meus namorados/as do que eles desejariam.	
16. A intimidade física com os meus namorados/as representa uma possibilidade de fazer alguma coisa boa e agradável.	
17. Empenho-me demasiado em fazer com que os meus namorados/as se sintam satisfeitos/as com a nossa intimidade física.	
18. A proximidade que advém da intimidade física com os meus namorados faz-me sentir desconfortável.	
19. O melhor da intimidade física com os meus namorados é a experiência física.	
20. Preocupo-me demasiado com o facto dos meus namorados se sentirem felizes com a nossa intimidade física.	